

Sandra Aparecida Faria de Almeida

**SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE:
as construções completivas epistêmicas em inglês**

RIO DE JANEIRO

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Sandra Aparecida Faria de Almeida

SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE:

as construções completivas epistêmicas em inglês

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Lilian Vieira Ferrari

RIO DE JANEIRO

Faculdade de Letras da UFRJ

2010

Sandra Aparecida Faria de Almeida

**SUBJETIVIDADE E INTERSUBJETIVIDADE:
as construções completivas epistêmicas em inglês**

Tese de doutorado submetida à Faculdade de Letras da UFRJ, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Linguística e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Lilian Vieira Ferrari, UFRJ

(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Braga, UFRJ

Prof. Dr^a. Maria Maura Cezario, UFRJ

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Leitão de Almeida ,UFRJ, Letras Vernáculas

Prof^a Dr^a Maria do Rosário da Silva Roxo ,UFRRJ

Rio de Janeiro, 25 de março de 2010

Ao meu pai, José Amaury, à minha irmã, Rita e ao meu sobrinho, Lucas.

À minha mãe, Mercedes (*in memoriam*),

“De tudo ficaram três coisas...

A certeza de que estamos começando...

A certeza de que é preciso continuar...

A certeza de que podemos ser interrompidos

antes de terminar...

Façamos da interrupção um caminho novo...

Da queda, um passo de dança...

Do medo, uma escada...

Do sonho, uma ponte...

Da procura, um encontro!”

(Fernando Sabino)

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Lílian Vieira Ferrari, pelo caráter, pela seriedade, pelo compromisso, pelo profissionalismo e, principalmente, por saber conciliar como ninguém os aspectos acadêmicos e não-acadêmicos da relação professor-aluno.

Aos demais professores do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, pelo esforço constante em nos oferecer oportunidades múltiplas e extremamente ricas de aprendizado e de troca.

Aos meus pais José Amaury e Mercedes (*in memoriam*), pela dedicação, pelo exemplo de dignidade e integridade, pela fé e pelo amor incondicional que transcende o plano real.

Aos meus colegas e amigos que me apoiaram, cada um à sua maneira: pela solidariedade, pela amizade, pela troca, pela torcida, o meu sincero agradecimento.

“A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade, pelo fato de conter sempre as formas lingüísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas “vazias” das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais refere à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como *eu* e a um parceiro como *tu*. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes.”
(BENVENISTE)

RESUMO

O presente trabalho enfoca construções completivas epistêmicas em inglês, sob a perspectiva teórica da Linguística Cognitiva, e mais especificamente, da Gramática de Construções, com o objetivo de contrastar construções do tipo [X *thinks* that Y] e [X *thinks* Y]. Tendo em vista que a língua inglesa apresenta duas construções sintáticas diferentes para sinalizar conteúdo semântico semelhante, a questão que se coloca, a partir do Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995), é: qual a diferença pragmática existente entre essas construções? Este trabalho busca responder a essa questão, tomando como ponto de partida as noções de subjetividade e intersubjetividade (LANGACKER, 1990; VERHAGEN, 2005). A análise é baseada em dados linguísticos reais, que reúnem construções de complementação instanciadas pelos verbos epistêmicos “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”, retiradas de entrevistas transcritas. Os principais achados da pesquisa podem ser assim resumidos:

(i) Construções completivas epistêmicas (e.g. “*I think that he’ll come*” and “*I think he’ll come*”) são mais subjetivas do que construções independentes (e.g. “*He’ll come*”), já que as primeiras codificam, direta ou indiretamente, o *Ground* (falante, ouvinte e circunstâncias imediatas do evento de fala), enquanto as últimas apresentam o evento como se não houvesse nenhum sujeito da consciência implícito.

(ii) Construções completivas epistêmicas, em geral, indicam intersubjetividade, mas o fazem de modo diferente dependendo da estrutura sintática selecionada. As construções completivas sem complementizador sinalizam **conjunção cognitiva** em relação à perspectiva de outros participantes apresentada no discurso precedente ou disponível através de conhecimento compartilhado; as construções completivas com complementizador indicam **disjunção cognitiva** em relação à perspectiva de outros participantes.

A principal contribuição do trabalho é o tratamento dos fenômenos de subjetividade e intersubjetividade em construções completivas epistêmicas sob uma perspectiva distinta das propostas de viés discursivo existentes na literatura (TRAUGOTT e DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005). Argumenta-se, de forma pioneira, que a intersubjetividade transcende a construção de complementação complexa, codificando a relação entre a perspectiva do falante ou de outros participantes, disponíveis no contexto discursivo precedente.

ABSTRACT

This thesis takes a cognitive perspective on epistemic complementation constructions in English, focusing on the contrast between constructions of the type [X *thinks* that Y] and [X *thinks* Y]. Given that English has two different syntactic constructions for building up the same semantic content, the question to be raised, based on the Non-Synonymy Principle (GOLDBERG, 1995), is: what is the pragmatic difference between them? In this work, we address this question, relying on the notions of subjectivity and intersubjectivity (LANGACKER, 1990; VERHAGEN, 2005). The analysis is based on real corpus data, consisting of complementation constructions instantiated by epistemic verbs such as *suppose*, *guess*, *think*, *believe*, *find* and *know*, which were gathered from transcribed interviews. The main findings are:

- (i) Epistemic complementation constructions (e.g. *I think that he'll come* and *I think he'll come*) are more subjective than corresponding independent clauses (e.g. *He'll come*), since the former directly or indirectly codes the *Ground* (speaker, hearer and immediate circumstances of the speech event), whereas the latter presents the event as if there were no subject of consciousness implicit to it.
- (ii) Complementizer and non-complementizer-taking constructions indicate intersubjectivity in two distinct ways. The latter signals the speaker's **cognitive conjunction** to other participants' perspectives presented in the preceding discourse or available through shared knowledge; the former indicates the speaker's **cognitive disjunction** to other participants' perspectives.

The main contribution of this research is to take an approach to subjectivity and intersubjectivity phenomena in complementation constructions which differs from other discourse-oriented proposals in the literature (TRAUGOTT e DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005). It is argued that intersubjectivity goes beyond the complex complementation clause, since it codes the relation between the speaker's perspective and other participants' perspectives available in the preceding discourse context.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Diagrama 1- Configuração de “escopo máximo” e “escopo imediato”.....	39
Diagrama 2- Configuração da preposição “before”	41
Diagrama 3- Configuração da preposição “after”	41
Diagrama 4- Configuração de construções objetivas e subjetivas.....	42
Diagrama 5- Configuração dos níveis de realidade.....	43
Diagrama 6 - Configuração maximamente objetiva e maximamente subjetiva ...	44
Diagrama 7- Configuração do processo de subjetificação segundo Langacker.....	45
Diagrama 8- Configuração dos dois tipos de subjetificação.....	46
Diagrama 9- Configuração de expressões maximamente “ objetivas”	48
Diagrama 10- Configuração de expressões maximamente “ subjetivas”	48
Diagrama 11- Configuração para perspectiva de 1ª pessoa.....	60
Diagrama 12- Configuração para perspectiva de 3ª pessoa.....	61
Diagrama 13- Configuração para perspectiva de 2ª pessoa.....	61
Diagrama 14- Proposta de recategorização dos verbos epistêmicos.....	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1-Classificação dos verbos epistêmicos segundo KIPARSKY & KIPARSKY (1971).....	63
Tabela 2-Classificação de predicados em inglês segundo HOOPER (1975).....	64
Tabela 3-Correlação temporal entre oração principal e encaixada.....	76
Tabela 4-Tipo de verbo epistêmico na oração principal.....	82
Tabela 5-Tipo de sujeito na oração principal.....	85

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	17
2.1 As construções gramaticais à luz da Linguística Cognitiva.....	17
2.1.1 <i>As construções gramaticais sinalizam perspectivas.....</i>	18
2.1.2 <i>As construções gramaticais são dinâmicas e flexíveis.....</i>	18
2.1.3 <i>As construções gramaticais não são autônomas.....</i>	19
2.1.4 <i>As construções gramaticais são de base experiencial.....</i>	22
2.2. A perspectiva construcional.....	23
2.2.1 <i>O conceito de construção.....</i>	23
2.2.2 <i>A polissemia de construções.....</i>	25
2.2.3 <i>A interação entre verbos e construções.....</i>	28
2.3 Modalidade.....	31
2.4 Subjetividade, intersubjetividade e objetividade.....	34
2.4.1 <i>A proposta de Traugott e Dasher.....</i>	34
2.4.1.1 <i>Subjetividade, intersubjetividade e objetividade</i>	34
2.4.1.2 <i>Subjetificação e intersubjetificação.....</i>	35
2.4.2 <i>A proposta de Langacker.....</i>	37
2.4.2.1 <i>Especificidade e esquematicidade.....</i>	37
2.4.2.2 <i>Focalização</i>	38
2.4.2.3 <i>Escopo.....</i>	39
2.4.2.4 <i>Proeminência.....</i>	40
2.4.2.5 <i>Ancoramento(“grounding”)/contextualização.....</i>	41
2.4.2.6 <i>Perspectiva.....</i>	43
2.4.2.7 <i>Subjetificação</i>	44
2.4.3 <i>A proposta de Verhagen.....</i>	47
2.4.3.1 <i>Subjetividade, objetividade e intersubjetividade.....</i>	47
2.4.3.2 <i>Negação e perspectivização.....</i>	49
2.4.4 <i>A proposta de Nuyts.....</i>	50
2.5 A integração entre as propostas de Traugott & Dasher, Langacker, Verhagen e Nuyts.....	52
2.6 A função das orações completivas.....	55

2.6.1	<i>O valor semântico dos verbos epistêmicos</i>	62
2.6.2	<i>O fenômeno conhecido como “That-deletion”</i>	69
3.	METODOLOGIA	74
3.1	Objeto de estudo	74
3.2	Procedimentos	74
3.2	Objetivos	75
3.4	Hipóteses	75
4.	CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS DAS CONSTRUÇÕES COMPLETIVAS EPISTÊMICAS	76
4.1	Correlação temporal entre oração principal e oração encaixada	76
4.2	Tipo de verbo epistêmico na oração principal	81
4.3	Tipo de sujeito na oração principal	85
4.4	Moldura sintática	87
5.	CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS DAS CONSTRUÇÕES COMPLETIVAS EPISTÊMICAS	89
5.1	Intersubjetividade e conjunção cognitiva	89
5.1.1	<i>As construções em 1ª pessoa</i>	90
5.1.2	<i>As construções em 2ª pessoa</i>	91
5.1.3	<i>As construções em 3ª pessoa</i>	92
5.2	Intersubjetividade e disjunção cognitiva	93
5.2.1	<i>As construções em 1ª pessoa</i>	93
5.2.2	<i>As construções em 2ª pessoa</i>	95
5.2.3	<i>As construções em 3ª pessoa</i>	96
5.3	Operadores de intersubjetividade	97
5.3.1	<i>As construções (pseudo)-clivadas</i>	97
5.3.2	<i>O marcador “do”</i>	98
5.3.3	<i>Os advérbios e os verbos modais</i>	99
5.3.4	<i>As construções condicionais</i>	100
5.3.5	<i>As construções interrogativas</i>	101

5.3.6 As construções negativas.....	103
6. A COMPATIBILIZAÇÃO ENTRE OS VERBOS EPISTÊMICOS E AS CONSTRUÇÕES COMPLETIVAS	107
6.1 O verbo “ <i>to suppose</i> ”.....	110
6.2 O verbo “ <i>to guess</i> ”.....	112
6.3 O verbo “ <i>to think</i> ”.....	115
6.4 O verbo “ <i>to believe</i> ”.....	117
6.5 O verbo “ <i>to find</i> ”	122
6.6 O verbo “ <i>to know</i> ”.....	124
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	134
ANEXOS	140

1- INTRODUÇÃO

Durante décadas, os estudos na área da linguagem concentraram-se na forma linguística e conferiram à questão do significado um lugar menos privilegiado. A primazia da sintaxe, porém, tem sido questionada por diferentes correntes de pensamento linguístico, cujas análises adotam princípios norteadores que buscam explicar a relação entre forma e significado, postulando uma correlação inequívoca entre ambos.

A **Gramática de Construções**, vertente associada à **Linguística Cognitiva**, representa uma dessas abordagens teóricas, que busca representar as construções gramaticais por meio de redes conceituais que compartilham propriedades e refletem processos cognitivos mais amplos, em uma relação indissociável entre forma e significado. De acordo com trabalhos nessa área, GOLDBERG (1995, 2006), as construções são regidas por princípios que atrelam aspectos de ordem sintática a questões de ordem semântica e discursivo-pragmática de modo que construções gramaticais distintas são associadas a propósitos semântico-pragmáticos também distintos. Tomando a perspectiva construcional como ponto de partida, o presente trabalho detém-se na análise das construções completivas epistêmicas em inglês, enfocando especificamente o contraste entre as construções do tipo “*I think that he will come*” e “*I think he will come*”.

O objetivo principal da análise é verificar como as duas construções completivas epistêmicas atendem a propósitos discursivo-pragmáticos distintos, já que são semanticamente semelhantes, mas sintaticamente distintas (Princípio da Não-Sinonímia, GOLDBERG, 2005).

Para tratar dessa diferença, retomam-se os conceitos de **Subjetividade** (LANGACKER, 1990 e TRAUGOTT e DASHER, 2005) e de **Intersubjetividade** (TRAUGOTT e DASHER, 2005 e VERHAGEN, 2005), atrelados à noção de Perspectiva (LANGACKER, 1987, 1990, 2008).

Com base em *corpora* extraídos de interações conversacionais espontâneas, o trabalho investiga as construções completivas epistêmicas [SN Vepist [[Ø S]] e [SN V [that S]], respectivamente sem complementizador (CES) e com complementizador (CEC), enfocando suas instanciações com o tempo presente dos verbos epistêmicos “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to find*”, “*to believe*” e “*to know*” na oração matriz.

Inicialmente, a análise de dados mapeia aspectos de ordem sintática, como a correlação temporal entre a oração principal e encaixada, o tipo de verbo epistêmico presente na oração matriz e o tipo de sujeito encontrado na oração principal, analisando-os quantitativamente. Desse modo, as instanciações sintáticas mais prototípicas das construções são estabelecidas.

Em seguida, a análise passa à investigação das características discursivo-pragmáticas de cada uma das construções sintáticas, com base nas noções de subjetividade e intersubjetividade. Com base nos resultados alcançados, propõe-se que, de um modo geral, as construções completivas epistêmicas marcam subjetividade, ao sinalizarem, explicita ou implicitamente, a perspectiva de um sujeito da conceptualização, que pode ser o próprio falante (“*I think (that)...*”) ou alguém para cujo ponto de vista o falante se projeta (“*You/he think(s) (that)...*”). Propõe-se, ainda, que as construções completivas epistêmicas marcam intersubjetividade, mas a partir de um refinamento dessa noção em relação a propostas já existentes na literatura (LANGACKER, 1990; TRAUGOTT e DASHER, 2005; VERHAGEN, 2005). Argumenta-se que a intersubjetividade não é um conceito homogêneo, mas pode expressar processos de **conjunção** ou **disjunção cognitiva**, associados às construções epistêmicas simples e complexas, respectivamente.

Por fim, explicita-se a compatibilização entre os verbos epistêmicos e as construções completivas, propondo-se uma recategorização dos valores semânticos atribuídos a esses verbos na literatura (KIPARSKY e KIPARSKY, 1971; HOOPER, 1975), de modo que os conceitos de factividade e assertividade, normalmente tratados separadamente, são integrados em um eixo factivo-assertivo simultâneo, que toma como base o maior ou menor controle que o falante tem sobre o conteúdo apresentado nas construções completivas preenchidas por esses verbos.

Com relação à organização do presente trabalho, a seção 2 enfoca os pressupostos teóricos que sustentam a elaboração da pesquisa. A seção 3 descreve os procedimentos, objetivos e hipótese apresentados. As seções 4, 5 e 6 apresentam a análise dos dados, sendo que a seção 4 se detém nas características sintáticas das construções completivas epistêmicas em uma abordagem quantitativa, enquanto a seção 5 enfoca as características discursivo-pragmáticas dessas construções sob um prisma qualitativo. A seção 6 busca atrelar o valor semântico dos verbos epistêmicos ao valor semântico-pragmático das construções completivas, também em uma leitura qualitativa, postulando uma nova categorização para esses verbos.

1- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, serão apresentados os principais pressupostos teóricos que fundamentam a análise: a abordagem cognitivista, a perspectiva construcional, as noções de modalidade, factividade e assertividade, e os conceitos de subjetividade e intersubjetividade. Por fim, serão retomadas propostas relativas às construções completivas, enfocando-se contribuições referentes ao papel semântico dos verbos epistêmicos que integram essas construções e o tratamento dado na literatura ao fenômeno sintático relacionado ao apagamento do complementizador (“*that deletion*”).

2.1. As construções gramaticais à luz da Linguística Cognitiva

A **Linguística Cognitiva** tem recebido diversas contribuições ao longo dos últimos anos no sentido de enfatizar o valor da cognição na análise dos fenômenos da linguagem, entendida aqui como uma forma ou meio de conhecimento, e não meramente como um objeto de conhecimento. Estas contribuições se constituem em uma rede de abordagens cujo foco central é o significado. Conforme observa GEERAERTS (2006), diferentes trabalhos na área compartilham características e perspectivas, o que faz com que esta linha de pesquisa linguística tome corpo e contorno, vislumbrando no futuro próximo uma área de pesquisa uniforme e coesa.

Segundo este autor, as pesquisas nesta área apontam para quatro princípios básicos que regem as construções gramaticais: a natureza perspectivizante da gramática, evidenciada pelos trabalhos em **Gramática Cognitiva** de Ronald Langacker e pela visão de **Construto Gramatical** de Len Talmy; a natureza dinâmica da gramática, enfocada por Claudia Brugman e George Lakoff através do modelo de **Categorias Radiais** que se insere na **Teoria dos Protótipos**; a natureza não-autônoma da gramática, evidenciada pelos estudos em **Metáfora Conceptual** de George Lakoff e Mark Johnson, estudos sobre **Metonímia** de William Croft e estudos sobre **Espaços Mentais** de Gilles Fauconnier e Mark Turner; e, finalmente, a natureza experiencial da gramática, enfocada pelos trabalhos na área de **Semântica de Frames**, de Charles Fillmore, da **Gramática de Construções**, de Adele Goldberg e da **Gramática Baseada no Uso** de Michael Tomasello. Vejamos em detalhe cada um destes princípios.

2.1.1 As construções gramaticais sinalizam perspectivas

As análises cognitivistas apontam para processos de perspectivização na atribuição de significado de estruturas linguísticas, argumentando que o significado é construído segundo uma determinada perspectiva. Na análise de preposições no inglês, esse processo pode ser observado com bastante clareza. No caso das preposições “*over*” e “*under*”, por exemplo, diferentes construções são licenciadas, indicando que a diferença de significado está atrelada à diferença de perspectiva expressa por cada uma destas preposições:

(1) The picture is over the table.¹

(2) The table is under the picture.²

Na concepção de LANGACKER (1987), tal diferença reside na forma como o falante conceptualiza a cena descrita, a partir do que ele chama de *vantage point* (ponto de vantagem ou ponto de vista). No primeiro caso, o ponto de referência é a pintura, que Langacker denominou *trajector*, e a mesa se constitui no *landmark* (ou marco). No segundo caso, os papéis se invertem: a mesa é o *trajector* e a pintura é o *landmark*.

Também os verbos oferecem bons exemplos de perspectivização de cena. Vejamos o caso dos verbos “*to send*” e “*to receive*”. Ambos envolvem a transferência ou intenção de transferência de algo. Se dissermos, por exemplo, “*David sent Susan an e-mail this morning*” (“*David enviou um e-mail para Susan esta manhã*”), teremos David como o elemento que realiza a transferência, ponto de referência para o processo. Se em vez disso, dissermos, “*Susan received an e-mail from David this morning*” (“*Susan recebeu um e-mail de David esta manhã*”), Susan se torna o ponto de referência do processo. Temos, então, um mesmo evento apresentado sob duas perspectivas diferentes: a de David e a de Susan.

2.1.2. As construções gramaticais são dinâmicas e flexíveis

Um segundo princípio relevante da gramática na visão cognitivista é que as construções gramaticais são dinâmicas e flexíveis, seja porque elas estabelecem relações semântico-pragmáticas entre si, formando redes conceptuais que de forma alguma podem ser consideradas fixas e estáticas, como no modelo de **Gramática de Construções** de Adele Goldberg, que discutiremos mais adiante, seja porque abrangem um número considerável de significados relacionados, como no modelo de **Categorias Radiais** e **Teoria dos Protótipos**, de Claudia Brugman e George Lakoff.

¹ O quadro está acima da mesa.

² A mesa está debaixo do quadro.

No caso das **Categorias Radiais** podemos utilizar o exemplo oferecido por BRUGMAN (1981) da preposição “*over*” do inglês, que tem o sentido central de localização, como em “*The hairdresser’s is over the fast food restaurant*” (“*O salão de cabeleireiros fica em cima do restaurante de fast food*”) além do de movimento, como em “*The plane flew over the city*” (“*O avião sobrevoou a cidade*”). É justamente esse último sentido que integra o movimento ou deslocamento que é metaforicamente herdado pela construção temporal em expressões como “*over the last decade*” (*durante a última década*), ou “*over the past years*” (“*durante os últimos anos*”), que codificam um percurso temporal.

Em termos da **Teoria dos Protótipos**, da qual o modelo de **Categorias Radiais** deriva, as categorias nominais, como periféricos, mamíferos, talheres, etc, entre outros, são exemplos ricos para ilustrar a teoria. Tomemos o exemplo da categoria de aves. Existem aves que são mais prototípicas, pois exibem mais características de aves: possuem penas, bico, asas, e podem voar. Mas o que dizer de outras aves, menos prototípicas, que deixam de exibir uma ou mais dessas características? O avestruz, por exemplo, não voa e o pinguim não tem penas ou asas e não voa; no entanto, todos são classificados como aves. Existe, então, um modelo central, mais prototípico, ao redor do qual outros modelos, menos prototípicos, se organizam de forma radial.

No tocante à linguagem, existem construções que exibem um uso mais prototípico de uma determinada estrutura linguística, enquanto que outras menos. Em inglês, existem análises (LAKOFF, 1987) que associam o uso do verbo impessoal “*there to be*” (“*haver, existir*”), como em “*There is a man at the bus stop*” (“*Há um homem no ponto de ônibus*”) com o uso locativo da preposição *there*, como em “*There is John at the bus stop*” (“*Lá está John no ponto de ônibus*”), argumentando que o sentido central ou prototípico é o da construção dêitica, que se organiza radialmente e dá lugar, por extensão metafórica e metonímica, à construção existencial, já que “*existir X em um local Y*” é metaforicamente “*ter X situado no local Y*”.

2.1.3 As construções gramaticais não são autônomas

Na visão cognitivista sobre a linguagem, muito do significado está no não-dito, isto é, a estrutura linguística oferece apenas uma pista para o muito que se encontra implícito nesta estrutura é que é construído sócio-cognitivamente pelos falantes da língua. As construções gramaticais demandam muito de conhecimento enciclopédico, de conhecimento de mundo e da experiência sensorio-motora dos usuários da língua para que a interpretação desejável seja processada. Nesse sentido, podemos dizer que as estruturas da língua não são autônomas, mas

requerem que outros aspectos da comunicação humana sejam ativados conjuntamente para que ela efetivamente ocorra. Um bom exemplo da relatividade do signo linguístico são os modelos cognitivos, dentre os quais podemos citar o trabalho de LAKOFF e JOHNSON (1980) sobre **Metáfora Conceptual**, um conceito que vai além do papel reivindicado para ela como figura da linguagem, pelo seu caráter dinâmico e produtivo através das línguas. Uma metáfora analisada por estes autores é a de que AMOR É GUERRA, para a qual diversos exemplos podem ser rapidamente produzidos:

- (3) Ela batalhou para conquistá-lo.
- (4) Ele se rendeu aos seus encantos.
- (5) Ele tentou conquistá-la, mas ela resistiu até o fim.

Neste caso, dois domínios cognitivos são ativados, o domínio do amor, chamado de domínio-alvo, e o domínio da guerra, considerado o domínio-fonte. Ambos compartilham algumas características, como, por exemplo, disputa por espaço e posse, medição de força, dominação, conquista, vitória, derrota e rendição, o que permite que um domínio da experiência humana se projete no outro, criando, assim, a metáfora.

No caso da **Metonímia**, a relação é estabelecida dentro de um mesmo domínio cognitivo e a semelhança está na contiguidade dos elementos envolvidos no processo de significação, isto é, na associação de um elemento com outro na atribuição de significado à respectiva estrutura linguística. Por exemplo, dada a sentença, “*O X-tudo saiu sem pagar a conta*”, podemos interpretar “o X-tudo” como sendo o cliente que pediu este sanduíche, estabelecendo, assim, uma relação metonímica entre o cliente e o produto consumido, dentro do domínio conceptual de consumo, passando a nos referir ao primeiro elemento – o cliente – através do segundo elemento – o produto consumido. CROFT (1993) ampliou o conceito de **Metonímia** ao argumentar que a relação pode não ocorrer dentro de um mesmo domínio, mas sim dentro de um domínio-matriz, que reúne diferentes domínios sob um só. No caso do autor inglês William Shakespeare, por exemplo, há que se considerar a pessoa no domínio físico, bem como o escritor no domínio literário, ambos acionados a partir de um domínio-matriz, já que envolvem o mesmo elemento em duas funções distintas. Assim se dissermos que “*Lemos Shakespeare na sala de aula*” estabeleceremos a relação metonímica - a obra pelo seu autor – acionando um dos domínios, o literário, a partir do nome “William Shakespeare”.

Relações metafóricas e metonímicas são de vital importância para a **Teoria dos Espaços Mentais**, proposta inicialmente por GILLES FAUCONNIER (1994, 1997) e ampliada por este com a colaboração de Mark Turner (FAUCONNIER e TURNER, 1998, 2002), a partir do conceito de **Mesclagem Conceptual**. Os dois primeiros conceitos ajudam-nos a entender como um domínio cognitivo se projeta no outro, como foi observado no caso

das metáforas. A **Teoria dos Espaços Mentais** é uma tentativa de explicitar a relação entre expressões linguísticas e construtos cognitivos, a natureza das **conexões** que operam entre os **domínios cognitivos** instanciados – os **espaços mentais** - e os **Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs)**, que refletem os valores socioculturais dos falantes da língua, os quais permitem que a interpretação relevante se processe. Nas palavras de Fauconnier “*espaços mentais são os domínios que o discurso constrói para fornecer substrato cognitivo ao raciocínio e à interface com o mundo*” (1997: 34). Em um exemplo como “*Na pintura de Len, a garota de olhos azuis tem olhos verdes*” temos a entidade-gatilho *a* (*a modelo*) ligada a uma entidade-alvo *b* (*a imagem*). Uma descrição de *a*, *d^a*, seria “*garota de olhos azuis*” enquanto que uma descrição de *b*, *db*, seria “*garota de olhos verdes*”. “*Na pintura de Len*” é um **construtor de espaço mental**, na medida em que é nesse domínio que a garota tem olhos de cor distinta da sua cor real.

Já a **Mesclagem Conceptual**, proposta por Fauconnier e Turner, trata de um processo cognitivo mais geral, que herda estrutura de dois espaços mentais diferentes projetados segundo os MCIs ativados e que funcionam como “inputs” para a criação de um novo espaço-mescla, com estrutura própria. Para realizar a mesclagem é necessário obedecer à seguinte estrutura:

- (i) Espaço genérico: estrutura e organização comuns, mais abstratas e compartilhadas por ambos os inputs;
- (ii) Projeção inter-domínios: mapeamento parcial das contrapartes dos inputs 1 e 2;
- (iii) Espaço-mescla: resultado da projeção dos dois espaços: input 1 e input 2;
- (iv) Estrutura emergente: fornecida pelos inputs 1 e 2, estabelecendo relações até então inexistentes nos espaços individualizados.

Para melhor compreender esse modelo conceptual, vejamos o exemplo oferecido por GEERAERTS (2006), que é o de “basquete de lixeira”, um jogo no qual você lança papel em uma lixeira, como uma espécie de passatempo no escritório ou no alojamento universitário. O jogo de basquete fornece um dos inputs (1) e o escritório ou o alojamento universitário fornece o segundo input (2). Há um mapeamento entre os elementos de ambos os inputs: o papel é associado à bola, a cesta à lixeira, os jogadores aos funcionários ou estudantes e assim por diante. Este tipo de mapeamento faz surgir a mescla, que pode conter estrutura emergente que não existia originalmente nos inputs 1 e 2, por exemplo, a forma como o jogo é realizado. O basquete visa uma cesta situada em uma posição elevada, enquanto que o “basquete de lixeira” tem o chão como base de apoio para a sua “cesta”. O espaço genérico contém a estrutura comum a ambos os inputs, que é “X lançar Y em Z”.

2.1.4 As construções gramaticais são de base experiencial

Conforme observado nos itens anteriores, muito da atribuição de significado às estruturas linguísticas passa por questões de ordem sociocultural pela forma como os falantes constroem seus modelos culturais. Além disso, a construção de significado depende também das experiências sensório-motoras desses falantes.

No caso da **Semântica de Frames**, desenvolvida por FILLMORE (1982), o significado de um elemento gramatical ou expressão linguística está condicionado ao conhecimento enciclopédico relacionado àquela palavra. No caso do verbo “*to sell*” (“*vender*”), por exemplo, juntamente com a palavra é ativado um modelo conceptual de comercialização de produto, que imediatamente ativa elementos como vendedor, comprador, produto, preço, condições de pagamento e assim por diante. Os elementos participantes desse modelo são os componentes deste *frame* de cena comercial, com papéis semânticos delineados para cada um dos participantes da cena. O conhecimento enciclopédico deste *frame* permite a interpretação da palavra “*sell*”, que sinaliza também a perspectiva que é assumida sobre o evento, a do vendedor. Assim, com base no modelo conceptual, o verbo *to sell* cria espaços, *slots* na sua estrutura sintática que possibilitam o encaixamento dos participantes da cena: “X vende Y a Z”, que constitui uma estrutura argumental simples e que serve de base para o nosso próximo tópico.

Foi com base no modelo de estrutura argumental que Adele Goldberg (1995, 2006) desenvolveu inicialmente o seu trabalho sobre **Gramática de Construções**. Para ilustrar a relação entre as construções, podemos pensar nas estruturas argumentais simples, do tipo [SN V SN SP/SA] que são bastante produtivas nas línguas, a ponto de licenciar construções de movimento causado, como em “*Ana derrubou a jarra de cima da mesa*”, que codifica as ações de agir, causar e mudar o objeto de lugar; transferenciais, como em “*Carlos passou o CD para a Ana*”, em que o verbo “passar” codifica as ações de agir, causar e transferir a posse; as resultativas, como em “*Paulo cortou os tomates bem fininhos*”, em que o verbo “cortar” integra as ações de agir, causar e resultar; e as resultativas epistêmicas, do tipo “*Ana achou o filme chato*”, em que o verbo “achar” integra as idéias de pensar, causar e tornar. Todas estas construções compartilham a mesma estrutura argumental e se organizam com base em laços de herança metafóricos: a construção transferencial herda a estrutura sintática da construção de movimento causado com base na metáfora “Transferência de Posse é Transferência Física”; a Construção Resultativa, por sua vez, deriva da metáfora “Mudança de Estado é Mudança de Local”.

A base experiencial da gramática propicia também a ocorrência de **modelos de análise linguística baseados no uso** real da língua. TOMASELLO (2005) tem trabalhos significativos nessa área, na medida em que busca observar como a criança desenvolve a aquisição da língua em um processo gradual que prevê a ocorrência de estruturas sintáticas mais simples que aos poucos se complexificam e dão lugar a estruturas mais complexas, considerando que as experiências sensório-motoras básicas da criança como “ir a algum lugar”, “colocar algo em algum lugar”, “fazer algo” e “fazer com que algo mude de lugar” têm relação direta com as estruturas argumentais analisadas por Goldberg em sua abordagem sobre **Gramática de Construções**.

È neste terreno fértil de abordagens cognitivistas que se insere o presente trabalho, que busca analisar a relação discursivo-pragmática entre estruturas sintáticas semanticamente equivalentes, mas sintaticamente distintas, nos moldes defendidos por Goldberg sobre **redes construcionais** e sobre a **relação entre verbos e construções**, enfocando ainda a noção de **perspectiva** nos moldes de LANGACKER (1987, 1990, 2008) para a construção do significado. Buscam-se analisar os níveis de **(inter)subjetividade** exibidos pelas construções em nível discursivo-pragmático, tomando-se como ponto de partida os estudos de Langacker e as análises de TRAUGOTT e DASHER (2005) e VERHAGEN (2005) sobre este mecanismo pragmático-discursivo.

2.2. A perspectiva construcional

2.2.1 O conceito de construção

Os estudos em Linguística ao longo das últimas décadas têm se norteado por uma polaridade entre análises de herança gerativa, que atribuem muito da linguagem a mecanismos mentais inatos e universais, por meio dos quais buscam explicar os padrões sintáticos gerados pela gramática das línguas; e análises de cunho semântico-pragmático, motivadas por mecanismos também intrínsecos à linguagem, que estariam apoiados em complexas redes cognitivas e seriam ativados por mecanismos sociointeracionais.

A abordagem construcional, embora reconhecendo que princípios gerais governam a organização interna das línguas, procura analisar tais evidências a partir de uma perspectiva semântico-pragmática, postulando que padrões sintáticos semelhantes compartilham entre si propriedades semânticas que explicariam muitas das funções atribuídas às estruturas da língua em nível sintático. Nesse sentido, a vertente construcional se opõe à abordagem gerativa tradicional, que restringe à sintaxe o papel de explicar as diferentes estruturas sintáticas

geradas pela língua por meio de uma série de princípios e parâmetros que a governariam. No caso de expressões que são tratadas pela análise linguística tradicional como “idiossincrasias” da língua, por exemplo, e que não podem ser explicadas pelos princípios gerais propostos pela teoria gerativa, a perspectiva construcional busca mostrar como essas construções não-nucleares ou não-prototípicas podem ser explicadas a partir de construções nucleares, postulando o conceito de **construção**: a correspondência entre forma e significado, que existe independentemente da ocorrência de verbos específicos na sentença. Para a **Gramática de Construções**, nos termos propostos por GOLDBERG (1995,2006), a construção por si só carrega significado, independentemente das palavras que ocorrem na sentença. As construções abstratas propostas pela abordagem construcional de Goldberg são basicamente a construção bitransitiva “X causa Y a receber Z”, a construção de movimento causado “X move Y para Z”, a construção resultativa “X causa Y a tornar-se Z”, e a construção conativa “X direciona ação a Y”. No primeiro caso, o das construções bitransitivas, bastante produtivas em inglês, como “*John handed him the book*” (“*John passou-lhe o livro*”), a estrutura semântica é “X causa Y a receber Z”. No caso das construções de movimento causado, como em “*Joe kicked the bottle into the yard.*” (“*Joe chutou a garrafa para o quintal*”), a estrutura é “X causa Y a mover (para) Z”. No caso das resultativas, como em “*She wiped the table clean*” (“*Ela secou a mesa [até ficar] limpa*”), a estrutura semântica indica que “X causa Y a tornar-se Z”. No caso das construções intransitivas de movimento, como, por exemplo, em “*The fly buzzed into the room*” (“*A mosca zuniu pela sala adentro*”), a estrutura é “X move (para) Z”. Finalmente, no caso das construções conativas, do tipo “*Sam kicked at Bill*” (“*Sam chutou em direção ao Bill*”), a estrutura semântica é “X direciona ação a Y.”

No caso da construção bitransitiva, por exemplo, o preenchimento do *slot* verbal pode se dar com diferentes verbos que indiquem a relação de transferência de posse; o significado da construção é sempre preservado. Em outras palavras, poder-se-ia dizer “*Joe gave/handed his mother a letter*” (“*Joe deu/passou uma carta para sua mãe*”) a idéia é de que X (Joe) causou Y (his mother) a receber Z (a letter), isto é, o significado construcional é mantido em todas as instanciações da construção bitransitiva, independentemente do verbo utilizado. No caso da construção resultativa, poder-se-ia dizer “*She kissed/hit him unconscious*”, a relação semântica que se mantém é de “X (She) causou (kissed/hit) Y (him) a tornar-se Z(unconscious).

É nesse sentido que a análise construcional compreende a composicionalidade de uma forma um pouco distinta da visão tradicional: enquanto esta última entende o significado da sentença como o somatório dos significados de seus respectivos constituintes, a visão construcional reconhece o papel da composicionalidade em nível de construção, isto é, há que

se observar a contribuição da construção para a criação de significado, que pode convergir ou divergir dos significados oferecidos pelos constituintes da sentença. A esse respeito, Goldberg aponta para construções que apresentam preenchimento de papéis semânticos ou argumentais que não são previstos pelo verbo da sentença, mas que por um mecanismo de extensão semântica, passam a existir por força de uma construção abstrata que já existe na língua, e que permite que sentenças, tais como as que se seguem, sejam passíveis de interpretação:

(6) He sneezed the napkin off the table.³

(7) She baked him a cake.⁴

(8) Dan talked himself blue in the face.⁵

No primeiro caso, a construção abstrata que se verifica é a de que “X causa Y a mover para Z”. No segundo exemplo, a construção é “X causa Y a receber Z” e, no último caso, “X causa Y a tornar-se Z”. No entanto, o verbo “*to sneeze*”, que é intransitivo, não prevê o papel argumental de alvo; o verbo “*to bake*” não prevê o papel argumental de recipiente; e o verbo “*to talk*” não exhibe traços semânticos de mudança de estado. A construção, então, contribui com uma carga semântica expressiva e ela é produtiva na língua, de forma que construções que a princípio seriam consideradas idiossincráticas podem ser explicadas a partir de construções abstratas padrão ou prototípicas.

2.2.2. A polissemia de construções

O argumento de Goldberg é de que essas construções abstratas possuem relação entre si e se organizam em uma rede de construções com características semânticas comuns. Segundo suas palavras, “as construções formam uma rede e são ligadas por relações de herança que motivam muitas das propriedades de construções específicas” (1995: 67). A partir dessa perspectiva, a autora elabora quatro princípios que regem a organização linguística, dos quais os mais relevantes são:

1. Princípio da Motivação Maximizada – “Se duas construções são sintaticamente relacionadas, tais construções podem ser motivadas semântica ou pragmaticamente.”

2. Princípio da Não-sinonímia – “Se duas construções são sintaticamente distintas, tais construções devem ser também distintas semântica ou pragmaticamente.”

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não podem ser pragmaticamente sinônimas.

³ Ele espirrou e jogou o guardanapo para fora da mesa.

⁴ Ela assou um bolo para ele.

⁵ Dan falou até ficar vermelho.

Corolário B: se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não podem ser semanticamente sinônimas.

Com base no primeiro princípio, observemos duas construções sintaticamente relacionadas em inglês, que são as construções com a estrutura sintática [SN V SN SP]:

(9) John threw the ball into the basket⁶.

(10) John gave the ball to Paul.⁷

As construções acima têm a mesma configuração sintática, mas são semanticamente distintas entre si. A primeira é tratada na literatura como uma *construção de movimento causado* e a segunda como uma construção de *transferência de movimento causado*. Goldberg demonstra que tais construções, que apresentam configuração sintática semelhante, distinguem-se em nível semântico-pragmático. Em outras palavras, através do conceito de laço de herança metafórico, a autora demonstrou que as construções de movimento causado motivam construções de transferência de movimento causado, com base no laço metafórico de que “Transferência de Propriedade é Transferência Física”. Os exemplos analisados por ela são:

(11) John pushed the piano into the room.⁸ (movimento causado)

(12) John gave the book to Sally.⁹(transferência de movimento causado)

Neste caso, a estrutura sintática de ambas as sentenças é [SN V SN' SP].

A autora prossegue analisando as construções de movimento causado, desta vez em contraste com as construções resultativas, que por sua vez revelam o laço metafórico de que “Mudança de Estado é Mudança de Local”. Os seus exemplos são:

(13) John pushed the piano into the room.¹⁰ (movimento causado)

(14) He wiped the table clean.¹¹ (resultativa)

Já com relação ao segundo princípio, o da Não-Sinonímia, verificam-se construções sintáticas distintas que, no entanto, preservam seu conteúdo semântico. São as construções bitransitivas do inglês, que se correlacionam com as construções de transferência de movimento causado:

(15) John gave Bill the book.¹²[SN V SN' SN''] (bitransitiva)

(16) John gave the book to Bill.¹³ [SN V SN' SP](transferência de movimento causado)

⁶ John jogou a bola na cesta.

⁷ John deu a bola para Paul.

⁸ John empurrou o piano para a sala.

⁹ John deu o livro para Sally.

¹⁰ John empurrou o piano para a sala.

¹¹ Ele secou a mesa [até ficar] limpa.

¹² John deu [a] Bill o livro.

No caso acima, a moldura sintática [SN V SN'SN''] varia para [SN V SN'SP]. Goldberg propõe, então, que por força da diferença sintática e da semelhança semântica, as construções são pragmaticamente distintas: quando a informação nova recai sobre o tema (*the book*), a construção (15) é preferida; se, no entanto, o recipiente (*Bill*) for o *locus* da informação nova, o falante tenderá a optar por (16).

Com relação ao português do Brasil, FERRARI (2005) analisa construções epistêmicas em dados conversacionais, orientando-se pelos dois princípios propostos por GOLDBERG (1995) citados anteriormente, ou seja, o princípio da motivação maximizada e o princípio da não-sinonímia. Ferrari observa que as construções analisadas por Goldberg, quais sejam, a construção de movimento causado e a resultativa, são também produtivas em português e obedecem ao mesmo princípio. A relação metafórica estabelecida entre elas, é de que “Mudança de Estado é Mudança de Local”. Seus exemplos são:

(17) João tocou as ovelhas para o pasto. (movimento causado)

(18) João cortou as cebolas bem fininhas. (resultativa).

Além disso, ao analisar as construções epistêmicas [SN V SN' SA] do tipo “*Ele achou/julgou/considerou o livro interessante*”, Ferrari observa que tais construções têm relação metafórica com as construções resultativas, pois possuem a mesma moldura sintática, mas, semanticamente, são distintas. Denominando-as **construções epistêmicas integradas**¹⁴, Ferrari propõe que a relação metafórica estabelecida é de que “idéias são objetos” e “pensamento é ação”. A autora identifica, ainda, um outro tipo de construção epistêmica: as **construções epistêmicas complexas**. As construções epistêmicas complexas são construções que apresentam uma oração completiva encaixada e introduzida pelo complementizador “que” (*Ele achou/julgou/considerou que o livro era interessante*). Embora semanticamente equivalente à construção integrada, essa construção é pragmaticamente diferente. As construções epistêmicas integradas, segundo Ferrari, sinalizam atos de fala expressivos, baseados na experiência do próprio falante, enquanto que construções epistêmicas complexas sinalizam atos de fala assertivos, modalizando as opiniões apresentadas.

Com relação às construções epistêmicas integradas e complexas em português, portanto, o que se verifica é a observância do Princípio da Não-Sinonímia e, especialmente, do Corolário A: “Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não podem ser pragmaticamente sinônimas.”

¹³ John deu o livro a Bill.

¹⁴ Nas construções epistêmicas integradas, o verbo “achar” integra as ações de “pensar”, “causar” e “tornar”.

No caso das construções completivas epistêmicas em inglês, o preenchimento do *slot* verbal pode se dar com os verbos “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to find*”, “*to know*” e “*to believe*”, entre outros, que, por sua vez, podem ser seguidos ou não do complementizador “*that*”. Postularemos, então, que as construções sintáticas com ou sem o referido complementizador podem ser percebidas como semanticamente sinônimas, de modo que as diferenças devem residir em aspectos de natureza pragmático-discursiva, isto é, postularemos que o Princípio da Não-Sinonímia se aplica também a essas construções do inglês.

2.2.3. A interação entre verbos e construções

GOLDBERG (1995) apresenta três questionamentos para a abordagem construcional: (i) a natureza do significado verbal, (ii) a natureza do significado construcional e (iii) a ocorrência de determinados verbos com determinadas construções. A partir dessas questões, ela propõe uma correlação entre significado de construções e significado de verbos, postulando uma relação *top-down/bottom-up* para sinalizar que o significado da construção interage com o do verbo.

Na perspectiva de assumir o significado como tendo uma estrutura interna particular, Goldberg se utiliza do conceito de *frame* proposto por FILLMORE (1975, 1977), através do qual o significado é percebido com relação a cenas básicas da experiência e a cenas comunicativas específicas, conceito que tem eco em definições de outros autores, tais como o conceito de “*profiling*” de LANGACKER (1987, 1991), o de “*schemas*” de BARTLETT(1932) e o de “*idealized cognitive models*” de LAKOFF (1987), ou seja, todos percebem determinados significados como derivados de um modelo cognitivo mais complexo. Em termos de verbos, pode-se citar o exemplo do verbo “*to divorce*”, que remete a uma estrutura conceptual complexa, em que se pressupõe a existência do casamento civil, como instrumento legal de união de um casal em uma determinada sociedade, e por conseguinte, a possibilidade de separação legal estabelecida pelo divórcio.

Estruturas decomposicionais tais como “X causa Y a receber/mover Z” não captam todo o significado implicado pelo verbo, mas correspondem a significados construcionais, ou seja, aqueles ativados por aspectos sintáticos da construção e não necessariamente pela forma verbal. Um outro argumento a favor da análise construcional é o uso que o verbo assume em determinadas construções do tipo “*Sam sneezed the napkin off the table*” (“*Sam espirrou o guardanapo para fora da mesa*”) em que o verbo “*to sneeze*”, originalmente intransitivo, “X age”, assume a estrutura argumental “X causa Y a mover (para)Z”, ou seja, o verbo “*to sneeze*” integra as ações de espirrar e mover.

Com relação ao significado construcional, Goldberg postula que as construções apresentam um conjunto de significados relacionados em vez de um significado abstrato fixo, ou seja, existe uma polissemia construcional. Para ilustrar essa idéia, ela se utiliza das construções bitransitivas do inglês, que implicam na transferência de um objeto do agente para o recipiente. No entanto, como ela mesma aponta, nem todas as bitransitivas se encaixam nesse padrão semântico, já que existem exemplos como “*Chris baked Jan a cake*” (“?Chris assou Jan um bolo”), no qual não há transferência real, mas intenção de transferência. Por outro lado, existem casos em que a transferência não é física, mas metafórica, como em “*Mary taught Bill French*” (“Mary ensinou francês ao Bill”). Em outras palavras, Goldberg defende que todas as extensões metafóricas de transferência derivam de um sentido central, nuclear, básico de transferência real.

Com base nessas observações, Goldberg elabora uma hipótese intitulada *Scene Encoding Hypothesis* (Hipótese da Codificação de Cena), segundo a qual construções que correspondem a tipos básicos de sentenças codificam como sentidos básicos tipos de eventos que são também básicos para a experiência humana, como, por exemplo, eventos de causar algo, de experienciar algo, de causar algo a mudar de estado ou lugar, etc. Ela também aponta exemplos na literatura que caminham nesse sentido, como os estudos de FILLMORE (1968) sobre a motivação para a existência de um conjunto fixo de casos e/ou papéis e os de LANGACKER (1991) sobre a estruturação da linguagem em arquétipos conceptuais, ou seja, valores prototípicos de construtos linguísticos básicos que podem ser estendidos para situações mais complexas. Também os estudos sobre a aquisição da linguagem corroboram a ideia de que as crianças primeiro apreendem verbos associados com construções de estrutura argumental, verbos esses que são adquiridos primeiro e usados com mais frequência, como os verbos “*to go*”, “*to put*”, “*to make*”, “*to do*” e “*to get*” do inglês, que, por sua vez, se relacionam diretamente com as construções de estrutura argumental de movimento (“*to go*”), de movimento causado (“*to put*”), de resultado (“*to make*”) e de transferência (“*to get*”). As crianças aprenderiam, então, como determinadas cenas básicas da experiência humana são relacionadas a formas da língua e como elas poderiam expandir essas formas a novos contextos através de determinados princípios.

Com relação à integração entre verbo e construção, Goldberg discute a diferença entre papéis participantes, ou seja, papéis relacionados ao verbo, e papéis argumentais, que seriam relacionados à construção, e aponta que os verbos têm a função de determinar quais aspectos da semântica de *frames* serão “perfilados”, ou seja, os papéis lexicais perfilados são entidades associadas ao verbo e funcionam como pontos focalizados na cena comunicativa, adquirindo proeminência (LANGACKER, 1987) ou saliência (FILLMORE, 1977). É a diferença no

perfilamento que explica a diferença entre pares de verbos tais como “*to take/to give*”, “*to lend/to borrow*”, “*to buy/to sell*”, “*to rob/to steal*”, etc. Em termos de generalização quanto aos papéis mais comumente perfilados, as pessoas de forma geral tendem a perfilar agente e paciente e as crianças percebem esses papéis como mais salientes e os aprendem primeiro.

No que diz respeito ao perfilamento construcional de papéis argumentais, Goldberg aponta que todos os papéis estão perfilados, o que diferencia o conceito de papel participante de papel construcional, segundo ela. Goldberg defende que as construções devem especificar a forma como o evento descrito pelo verbo se integra ao evento descrito pela construção, ou seja, se um determinado verbo se associa a uma determinada construção, papéis participantes selecionados pelo verbo podem se fundir a papéis argumentais da construção, segundo dois princípios: o “*Princípio da Coerência Semântica*” e o “*Princípio da Correspondência*”. O primeiro diz que somente papéis semanticamente compatíveis podem se fundir. Por exemplo, no caso do verbo “*to kick*”, o papel participante de quem chuta (“*kicker*”) pode se fundir com o papel de agente da construção de movimento causado porque o papel participante pode ser construído como uma instância do papel de agente. O segundo princípio diz que cada papel participante lexicalmente perfilado e expresso deve se fundir com o papel argumental perfilado da construção. No caso do verbo “*to hand*”, os papéis participantes de “*hander*” (aquele que transfere), “*handee*” (aquele que recebe) e “*handed*” (o que é transferido) em uma correspondência um a um de elementos equivalem aos papéis argumentais de agente, recipiente e paciente.

Ao discutir as possíveis relações entre verbos e construções, Goldberg questiona quais classes de verbos poderiam ser associadas a uma determinada construção e, com base nas observações de CROFT (1991), elabora, então, a *Hipótese da Relação Causal*, ou seja, a relação entre o significado do verbo e o significado da construção deve ser uma relação (temporalmente contígua) causal. Isso explicaria a relação de causação de movimento em exemplos como “*The boat sailed into the cave*” (“*O barco velejou para dentro da caverna*”), em que a navegação causa o movimento. Goldberg argumenta ainda que há violações para essa hipótese, ou seja, existem verbos que ocorrem em construções em que a relação causal não existe a priori, como é o caso da construção com “*way*” em “*She kicked her way out of the room*” (“*Ela chutou seu caminho para fora da sala*”), ou seja, o chute não prevê o deslocamento, e da construção conativa, do tipo “*Ethel shot at Fred*” (“*Ethel atirou em direção ao Fred*”), em que X direciona ação a Y, ou seja, há um resultado intencionado, que pode não ocorrer.

Para tentar explicar como determinados verbos se relacionam a determinadas construções, Goldberg sugere que os primeiros devem manter com as últimas uma relação

metonímica, ou seja, a semântica associada à construção define um *frame*, e o verbo deve designar um aspecto proeminente desse *frame*, metonimicamente. Além disso, no tocante à fusão de papéis, pelo menos um papel participante e um papel argumental devem se fundir, ou seja, nem todos os papéis podem ser fornecidos pela construção.

No caso das construções complexas que têm seu *slot* verbal preenchido por verbos epistêmicos, postularemos que existe uma integração entre as duas instanciações da construção completiva [SN VE_{pist} [Ø S]] ou [SN VE_{pist} [that S]] e os verbos epistêmicos que ocorrem na oração matriz, argumentando que a seleção por uma ou outra construção no evento de fala tem relação com o valor semântico dos verbos e com objetivos discursivo-pragmáticos.

2.3. Modalidade

A língua possui um repertório de categorias gramaticais, tais como tempo, aspecto, número, gênero, que carregam valores semânticos passíveis de atribuição de sentido, ou seja, de interpretação. Na visão de PALMER (1986), a **modalidade** pode ser definida como a atitude ou opinião do falante a respeito de uma determinada proposição, ou seja, o seu grau de comprometimento com o conteúdo expresso. Trata-se de uma categoria semântica, que cria sentido por meio de uma série de recursos lexicais e sintáticos. Verbos modais tais como *may* e *must*, por exemplo, se constituem em elementos marcadores de modalidade, do mesmo modo que as construções de discurso reportado e as construções epistêmicas revelam traços de modalidade no plano sintático. Em sua definição sobre **modalidade**, Palmer aponta aspectos como **proposicionalidade, subjetividade, factualidade, epistemicidade, deonticidade, possibilidade, necessidade** e **modo**. O autor associa a distinção entre **proposição** e **modalidade** à distinção entre ato locucionário e ato ilocucionário propostos por AUSTIN (1962), no sentido de que, no primeiro caso, “Estamos dizendo algo”, enquanto que, no segundo caso, “Estamos fazendo algo”, ou seja, a proposição pode ser verdadeira ou falsa, a modalidade está na avaliação ou atitude que o falante tem para com a proposição. Palmer observa, então, que no caso das construções completivas, a modalidade tende a ser expressa por verbos com sujeitos de 1ª pessoa, que são usados para indicar as opiniões e atitudes do falante:

(19) I think [he's there].¹⁵

¹⁵ Eu acho (que) [ele está lá].

Palmer argumenta ainda que a modalidade, principalmente quando sinalizada gramaticalmente, está diretamente relacionada a aspectos subjetivos do enunciado. Segundo ele, “*isso quer dizer, a modalidade poderia ser definida como a gramaticalização das atitudes e opiniões (subjetivas) dos falantes*” (PALMER, 1986, p. 16). A proposta do autor inclui, ainda, um conjunto de aspectos relacionados ao conceito mais amplo de modalidade. A factualidade indica “um estado de coisas”, isto é, uma situação que poderia ser afirmada ou negada através de um enunciado, mas que pode não ser asseverada pelo falante. A **deonticidade**, por sua vez, está relacionada à necessidade ou possibilidade de realização de ações por seus respectivos agentes, enquanto que a **epistemicidade** diz respeito ao conhecimento ou crença ou opinião do falante com relação ao conteúdo da proposição. Com relação a esses dois últimos conceitos, Palmer aponta os valores de **possibilidade** e **necessidade** que os verbos modais carregam, argumentando que eles podem, dependendo do contexto, ter uma leitura **epistêmica** ou **deôntica**. Seus exemplos são:

(20) He may come tomorrow. (Perhaps he will./ He is permitted.)¹⁶

(21) The book should be on the shelf (It probably is. / Its proper place is.)¹⁷

(22) He must be in the office. (I am certain he is./ He is obliged to it.)¹⁸

Finalmente, Palmer aponta que a categoria gramatical de **modo**, em relação ao conceito de modalidade, deve ser vista como relações entre tempo verbal e tempo cronológico, gênero e sexo, ou seja, o modo deve ser considerado como um dos aspectos através dos quais a modalidade se verifica, ou seja, uma de suas instanciações, já que as línguas possuem outros recursos para expressá-la, tais como os pronomes clíticos, os verbos modais, etc.

Considerando-se os dois grandes eixos da modalidade observados por vários autores, quais sejam a **modalidade epistêmica** e a **modalidade deôntica**, Palmer elenca, para o primeiro caso, as construções de julgamento e de evidencialidade, através das quais o falante pode indicar que o que ele apresenta não é fato, mas que ele:

(i) está especulando sobre o fato;

(ii) está apresentando-o como uma dedução;

(iii) foi informado sobre o fato;

(iv) está se baseando em evidência a partir de seus sentidos.

Nesse eixo, Palmer inclui os verbos modais “*may*”, “*must*” e “*will*” em exemplos como:

¹⁶ Ele pode vir amanhã. (Talvez ele virá. /Ele tem permissão para vir.)

¹⁷ O livro deveria estar na prateleira. (Ele provavelmente está. / É o lugar adequado.)

¹⁸ Ele deve estar no escritório. (Tenho certeza que ele está./ Ele é obrigado a estar.)

(23) He may be there. (a possible judgment)¹⁹

(24) He must be there. (the only possible judgment)²⁰

(25) That'll be the postman. (a reasonable judgment)²¹

Para o segundo eixo, ele lista as construções de discurso reportado, as interrogativas e as declarativas que, sob uma perspectiva discursiva, assumem o caráter de evidencialidade. Seus exemplos são:

(26) He is alleged to have killed him. (in reporting)²²

(27) We're expecting him, but will he come? (in expressing doubt)²³

(28) I don't think that John is coming. (in denying the proposition in the subordinate clause)²⁴

Sob a perspectiva **deôntica**, Palmer enumera as construções diretivas, imperativas, compromissivas, volitivas e avaliativas, sob o prisma da necessidade ou da obrigatoriedade de ação, para os dois primeiros casos, e para o comprometimento ou avaliação da ação, para os três últimos. Alguns exemplos são:

(29) John may come tomorrow. (He's allowed to.)²⁵

(30) John must come tomorrow. (He's obliged to.)²⁶

(31) Keep calm! (I order/tell you to.)²⁷

(32) John shall have the book tomorrow. (I expect him to.)²⁸

(33) I hope John will come/comes tomorrow. (I want him to.)²⁹

(34) I regret that he should do such a thing. (I am sorry for that.)³⁰

Sob uma perspectiva cognitivista, SWEETSER (1990) aborda a modalidade sob a ótica da **modalidade deôntica**, ou *root modality*, e da **modalidade epistêmica**, apontando, desde o início, para a ambigüidade de determinados verbos que, dependendo da situação comunicativa, podem ter uma leitura deôntica ou epistêmica. Sua contribuição, no entanto, é justamente entender esses dois sentidos, a princípio considerados distintos, como uma

¹⁹ Ele pode estar lá. (Um julgamento possível)

²⁰ Ele deve estar lá. (O único julgamento possível)

²¹ Deve ser o carteiro. (Um julgamento razoável)

²² Alegam que ele o matou. (Ao relatar)

²³ Estamos esperando por ele, mas ele virá? (Ao expressar dúvida)

²⁴ Não acho que John virá. (Ao negar a proposição na oração subordinada)

²⁵ John pode vir amanhã. (Ele tem permissão para fazê-lo)

²⁶ John deve vir amanhã. (Ele tem obrigação de fazê-lo)

²⁷ Mantenha a calma! (Eu ordeno / digo para fazê-lo)

²⁸ John deverá receber o livro amanhã. (Eu espero que ele o faça.)

²⁹ Espero (que) John venha amanhã. (Eu quero que ele o faça)

³⁰ Lamento que ele tenha feito tal coisa. (Lamento por isso)

extensão um do outro, ou seja, o sentido **epistêmico** é uma **extensão** semântica **motivada** pelo sentido **deôntico**.

2.4. Subjetividade, intersubjetividade e objetividade

A **subjetividade** no uso da linguagem tem atraído a atenção de diferentes linguistas ao longo das últimas décadas. Muito se tem discutido sobre a relação do código formal, a língua, com o uso que os falantes fazem desse código, de forma subjetiva e individual, e, ainda, as marcas que eles revelam de suas escolhas quando selecionam uma determinada forma de expressar um dado conteúdo.

Com relação ao conceito de **subjetividade**, PALMER (1986) observa que a “modalidade na língua, principalmente quando marcada gramaticalmente, parece ser essencialmente subjetiva; isto já foi demonstrado na discussão sobre os atos de fala, e com referência à opinião ou atitude do falante” (PALMER, 1986:16). A modalidade epistêmica, segundo seu conceito, é sempre subjetiva.

No âmbito dos modelos associados à **Linguística Cognitiva** e à **Gramática de Construções**, os conceitos de objetividade, subjetividade e intersubjetividade têm sido tratados em termos de suas relações com a estrutura linguística. Apresentaremos agora as principais propostas apresentadas por esses modelos.

2.4.1. A proposta de Traugott & Dasher

2.4.1.1 Subjetividade, intersubjetividade e objetividade

TRAUGOTT e DASHER (2005) relacionam os conceitos de **subjetividade** e **objetividade** no uso da língua com o conceito de perspectiva linguística, ou seja, a experiência é amplamente determinada pela linguagem e por outros mecanismos de percepção. Segundo os autores, a subjetividade é codificada na língua pelo uso da dêixis, da modalidade e de marcadores discursivos, por exemplo. A **intersubjetividade**, por sua vez, implica na atenção do falante com relação ao seu interlocutor no evento de fala, ou seja, o falante sinaliza a “inclusão” do ouvinte na sua expressão linguística enquanto participante do evento comunicativo que pode ser expresso por pronomes pessoais, dêiticos e vários outros recursos. Nas palavras de Traugott e Dasher “*a subjetividade é um pré-requisito para a intersubjetividade na medida em que a atitude do falante/escritor com relação ao ouvinte/leitor é uma função da perspectiva do falante/escritor.*” (2005:22)

O conceito de **objetividade**, segundo eles, se baseia na ausência de elementos discursivos, quais sejam as inferências, os aspectos dêiticos, a modalidade. Os enunciados são predominantemente declarativos, demandam pouca inferência, não sinalizam a perspectiva dos interlocutores e são minimamente dêiticos.

A relação entre os três conceitos acima, segundo Traugott e Dasher, depende do contexto e da criação desse contexto. Em linhas gerais, pode-se concluir que os autores definem esses conceitos como a sinalização linguística explícita ou implícita da participação do falante e/ou ouvinte no evento de fala.

2.4.1.2. Subjetificação e intersubjetificação

Para TRAUGOTT e DASHER (2005), a **subjetificação** é o principal tipo de mudança semântica e se constitui em um processo cognitivo que se verifica em nível de **discurso**, através das escolhas linguísticas que o falante faz na interação comunicativa que, por sua vez, sinalizam objetivos discursivos específicos. Para eles, a subjetificação está associada a e representa metonimicamente o papel do falante/escritor na interação, através da expressão de sua atitude, seja por propósitos de modalização, de evidencialidade ou de argumentação.

Traugott e Dasher argumentam ainda que o conceito de **intersubjetificação** está intimamente ligado ao de subjetificação, ou seja, o primeiro não pode existir sem que o segundo exista. Segundo eles, a intersubjetificação ocorre quando o falante considera o “outro” na codificação da informação, seja no sentido social da interação comunicativa, isto é, como elemento participante da cena comunicativa, seja no sentido epistêmico que expressa a atitude do falante com relação ao ouvinte, implícita no enunciado. Alguns exemplos oferecidos por Traugott são:

(35) What would *we* like [to eat] tonight? (Nurse to in-patient)³¹

(36) So say *I* put in \$100 a month, *you*’re going to take out \$5 a month of that, 5% of the premium. (Insurance company agent to client)³²

No primeiro caso, o uso do pronome “*we*” sinaliza a inclusão do falante e do ouvinte na cena do jantar, quando na verdade o que falante quer saber é a escolha do ouvinte sobre o prato. No segundo caso, o falante usa o pronome de 1ª pessoa “*I*” quando na verdade é o interlocutor “*you*” que fará o investimento. Em ambos os casos, o falante projeta a perspectiva do ouvinte sobre o evento de fala em seu enunciado.

³¹ O que *nós* gostaríamos [de comer] hoje à noite? (Enfermeira para paciente internado)

³² Então, digamos que *eu* coloque \$100 por mês, *você* vai tirar \$5 por mês disso, 5% do prêmio. (Corretor de Companhia de Seguros para cliente)

Os autores consideram ainda que determinados marcadores discursivos que se desenvolveram a partir de advérbios carregam consigo uma certa carga de intersubjetividade, na medida em que eles marcam conectividade entre *p* e *q* mas também funcionam como uma espécie de “*hedge*” discursivo, com o intuito de “suavizar” ou diminuir o efeito do conteúdo expresso pelo falante para que ele possa captar quaisquer objeções por parte do ouvinte/interlocutor. Os exemplos utilizados são os marcadores discursivos “*actually*”, “*indeed*”, “*in fact*”, “*well*” e a expressão “*let’s*”. No caso da expressão “*well*”, por exemplo, seu sentido original era de advérbio de modo, passando a indicar uma função epistêmica – “certamente”, “*com certeza*” – e chegando a se tornar um “*hedge*”, ou seja, é uma expressão usada em situações de conflito. No caso da palavra “*actually*”, originalmente um advérbio de modo, passou-se a utilizar o sentido adversativo/concessivo de “contrário a” ou “diferentemente do que você diz”, isto é, o falante sinaliza sua atenção ao interlocutor.

Finalmente, Traugott e Dasher observam que os verbos epistêmicos na 1ª pessoa, como “*I think*” e “*I guess*”, além de terem valor de perspectivização subjetiva, podem também ser percebidos como elementos protetores de “imagem” ou face. Eles interpretam esses elementos como marcadores de polidez, como “*hedges*”, ou elementos “atenuadores” de enunciados que poderiam criar controvérsia na interação comunicativa. Verbos epistêmicos na 2ª pessoa, como “*You know*” e “*You see*” (“*You understand*”) levam em conta o interlocutor. Para eles, essas estruturas têm valor subjetivo bem como intersubjetivo, pois, como eles explicam, “*salvar a imagem do ouvinte/leitor é algo que somente o falante/escritor pode optar por fazer*” (2005: 91)

Vale notar que (inter)subjetividade e (inter)subjetificação são noções relacionadas: as primeiras permeiam as línguas sincronicamente; já a (inter)subjetificação é o processo pelo qual os falantes desenvolvem, diacronicamente, significados que codificam suas perspectivas e atitudes, como ilustram o desenvolvimento de advérbios de tempo em marcadores discursivos (2005:31).

2.4.2 A proposta de Langacker

Os trabalhos resenhados nas seções anteriores apostam mais ou menos diretamente em uma visão objetivista do significado, em que se estabelece uma distinção rígida entre significado proposicional e modalidade/subjetividade. No âmbito da Linguística Cognitiva, entretanto, essa visão passa a ser questionada. LANGACKER (1987, 1990, 2008), por exemplo, posiciona-se de modo contrário à visão tradicionalmente objetivista sobre a natureza

do significado que permeia os estudos semânticos ao longo das décadas e defende uma visão mais subjetiva ou conceptual para o mesmo. O autor propõe uma teoria que considera a maneira como a significação é construída, articulando elementos até então ignorados pela visão objetivista do significado: a forma como o **conceptualizador** constrói o evento descrito, a **perspectiva** que ele adota para tal, as **entidades** ou **elementos** que sofrem **perfilamento** e adquirem **proeminência** na cena descrita e assim por diante. Passaremos agora a expor alguns desses conceitos que compõem a proposta de Langacker para a visão cognitivista de conceptualização de eventos que contribuirão posteriormente para nossa análise.

2.4.2.1 Especificidade e esquematicidade

O primeiro aspecto abordado por Langacker com relação à forma como se constrói a representação de um evento comunicativo é o nível de precisão ou de **especificidade** que o conceptualizador escolhe para representar uma dada expressão linguística. Em termos cognitivos, as informações se organizam na mente dos falantes de forma hierárquica e taxonômica, de forma que ele é capaz de se utilizar desses esquemas e acionar os elementos desejados para criar efeitos mais sintéticos ou analíticos de expressão linguística. No exemplo a seguir, o falante pode se expressar utilizando expressões mais esquemáticas ou mais específicas:

(37) Coisa → Objeto → Ferramenta → Martelo → Martelo de unha/garra

(38) Algo aconteceu. → Uma pessoa notou um roedor. → Uma garota viu um porco-espinho. → Uma esperta garotinha de óculos viu de relance um feroz porco-espinho de pontas afiadas.

Em ambos os exemplos, as expressões linguísticas variam hierarquicamente de um determinado nível de **esquematicidade** (*schematicity*) para o nível máximo de **especificidade** (*specificity*), lembrando-se que a combinação de elementos esquemáticos e específicos nas expressões linguísticas constitui o uso natural da língua.

2.4.2.2 Focalização

Focalização é o que Langacker entende como a **seleção** do que vai ser destacado no evento comunicativo e é ativado pelas expressões linguísticas utilizadas. Um outro aspecto relevante é como o conteúdo conceptual vai ser organizado, mais uma vez mapeado pelas expressões linguísticas, observando-se, em termos metafóricos, o que está no **primeiro plano** (“*foreground*”) e o que constitui **pano de fundo** (“*background*”). Esses conceitos se

aproximam das noções de **figura** e **fundo** em termos perceptuais. Domínios cognitivos mais centrais tendem a ocupar o primeiro plano e domínios cognitivos periféricos tendem a funcionar como pano de fundo, levando-se em conta os propósitos comunicativos, as dimensões da estrutura linguística e os níveis de organização conceptual. Um exemplo interessante oferecido por Langacker refere-se à interpretação da sentença “*I want you to put the canned tomatoes on the top shelf of the pantry*” (*Quero que você coloque os tomates enlatados na prateleira superior da despensa*”), que além do processamento em nível sintático-semântico, requer também o processamento em nível pragmático, através do acesso à informação culturalmente compartilhada sobre armazenagem de alimentos e organização da despensa, que permita ao interlocutor executar a tarefa de forma correta.

No fluxo discursivo, as informações ocupam *status* de primeiro plano ou de pano de fundo de acordo com o fato de se basearem em informação anterior ou se tornarem base para a informação que vem em seguida. Em termos de **estrutura da informação**, determinado conteúdo pode ser interpretado como **informação dada** ou **informação nova**, em função de já ter sido apresentado anteriormente ou não. Com relação aos exemplos a seguir, as expressões em fonte reduzida indicam o tipo de informação de pano de fundo, que é pautada em comentários avaliativos. Conforme observa Langacker, mesmo no exemplo (41) em que a oração matriz estruturalmente funcionaria como primeiro plano, por vir primeiro, pragmaticamente ela se constitui em pano de fundo:

(39) Victoria would, I think, make a good candidate.³³

(40) Victoria would make a good candidate, I believe.³⁴

(41) I think Victoria would make a good candidate.³⁵

À medida que o discurso se desenvolve, o conteúdo é construído com base na informação disponibilizada anteriormente e é atualizado a cada nova informação adicionada. O espaço mental compartilhado por falante e ouvinte e todo o conteúdo que ele inclui em um dado momento é chamado de **espaço mental atual** ou **corrente** e é modificado no fluxo discursivo. No exemplo a seguir, o segmento que se constitui em informação nova coincide com o elemento em **foco** no discurso, no caso do enunciado C, *Stephanie*:

(42) A: Will Victoria agree to be candidate? B: She may not. C: But *Stephanie* will.³⁶

O conteúdo como um todo se constitui em **tópico discursivo**, isto é, “*someone agree to be candidate*” (“*alguém concordar em ser candidato*”)

³³ Victoria daria, eu acho, uma boa candidata.

³⁴ Victoria daria uma boa candidata, eu acho.

³⁵ Eu acho [que] Victoria daria uma boa candidata.

2.4.2.3 Escopo

A noção de **escopo** é um aspecto a ser considerado em termos de enfoque ou focalização (*focusing*) e diz respeito ao nível de “cobertura” que uma determinada expressão linguística atinge nos domínios cognitivos acessados e quais porções desses domínios servem de base para o significado, isto é, o escopo é a cobertura ou alcance que uma expressão tem naquele domínio. Langacker distingue dois tipos de escopo: **o escopo máximo** e **o escopo imediato**. O primeiro tem a ver com a cobertura máxima de uma expressão linguística em um domínio cognitivo, enquanto que o último refere-se à porção relevante desse domínio para um propósito específico. O escopo imediato é também chamado metaforicamente de “onstage region”, isto é, a região que implica em atenção ao que está visível. Langacker oferece os exemplos das palavras “*elbow*” (“cotovelo”) e “*hand*” (“mão”), que têm como escopo máximo o corpo humano, e têm o braço como escopo imediato. O diagrama a seguir ilustra esses dois conceitos:

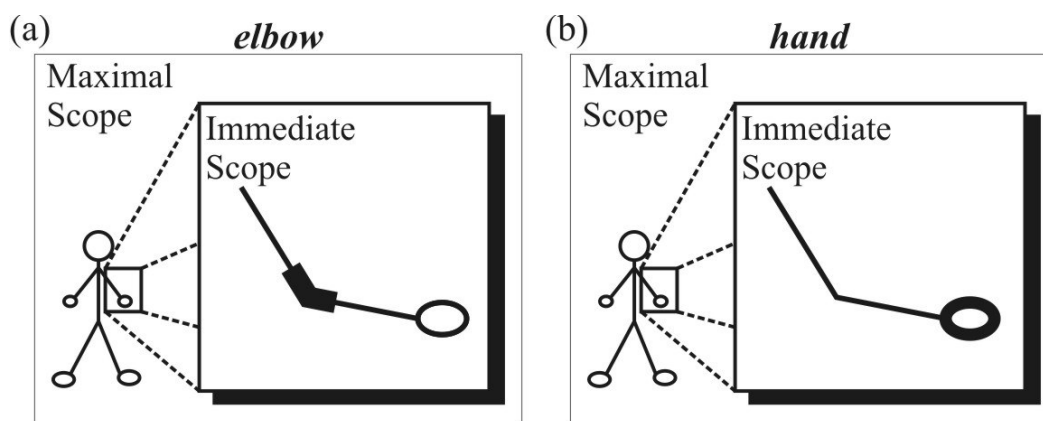


Diagrama 1: Configuração de escopo máximo e de escopo imediato

2.4.2.4. Proeminência

O termo **proeminência** ou **saliência** está interligado aos conceitos de primeiro plano (“*foreground*”) e pano de fundo (“*background*”), pois diz respeito aos elementos que se destacam ou se tornam proeminentes ou salientes em uma determinada cena comunicativa e que por essa razão figuram em primeiro plano com relação aos demais. Dentro desse conceito, Langacker desenvolve dois tipos específicos de proeminência: o **perfilamento** (“*profiling*”) e

³⁶ A: Victoria irá concordar em ser candidata? B: Ela pode não concordar. C: Mas Stephanie irá.

o **alinhamento *trajector/landmark*** (“*trajector/landmark alignment*”). Dentro do escopo imediato ou “*onstage region*”, o perfilamento se constitui em destacar um elemento de uma subestrutura cognitiva que é designada por uma dada expressão linguística. A expressão linguística pode perfilar um objeto ou uma relação. Assim, a palavra “*aunt*” perfila uma pessoa, enquanto que a expressão “*have a child*” perfila uma relação entre pessoas. O processo de metonímia também é considerado por Langacker como um exemplo de perfilamento, já que o que ocorre nesse caso é uma mudança ou transferência no perfilamento. No exemplo a seguir, perfila-se a obra a partir do pintor:

(43) She bought an original Miró.³⁷

Em termos de elementos proeminentes e normalmente focalizados na cena comunicativa, dois deles são comumente os mais relevantes: “*trajector*” e “*landmark*”³⁸. O primeiro se caracteriza por ser o participante mais proeminente, que é concebido como o elemento que está sendo situado, avaliado ou descrito. Sobre ele recai o que Langacker chama de **foco primário**. O segundo elemento mais saliente é denominado de *landmark* e sobre ele recai o **foco secundário** da relação perfilada. Langacker ressalta que esses elementos tanto podem representar coisas quanto relações. Nos exemplos a seguir, a diferença está justamente no alinhamento entre “*trajector*” e “*landmark*”, ou a escolha do “*trajector*” e do “*landmark*”, que perfilam uma relação temporal entre dois eventos:

(44) The other guests all left before we arrived.³⁹

(45) We arrived after the other guests all left.⁴⁰

Os diagramas abaixo representam graficamente as sentenças (44) e (45) respectivamente:

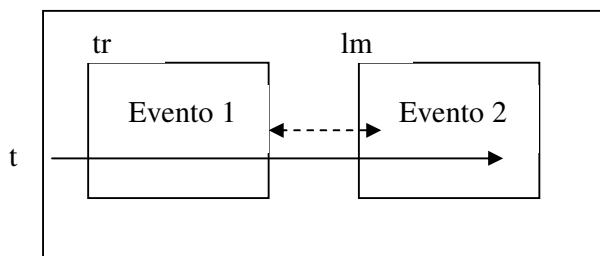


Diagrama 2 : Configuração para a preposição “before”

³⁷ Ela comprou um Miró original.

³⁸ Estes termos não serão traduzidos pois não encontramos alternativas satisfatórias para fazê-lo.

Tradicionalmente, como papéis argumentais, normalmente coincidem com agente e paciente; e sintaticamente, correspondem a sujeito e objeto da oração.

³⁹ Todos os outros convidados partiram antes que nós chegássemos.

⁴⁰ Nós chegamos depois que todos os outros convidados partiram.

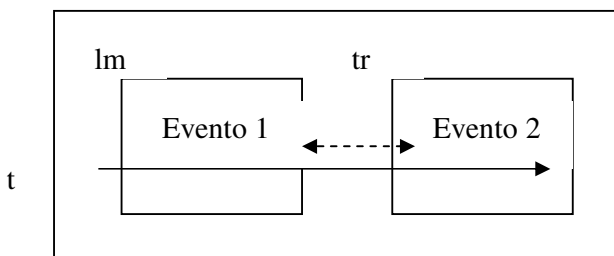


Diagrama 3: Configuração para a preposição “after”

2.4.2.5. Ancoramento (“grounding”)/contextualização

Um outro conceito relevante da proposta de Langacker é o que diz respeito ao “*ground*”, que deve ser entendido como o evento de fala em si, seus participantes, suas circunstâncias imediatas, como tempo e lugar, elementos que sofrem “*profiling*” (=perfilamento), isto é, elementos ou relações que estão em figura e são “perfilados” no evento de fala. Talvez o termo que mais se adeque a “*grounding*” na língua portuguesa seja “contexto imediato”. As expressões linguísticas, segundo Langacker, na sua maioria fazem alusão ao “*ground*”, o que é chamado de “**ancoramento**” (“*grounding*”), isto é, as expressões da língua se “ancoram” em um determinado “contexto”. Elas podem se caracterizar como expressões nominais (“*nominals*”) tais como artigos, pronomes demonstrativos, quantificadores, ou como orações finitas (“*finite clauses*”). O primeiro caso é tratado como *nominal “grounding*”, isto é, a entidade ancorada é um **objeto**, no segundo caso a entidade ancorada é um **processo**; daí se falar em “*clausal grounding*”. Langacker define “*grounding*” como uma função semântica, um aspecto da organização conceptual dos falantes.

Os diagramas a seguir ilustram diferentes possibilidades de relação entre estrutura linguística e “*ground*”. Em (a), tem-se a configuração de um constructo totalmente objetivo, como é o caso da preposição “*under*”, que perfila apenas o “*trajector*” e o “*landmark*”, sem que se faça referência ao “*ground*”, em (b) o ponto de referência está implícito e parte do “*ground*” está incluído na predicação, como em “*The tree is in front of the rock*”, isto é, o conceptualizador e o ouvinte estão implícitos à representação sintática, já que é preciso saber qual é o ponto de vista do falante para interpretar adequadamente a sentença. Em (c) o ouvinte funciona como um participante explícito do “*ground*”, enquanto o falante permanece implícito, como na expressão “*beside you*”:

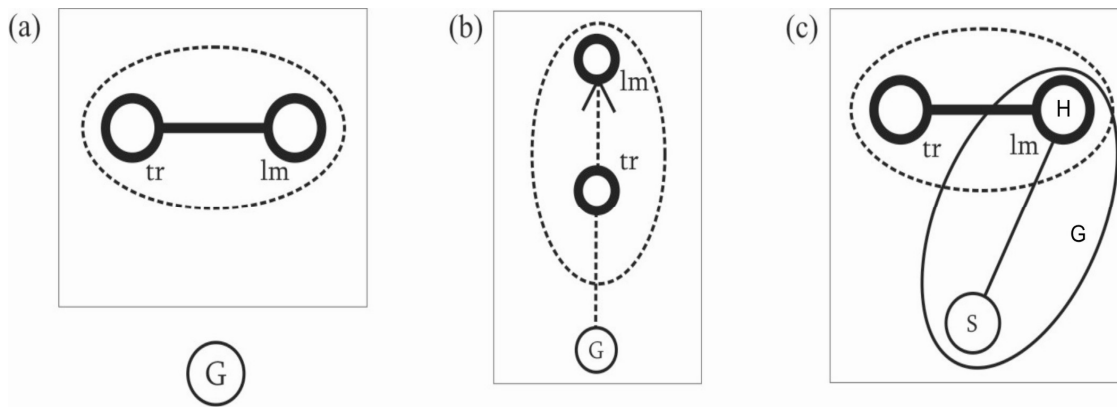


Diagrama 4: Configuração de construções objetivas e subjetivas

Para a presente análise interessa-nos o ancoramento de orações finitas, ou *clausal “grounding”*, na medida em que elas indicam o status de um processo perfilado com base em uma **concepção de realidade**, que pode coincidir com o mundo real ou pode apenas figurar no universo da crença do falante, por exemplo. Portanto, as categorias de **tempo** e **modalidade** são relevantes para o ancoramento dessas orações. No caso da categoria tempo, há duas possibilidades: o evento pertence à **realidade imediata**, que coincide com o “ground”, isto é, o processo designado coincide com o tempo de fala, representado pela categoria temporal de presente, ou o evento pertence à **realidade não-imediata** do conceptualizador, como é o caso de eventos que têm seu ancoramento no tempo verbal de passado. Processos ancorados em verbos modais, dentre eles o modal *will*, de futuro, não constituem realidade imediata, mas sim o julgamento ou avaliação por parte do falante que pode, este sim, ser imediato ou não face ao conteúdo expresso. O diagrama a seguir ilustra os diferentes níveis de realidade:

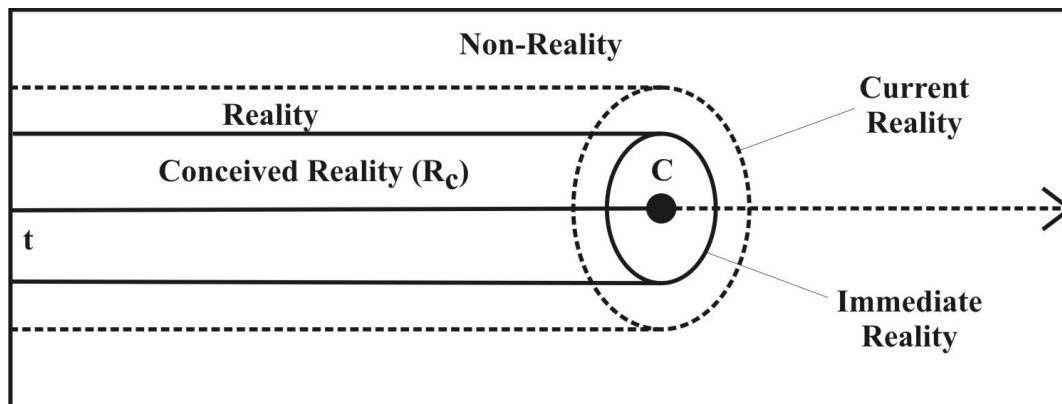


Diagrama 5: Configuração dos níveis de realidade

2.4.2.6 Perspectiva

Assim como a conceptualização de um evento comunicativo é a forma como se representa uma determinada cena, a organização, disposição ou “arranjo” dessa cena é a **perspectiva** assumida pelo falante para representá-la. O **ponto de vantagem** (“*vantage point*”) representa a localização real ou imaginária (projeção) do falante face à cena comunicativa, ou seja, de que ponto ou a partir de que perspectiva ele conceptualiza essa cena. Se falante e ouvinte se utilizarem de pontos distintos, suas perspectivas serão também distintas. Intimamente relacionados ao conceito de ponto de vantagem estão os conceitos de **subjetividade** e **objetividade**. Falante e ouvinte são considerados conceptualizadores ou “*viewers*” e, portanto, sujeitos da conceptualização, embora nem sempre eles “figurem” explicitamente nas expressões linguísticas produzidas na cena comunicativa. Sua presença está, assim, implícita. Quando um determinado evento é retratado de forma que o “*ground*” seja mantido externo à codificação, LANGACKER (1990) argumenta que o evento é construído com a máxima **subjetividade**. Porém, se a expressão linguística fizer alguma alusão ao conceptualizador, através de categorias gramaticais como advérbios de lugar (aqui, lá, etc) e advérbios de tempo (hoje, ontem, etc), por exemplo, o autor assume que a representação embora não chegue a ser objetiva, também não é totalmente subjetiva, já que o conceptualizador não está perfilado, mas se mantém como referência implícita. O objeto de atenção por parte dos conceptualizadores é construído com a máxima **objetividade** quando o “*ground*” está perfilado e se torna proeminente na cena comunicativa, tanto para o falante quanto para o interlocutor, isto é, ele se torna explícito nesse evento, como evidenciam os pronomes de 1ª e 2ª pessoas.

Os diagramas a seguir ilustram os dois tipos de configuração de um evento de fala, dependendo se ele é considerado maximamente objetivo (a) ou maximamente subjetivo (b):

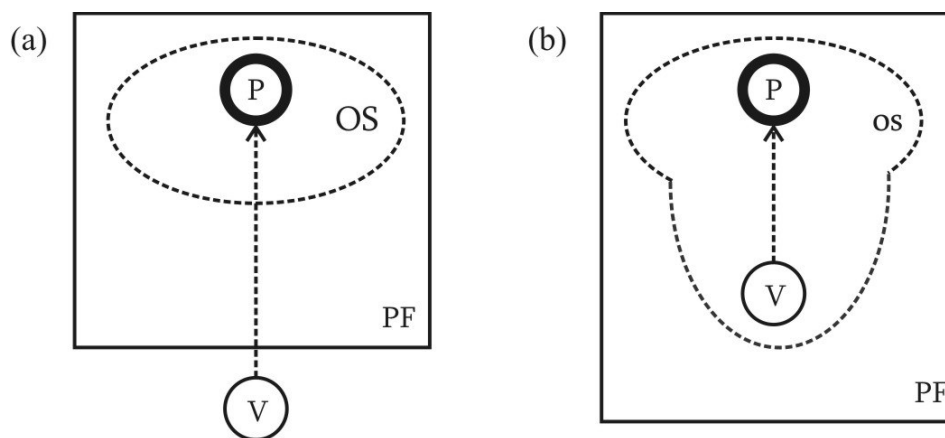


Diagrama 6: Configuração maximamente objetiva (a) e maximamente subjetiva (b)

Em ambos os casos V é o observador, P é o objeto percebido, as linhas pontilhadas representam a relação perfilada entre eles. PF representa o campo perceptual do observador e OS representa a “*onstage region*”, isto é, a cena objetiva, o foco geral de atenção.

Os exemplos a seguir ilustram essas duas configurações:

(46) Vanessa jumped across the table.⁴¹

(47) The new highway goes/runs/climbs from the valley floor to the senator’s mountain lodge.⁴²

O primeiro exemplo é considerado maximamente **objetivo**, pois o conceptualizador observa a cena e, assim, não faz parte dela. O movimento é perfilado pela preposição *across*, “Vanessa” é o *trajector* e “the table” é o *landmark*. Já no segundo exemplo, o movimento espacial por parte de um participante **objetivamente** construído, a rodovia, que é o *trajector*, é substituído por um movimento **subjetivo** (percurso mental) por parte do conceptualizador, o que torna essa construção maximamente **subjetiva**, pois o conceptualizador se projeta mentalmente na rodovia, ele não está efetivamente percorrendo a mesma, como faz o *trajector*, o conceptualizador está totalmente implícito.

2.4.2.7. Subjetificação

Embora reconheça alguns aspectos relevantes do fenômeno da subjetificação propostos por SWEETSER (1984, 1987), TRAUGOTT (1982, 1986, 1988), TRAUGOTT e DASHER (1987), BYBEE (1988), BYBEE e PAGLIUCA (1985), que são a mudança de um domínio concreto para um mais abstrato, a perda de especificidade para uma aplicação a um gama mais ampla de contextos e a mudança de um significado proposicional para um significado textual ou mesmo a mudança de uma descrição de uma situação externa para aspectos avaliativos, perceptuais ou cognitivos de uma situação interna, Langacker defende que a subjetificação reflete também uma mudança de uma orientação mais objetiva sobre um determinado evento para uma orientação mais subjetiva, isto é, ocorre um realinhamento do eixo objetivo para o eixo subjetivo na conceptualização de um determinado evento. Graficamente, o processo poderia ser representado da seguinte forma:

⁴¹ Vanessa pulou por sobre a mesa.

⁴² A nova rodovia vai/corre/sobe do fundo do vale até a cabana do senador.

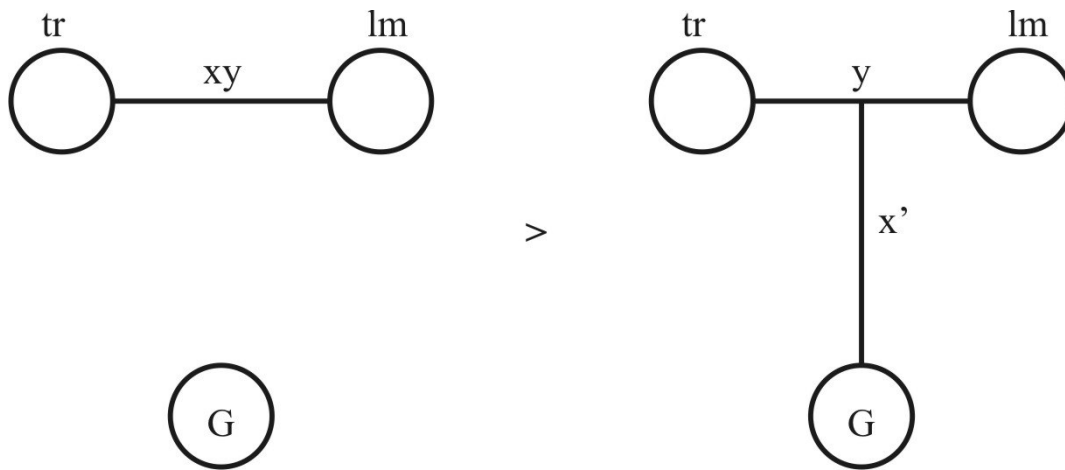


Diagrama 7: Configuração do processo de subjetificação segundo Langacker

O primeiro esquema demonstra a relação entre X e Y construída objetivamente por falante e ouvinte. O “ground” não é invocado como um participante da cena ou ponto de referência. No segundo esquema, o “ground” está parcialmente projetado na cena já que, do ponto de vista da conceptualização do evento, há uma referência a um participante ou ponto de referência. Em termos de exemplos, Langacker argumenta que as sentenças a seguir diferem entre si em termos do grau de subjetividade que a preposição “across” assume nas duas construções:

(48) Vanessa jumped across the table.⁴³

(49) Vanessa is sitting across the table from Verônica.⁴⁴

No primeiro caso, a preposição perfila uma relação atemporal simples entre *trajector* (Vanessa) e *landmark* (the table), construída objetivamente pelo conceptualizador que observa a cena e não é parte dela (o que ele denomina “ground”), enquanto que no segundo caso, a preposição *across* perfila o movimento subjetivo do conceptualizador na localização do *trajector* (Vanessa) com relação ao *landmark* (the table) a partir de um ponto de referência R (Verônica). Segundo Langacker, esse movimento ou percurso mental realizado pelo conceptualizador é evidência do realinhamento da relação entre *trajector* e *landmark* ao longo do eixo subjetivo, ou seja, ocorre uma subjetificação do sentido da preposição *across*: a partir de seu sentido de percurso espacial ela assume o sentido de percurso mental.

Um segundo tipo de subjetificação proposto por Langacker diz respeito à referência explícita ou implícita ao evento de fala e seus participantes, situados temporal e espacialmente (“ground”), que pode ser evidenciada pelos exemplos que se seguem:

(50) Vanessa is sitting across the table from me.⁴⁵

⁴³Vanessa pulou por sobre a mesa.

⁴⁴ Vanessa está sentada em frente a Verônica

(51) Vanessa is sitting across the table.⁴⁶

No primeiro exemplo, o falante é o ponto de referência, que é tornado explícito no evento de fala pelo pronome “me”. Já no segundo exemplo, embora o falante também seja o ponto de referência, já que ele relata a cena a partir de sua perspectiva, tal referência é tomada como implícita, pois em nível lexico-sintático não há qualquer referência explícita ao falante.

O diagrama a seguir ilustra os exemplos acima:

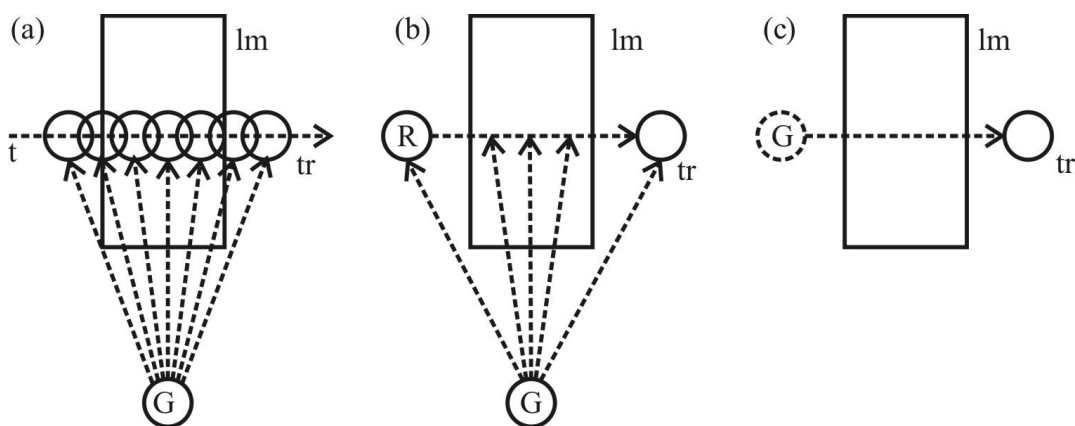


Diagrama 8: Configuração dos dois tipos de subjetificação

A figura (a) corresponde à configuração do exemplo (48), em que a preposição “across” sinaliza a construção da cena de forma objetiva pelo conceptualizador enquanto que a figura (b) ilustra a perspectiva construída subjetivamente pelo conceptualizador a partir de um ponto de referência como no exemplo (49). Já a figura (c) corresponde ao segundo tipo de subjetificação que consiste em equacionar o ponto de referência com o “ground”, como no exemplo (51).

2.4.3. A proposta de Verhagen

2.4.3.1. Subjetividade, intersubjetividade, objetividade

VERHAGEN (2005) observa, seguindo a linha dos trabalhos de TOMASELLO (1999, 2003), que a espécie humana é a única capaz de assumir a perspectiva de outras pessoas, diferentemente dos demais animais, inclusive primatas. Ele enfatiza ainda que a capacidade da espécie humana em se identificar com seus pares é fundamental para a vida e cultura

⁴⁵ Vanessa está sentada em frente a mim.

humanas, de forma geral, e que tal capacidade deve se refletir também na codificação e interpretação de símbolos linguísticos. Verhagen postula, então, que a semântica e a sintaxe da língua podem ser compreendidas a partir do “recorte” de um determinado conteúdo face aos pontos de vista assumidos pelos interlocutores. Em outras palavras, aspectos semânticos e sintáticos podem ser compreendidos a partir da compreensão de mecanismos ou operações cognitivas realizadas pelos falantes, como, por exemplo, a tomada de **perspectiva**.

A habilidade de perceber a si próprio e os outros como agentes intencionais caracteriza, na sua visão, o conceito de **subjatividade**. No entanto, segundo Verhagen, esse é um conceito complexo, pois (i) implica na conceptualização de um objeto por parte de um sujeito, incorporando a idéia de que os pensamentos e crenças desse falante podem diferir do mundo real e se opondo, assim, ao conceito de **objetividade**; (ii) remete a um ponto de vista por parte do falante que é distinto dos demais, no sentido de ser pessoal e não compartilhado, como no caso de crenças e opiniões. Esse segundo aspecto diz respeito ao que Verhagen denomina **intersubjetividade**: a coordenação mútua ou comunicação de sistemas cognitivos, isto é, a interação entre falante e interlocutor com base em seus respectivos sistemas cognitivos que se encontram alinhados.

Seguindo a abordagem de **construto linguístico** proposta por Langacker em seus trabalhos (LANGACKER, 1987, 2005), Verhagen aponta para dois tipos básicos de perspectivização da cena comunicativa (*viewing arrangement*) nos moldes desenvolvidos por Langacker: um, apoiado no **sujeito da conceptualização**, ou sujeitos da conceptualização, que expressa a **(inter)subjatividade** na representação linguística de um evento, e outro, apoiado no **objeto da conceptualização**, o que caracteriza a **objetividade** na representação do evento em nível linguístico. Verhagen corrobora o modelo de Langacker ao dizer que nem todas as expressões linguísticas precisam *necessariamente e explicitamente* fazer alusão a esse construto, no sentido de que as expressões podem indicar *implicitamente* a relação que está sendo construída por uma determinada representação de um evento comunicativo. Assim, um determinado evento pode ser representado de forma **maximamente subjetiva** ou **maximamente objetiva**. Os diagramas (9) e (10), a seguir, ilustram esses dois tipos de configuração mental propostos por Verhagen:

⁴⁶ Vanessa está sentada do outro lado da mesa.

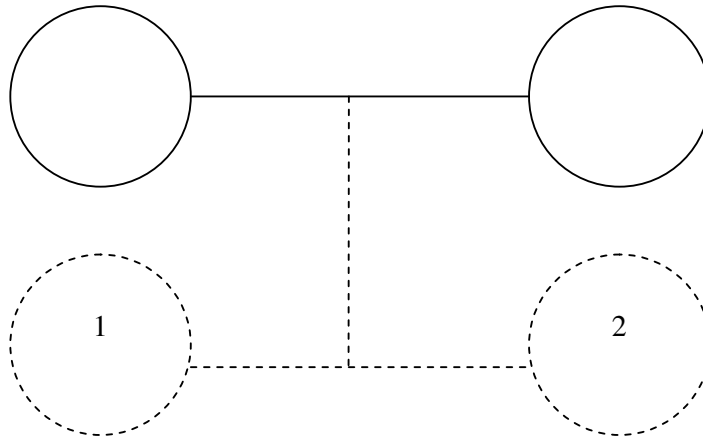


Diagrama 9: Configuração de expressões maximamente “objetivas”

Na configuração maximamente objetiva, representada no diagrama acima, os sujeitos da conceptualização 1 e 2 (respectivamente, falante e ouvinte) mantêm-se implícitos. As linhas pontilhadas significam que o “ground”, embora sempre presente, não está sendo sinalizado nas expressões particulares representadas pela configuração objetiva, como no casos de nomes e verbos considerados isoladamente.

A situação inversa ocorre na configuração maximamente subjetiva:

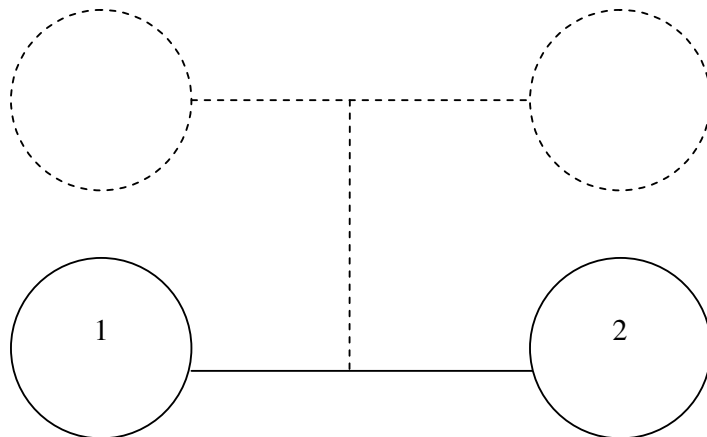


Diagrama 10: Configuração de expressões maximamente “subjetivas”

A configuração acima representa expressões que perfilam apenas elementos do “ground” e/ou a relação entre eles, mas nenhuma faceta do objeto. As interjeições, por exemplo, são puramente subjetivas (ex: olá (cumprimento); ei! (chamado), etc).

Para ilustrar esse tipo de relação intersubjetiva, alguns exemplos oferecidos são:

(52) The debate promises to be exciting.⁴⁷

(53) He promises to defend the constitution.⁴⁸

Segundo Verhagen, no primeiro caso, o verbo “prometer” expressa um julgamento epistêmico positivo sobre o evento feito pelo falante, enquanto que, no segundo caso, o verbo descreve a existência de alguém realizando uma promessa. Assim, no primeiro exemplo, Verhagen considera a construção subjetiva, pois ela se situa no nível da intersubjetividade, isto é, envolve os sujeitos da conceptualização, falante e ouvinte, embora não *explicitamente* expressos na sentença, ou seja, na expressão linguística, em uma perspectiva avaliativa do evento; enquanto que, no segundo caso, a construção é considerada como objetiva, pois focaliza um aspecto do objeto da conceptualização, a defesa da constituição (elemento focalizado) durante o debate (objeto da conceptualização).

2.4.3.2 Negação e perspectivização

Verhagen defende ainda a visão de que o uso da língua não se presta apenas a propósitos informativos, mas também argumentativos, na concepção de ANSCOMBRE e DUCROT (1989), no sentido de que as pessoas usam a língua para “influenciar” o outro, seus pensamentos, atitudes e comportamento e, em contrapartida, para responder a essas influências. Ele desenvolve, a partir daí, o conceito de **argumentatividade**, como sendo a capacidade que as pessoas têm em se “coordenarem” cognitivamente umas com as outras a partir do uso que fazem da língua na interação comunicativa, ou seja, no fluxo discursivo, para induzir ou realizar inferências e criar um discurso coerente.

Em termos de negação, Verhagen argumenta que sua função primária nas línguas naturais deve ser compreendida primordialmente como a coordenação entre sujeitos cognitivos na medida em que o falante se situa face a outras perspectivas ou pontos de vista. A relação não é, então, meramente entre língua e mundo ou entre o usuário dessa língua e o universo ao seu redor. Ao entender o recurso da negação como uma operação entre sujeitos, ou seja, entre conceptualizadores, Verhagen sinaliza mais uma vez, para o caráter intersubjetivo dessa operação, refutando, assim, o caráter objetivista que a negação tem recebido em análises semânticas tradicionais e aponta evidências disso, a partir da análise que faz de operadores argumentativos como “*barely*” e “*almost*”, por exemplo. Segundo Verhagen, o operador “*barely*” funciona linguisticamente como uma negação, embora em nível discursivo, no qual se verifica o caráter intersubjetivo da significação, ele assumo caráter

⁴⁷ O debate promete ser emocionante.

⁴⁸ Ele promete defender a constituição.

positivo. O operador “*almost*”, por sua vez, embora semanticamente positivo, pode assumir caráter negativo, se aproximando assim do conceito de negação que é a não aplicabilidade de um determinado predicado. Vejamos alguns de seus exemplos:

(54) He barely passed. (=He passed)⁴⁹

(55) He almost reached Denver. (=He did not reach Denver)⁵⁰

No caso das construções completivas epistêmicas, postularemos que a ocorrência de construções negativas na oração matriz irá sinalizar perspectiva intersubjetiva na medida em que ela revela, discursivamente, um processo de não-alinhamento com a perspectiva que se encontra ativada ou que é presumida pelos participantes.

2.4.4 A proposta de Nuyts

NUYTS (2001) concebe a **subjetividade** como um conceito atrelado à **evidencialidade** de expressões epistêmicas que incluem advérbios modalizadores, como em “*John probably made it to the bakery before closing time*” (“*John provavelmente conseguiu chegar à padaria antes de fechar*”), adjetivos modalizadores, como em “*It is probable that John made it to the bakery before closing time*” (“*É provável que John conseguiu chegar à padaria antes de fechar*”), bem como verbos epistêmicos, como em “*I think John made it to the bakery before closing time*” (“*Eu acho que o John conseguiu chegar à padaria antes de fechar*”) e verbos modais, como em “*John may have made it to the bakery before closing time*” (“*John pode ter conseguido chegar à padaria antes de fechar*”).

Segundo sua visão, a subjetividade está relacionada à maior ou menor evidência de que o falante dispõe para realizar seu julgamento epistêmico. A partir da díade subjetividade/objetividade proposta inicialmente por LYONS (1977), o autor reanalisa estes conceitos em uma polaridade subjetividade/não-subjetividade, que vai evoluir para a díade **subjetividade/intersubjetividade**. Nuyts argumenta que a diferença que caracteriza estes dois pólos reside no domínio evidencial e não no domínio epistêmico. Assim, quando a evidência de um determinado evento está disponível apenas para o falante, o autor vai caracterizar o julgamento epistêmico por parte deste como baseado em aspectos de **subjetividade**, enquanto que evidência disponível para um grupo maior de pessoas vai caracterizar julgamento epistêmico baseado em aspectos de **intersubjetividade**.

No que diz respeito aos verbos epistêmicos, Nuyts observa que eles já expressam subjetividade por si, visto que ocorrem em contextos em que o falante “*verbaliza opiniões*

⁴⁹ Ele mal passou. (Ele passou)

⁵⁰ Ele quase alcançou Denver. (Ele não chegou a Denver)

peçoais, muito frequentemente sobre tópicos no domínio de experiências ou preocupações estritamente individuais, ou também em contextos que envolvem antagonismo entre a visão do falante e a do ouvinte” (2001: 391) e o autor considera esses verbos como recursos atenuadores ou anguladores (“hedges”), conforme observam também TRAUGOTT e DASHER (2005). A subjetividade, na visão deste autor, “envolve a indicação por parte do falante de que só ele sabe (ou tem acesso) à evidência e tira conclusões a partir dela” (2001: 393), enquanto que a intersubjetividade “envolve a indicação por parte do falante de que a evidência é conhecida (ou pode ser acessada) por um grupo maior de pessoas que compartilham a mesma conclusão baseada nesta evidência.” (2001: 393) Vejamos alguns de seus exemplos:

(56) ...but I think that also in believing there are ups and downs, because to me believing has everything to do with life and vice-versa.⁵¹

(57) Now that I contradict very fundamentally. You could organize a thousand meetings with those who are against it. You wouldn't at all change their saying “not here”. I think you have to see that.⁵²

(58) I think now I have to say something after all worthy colleague.⁵³

Segundo Nuyts, o exemplo (56) expressa experiência pessoal, cuja evidência está disponível apenas para o falante e não é compartilhada pelas pessoas. Caracteriza-se, então, a subjetividade. Já o exemplo (57) expressa o antagonismo discursivo que se constitui em um aspecto da intersubjetividade, isto é, a visão do falante em oposição à do seu interlocutor. E, finalmente, o exemplo (58) se caracteriza pelo uso do verbo epistêmico como “atenuador” ou “angulador” discursivo que, mais uma vez, se constitui em um aspecto da intersubjetividade, na medida em que envolve atenção ao ouvinte.

Nuyts conclui, então, que a (inter)subjetividade se verifica tanto em contextos interacionais, como em entrevistas e debates, em que o falante formula uma hipótese “*on the spot*” (“*in loco*”) em resposta imediata a circunstâncias inesperadas ou em uma situação de contraste entre falante e ouvinte, que não compartilham a mesma informação, quanto em contextos descritivos e preferencialmente escritos, como notícias e relatos de pesquisas em que o autor apresenta visões que foram consideradas anteriormente por si próprio e por outros.

⁵¹ ...mas eu acho que também na crença existem altos e baixos, porque para mim acreditar tem tudo a ver com viver e vice-versa.

⁵² Agora a isso eu me oponho fortemente. Você poderia organizar mil encontros com aqueles que são contra isso. Você de forma alguma evitaria que eles dissessem “Não aqui.” Eu acho [que] você tem de entender isso.

⁵³ Eu acho [que] agora eu tenho de dizer algo sobre todos os colegas de valor.

2.5 A integração entre as propostas de Langacker, Traugott e Dasher, Verhagen e Nuyts

As propostas apresentadas até agora focalizam o fenômeno da (inter)subjetividade e da objetividade sob prismas um pouco diferentes entre si, embora apresentem alguns pontos em comum. TRAUGOTT e DASHER (2005) observam que a maior parte dos trabalhos sobre subjetividade e objetividade associam esses conceitos à estrutura linguística; da mesma forma, as análises em termos de intersubjetividade focalizam a atenção ao interlocutor e a codificação desse processo na expressão linguística. Na visão desses autores, a subjetividade “*codifica de forma explícita o ponto de vista do falante/escritor, por exemplo, através da deixis, da modalidade e da marcação de estratégias discursivas*” (2005:21). A intersubjetividade, por sua vez, é a “*expressão explícita, codificada, da atenção do falante/escritor à imagem ou ego do ouvinte/leitor em uma perspectiva social ou epistêmica*” (2005: 22). No entanto, eles continuam, nem toda expressão que faz referência à segunda pessoa pode ser interpretada como sendo intersubjetiva. Conforme observam Traugott e Dasher, “*I will take you to school*” (“*Vou levar você à escola*”), não indica atenção à imagem do interlocutor, mas os pronomes “*I*” e “*You*” estão ancorados na perspectiva do falante e por seu valor dêitico exibem subjetividade. Por outro lado, “*Actually, I will take you to school*” (“*Na verdade, vou levar você à escola*”), assume valor intersubjetivo, pois “*actually*” faz alusão à atitude do falante face ao seu interlocutor, provavelmente em resposta a algo expresso por parte deste.

Traugott e Dasher concluem que os fenômenos de (inter)subjetividade e objetividade estão relacionados à díade falante/escritor-ouvinte/leitor em termos de propósitos discursivos e comunicativos e não só à perspectiva cognitiva implícita de conceptualização de eventos e enfatizam que ambos os fenômenos de subjetividade e intersubjetividade estão codificados de forma explícita na expressão linguística.

No entanto, existem aspectos discursivos que só podem ser compreendidos de forma *parcialmente* implícita, nos moldes defendidos por Langacker, para o que ele chama de “*ground*” (o evento de fala, seus participantes, a situação espacial e temporal do evento, entre outros). A maior evidência disso está no aspecto dêitico implícito das construções de presente, que têm a ver com a perspectivização do evento com base no tempo e espaço concebidos pelo falante na perspectivização do evento (o aqui e agora do falante). Pelo menos parte do significado é construído, então, a partir do que não está *dito*, ou não está *explícito* na expressão linguística, mas que é concebido cognitivamente e contextualmente.

Langacker argumenta que há uma diferença entre o que ele chama de referência *explícita* ao falante, como no caso da codificação deste na expressão linguística, por exemplo, na expressão “*close to me*” (“*perto de mim*”), que situa *explicitamente* o objeto próximo ao falante, do caso do pronome demonstrativo “*this*” (“*este, esta, isto*”), que somente *implicitamente*, em nível contextual, faz alusão ao falante ao situar o objeto próximo a ele. De qualquer forma, ele reconhece que no primeiro caso o falante participa do “*ground*” de forma *explícita*, já que a sentença é construída fazendo alusão clara ao falante. No segundo caso, porém, o falante está projetado apenas *parcialmente* no “*ground*”, já que a expressão linguística não faz referência direta a ele.

A principal diferença entre as propostas de TRAUGOTT e DASHER (2005) e LANGACKER (1990) parece residir nos elementos aos quais os termos (inter)subjetividade e subjetificação se referem. Traugott e Dasher utilizam esses termos para se referirem à **forma linguística**. Os autores pretendem avaliar, portanto, o grau de (inter)subjetividade e subjetificação das expressões linguísticas em si. Já Langacker utiliza os mesmos termos para tratar da **atitude do falante** que, segundo ele, pode ser mais ou menos subjetiva. Sendo assim, uma atitude mais subjetiva, em que o falante se mantenha totalmente implícito, estará necessariamente atrelada a uma forma linguística mais objetiva; enquanto que uma atitude mais objetiva, em que o falante promova o perfilamento de elementos do “*ground*”, estará associada a expressões linguísticas mais subjetivas. Apesar das diferenças de aplicação dos termos, no que se refere à codificação linguística, os autores concordam: o que Traugott e Dasher consideram mais subjetivo linguisticamente, Langacker reconhece como marca linguística referente ao “*ground*”. Só que, ao invés de tratar do fenômeno da codificação a partir dos termos subjetividade/objetividade, trata-o como objetificação do “*ground*” na forma linguística, reservando os termos subjetividade/objetividade para tratar da atitude do falante.

Em termos de subjetificação, FERRARI e SWEETSER (2007) propõem uma unificação entre os conceitos propostos por Traugott e Dasher e Langacker no sentido de que ambos apontam para a subjetificação como um processo de adição de conteúdo semântico às estruturas linguísticas, tornando-as cada vez mais subjetivas ou *subjetificadas*. Embora Traugott e Dasher façam sua análise a partir do processo de mudança semântica que leva em conta aspectos diacrônicos e Langacker, por sua vez, analise a questão sob um prisma sincrônico, ambos apresentam um ponto comum: esse processo se verifica por um ancoramento cada vez maior nos participantes da cena comunicativa, falante e ouvinte, que se encontram *implícitos* ao evento de fala.

A análise de Ferrari e Sweetser se baseia no modelo da Teoria dos Espaços Mentais e postula que a subjetificação é a adição de conteúdo semântico a uma estrutura conceptual hierarquicamente mais elevada, que se situa acima do espaço que se encontra em foco na interação comunicativa. Para ilustrar sua análise, as autoras analisam o nível de (inter)subjetividade expresso pelos artigos definidos em contraposição aos pronomes demonstrativos, mostrando que os primeiros são mais (inter)subjetivos pois se ancoram de forma mais acentuada no universo conceptual de falante e ouvinte, já que pressupõem acesso ao referente por parte de ambos os interlocutores, sem que haja, no entanto, qualquer referência linguística *explícita* a esses. Os pronomes demonstrativos, embora reconhecidamente também (inter)subjetivos, pois *implicitamente* tomam como referência falante e ouvinte, não exibem o mesmo nível de ancoramento na rede conceptual de ambos os interlocutores. Um outro caso analisado por Ferrari e Sweetser é o caso da expressão “*God be with you*”, que originalmente expressava o voto do falante em relação ao ouvinte em situações de partida e que evoluiu para “*Good-bye*”. Com a convencionalização da inferência de que essa expressão era usada em situações de partida, o sentido original de voto positivo passou a integrar também a marca de partida, através da expressão “good-bye” que só de forma *implícita* faz alusão ao falante, ao ouvinte e às circunstâncias do evento de fala, isto é, ao “*ground*”, na concepção proposta por Langacker.

VERHAGEN (2005), por sua vez, apresenta pontos comuns às abordagens de Traugott e Dasher e Langacker na medida em que assume que expressões como cumprimentos (“*Hi!*”), desculpas (“*Sorry!*”), vocativos (“*Hey!*”), são puramente subjetivas, já que invocam *implicitamente* o “*ground*”, conforme postula Langacker, assim como marcadores de perspectiva epistêmica (“*probably*”) e expressões avaliativas (“*unfortunately*”) têm sua carga de (inter)subjetividade codificada *explicitamente* nessas expressões, como defendem Traugott e Dasher com relação aos marcadores discursivos, na medida em que funcionam como elementos sinalizadores de uma perspectiva em atenção a uma perspectiva já ativada no discurso.

Embora Langacker focalize o sujeito da conceptualização e faça pouca referência ao interlocutor, é evidente que seu modelo leva em conta os demais participantes da cena comunicativa já que ele define “*ground*” como sendo o evento de fala, seus participantes e as circunstâncias imediatas da interação, como tempo e espaço. Verhagen, por sua vez, compreende o evento de fala como um construto que envolve dois participantes cognitivamente coordenados entre si, mas frequentemente implícitos à cena, que são capazes de construir um determinado evento a partir da perspectiva de um conceptualizador, que de

forma implícita ou explícita, convida o seu interlocutor para que assuma essa perspectiva face ao objeto conceptualizado.

Embora Nuyts não defina seus conceitos de subjetividade e intersubjetividade em termos de aspectos explícitos ou implícitos ao evento, seus exemplos parecem apontar para a moldura comunicativa em que o evento se insere, isto é, ao “*ground*” na concepção de Langacker, visto que Nuyts atrela a (inter)subjetividade a contextos interacionais e descritivos e à maior ou menor evidência disponível para o julgamento epistêmico por parte do falante. A sua leitura mais subjetiva ou intersubjetiva de um determinado evento tem relação com aspectos de ordem discursivo-pragmática, que se situam implícitamente à forma linguística.

Conjugando as propostas de Langacker, Verhagen, Traugott e Dasher e Nuyts, adotaremos, neste trabalho, os termos subjetividade e intersubjetividade para indicar a codificação linguística do “*ground*”, tanto em termos explícitos (como apontam Traugott e Dasher), mas também em termos implícitos (como defendem Langacker e Verhagen). Sendo assim, é possível propor que as construções epistêmicas analisadas no presente trabalho codificam, ao mesmo tempo, subjetividade e intersubjetividade. Vejamos:

(i) quanto à sinalização de processos epistêmicos no nível sentencial, as construções epistêmicas (*I think that/Ø it's interesting*) podem ser consideradas **mais subjetivas**, e suas contrapartes formadas por orações independentes **mais objetivas** (*It's interesting*). As primeiras perfilam elementos do “*ground*” (em geral, falante/ouvinte), enquanto as últimas mantêm a referência ao falante/ouvinte fora do escopo da predicação;

(ii) quanto à sinalização de processos epistêmicos no nível discursivo, como ficará claro nos capítulos dedicados à análise, tanto as construções simples (sem complementizador) quanto as construções complexas (com complementizador) fazem referência implícita à conjunção ou disjunção cognitiva da perspectiva do falante em relação à perspectiva de seus interlocutores. Nesse sentido, as construções epistêmicas não só são **mais subjetivas** do que suas contrapartes independentes, mas, principalmente, **mais intersubjetivas**.

2.6 A função das orações completivas

As orações completivas têm sido objeto de análise de diferentes linhas de pesquisa em linguística na tentativa de (i) explicar o seu papel discursivo face às orações simples, isto é, o que constitui a diferença em termos discursivos entre o uso de orações simples e completivas para expressar um determinado conteúdo; e (ii) explicar a relação de (in)dependência entre a oração “dita” matriz e a oração “dita” subordinada.

Na visão de PALMER (1986), muitas das orações subordinadas, principalmente aquelas que funcionam como objeto direto, como é o caso das orações completivas epistêmicas, “*reportam as atitudes e opiniões dos sujeitos das orações principais, que são apresentados como os falantes que expressaram, ou podem ser considerados como tendo expresso, algum tipo de modalidade*” (1986:126). Vejamos alguns exemplos:

(59) He concluded that she was there.⁵⁴

(60) He urged her to be there.⁵⁵

Nos exemplos acima, a oração principal expressa um processo dedutivo sobre o conteúdo da oração subordinada no primeiro caso e um pedido no segundo, isto é, a função da construção epistêmica pode se verificar no plano epistêmico ou performativo.

Além disso, Palmer observa que os verbos preenchidos na 1ª pessoa, quando falante e sujeito coincidem, podem ser usados para expressar algum tipo de performatividade, como quando se indica (e não se reporta) as atitudes e opiniões do falante, segundo os exemplos a seguir:

(61) I think he’s there.⁵⁶

(62) I urge you to come.⁵⁷

Uma observação final relevante no que diz respeito às orações completivas na visão de Palmer é de que as sentenças declarativas contidas nas orações subordinadas se limitam tão somente a apresentar a proposição, não podendo ser caracterizadas como sinalizadoras de modalidade. A modalidade, para ele, está no preenchimento do verbo da oração principal.

TOMASELLO (2003, 2005) ao discutir a aquisição de construções complexas por parte da criança, observa que a maior ou menor integração entre as sentenças serve a propósitos discursivos variados, que vão desde a expressão de atitudes ou opiniões por parte do falante, como no caso dos complementos finitos em oposição aos não-finitos (ditos *sentenciais*), passando pela explicitação de referentes nas orações classificadas como *adjetivas*, até a indicação de relações espaço-temporais e causais nas orações denominadas *adverbiais*. Em termos de aquisição dessas construções complexas, Tomasello observa que a criança tende a adquirir primeiro as construções que expressam atitudes psicológicas que sinalizam (i) intenção, desejo, compulsão (querer V, tentar V, ter de V) e (ii) percepção, crença (achar que P, saber que P, ver se P). Em segundo lugar, vêm as construções identificacionais do tipo “*That’s the doggie that barks all the time*” (“*Esse é o cachorrinho que late o tempo todo*”) e em terceiro lugar, estão as orações com menor ligação entre si, do

⁵⁴ Ele concluiu que ela estava lá.

⁵⁵ Ele implorou [para] ela estar lá.

⁵⁶ Eu acho [que] ele está lá.

tipo “*If X then Y*” ou “*X because of Y*”. No caso específico das construções com complementos sentenciais, Tomasello observa que os verbos da oração matriz, tais como “*to think, to know, to believe e to say*” se assemelham aos verbos modais epistêmicos no sentido de que expressam certeza, percepção, conhecimento. No entanto, como ele mesmo observa, esses verbos são flexionados e não se encaixam, então, na categorização de verbos modais em inglês. Segundo estudos de DIESSEL e TOMASELLO (2001), as crianças tendem a utilizar esses verbos em expressões curtas e formulaicas do tipo “*I think P*” ou “*I know P*” que são sempre na primeira pessoa, no presente simples, na forma afirmativa, com o intuito de expressar uma atitude quanto ao conteúdo da outra oração ou chamar a atenção do ouvinte sobre esse conteúdo. Eles concluem, então, que os primeiros enunciados das crianças com os verbos “*to think*” e “*to know*” seguidos de uma proposição não são construções completivas típicas, mas sim construções mais simples em que esses verbos funcionam como um marcador discursivo de atitude epistêmica nos moldes defendidos por THOMPSON e MULAC (1991) e que esse uso se aproxima muito do uso que as crianças fazem dos verbos modais para marcar proposições.

Com relação a esses verbos, Tomasello observa ainda que seu uso em construções epistêmicas do tipo “*He thinks that P*”, que sinalizam conhecimento ou crença, só pode ser compreendido pelas crianças por volta de 4 a 5 anos de idade. No curso do desenvolvimento cognitivo, as construções finitas, que expressam intenção e vontade, são adquiridas primeiro, por volta de 2 anos de idade. Segundo Tomasello, isso se explica pelo fato de as construções finitas estarem mais sintaticamente integradas entre si, serem cognitivamente mais facilmente compreensíveis, servirem a propósitos de intencionalidade e vontade, de vital importância para a criança, e serem mais frequentemente ouvidas por ela.

Ao reconhecer que as crianças tendem a desenvolver sua aquisição de construções complexas a partir de construções mais simples, Tomasello observa que esse processo de “maturação” cognitiva e de gradual domínio de estruturas complexas propicia também o desenvolvimento gradual de habilidades comunicativas e discursivas como a capacidade de leitura de intenções e a tomada de perspectiva na interação com o outro.

LANGACKER (2008), por sua vez, argumenta que as construções complexas, tradicionalmente denominadas de “subordinadas”, contêm uma proposição “embutida” na oração principal ou matriz, o que faz da oração encaixada, segundo a terminologia tradicional, um constituinte interno da oração matriz. No entanto, como observa Langacker, essa relação de subordinação deve ser entendida do ponto de vista conceptual, no sentido de que a oração

⁵⁷ Eu imploro a você [para] vir.

erroneamente chamada de “principal” nada mais é do que a expressão de uma configuração mental sobre o conteúdo expresso na oração dita “subordinada”, isto é, a oração matriz expressa a perspectiva sob a qual a proposição contida na oração subordinada vai ser expressa. Langacker se utiliza de alguns exemplos para mostrar como, do ponto de vista discursivo, a oração subordinada adquire mais relevância que a oração principal. Nos exemplos a seguir, o conteúdo das orações subordinadas são mais informativos e coerentes entre si do que o das orações principais:

(63) There’s something [you simply have to know]. It seems[that Gerald’s trophy wife is really a transsexual].I suppose[they’ll get a divorce]. I’m telling you because[he’ll need a good lawyer].⁵⁸

(64a) You simply have to know. Gerald’s trophy wife is really a transsexual.They’ll get a divorce. He’ll need a good lawyer.⁵⁹

(64b) There’s something. It seems. I suppose. I’m telling you because...⁶⁰

Esses exemplos ilustram bem a inadequação da terminologia “oração principal” ou “matriz” para essas construções que na verdade servem, na visão de Langacker, para fornecer um enquadre para a informação real a ser introduzida na oração encaixada.

VERHAGEN (2005) também discute a função da oração principal no processo de significação das orações complexas. Segundo ele, o conteúdo da oração matriz vai sinalizar a perspectiva que vai ser tomada sobre o conteúdo da oração subordinada ou encaixada. Porém, Verhagen propõe uma visão intersubjetiva da sintaxe dessas orações que ele denomina de *complement- taking (CT) clauses*. O autor vai postular que a oração principal funciona como um mecanismo linguístico de que o falante dispõe para “*convidar o interlocutor a assumir uma determinada perspectiva sobre um objeto de conceptualização que está representado na oração encaixada*” (2005:79). Assim, na sua visão, a oração matriz tem o papel de indicar uma relação intersubjetiva entre falante e interlocutor, e não uma relação estritamente objetiva entre falante e objeto descrito. Nesse aspecto, como argumenta Verhagen, as construções completivas podem ser concebidas como um construto linguístico capaz de sinalizar operações cognitivas entre sujeitos, corroborando o argumento de Goldberg (1996, 2005) em favor de construções que estabelecem entre si uma estrita relação entre forma e significado e que são passíveis de serem categorizadas como pertencentes a uma mesma rede de

⁵⁸ “Há algo que [você simplesmente tem que saber]. Parece que [a mulher do Gerald é na verdade um transexual]. Eu suponho que [eles vão se divorciar]. Estou te contando porque [ele vai precisar de um bom advogado].”

⁵⁹ Você simplesmente tem que saber. A mulher do Gerald é na verdade um transexual. Eles vão se divorciar. Ele vai precisar de um bom advogado.”

⁶⁰ “Há algo que. Parece que. Eu suponho que. Estou contando a você porque...”

significação. O verbo da oração matriz, segundo Verhagen, “*funciona como um operador sobre a relação entre os conceptualizadores, permitindo ao falante/escritor sugerir vários graus de identificação com a perspectiva que é “colocada em cena”*” (2005:80). Assim, enunciados do tipo “*X thinks/promises/hopes that Y*” representam um determinado evento como objeto da conceptualização, mas podem ser tomados como uma instrução por parte do falante/escritor para que o ouvinte/leitor conceptualize Y de uma determinada forma. A construção completiva teria a função, então, de

instruir o ouvinte de um determinado enunciado a se coordenar cognitivamente –da forma como foi descrita na oração matriz – com um outro sujeito da conceptualização ao construir o objeto conceptualizado (este representado na oração subordinada). Vou denominar o conceptualizador que é explicitamente mencionado na oração matriz (o referente do sujeito do predicado matriz) o “conceptualizador explícito”, a fim de distinguir esta função daquelas de conceptualizadores que são inerentes ao “ground” na configuração desse construto. (2005:97-98)

Um outro aspecto relevante abordado por Verhagen diz respeito aos seus conceitos de **orientação argumentativa** e **força argumentativa**. Segundo o autor, esses dois conceitos aplicados às construções completivas revelam que as construções de 1ª pessoa e de 3ª pessoa apresentam a mesma orientação argumentativa, mas não a mesma força argumentativa. No caso do verbo *promise*, por exemplo, ele observa que os exemplos a seguir diferem nesse segundo aspecto:

(65) A: Can I be in Amsterdam before the match starts?

B1: I promise that I'll have the car at the door at 2 o'clock

B2: John promised that he'll have the car at the door at 2 o'clock.⁶¹

A primeira construção na 1ª pessoa do presente simples tem força argumentativa máxima, em um uso performativo do verbo em questão, enquanto que a construção de 3ª pessoa no passado simples tem força menor por sua relação entre o conceptualizador explícito (John) e o ouvinte ser indireta e ela apresentar, então, um uso descritivo do verbo de ato de fala.

No caso das construções completivas com oração principal de 1ª pessoa, a conceptualização explícita é minimamente distinta do “*ground*”, no sentido de que o falante coincide com o sujeito da conceptualização, e a expressão se refere à coordenação entre os conceptualizadores 1 e 2 de forma mais direta. O ouvinte está implícito ao evento de fala, mas

⁶¹ A: Eu consigo estar em Amsterdam antes de o jogo começar?
B1: E u prometo estar com o carro na porta às 2.

é convidado a assumir a perspectiva do conceptualizador explícito, nesse caso, o falante. A configuração abaixo ilustra esse caso:

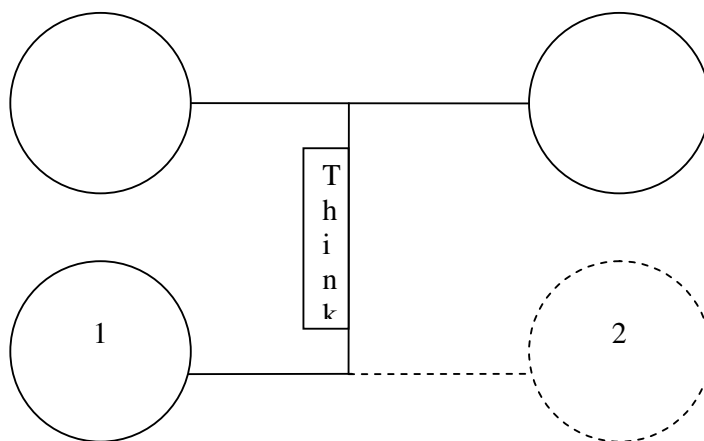


Diagrama 11: Configuração para perspectiva de 1ª pessoa

No caso de construções completivas com oração matriz de 3ª pessoa, Verhagen argumenta que sob uma abordagem de espaços mentais “*uma oração completiva com conceptualizador explícito de 3ª pessoa é um instrumento para incorporar elementos e estrutura do espaço mental deste conceptualizador ao espaço mental do falante/escritor e do interlocutor (1ª e 2ª pessoa)*” (2005:114). No caso do discurso indireto, o falante é responsável pela forma como o conteúdo vai ser expresso, mas há boas razões para se pensar que o que está sendo reportado se aproxima bastante do que o conceptualizador explícito realmente disse. O diagrama a seguir ilustra a configuração do discurso reportado. O conceptualizador 2 encontra-se implícito, tendo para com o conceptualizador 1 uma coordenação cognitiva de forma indireta, via conceptualizador explícito de 3ª pessoa. A perspectiva do falante (conceptualizador 1) pode diferir daquela que ele reporta

B2: John prometeu que estará com o carro na porta às 2.

(conceptualizador

explícito):

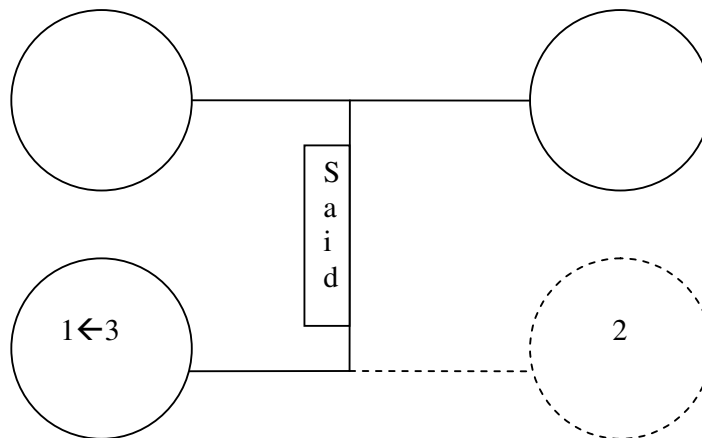


Diagrama 12: Configuração para perspectiva de 3ª pessoa

Já no caso de orações complexas com oração matriz de 2ª pessoa, como no caso das perguntas, Verhagen observa que a distância entre o conceptualizador explícito e o “ground” também é mínima, já que a pergunta é uma questão que se coloca para a mente do ouvinte. A pergunta “*Do you think...*” explicita qual das duas dimensões epistêmicas é relevante:

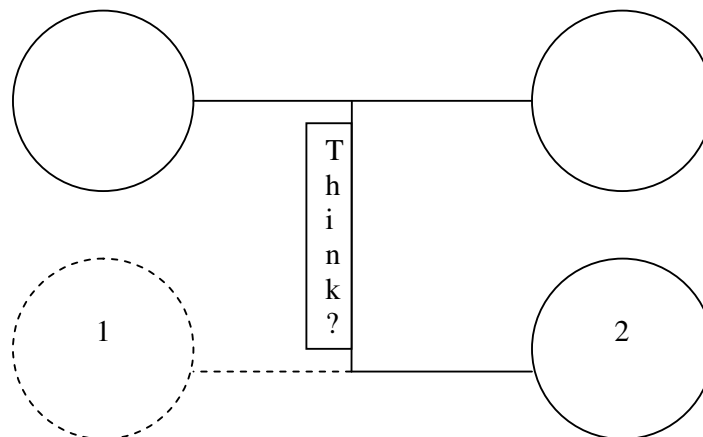


Diagrama 13: Configuração para a perspectiva de 2ª pessoa (perguntas)

Verhagen vai mais adiante ao discutir o nível de proeminência das duas orações: principal e encaixada. Segundo ele, não há razão para se considerar a oração subordinada menos proeminente do que a principal ou vice-versa. Ele postula que ambas têm relevância em termos comunicativos na medida em que a oração subordinada fornece uma *avaliação*

sobre um determinado objeto, enquanto que a oração matriz fornece uma *perspectiva epistêmica* sobre essa avaliação.

Nesse sentido, é possível pensar em construções complexas que sinalizam diferentes perspectivas sobre um mesmo evento ou conteúdo e que revelam aspectos de (inter)subjetividade que, por sua vez, só podem ser compreendidos discursivamente. É o que veremos mais adiante.

A abordagem desenvolvida no presente trabalho aproxima-se bastante da proposta de Verhagen, na medida em que ressalta o papel intersubjetivo das construções epistêmicas. Postularemos, de início, para essa análise, que as construções de 1ª pessoa indicam a perspectiva explícita do sujeito da conceptualização, e que as construções de 2ª pessoa indicam a perspectiva atribuída ao interlocutor, de forma explícita, pautada muitas vezes em conhecimento compartilhado ou presumido por parte do falante sobre o universo conceptual desse interlocutor. As construções de 3ª pessoa serão analisadas como sendo a perspectiva de terceiros, presumida ou compartilhada, com a qual o sujeito da conceptualização irá alinhar-se ou não, seja de forma explícita ou implícita. Entretanto, como ficará claro nos capítulos referentes à análise dos dados, trataremos a intersubjetividade não apenas como um convite do falante para que o ouvinte conceptualize o evento expresso na oração encaixada sob uma determinada perspectiva, mas argumentaremos também que a intersubjetividade se manifesta na relação entre o conteúdo da oração encaixada e o conteúdo de afirmações/perguntas estabelecidas anteriormente no discurso pelo interlocutor e/ou outros conceptualizadores acessados nos modelos cognitivos evocados.

2.6.1. O valor semântico dos verbos epistêmicos

Ao se tomar as orações complexas como um recurso discursivo de perspectivização de eventos comunicativos, torna-se necessário, então, discutir a contribuição semântica dos verbos que podem ocorrer nessas construções, visto que eles contribuem para o valor epistêmico que a construção carrega. Interessa-nos, pois, atrelar a ocorrência desses verbos epistêmicos aos processos discursivo-pragmáticos que vamos postular mais adiante para essas construções.

Verbos como “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to believe*” “*to find*” e “*to know*”, objeto de nossa análise, têm sido estudados por diferentes linguistas como verbos que apresentam níveis distintos de **factividade** e de **assertividade**. O conceito de **factividade** foi tomado por KIPARSKY e KIPARSKY (1971) como estando diretamente relacionado à pressuposição por parte do falante de que o complemento de uma oração complexa expressa

uma proposição verdadeira. Para distinguir entre verbos em que o falante pressupõe a verdade da proposição ou não, Kiparsky e Kiparsky propuseram uma distinção entre verbos factivos e não-factivos. No que tange às orações objetivas diretas, a classificação proposta por eles seria a seguinte:

Verbos factivos	Verbos não-factivos
Regret	Suppose
Be aware (of)	Assert
Grasp	Allege
Comprehend	Assume
Take into consideration	Claim
Take into account	Charge
Bear in mind	Maintain
Ignore	Believe
Make clear	Conclude
Mind	Conjecture
Forget (about)	Intimate
Deplore	Deem
Resent	Fancy
Care (about)	Figure

Tabela 1- Classificação dos verbos segundo KIPARSKY e KIPARSKY (1971)

Para ilustrar a diferença em termos de pressuposição, dois dos exemplos oferecidos por eles são:

(66) I regret that it is raining.⁶²

(67) I suppose that it is raining.⁶³

No primeiro caso, o verbo “*to regret*” sinaliza que o falante pressupõe a verdade da proposição, isto é, que está chovendo, e realiza uma asserção sobre essa proposição, enquanto que, no segundo caso, o verbo “*to suppose*” mostra que o falante não pressupõe a verdade da proposição, mas faz uma asserção sobre a verdade dessa proposição. Assim, Kiparsky e Kiparsky fazem uma distinção precisa entre (i) o que o falante assevera, direta ou indiretamente, como sendo verdade e (ii) o que o falante pressupõe como sendo verdade. Eles concluem, então, que a factividade depende de pressuposição e não de asserção. Em outras palavras, quando se nega a sentença (66), a pressuposição de chuva persiste embora a asserção seja negativa: “*I don’t regret that it is raining.*” (“*Eu não lamento que esteja chovendo*”). Por outro lado, quando se nega a sentença (67), “*I don’t suppose that it is*

⁶² Eu lamento que esteja chovendo.

⁶³ Eu suponho que esteja chovendo.

raining” (“*Eu não suponho que esteja chovendo*”), a asserção é negativa, e a pressuposição sequer existe.

Em termos de organização sintática, Kiparsky e Kiparsky argumentam que (i) somente verbos factivos aceitam como objetos o substantivo *fact* seguidos de uma oração gerundial ou do complementizador *that* (“*I want to make clear the fact that I don’t intend to participate*”/ “*Quero deixar claro o fato de que não tenho intenção de participar*”), (ii) formas gerundiais podem ser objeto de predicados factivos, mas não dos não-factivos (“*I regret having agreed to the proposal*”/ “*Lamento ter concordado com a proposta*”) e (iii) somente verbos não-factivos licenciam uma construção acusativa ou infinitiva (“*I believe Mary to have been the one who did it*”/ “*Acredito ter sido Mary a pessoa que fez isso*”)

A **assertividade**, por sua vez, é um conceito que está estritamente ligado ao de factividade, como vimos nos exemplos acima. Na concepção de HOOPER (1975), a assertividade é uma categoria que permite classificar os predicados pelo seu conteúdo semântico, embora ela reconheça que as classes encontradas não sejam totalmente simétricas entre si, mas formam um continuum. Assim, a assertividade reflete um ato, processo ou atitude mental com relação à verdade da proposição expressa na oração subordinada. A tabela a seguir ilustra a classificação proposta por Hooper:

		Nonfactive		
		Assertive		Nonassertive
Weak assertive		Strong assertive (a)	(b)	Nonegative
Think	Acknowledge	Insist	Agree	Be likely
Believe	Admit	Intimate	Be afraid	Be possible
Suppose	Affirm	Maintain	Be certain	Be probable
Expect	Allege	Mention	Be sure	Be conceivable
Imagine	Answer	Point out	Be clear	Negative
Guess	Argue	Predict	Be obvious	Be unlikely
Seem	Assert	Prophecy	Be evident	Be impossible
Appear	Assure	Postulate	Calculate	Be improbable
Figure	Certify	Remark	Decide	Be inconceivable
	Charge	Reply	Deduce	Doubt
	Claim	Report	Estimate	Deny
	Contend	Say	Hope	Neg + strong assertive
	Declare	State	Presume	
	Divulge	Suggest	Surmise	
	Emphasize	Swear	Suspect	
	Explain	Testify		
	Grant	Theorize		
	Guarantee	Verify		

Hint	Vow
Hypothesize	Write
Imply	
Indicate	

Factive	
Assertive (semifactive)	Nonassertive (true factive)
Find out	Regret
Discover	Resent
Know	Forget
Learn	Amuse
Note	Suffice
Notice	Bother
Observe	Make sense
Perceive	Care
Realize	Be odd
Recall	Be strange
Remember	Be interesting
Reveal	Be relevant
See	Be sorry
	Be exciting

Tabela 2 - Classificação de predicados em inglês segundo HOOPER (1975)

Hooper define asserção como sendo uma “*proposição declarativa ou alegação de verdade que, pelo menos em uma interpretação, pode ser assumida como a proposição semanticamente dominante no contexto discursivo*” (1975: 97). Algumas características sintáticas são apontadas pela autora para identificar uma asserção embutida em uma oração subordinada: (i) a capacidade de ter seu conteúdo anteposto (*complement preposing*), (ii) a capacidade de sofrer negação e (iii) a capacidade de sofrer interrogação. Segundo Hooper, todos os predicados assertivos, sejam eles fortes ou fracos, desde que não-factivos, podem sofrer anteposição de seu complemento, fazendo com que a oração principal assuma valor parentético, nos moldes defendidos por THOMPSON e MULAC (1991). Alguns de seus exemplos são:

(68) I think the wizard will deny your request.⁶⁴

(69) The wizard, I think, will deny your request.⁶⁵

(70) The wizard will deny your request, I think.⁶⁶

⁶⁴ Eu acho que o mágico vai negar seu pedido.

⁶⁵ O mágico, eu acho, vai negar seu pedido.

⁶⁶ O mágico vai negar seu pedido, eu acho.

Em termos de negação, uma observação importante feita por Hooper é de que a negação da oração principal afeta o conteúdo da oração subordinada na medida em que nega também parte dessa oração, e isso é evidência, na sua opinião, para que a oração subordinada seja considerada como parte da asserção da sentença. Compare os exemplos:

(71) I don't think these living conditions are suitable.⁶⁷

(72) John doesn't believe that Mary passed the exam.⁶⁸

Nesse caso, a oração principal não contém uma asserção. A asserção se encontra na oração encaixada. A negação da sentença como um todo nega apenas o conteúdo da oração encaixada, ou seja, no primeiro caso, não se assevera que “eu não penso”, mas apenas que “as condições de vida não são adequadas”. Da mesma forma, no segundo caso, não se assevera que “eu não acredito”, mas apenas que “Mary não passou na prova”.

Em termos de interrogação, verbos de assertividade forte como *say* licenciam uma interpretação parentética e não-parentética do verbo epistêmico. No exemplo “*Did he say it was raining?*” (“*Ele disse [que] estava chovendo?*”), a leitura parentética é “*Did he say X?*” (“*Ele disse X?*”), enquanto que na leitura não-parentética, que é mais comumente aceita, a pergunta é sobre o tempo e não sobre dizer algo. As possíveis respostas evidenciam a ambigüidade da construção: “*Yes, he did*” e “*No, he didn't*” reportam-se ao que foi dito, enquanto que “*Yes, it was*” e “*No it wasn't*” referem-se especificamente ao fato de chover. Tal ambigüidade não se verifica com verbos factivos como *surprise*, em que a pergunta não afeta o conteúdo da oração encaixada: “*Was he surprised that Hilda was so competent?*” (“*Ele ficou surpreso que Hilda era tão competente?*”). Uma resposta positiva ou negativa afeta tão somente o conteúdo da oração principal: “*Yes, he was*” ou “*No, he wasn't*”. A pressuposição de que Hilda era tão competente permanece inalterada.

Ao classificar os predicados em assertivos fortes e fracos e em não-assertivos, Hooper observa que os predicados assertivos, sejam eles de assertividade forte ou fraca, têm uma leitura parentética e não parentética, conforme visto acima. Os exemplos a seguir ilustram essa diferença:

(73) I believe that all men are created equal.⁶⁹

(74) I believe that Boise is the capital of Idaho.⁷⁰

No primeiro caso, conforme observa Hooper, a leitura preferencial é não-parentética, isto é, *believe* significa “ter fé na verdade da proposição”, enquanto que no segundo caso a leitura preferencialmente realizada é a parentética, ou seja, o falante está usando o verbo “*to*

⁶⁷ Eu não acho [que] estas condições de vida são adequadas.

⁶⁸ John não acredita que Mary passou na prova.

⁶⁹ Eu acredito que todos os homens são criados iguais.

believe” para sinalizar que assevera a verdade da proposição sem ter conhecimento ou certeza absoluta de que a proposição é verdadeira. Assim, a presença de um verbo de assertividade fraca na oração principal é evidência, segundo Hooper, de que a principal asserção está na oração subordinada. Ela observa ainda que o verbo “*to believe*” no uso parentético, na 1ª pessoa do presente simples, tem seu conteúdo da oração principal reduzido, de forma a tão somente descrever a atitude do falante com relação à proposição asseverada que está na oração encaixada. Nesse sentido, a oração principal serve para “enfraquecer” a alegação de verdade da oração subordinada. Os verbos de assertividade forte, por sua vez, exibem um comprometimento mais forte com a verdade da proposição expressa na oração encaixada.

Com relação ao uso de verbos epistêmicos assertivos na 3ª pessoa, Hooper observa que, nesse caso, conteúdo semântico é adicionado à oração principal na medida em que o predicado de assertividade fraca atribui a asserção da oração subordinada a outra pessoa, indicando, assim, que o falante não sabe com certeza sobre a verdade da proposição, mas a assevera com certa reserva. Quanto mais informação é adicionada nesse caso, menos chances de o predicado ter uma leitura parentética, segundo ela. Alguns de seus exemplos nesse sentido são:

(75) Marian thinks the train will be late tonight.⁷¹

(76) John believes we should take the bus.⁷²

Ao analisar os predicados em termos de factividade, Hooper observa, com base em estudos de KARTTUNEN (1971), que alguns verbos denominados factivos realmente se comportam como tal, enquanto que outros recaem na categoria que Karttunen denominou de semi-factivos, conforme a tabela apresentada anteriormente. Hooper analisa os seguintes exemplos para mostrar a diferença entre esses dois grupos e o impacto que eles geram em um tipo de recurso sintático que é a interrogação:

(77) Did you regret that you had not told the truth?⁷³

(78) Did you find out that you had not told the truth?⁷⁴

No primeiro caso, que contempla o verbo factivo “*to regret*”, o falante está comprometido com a verdade da oração subordinada, isto é, ele presume que o ouvinte não tinha dito a verdade. As possíveis respostas para a primeira pergunta confirmam o que está sendo questionado: “*Yes, I did*” ou “*No, I didn’t*” Já no segundo caso, que exhibe o verbo semi-factivo “*to find out*”, existem duas interpretações possíveis, (i) questiona-se a oração

⁷⁰ Eu acredito que Boise é a capital de Idaho.

⁷¹ Marian acha [que] o trem vai se atrasar hoje à noite.

⁷² John acredita [que] nós deveríamos pegar o ônibus.

⁷³ Você lamentou que (você) não tinha dito a verdade?

⁷⁴ Você descobriu que (você) não tinha dito a verdade?

principal, ou seja, se o ouvinte descobriu ou não que não tinha dito a verdade; ou (ii) questiona-se a oração subordinada, ou seja, o falante na verdade quer saber se o ouvinte disse a verdade ou não. Mais uma vez, o teste das respostas evidencia a duplicidade de interpretações para a segunda pergunta: *Yes, I did./No I didn't* em uma leitura e *Yes, I had/No I hadn't* em uma segunda interpretação.

No caso da negação, os verbos semi-factivos também sofrem processo análogo ao dos verbos assertivos. Nos exemplos a seguir, Hooper analisa o duplo comportamento dos verbos factivos em contraposição ao dos verbos não-factivos:

(79) He didn't see the door was closed.⁷⁵

(80) I didn't find out that the flight had been postponed.⁷⁶

No primeiro exemplo, a negação do verbo factivo na oração principal não afeta a pressuposição de que a porta estava fechada, ao passo que no segundo exemplo a negação do verbo semi-factivo na oração matriz afeta também o conteúdo da oração encaixada, isto é, não há completa certeza se o voo tinha sido adiado ou não.

Um outro aspecto interessante observado por Hooper diz respeito à argumentação de KIPARSKY e KIPARSKY (1971) de que os verbos factivos não poderiam ser usados na forma negativa, na 1ª pessoa do presente simples. Hooper contra-argumenta, dizendo que tal restrição só ocorre com os verbos semi-factivos, já que os verbos factivos aceitam perfeitamente tal construção. Compare:

(81) *I don't find that Sam is in hospital. (semi-factive)⁷⁷

(82) I'm not sorry that Sam is in hospital. (factive)⁷⁸

Um segundo contra-argumento de Hooper para a distinção entre verbos factivos e semi-factivos proposta pelos irmãos Kiparsky diz respeito à afirmação de que o complemento de um verbo factivo sempre poderia ser introduzido pela expressão "the fact that". Mais uma vez, Hooper demonstra que não. Vejamos:

(83) I regret the fact that the President did not grant them an interview. (factive)⁷⁹

(84) * I found out the fact that the President did not grant them an interview. (semi-factive)⁸⁰

Hooper conclui, a partir dessas observações, que os verbos semi-factivos não são pressupostos da mesma forma que os verbos totalmente factivos e que seu comportamento sintático tem mais relação com o dos verbos assertivos, o que justificaria classificar seus

⁷⁵ Ele não viu [que] a porta estava fechada.

⁷⁶ Eu não descobri que o voo tinha sido adiado.

⁷⁷ * Eu não descubro que Sam está hospitalizado. (Semi-factivo)

⁷⁸ Eu não lamento que Sam está/esteja hospitalizado. (Factivo)

⁷⁹ Eu lamento o fato de que o presidente não lhes concedeu uma entrevista. (Factivo)

complementos como asserções e não como pressuposições. Tal constatação corrobora nossa análise que postula comportamento discursivo-pragmático semelhante para verbos classificados como assertivos e verbos classificados como semi-factivos.

Para a nossa análise postularemos, então, que as orações completivas com os verbos epistêmicos “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to believe*”, classificados como não-factivos, e “*to find*” e “*to know*”, classificados como semi-factivos, têm ambos valor assertivo, pois sua função é sinalizar uma perspectiva epistêmica sobre o conteúdo da oração completiva. A diferença no preenchimento do *slot* verbal vai evidenciar a parte do “*ground*” que é perfilada pelo verbo na perspectivização do evento, levando em conta a observação de Langacker de que toda e qualquer expressão linguística faz alusão ao “*ground*”, mesmo que implicitamente, e que a relação de ancoramento perfilada é implícita e construída de forma (inter)subjativa (LANGACKER, 2008; VERHAGEN, 2005). Dessa forma, construções com os verbos “*to suppose (that)*” e “*to guess (that)*”, serão analisadas como sinalizadoras de referência ao “*ground*” via uma **suposição** perfilada e inerente à proposição, que o falante compartilha ou não com o ouvinte e outros. Construções com o verbo “*to think (that)*” serão analisadas como relacionadas ao “*ground*” via o perfilamento de uma determinada **opinião** que faz parte do universo conceptual do falante e que pode ou não ser compartilhada pelo interlocutor e outrem. As construções com o verbo “*to believe (that)*” serão entendidas como sinalizadoras de referência ao “*ground*” via o perfilamento de uma determinada **crença** inerente ao domínio conceptual do falante. As construções com o verbo “*to find (that)*” serão compreendidas como relacionadas ao perfilamento de uma determinada **experiência** por parte do falante que pode ser compartilhada ou não pelo interlocutor e outrem, mas que se apóia na realidade. Finalmente, as construções com o verbo “*to know (that)*” serão analisadas como sinalizadoras do perfilamento de uma **informação socialmente compartilhada**, que evidentemente pertence ao universo conceptual do falante bem como do ouvinte e de terceiros.

2.6.2. O fenômeno conhecido como “*That-deletion*”

A omissão do complementizador “*that*”, ou seja, o seu apagamento nas construções completivas, já foi objeto de estudo de alguns linguistas. UNDERHILL (1986), por exemplo, analisa a variação no preenchimento do complementizador sob uma perspectiva discursiva, com base na proposição de dois princípios básicos: o primeiro é que o uso ou omissão do

⁸⁰ *Eu não descobri o fato de que o presidente não lhes concedeu uma entrevista. (Semi-factivo)

complementizador se dá em função da noção de tópico, no sentido de tópico discursivo. Segundo ele, quando o sujeito da oração principal é o tópico do discurso, o complementizador é mantido, ao passo que quando o sujeito da oração encaixada é o tópico ativado no discurso, então o complementizador é apagado. Vejamos alguns de seus exemplos, nos quais o tópico é marcado por colchetes:

(85) [[President Reagan]], defending his decision to order massive military maneuvers in strife-torn Central America, insisted Tuesday *that* The United States has no plans for armed intervention in the region, but [he] said *that* this country must continue to “be the foremost protector of democracy” in the western hemisphere...⁸¹

(86) Nonetheless, Reagan said Ø [[the exercises]] _ which involve two aircraft carrier battle groups, the battleship New Jersey and about 4,000 American troops over a period of six months or more – have been planned “ as a way to provide a shield for democracy” in Central America.⁸²

Uma segunda hipótese levantada por Underhill é de que quando o falante “endossa” o conteúdo expresso pela oração encaixada, o complementizador é omitido, ao passo que, quando tal endosso não é verificado, o complementizador é mantido. Alguns exemplos são:

(87) [[The President]] said Ø [he] was “heartened” by the efforts of the Contadora countries – Mexico, Colombia, Venezuela and Panama - to promote a peaceful settlement in the region and has been “encouraged” by recent comments by Cuban and Nicaraguan officials who said they are interested in peaceful negotiations...⁸³

(88) In a response to a question about Lebanon, Reagan disagreed with Lebanese president Amin Gemayel, saying that he does not believe a partial withdrawal of Israeli troops from their positions in Lebanon would be a step toward de facto partitioning of the country by Israel and Syria.⁸⁴

⁸¹ [O presidente Reagan], defendendo sua decisão de ordenar ostensivas manobras militares na América Central, abalada por conflitos, insistiu na terça-feira que os EUA não têm planos de uma intervenção armada na região, mas [ele] disse que o país deve continuar a “ser o principal protetor da democracia” no ocidente...

⁸² No entanto, Reagan disse (que) [os exercícios] – que envolvem dois grupos de porta-aviões de guerra, o navio de guerra New Jersey e cerca de 4.000 soldados americanos durante o período de 6 meses ou mais – foram planejados “como uma forma de fornecer um escudo para a democracia” na América Central.

⁸³ [O presidente] disse que [ele] estava “sensibilizado” pelos esforços de países como México, Colômbia, Venezuela e Panamá em promover um acordo pacífico para a região e que foi “encorajado” pelos comentários recentes de representantes cubanos e nicaraguenses que disseram estar interessados em negociações pacíficas....

⁸⁴ Em resposta a uma pergunta sobre o Líbano, Reagan discordou do presidente libanês, Amin Gemayel, dizendo que não acredita que uma retirada parcial das tropas israelenses de suas posições no Líbano seria um passo em direção à efetiva saída de Israel e Síria do país.

Além desses dois princípios, Underhill elabora ainda outros, que vão ao encontro de especificidades sintáticas observadas no contexto de apagamento do complementizador *that*. Alguns deles, que são relevantes para a análise que será desenvolvida a seguir são:

(iii) O núcleo de um sintagma nominal complexo quase sempre requer a presença do complementizador;

(89) Los Angeles Olympic Organizing Committee President Peter V. Ueberroth said Wednesday *that* he still believes there is an even chance that the Soviets can be persuaded to participate...⁸⁵

(iv) A separação entre o verbo da oração principal e o sujeito da oração encaixada quase sempre requer o uso do complementizador;

(90) Los Angeles Mayor Tom Bradley said at a City Hall News Conference Wednesday *that* “wheels are already in motion” for a trip he is willing to make to Moscow...⁸⁶

(v) O complementizador tende a não ser omitido quando o complemento é pressuposto; ou seja, (i) *that* não sofre apagamento quando o verbo principal não é marcado para o apagamento e (ii) *that* tende a não sofrer apagamento quando o verbo principal é factivo;

(91) I am delighted *that* the public outcry thwarted the Defense’s Department to wound dogs by firing squads so that military doctors can learn to treat the injuries.⁸⁷

(vi) *That* normalmente sofre apagamento se uma negativa for extraída de uma oração encaixada;

(92) ...this is such an innovative industry at the moment and so much is happening that I don’t think Ø there is any overabundance.⁸⁸

(vii) O complementizador tende a sofrer apagamento se o sujeito das duas orações, principal e encaixada, for o mesmo;

(93) Both Bradley and Ueberroth said Ø they will pursue the matter, but Reagan administration officials in Washington said Ø they will not make overtures to Moscow.⁸⁹

(viii) *That* tende a sofrer apagamento quando o sujeito da oração principal está na 1ª pessoa.

(94) I happen to think Ø the world has misread the Soviet remarks. They are serious, no question. I think Ø it’s a serious, strong statement, but I don’t think Ø it is irrevocable.⁹⁰

⁸⁵ O presidente do comitê organizador dos Jogos Olímpicos de Los Angeles Peter V. Ueberroth disse quarta-feira que ele ainda acredita[que] há uma pequena chance de os soviéticos serem persuadidos a participar...

⁸⁶ O prefeito de Los Angeles Tom Bradley disse na Conferência de Notícias do City Hall na quarta-feira que “as rodas já estão se movendo” para uma viagem que ele está disposto a fazer a Moscou...

⁸⁷ Estou encantado que o clamor da população impediu que o Departamento de Defesa fira os cães com seus pelotões de combate para que os médicos militares possam aprender a tratar as feridas.

⁸⁸ ...esta é uma indústria tão inovadora no momento e está acontecendo tanta coisa que eu não acho [que] haja qualquer excesso.

⁸⁹ Tanto Bradley quanto Ueberroth disseram[que] eles vão perseguir o assunto, mas os representantes da administração Reagan em Washington disseram[que] eles não fazer fazer propostas[de paz] a Moscou.

Com relação à proposta de Underhill, deve-se ressaltar que a relação entre o endosso da asserção e a omissão do complementizador vem ao encontro da nossa hipótese sobre a relação entre o apagamento do complementizador e o comprometimento do falante com o conteúdo da oração encaixada, como veremos adiante. No entanto, há especificidades em nível sintático que não são pertinentes, como o princípio (viii). Faz-se necessário, então, buscar outras explicações para o apagamento ou não do complementizador face aos aspectos discursivos da interação.

THOMPSON e MULAC (1991), por sua vez, analisam o fenômeno de apagamento do complementizador e sua relação com a gramaticalização⁹¹ de sintagmas epistêmicos (EPs). Esses autores analisam as diferentes construções abaixo como resultado da gramaticalização de uma construção original, que funciona como oração principal com sujeito e verbo, seguida do complementizador “*that*”, introduzindo uma oração completiva como no exemplo:

(95) *I think that we're definitely moving towards being more technological.*⁹²

A construção completiva sem o complementizador “*that*”, por sua vez, é vista como um movimento de gramaticalização a partir da estrutura do exemplo acima, produzindo construções como a exemplificada a seguir:

(96) *I think Ø exercise is really beneficial, to anybody.*⁹³

Finalmente, a construção epistêmica evolui para um sintagma epistêmico que, segundo esses autores, funcionaria como um marcador do grau de comprometimento do falante com o conteúdo expresso, mais ou menos equivalente ao advérbio epistêmico *maybe* e que teria, por essa razão, maior flexibilidade dentro da sentença. O exemplo abaixo ilustra esse caso:

(97) *It's just your point of view you know what you like to do in your spare time, I think.*⁹⁴

De acordo com seus dados, os autores concluíram que os verbos mais comumente observados nessas construções são verbos que indicam crença, como os verbos “*to think*” e “*to guess*”. Além disso, com relação aos tipos de sujeitos mais frequentes, eles perceberam que as construções em 1ª pessoa eram bem mais frequentes que as de 2ª e 3ª pessoas e que tais constatações eram equivalentes nas construções completivas e nas construções epistêmicas parentéticas (EPARs).

⁹⁰ Eu por acaso acho[que] o mundo entendeu mal as observações soviéticas. Eles são sérios, não há dúvida. Eu acho [que] é uma afirmação séria, errada, mas eu não acho [que] é definitiva.

⁹¹ Termo cunhado inicialmente por MEILLET (1912) para designar a mudança de um elemento autônomo, lexical, para a função de elemento gramatical.

⁹² Eu acho que nós definitivamente estamos nos tornando mais tecnológicos.

⁹³ Eu acho [que] o exercício [físico] é realmente benéfico, para qualquer pessoa.

⁹⁴ È justamente seu ponto de vista, você sabe o que gosta de fazer em seu tempo livre, eu acho.

Embora a análise de Thompson e Mulac não se restrinja apenas ao uso das construções completivas epistêmicas, visto que eles se orientam para a gramaticalização dessas construções em construções parentéticas, com maior mobilidade dentro da sentença, suas observações com relação à frequência significativamente superior de ocorrência de construções com o preenchimento do *slot* verbal com verbos como “*to think*”, principalmente na 1ª pessoa, em contraposição às demais, vêm de encontro aos nossos dados, como veremos adiante.

LANGACKER (2008) associa o apagamento do complementizador “*that*” nas orações complexas com elementos tais como 1ª pessoa, tempo verbal de presente, opinião, simplicidade e informalidade, observando que existe uma menor distância entre o conceptualizador e a proposição da oração encaixada, conforme seu exemplo:

(98) I think he’s gay.⁹⁵

A ocorrência de construções com o complementizador, em sua visão, está associada a uma reação normalmente negativa ao conteúdo expresso, observação que, segundo ele, está em conformidade com a função de distanciamento que já foi atribuída ao complementizador por outros autores:

(99) My parents regret *that* I never went to college.⁹⁶

Postularemos, diferentemente, que as construções com o complementizador sinalizam reação negativa ou contrária à que se encontra ativada no discurso, seja face ao interlocutor, seja face ao conhecimento compartilhado ou presumido disponível para ambos, falante e ouvinte, enquanto construções sem o complementizador indicam reação positiva ou favorável à opinião ativada no discurso ou na própria oração encaixada. Ambas as construções codificam perspectivas intersubjetivas, como veremos a seguir.

⁹⁵ Eu acho [que] ele é *gay*.

⁹⁶ Meus pais lamentam que eu nunca frequentei a faculdade.

3 –METODOLOGIA

A realização da pesquisa sobre as construções completivas em inglês envolveu a delimitação do objeto de estudo, a elaboração de um corpus adequado à investigação e a formulação de objetivos e hipóteses relevantes, como detalharemos a seguir.

3.1 Objeto de Estudo

Tendo em vista que a sintaxe da língua inglesa autoriza a ocorrência de construções completivas com ou sem o complementizador “*that*”, o contraste entre essas duas construções foi tomado como objeto de estudo da presente pesquisa. A escolha se justifica por se tratar de uma investigação no âmbito da vertente teórica da Gramática de Construções, que tem como um de seus postulados o Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995).

No âmbito das construções completivas, geralmente instanciadas por verbos referentes a processos epistêmicos (“*to realize*”, “*to discover*”, etc) ou por verbos relativos à comunicação verbal (“*to say*”, “*to affirm*”, etc), a pesquisa selecionou as construções completivas instanciadas por verbos epistêmicos e, mais especificamente, pelos seis verbos epistêmicos mais frequentes no *corpus* investigado (“*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”). Além disso, decidiu-se restringir a investigação aos casos de tempo verbal presente na oração matriz, tendo em vista que um estudo-piloto anterior demonstrou que os tempos verbais de passado e futuro autorizam inferências pragmáticas que requerem um estudo específico (por ex, “I think he will be rich” admite a possibilidade de que ele seja rico no futuro, ao passo que “I thought he would be rich” sinaliza um erro de avaliação do falante)

Assim, a delimitação do objeto de estudo recaiu sobre as duas construções esquemáticas [SN Vepist. pres. [Ø S] e [SN Vepist.pres.[that S], e particularmente, sobre seis instanciações da primeira ([SN suppose/guess/think/believe/find/know [Ø S] e seis instanciações da segunda ([SN suppose/guess/think/believe/find/know[that S]).

3.2 Procedimentos

Os dados utilizados para análise foram extraídos de textos jornalísticos, coletados virtualmente de fontes tais como a CNN, BBC, ABC, dentre outras, sobre eventos recentes, de revistas especializadas em artigos em inglês, como a *Speak Up* e a *Newsweek*,

especificamente entre 1996 e 2010, além de *blogs* e fóruns de discussão, distribuídos em 30 dados com o verbo “*to suppose(that)*”, 30 com o verbo “*to guess (that)*”, 90 com o verbo “*to think(that)*”, 30 com o verbo “*to believe(that)*”, 30 com o verbo “*to find(that)*” e 30 com o verbo “*to know (that)*”, totalizando 240 dados. Esses dados foram analisados quantitativamente quanto à ocorrência de orações principais com os verbos “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”, no tempo verbal de presente, seguidas de orações encaixadas com os tempos verbais de presente, passado e futuro, com e sem o preenchimento do complementizador. Em seguida, as construções foram quantificadas por tipo de verbo e por tipo de sujeito na oração principal, se de 1ª ou de 2ª e 3ª pessoas, bem como quanto à presença ou não do complementizador. Finalmente, os exemplos foram analisados qualitativamente, segundo os padrões sintáticos e pragmáticos encontrados, procurando-se estabelecer objetivos comunicativos e/ou discursivos.

3.3 Objetivos

1. Especificar o pareamento forma-significado da construção completiva epistêmica, verificando os contextos de ocorrência da construção [SN VEpist[Ø S]] e da construção [SN VEpist[that S]];
2. Investigar as relações entre verbos epistêmicos e construções completivas.

3.4 Hipóteses

1. Construções epistêmicas indicam (inter) subjetividade, na medida em que apontam para a perspectiva do falante em relação a perspectivas anteriormente assumidas no discurso:
 - 1.a. As construções epistêmicas simples (CES), ou seja, sem o complementizador, sinalizam conjunção cognitiva (alinhamento de perspectiva): o falante reforça opiniões anteriormente ativadas no discurso;
 - 1.b. As construções epistêmicas complexas (CEC), ou seja, com o complementizador, sinalizam disjunção cognitiva (divergência de perspectiva) em relação a perspectivas anteriormente ativadas no discurso;
2. O preenchimento do *slot* verbal com diferentes verbos epistêmicos sinaliza diferenças em termos de ponto de vista por parte do falante e/ou do ouvinte, evidenciado por processos mentais ou experienciais, sinalizando diferentes níveis de (inter)subjetividade.

4 – CARACTERÍSTICAS SINTÁTICAS DAS CONSTRUÇÕES COMPLETIVAS EPISTÊMICAS

Este capítulo apresenta a análise quantitativa dos dados levantados, que teve por objetivo identificar as características sintáticas das construções completivas epistêmicas. Os parâmetros analisados foram:

- (i) Correlação temporal entre oração principal e oração encaixada;
- (ii) Tipo de verbo epistêmico na oração principal;
- (iii) Tipo de sujeito na oração principal

As seções a seguir apresentam os resultados da análise desses parâmetros, contrastando as construções completivas epistêmicas simples (CES), isto é, sem o complementizador, com as construções completivas epistêmicas complexas (CEC), ou seja, com o complementizador.

4.1. Correlação temporal entre oração principal e oração encaixada

O primeiro aspecto a ser considerado é a correlação temporal entre oração principal e oração encaixada, no intuito de avaliar se há relação cronológica entre o processo epistêmico indicado na oração principal e o evento descrito na oração encaixada. As tabelas a seguir indicam os números parcial e total e o percentual correspondente de ocorrências de construções epistêmicas simples (CES) e complexas (CEC), com oração encaixada nos tempos verbais de presente, passado e futuro⁹⁷:

Tipo de Construção	Oração Encaixada/Presente		Oração Encaixada/Passado		Oração Encaixada/Futuro	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CES Oração Principal/p resente	73 — 106	69%	22 — 106	21%	11 — 106	10%
CEC Oração Principal/P resente	109 — 134	81%	15 — 134	11%	10 — 134	8%
Total	182 — 240	76%	37 — 240	15%	21 — 240	9%

Tabela 3- Correlação temporal entre oração principal e encaixada

⁹⁷ As construções de presente envolvem o presente simples e o progressivo. As construções de passado envolvem o passado simples, o contínuo, o mais que perfeito e o “present perfect.” As construções de futuro envolvem o futuro simples e o perifrástico.

Com base nos resultados obtidos, pode-se perceber que as construções subordinadas de presente foram mais frequentes para os dois tipos de construções, CES e CEC. Ambas as construções apresentaram também orações subordinadas de passado e futuro, embora em número bem inferior. Vejamos, agora, alguns exemplos de correlação temporal presente-presente:

No exemplo a seguir, o presidente americano George Bush, após ter sido questionado, utiliza várias CES para expressar sua preocupação com a questão do sistema de seguridade social e corroborar a perspectiva de que o problema é real e de que as pessoas precisam se posicionar com relação à questão:

Original: (100)[Bush trumpets call for Social Security reform](http://c.moreover.com/click/here.pl?b257356319) MSNBC - 2005-01-11

The president said he understands that Congress is prone to inaction until there is a crisis, but that “in the end what matters is reforming the system so that it ... doesn’t 20 years from now pop back up on a president’s screen saying, oh, goodness, we got to do this again.”

As to whether the current situation constitutes a crisis, he said, “You can call it whatever you want to call it, whatever adjective you want to describe the problem. **I think it’s** real, **I think it’s** fundamental, **I think** we have an obligation. ... I would also say that **I think** people are taking a risk politically if they stand up and say it’s not a problem, because **I think** most people realize it is, particularly younger people.”

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257356319>

Tradução: (100) Bush anuncia necessidade de reforma no sistema de seguridade social - MSNBC 11.01.05

O presidente disse que entende que o congresso está propenso à inatividade até que haja uma crise, mas que “no final das contas o que interessa é reformar o sistema de forma que ele...daqui a 20 anos não apareça na tela do presidente dizendo, ah, meu Deus, nós precisamos fazer isso de novo.”

Com relação ao fato de a atual situação se constituir em uma crise, ele disse:

_ Você pode chamá-la do que quiser, qualquer adjetivo que queira usar para descrever o problema. **Eu acho (que)** ela é real, **acho (que)** é fundamental, **acho (que)** temos uma obrigação...eu diria ainda que **acho(que)** as pessoas estão assumindo um risco politicamente se elas se levantarem e disserem que não é um problema, porque **acho (que)** a maioria das pessoas percebe que é, principalmente os jovens.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257356319>

A construção de presente na oração principal evidencia a perspectiva que o falante tem no momento sobre o problema abordado na oração encaixada, que também é registrado como sendo um problema atual, evidenciado pelas orações de presente sublinhadas. Existe, pois, uma equivalência de tempo verbal das duas orações, sinalizando que tanto a perspectivização sobre o evento, feita através de uma oração principal preenchida pelo verbo “*to think*”, quanto o evento em si estão no mesmo plano temporal.

O exemplo a seguir, retirado de uma entrevista com o presidente Shimon Peres sobre a próxima geração de governantes, apresenta a correlação presente-presente em uma CEC. O ministro, embora reconheça o potencial das pessoas, afirma que a liderança é algo a ser conquistado:

Original (101)- Newsweek: Is there anyone in the younger generation who could lead this country?

Shimon Peres: There are many talented people, but they have to be more patient and work hard. **I don't think that** leadership falls from heaven. Leadership is a matter of walking, not just of flying. You have to cross deserts and not just fly in the sky. (Newsweek, 12/12/05, p.60)

Tradução (101)- Newsweek: Há alguém da nova geração que poderia governar esse país?

Shimon Peres: Há muitas pessoas com talento, mas elas têm de ser mais pacientes e trabalhar muito. **Eu não acho que** liderança cai do céu. Liderança é uma questão de caminhar, não apenas de voar. Você tem de cruzar desertos e não apenas voar pelo céu. (Newsweek, 12/12/05, p. 60)

A pergunta se insere no momento político relativo à época da entrevista e a perspectiva do entrevistado também. Na sua opinião, a “liderança é atravessar desertos, e não apenas voar pelos céus”. Por isso, ele nega, através da construção epistêmica complexa (CEC), a perspectiva expressa na oração encaixada: “a liderança cair do céu”.

Passemos, agora, às ocorrências de presente-passado e de presente-futuro.

O exemplo abaixo trata de um ataque à bomba em Jakarta, na Indonésia. A construção epistêmica simples (CES) é preenchida pelo verbo epistêmico “*to believe*” e se estabelece uma correlação de presente-passado entre as orações:

Original (102)- 22- **JAKARTA, Indonesia (CNN)** -- Indonesian authorities **believe** two suicide bombers checked into the JW Marriott Hotel in Jakarta and carried out coordinated bombings Friday morning, killing themselves and at least six victims and wounding more than 50 others.

<http://edition.cnn.com/2009/WORLD/asiapcf/07/17/indonesia.hotels.explosions/index.html>

Tradução (102) – Jakarta, Indonésia (CNN) – Autoridades na Indonésia **acreditam (que)** dois homens-bomba se hospedaram no JW Marriott Hotel em Jakarta e realizaram ataques coordenados na sexta-feira pela manhã, matando a si próprios e pelo menos seis vítimas e ferindo outras cinquenta.

<http://edition.cnn.com/2009/WORLD/asiapcf/07/17/indonesia.hotels.explosions/index.html>

Nesse exemplo, a perspectiva das autoridades é expressa através de uma CES de presente sobre um evento expresso na oração subordinada que se situa em um plano temporal de passado. Não há, pois, uniformidade entre o plano temporal de conceptualização do evento e o plano de efetiva ocorrência desse evento.

O exemplo abaixo ilustra a correlação temporal presente-passado em uma CEC. Trata-se de uma entrevista sobre os incidentes de vazamento de óleo nas ilhas Falkland (Malvinas). A entrevistada, que é representante do órgão de conservação das ilhas, é questionada sobre o assunto, posicionando-se de forma contrária à explicação vigente sobre o vazamento:

Original (103)- Speak Up: Rebecca Ingham is Field Science Officer for Falklands conservation in Stanley:

Rebecca Ingham: **I *certainly* don't believe that** any incidences of oil pollution have actually occurred as yet due to the exploration that's happened. There were some minor incidences last year of penguins being oiled, but this oil was actually proved to be from South African sources. So evidently it wasn't coming from the activities in Falkland waters. (Speak Up nº 156, p. 47)

Tradução (103)- Speak Up: Rebecca Ingham é Representante das Ciências de Campo do órgão de preservação das Ilhas Falklands em Stanley:

Rebecca Ingham: **Eu *certamente* não acredito que** quaisquer incidentes de poluição por vazamento de petróleo já tenham ocorrido devido à exploração que tem acontecido. Houve alguns pequenos incidentes no ano passado, em que pingüins foram atingidos pelo petróleo, mas provou-se que este petróleo era de origem sul africana. Então, evidentemente, não estava vindo das atividades nas águas das Ilhas Falkland. (Speak Up nº 156, p. 47)

A CEC apresenta o tempo verbal de presente na oração principal, sinalizando que o falante expressa seu ponto de vista atual sobre um possível evento que se situa em um plano temporal pretérito, distinto daquele da entrevista. Não há, assim, equivalência temporal entre as duas orações, principal e encaixada.

No exemplo a seguir, que é um comentário sobre as decisões para o ano-novo, dentre as quais uma crítica aos finais alternativos criados para os filmes em DVD, a construção completiva introduz uma construção de futuro com o verbo modal *will*, que sinaliza uma previsão ou expectativa com relação a um evento futuro.

Original: (104)[Commentary: Firm resolve](#)
DVDs are wonderful, but don't bother with alternate endings

If those endings were better, why weren't they used in the first place? And if they aren't better, why would you want to waste your time watching them? Try to force filmmakers to use the best ending possible from the get-go.

I realize these resolutions could be tough to stick to, but challenge yourself in 2005. **I think you'll** surprise yourself with your resolve. And by 2006, **I think you'll** be a much happier person.

<http://www.cnn.com/2005/SHOWBIZ/Movies/01/03/entertainment.resolutions/index.html>

Tradução: (104)Comentário: firme decisão

Os DVDs são maravilhosos. Mas não se preocupe com os finais alternativos. Se eles eram melhores, por que não foram usados da primeira vez? Se não são melhores, por que você iria querer perder tempo em assisti-los? Tente forçar os produtores de filmes a usar o melhor final possível desde o início. Eu percebo que essas resoluções poderiam ser difíceis de se manter, mas desafie a si mesmo em 2005. **Eu acho (que)** você se surpreenderá com a sua decisão. E em 2006, **acho (que)** você será uma pessoa muito mais feliz.

<http://www.cnn.com/2005/SHOWBIZ/Movies/01/03/entertainment.resolutions/index.html>

Neste caso, a CES apresenta o tempo verbal de presente na oração principal, embora o conteúdo da oração encaixada se situe temporalmente no plano futuro, visto se tratar de uma previsão sobre as resoluções para o novo ano, que já se aproxima. Não há, mais uma vez, equivalência temporal entre as duas orações.

Finalmente, o exemplo a seguir foi extraído de uma entrevista em que um *expert* em marketing discute a importância da confiabilidade da marca para sua comercialização:

Original (105) 21-Speak Up: Bridget Rosewell, an expert of marketing at Volterra Consulting, explains how brands become so valuable:

Bridget Rosewell: I think brands become important because they provide a shortcut for people. If you're in a world where there is more available, a world where there is choice, in other words, you have to have some means of choosing between different things. To do that you need a way of actually making those choices, and one of the ways of making that choice is by having a brand that you trust so you can go back each time and buy this brand because **you know that it's going to** provide you with a set of qualities that you want to buy or that you trust. (Speak Up, nº 171, p.8)

Tradução: (105) Speak Up: Bridget Rosewell, uma *expert* em *marketing* na “aVolterra Consulting”, explica como as marcas se tornam tão valiosas:

Bridget Rosewell: Eu acho (que) as marcas se tornam importantes porque elas fornecem um atalho para as pessoas. Se você vive em um mundo onde há mais a oferecer, um mundo onde há opção, em outras palavras, você tem alguns meios de escolher entre coisas diferentes. Para fazer isso você precisa de uma forma de fazer escolhas, e uma das formas de fazer essa escolha é adquirir uma marca em que você confia, então você pode voltar toda vez e comprar esta marca porque **você sabe que** ela vai lhe fornecer uma série de atributos que você quer adquirir ou que você confia. (Speak Up nº 171, p.8)

Na CEC acima, o conteúdo expresso na oração subordinada se situa no plano temporal de futuro, marcado pelo uso do futuro perifrástico. Trata-se, portanto, de uma perspectiva presente, marcada pelo uso genérico de 2ª pessoa⁹⁸ sobre eventos subsequentes.

As construções completivas epistêmicas de presente, tanto as simples (CES), quanto as complexas (CEC), apresentaram flexibilidade quanto à ocorrência de tempos verbais distintos nas orações encaixadas, embora com frequências distintas entre si. Em ambos os casos, em termos pragmáticos, tal observação pode ser interpretada como um indicativo da perspectiva subjetiva que o falante assume sobre o assunto ou evento, já que o uso do presente simples na oração principal reflete tanto o ponto de vista que o falante assume sobre o evento de fala quanto o ponto de vista de terceiros, para o qual o falante se projeta. Tais perspectivas têm relação com o “*ground*”, nos termos propostos por Langacker, isto é, com o “aqui” e o “agora”. Através da construção de presente o falante revela sua opinião, (ou a opinião presumida por terceiros) com relação à proposição, que remete a eventos atuais, passados ou futuros.

Esses achados indicam que as construções completivas têm o papel de perspectivizar o conteúdo expresso na oração subordinada, visto que os exemplos acima demonstram que, embora haja preferência pela correlação presente-presente nos dados, não se verifica interdependência entre o tempo verbal da oração principal e o da oração encaixada, já que outras correlações também podem ocorrer.

Por outro lado, visto que tais construções admitem o preenchimento do *slot* verbal da oração principal com diferentes verbos epistêmicos, apresentaremos, a seguir, a análise da relação entre a ocorrência desses verbos epistêmicos e o tipo de construção epistêmica, se simples (CES) ou complexa (CEC).

4.2. Tipo de verbo epistêmico na oração principal

A tabela a seguir ilustra a distribuição dos diferentes verbos encontrados nos dados levantados para as duas construções, CES e CEC:

⁹⁸ Ao tratar dos dêiticos como categorias radiais, MARMARIDOU (2000) propõe que o uso genérico do pronome de 2ª pessoa “You” constitui uma instanciação menos prototípica do pronome, na medida em que inclui interlocutores não necessariamente presentes no evento de fala.

	Suppose		Guess		Think		Believe		Find		Know	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CES	19	18%	19	18%	55	52%	6	5%	6	5%	2	2%
	—		—		—		—		—		—	
	106		106		106		106		106		106	
CEC	11	8%	11	8%	35	27%	24	18%	24	18%	28	21%
	—		—		—		—		—		—	
	134		134		134		134		134		134	
Total	30	13%	30	13%	90	35%	30	13%	30	13%	30	13%
	—		—		—		—		—		—	
	240		240		240		240		240		240	

Tabela 4- Tipo de verbo epistêmico na oração principal

Em linhas gerais, o verbo epistêmico “*to think*” é o mais frequente nas construções completivas de um modo geral (35%), sendo que sua ocorrência é mais produtiva nas CES, em que o complementizador está ausente (52%), do que nas CEC (27%). O que se verifica nas construções com o complementizador é que apresentam frequências também expressivas para os verbos “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”.

Os resultados apresentados na tabela 4 sugerem que as CES são preferencialmente instanciadas pelos verbos “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*”, enquanto que as CEC são preferencialmente instanciadas pelos verbos “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”. Vejamos alguns exemplos do primeiro caso:

O trecho abaixo apresenta uma CES com o verbo “*to suppose*” retirada de uma entrevista sobre trabalho voluntário em que o falante responde a uma pergunta sobre os aspectos positivos e negativos desse tipo de trabalho:

Original (106) **What are the best, and worst things about being a volunteer?**

I suppose the worst thing is having so much to do. I used to work as a care assistant in a hospital and I never had to write anything up. I haven't studied for years - perhaps if I'd known how much work was involved in training to become an advisor I might not have taken it on. But now I have I'm really proud of myself for being able to do all the work and it's really satisfying to be able to do something that challenges you and helps others.

<http://www.bbc.co.uk/wales/northwest/sites/volunteer/pages/marynolan.shtml>

Tradução (106) Quais são as melhores e as piores coisas em ser um voluntário?

Eu supponho (que) a pior coisa é ter tanto para fazer. Eu costumava trabalhar como assistente de saúde e eu nunca tinha de escrever nada. Eu não estudo há anos – talvez se eu soubesse o tanto de trabalho que estava envolvido em treinar para ser um conselheiro eu poderia não tê-lo assumido. Mas agora que eu assumi, estou realmente orgulhoso de mim por ser capaz de fazer todo o trabalho e é realmente satisfatório ser capaz de fazer algo que desafia você e ajuda os outros.

<http://www.bbc.co.uk/wales/northwest/sites/volunteer/pages/marynolan.shtml>

O próximo exemplo ilustra a ocorrência de uma CES com o verbo “*to think*”. Trata-se de uma entrevista com membros da população americana sobre as eleições presidenciais. O entrevistador questiona o entrevistado sobre o elemento que pesará nas eleições, se a economia ou se a guerra no Iraque:

Original (107) “Which of the following will weigh more heavily in the election: the economy or Iraq?”

“**I think** for most Americans the economy will weigh more heavily, because the majority of people are most concerned with that which most directly affects their lives – having good jobs, enough food on the table, enough money to care for their families.” (Speak Up nº 209, p. 14-15)

Tradução (107) Qual dos dois vai pesar mais nas eleições: a economia ou o Iraque?

_ **Eu acho (que)** para a maioria dos americanos a economia vai pesar mais, porque a maioria das pessoas está preocupada com isso, que afeta suas vidas de forma mais direta – ter um bom emprego, comida suficiente na mesa, dinheiro suficiente para cuidar da família. (Speak Up nº 209, p. 14-15)

Nos exemplos acima, as construções com os verbos epistêmicos “*to suppose*” e “*to think*” sem o complementizador, apresentam convergência com uma das perspectivas apresentadas nas perguntas. No capítulo 6, essa constatação será melhor detalhada, na medida em que a compatibilização entre verbo e construção será abordada.

O segundo grupo de ocorrências envolve CEC com os verbos “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”.

O exemplo a seguir ilustra o uso do verbo “*to believe*” em uma notícia sobre o comportamento de artistas que fazem questão de exibir o nome de seus filhos em camisetas e tatuagens:

Original (108) -Being a parent has never been so glamorous, and celebrities can’t stop reminding the world of their children. Madonna wears clothes with her children’s names and Pamela Anderson and David Beckham have gone further by having tattoos, respectively “Mommy” and “Brooklyn”. But **psychologists believe that** such showing off may be compensation for the lack of time celebrities spend with their offspring. Whether it’s true or not, the parent-child relationship lasts forever indeed, precluding the need for tattoo reworking later. (Speak Up nº 171, p. 36)

Tradução (108) – Ser pai nunca foi tão glamoroso, e as celebridades não conseguem deixar de lembrar ao mundo os seus filhos. Madonna usa roupas com os nomes dos filhos e Pamela Anderson e David Beckham foram mais longe, fazendo tatuagens, “Mommy” e “Brooklyn”,

respectivamente. Mas **os psicólogos acreditam** que tamanho exibicionismo pode ser compensação pela falta de tempo que as celebridades têm para com sua prole. Se é verdade ou não, o fato é que a relação pai-filho dura para sempre, poupando a necessidade de refazer a tatuagem mais tarde. (Speak Up nº 171, p. 36)

A reportagem apresenta a visão dos psicólogos sobre o assunto, dizendo que eles “acreditam que tamanho exibicionismo pode ser uma compensação pela falta de tempo das celebridades para com seus filhos”.

O próximo exemplo ilustra a ocorrência do verbo “*to find*” em uma CEC. O exemplo foi retirado de um *blog* que discute a relação de independência dos filhos com relação aos pais em diferentes gerações:

Original (109) **I find that** my parents' generation were very independent from their parents i.e. more successful. **I find that** most of my friends, in their late 30's early 40's are still very dependent on their parents for \$, childcare etc. I think it's hard to do as well as our parents did.

<http://www.urbanbaby.com/talk/posts/50857315>

Tradução (109)- **Eu acho que** a geração dos meus pais era mais independente com relação aos seus pais, isto é, mais bem sucedida. **Eu acho que** a maioria dos meus amigos, na faixa de 30 a 40 anos, ainda são muito dependentes de seus pais para dinheiro, para cuidar dos filhos, etc. Eu acho difícil sair tão bem quanto nossos pais se saíram.

<http://www.urbanbaby.com/talk/posts/50857315>

O falante apresenta uma perspectiva que soa contrária à sua expectativa, pois ele percebe que a geração de seus pais é mais independente e bem-sucedida do que a sua própria, afirmando que muitos de seus amigos ainda dependem dos pais.

O último exemplo desta seção aborda uma CEC com o verbo “*to know*”. O exemplo é parte de uma coletiva de imprensa com o então presidente americano George Bush. A repórter pergunta ao presidente se não é hora de mudar de estratégia com relação ao Iraque:

Original (110) Q That's quite all right. Mr. President, I'd like to go back to Iraq. You've continually cited the elections, the new government, its progress in Iraq, and yet the violence has gotten worse in certain areas. You've had to go to Baghdad again. Is it not time for a new strategy? And if not, why not?

THE PRESIDENT: You know, Martha, you've covered the Pentagon, you **know that** the Pentagon is constantly adjusting tactics because they have the flexibility from the White House to do so.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2006/08/20060821.html>

Tradução (110)- P: Está bem. Sr. Presidente, eu gostaria de voltar ao assunto do Iraque. O senhor tem mencionado continuamente as eleições, o novo governo, seu progresso no Iraque, e ainda assim a violência tem piorado em determinadas áreas. O senhor teve de voltar a Bagdá. Não é hora de uma nova estratégia? E se não for, por que não?

George Bush: Você sabe, Martha, você cobriu o Pentágono, **você sabe que o Pentágono está constantemente ajustando táticas, porque eles têm autorização da Casa Branca para fazê-lo.**

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2006/08/20060821.html>

O presidente responde à repórter utilizando-se de uma construção completiva epistêmica complexa preenchida pelo verbo “*to know*”, que pressupõe informação ou conhecimento presumido ou compartilhado por falante e interlocutor. Assim, o falante sinaliza que a questão em discussão é do conhecimento inclusive da repórter, que “já cobriu o Pentágono”.

Outra característica sintática das CES e CEC é o fato de que elas podem ser instanciadas por pronomes de 1ª, 2ª e 3ª pessoas na oração principal, sendo que as construções de 1ª pessoa tendem a apresentar a perspectiva do falante, enquanto que as de 2ª e 3ª pessoas tendem a levar em consideração a perspectiva de outros. Sendo assim, apresentaremos na próxima seção a ocorrência das diferentes pessoas do discurso nas construções completivas epistêmicas simples e complexas.

4.3. Tipo de sujeito na oração principal

A tabela a seguir exhibe a distribuição das construções epistêmicas de acordo com a pessoa verbal:

	1ª pessoa		2ª pessoa		3ª pessoa	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
CES	98	92%	1	1%	8	7%
	<hr/> 106		<hr/> 106		<hr/> 106	
CEC	111	83%	8	6%	14	11%
	<hr/> 134		<hr/> 134		<hr/> 134	
Total	209	87%	9	4%	22	9%
	<hr/> 240		<hr/> 240		<hr/> 240	

Tabela 5- Tipo de sujeito na oração principal

Com base na tabela acima, pode-se perceber que as construções de 1ª pessoa são bem mais frequentes que as de 2ª e 3ª pessoas. Tal constatação se verifica tanto para as construções completivas epistêmicas simples (CES) quanto para as complexas (CEC), sendo que para as CES a frequência de 1ª pessoa foi ainda mais expressiva. Esses achados confirmam a hipótese de que essas construções são fundamentalmente sinalizadoras de perspectiva subjetiva e intersubjetiva. A seguir apresentaremos ocorrências de cada um dos casos.

O exemplo abaixo é parte de uma entrevista com a atriz Gwyneth Paltrow sobre seu papel em um filme no qual representa uma mulher obesa. O exemplo ilustra ocorrências de construções epistêmicas com sujeitos de 1ª e 2ª pessoa:

Original (111)- Speak Up: Don't **you think that** overweight people might feel uncomfortable watching this film?

Gwyneth Paltrow: No, I totally disagree. I mean, **I think that** the film is incredibly embracing and warm. The message of the film is that it doesn't matter if you're extremely overweight or not and that this is ridiculous thing that is sociologically imposed on all of us that we feel that it's unacceptable when it has nothing to do with who the person actually is. (Speak Up nº 181, p. 21)

Tradução (111)- Speak Up: **Você não acha que** as pessoas acima do peso poderiam se sentir desconfortáveis assistindo este filme?

Gwyneth Paltrow: Não, eu discordo totalmente. Quero dizer, **eu acho que** o filme é incrivelmente afetuoso e acolhedor. A mensagem do filme é que não importa se você é extremamente obeso ou não, e é ridículo essa coisa que é sociologicamente imposta a todos nós, que sentimos que é inaceitável quando não tem nada a ver com o que a pessoa realmente é. (Speak Up nº 181, p. 21)

O entrevistador, ao perguntar a Gwyneth sobre “as pessoas obesas se sentirem desconfortáveis com o filme”, sinaliza um determinado ponto de vista. A pergunta utiliza de uma construção de 2ª pessoa com o verbo “to think” na forma negativa (“don't you think...”). A atriz, em resposta ao seu interlocutor, apresenta seu ponto de vista próprio, sinalizando perspectiva contrária à do interlocutor através de uma construção complexa de 1ª pessoa.

O exemplo abaixo é parte de uma entrevista com Peggy Nash, que trabalha para o sindicato canadense de fabricantes de automóveis, sobre sua opinião sobre o Fórum Social Mundial e suas sessões:

Original (112) Speak Up): I was going to ask exactly that. **Do you really believe** it can be possible...another world?

Peggy Nash: *Absolutely*, I wouldn't be a member of a union; I wouldn't get up and fight for change every day if I didn't feel that a better world was possible. Timing...who knows? *But I absolutely* believe that corporations cannot rule the world in an undemocratic fashion forever, that at some point this has to change and people are organizing to make that change, and **I believe** it will happen. (Speak Up nº 194, p. 25)

Tradução (112): Speak Up: Eu ia te perguntar justamente isso. **Você realmente acredita (que) é possível...um outro mundo?**

Peggy Nash: Com certeza, eu não seria um membro do sindicato; eu não me levantaria e lutaria todo dia se eu não sentisse que um outro mundo era possível. *Timing...* quem sabe? Mas eu com certeza acredito que as corporações não podem governar o mundo de forma não-democrática para sempre, que em algum ponto isto precisa mudar e as pessoas estão se organizando para fazer essa mudança, e **eu acredito (que)** ela vai acontecer. (Speak Up nº 194, p. 25)

No exemplo acima, o entrevistador estabelece uma pergunta em 2ª pessoa, “*Do you really believe it can be possible...another world?*” com base na fala anterior da entrevistada, que mencionou essa possibilidade. Peggy responde que “realmente acredita que as corporações não podem governar o mundo de forma não-democrática para sempre” e, em seguida, diz que “acredita que a mudança acontecerá”. Em ambos os casos, a diferença reside na maneira pela qual os pontos de vista do interlocutor e do falante são apresentados. Essa discussão será retomada mais adiante, no capítulo 5.

O exemplo a seguir reporta uma conversa entre o então presidente George Bush, Condoleezza Rice e Colin Powell sobre o início da guerra no Iraque:

Original (113) “So Condi Rice said, ‘You better call Colin in and tell him.’ So, I think probably one of the most interesting meetings in this whole story. He calls Colin Powell in alone, sitting in those two famous chairs in the Oval Office and the president said, ‘Looks like war. I’m gonna have to do this,’” adds Woodward.

“And then Powell says to him, somewhat in a chilly way, ‘Are you aware of the consequences?’ Because he’d been pounding for months on the president, on everyone - and Powell directly says, ‘You know, you’re gonna be owning this place.’ And the president says, ‘I understand that.’ **The president knows that** Powell is the one who doesn’t want to go to war. He says, ‘Will you be with me?’ And Powell, the soldier, 35 years in the army, the president has decided and he says, ‘I’ll do my best. Yes, Mr. President. I’ll be with you.’” And then, the president says, ‘Time to put your war uniform on.’

<http://www.cbsnews.com/stories/2004/04/15/60minutes/main612067.shtml>

Tradução (113) Então Condi Rice disse: __É melhor chamar Colin e dizer a ele. Então, eu acho que provavelmente [foi]um dos encontros mais interessantes desta história. Ele chamou Colin Powell em separado, os dois sentados nas duas famosas cadeiras da Sala Oval e o presidente disse: __ Parece que é guerra. Vou ter de fazer isso__ acrescentou Woodward. E então Powell lhe disse, de forma um tanto quanto fria: __Você está ciente das conseqüências? Porque ele vinha avisando o presidente há meses, a todos e Powell disse diretamente: __Você sabe, você vai ser o dono deste lugar. E o presidente disse: __Eu entendo. **O presidente sabe que** Powell é o que não quer a guerra. Ele pergunta: __Você está comigo? E Powell, o soldado, 35 anos no exército, o presidente decidiu e ele disse: __Farei o melhor possível. Sim, senhor presidente. Estou com o senhor. E então o presidente disse: __Hora de colocar seu uniforme de guerra.

<http://www.cbsnews.com/stories/2004/04/15/60minutes/main612067.shtml>

O falante reporta o encontro e apresenta algumas informações, utilizando-se da construção epistêmica com sujeito na 3ª pessoa. A construção sinaliza a perspectiva presumida atribuída ao presidente Bush sobre Colin Powell, assumindo características de discurso indireto.

4.4. Moldura sintática

As análises quantitativas demonstraram que as molduras sintáticas preferenciais das construções completivas epistêmicas podem ser assim esquematizadas:

CES [I {think} [Ø ...Vpres...]]
{suppose}
{guess}

CEC [I {believe} [that ...Vpres...]]
{find}
{know}

Como se pode observar, as estruturas sintáticas de ambas as construções são bastante semelhantes, o que é compatível com a hipótese de que as construções epistêmicas, em geral, sinalizam a perspectiva (inter)subjativa do falante. Entretanto, tendo em vista que a presença ou ausência do complementizador constitui diferença sintática importante, a questão que se coloca agora é de que maneira a perspectiva subjativa do falante se articula à perspectiva do interlocutor, apresentando formas diferenciadas a partir de cada uma das construções.

Uma possível resposta pode ser encontrada na análise qualitativa dos contextos discursivos em que as construções ocorrem com base no conceito de (inter)subjatividade. Este é o objetivo do próximo capítulo.

5- CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS DAS CONSTRUÇÕES COMPLETIVAS EPISTÊMICAS

O objetivo deste capítulo é apresentar a análise das características discursivo-pragmáticas das construções completivas epistêmicas. Com base no Princípio da Não-Sinonímia (GOLDBERG, 1995), busca-se demonstrar que as diferenças sintáticas entre as construções completivas estão correlacionadas a diferenças discursivo-pragmáticas.

De fato, a análise dos dados demonstrou que:

- (i) as CES sinalizam a perspectiva do falante em alinhamento com perspectivas anteriormente apresentadas no discurso pelo próprio falante ou pelo seu interlocutor;
- (ii) as CEC sinalizam a perspectiva do falante como distinta de perspectivas anteriormente apresentadas no discurso.

Levando-se em conta que os exemplos analisados até agora demonstraram que o falante pode expressar um ponto de vista que converge ou diverge de uma perspectiva que já se encontra disponível contextualmente, assumiremos como um procedimento de **conjunção cognitiva**, aquele em que o falante leva em conta o seu interlocutor, de forma que seus sistemas cognitivos estejam coordenados. O alinhamento de perspectivas nos parece ser uma evidência do processo de **intersubjetividade**, na medida em que o falante considera o ponto de vista do interlocutor.

Por outro lado, no segundo caso, o falante se posiciona contrário à perspectiva que se encontra ativada no fluxo discursivo, para contrastar ou negar essa perspectiva. Assumiremos que tal procedimento constitui um mecanismo de **disjunção cognitiva**⁹⁹, na medida em que expressa intersubjetividade por meio de um mecanismo que evidencia a divergência entre a perspectiva assumida pelo falante e a(s) perspectiva(s) disponível(is) no fluxo discursivo.

Esses dois tipos de procedimentos serão detalhados a seguir.

5.1 Intersubjetividade e conjunção cognitiva

Passaremos agora a discutir as formas pelas quais as construções adquirem *status* intersubjetivo através do mecanismo denominado **conjunção cognitiva**. Para tal, analisaremos as construções com sujeitos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, buscando mapear as características discursivo-pragmáticas dessas molduras sintáticas nas construções completivas epistêmicas simples.

⁹⁹ O termo busca manter um paralelismo com o termo “conjunção cognitiva”, indicando um processo de não-alinhamento de perspectivas.

5.1.1 As construções em 1ª pessoa

Conforme observado na seção 4.3, as construções de 1ª pessoa são mais frequentes dos que as de 2ª e 3ª pessoas, tanto para as construções epistêmicas simples (CES) quanto para as construções epistêmicas complexas (CEC). Nas construções de 1ª pessoa, o sujeito sintático coincide com o sujeito da conceptualização, isto é, o falante, que realiza um julgamento epistêmico sobre o evento descrito na oração subordinada.

No caso da CES [SN VEpist [Ø S]], a construção de 1ª pessoa [1ª p. VEpist. [Ø S]] expressa *subjetividade* de forma *explícita* ao codificar a conceptualização do conteúdo da oração subordinada sob o ponto de vista do falante. Ao mesmo tempo, essa construção expressa *intersubjetividade* de forma *implícita* na medida em que sinaliza que esse ponto de vista converge cognitiva e discursivamente com o que já se encontra ativado no discurso.

No exemplo abaixo, o falante se compromete com a perspectiva de que a dívida que os consumidores britânicos têm é realmente preocupante e que é preciso que eles mudem de atitude quanto à “cultura da dívida”:

Original: (114) Speak Up: The British are the biggest borrowers in Europe. Total UK personal debt stands at £1.3 trillion and is rising by £1 million every four minutes. Average household debt is now over £50,000. Francesca Hopwood Road, who works for the London-based charity Citizens Advice, says that it represents a growing problem:

Francesca Hopwood Road: Yes, I mean over the last eight years the number of consumer credit debt enquiries have doubled. So it's certainly a growing issue and of growing concern, not just for our bureaux, **but I think** that's probably reflected more broadly amongst the general population. Debt is increasing. The number of personal bankruptcies are increasing in the general population. **So I think** the figures that we see are replicated as a trend across the country as whole. (...) Now, obviously, student debt is a fact of life for most young people who graduate from university. It's not unheard of to come out with £30,000-worth of debt. **So I think** the notion of having debt and that being a part of one's life is becoming a notion that most people are more at ease with. **I think maybe** that's then transferring into having...taking out credit and taking out loans to buy cars or whatever. **But I think** the notion of having debt is... people are more at ease with, potentially, than they were, say, maybe a couple of generations before.

Speak Up: So is Britain's “buy now, pay later” culture ever likely to change?

Francesca: (...) **I think** that's a very hard question to answer. I can't see how necessarily we were to switch overnight from that culture to a culture, for example, in some countries in mainland Europe, where there is very much a ...not necessarily an anti-credit culture, but credit culture's not so pervasive as it is here. **Personally**, I can't see it changing, **but I think** there **does** have to be a shift in mentality around the way we use credit and why we use credit. (Speak Up nº 240, p.32)

Tradução: (114) Speak Up: Os Britânicos são os que mais tomam empréstimo na Europa. A dívida pessoal total no RU está em £1,3 trilhões e está aumentando em £1 milhão a cada 4

minutos. A dívida imobiliária média está acima de £50.000. Francesca Hopwood Road, que trabalha para uma instituição filantrópica em Londres – a Citizens Advice_diz que ela representa um problema crescente:

Francesca Hopwood Road: _Sim, quero dizer, durante os últimos 8 anos, o número de pedidos de crédito e débito dos consumidores dobrou. Então, isso é certamente um problema crescente e de preocupação crescente, não só para as nossas agências, mas eu acho (que) isso provavelmente se reflete mais amplamente entre a população geral. A dívida está aumentando. O número de falências está aumentando entre a população geral. Então eu acho (que) os números que vemos são replicados como uma tendência pelo país como um todo.(...) Agora, obviamente, a dívida dos estudantes é uma realidade para as pessoas que se formam. Não é incomum ouvir dívidas da ordem de £30.000. Então eu acho (que) a noção de ter dívida e isso ser parte da vida de uma pessoa está se tornando uma noção com a qual a maioria das pessoas se sente à vontade. Eu acho (que) talvez isso esteja se transformando em ter... ter cartão de crédito e fazer empréstimos para comprar carros ou o que for. Mas eu acho (que) a noção de ter dívida é...as pessoas estão mais à vontade com isso, potencialmente, do que estavam, digamos, talvez há algumas gerações.

Speak Up: _ Então é provável que a cultura da Grã-Bretanha de “compre agora, pague depois” algum dia mude?

Francesca: _(...) Eu acho(que) essa é uma pergunta muito difícil de responder. Não consigo ver como necessariamente mudaríamos da noite para o dia de uma cultura para outra, por exemplo, em alguns países da Europa continental, onde há muito...não necessariamente uma cultura anti-crédito, mas a cultura do crédito não é tão difusa como aqui. Do meu ponto de vista, não vejo mudança, mas acho (que) tem realmente de haver uma mudança de mentalidade com relação à forma como usamos o crédito e porque o fazemos. (Speak Up n° 240, p. 32)

Todos os argumentos apresentados por Francesca giram em torno de uma mesma perspectiva, que é apresentada em resposta a uma indagação do interlocutor. Existe, então, em termos discursivos, um alinhamento em direção a uma determinada perspectiva, que é mantido em toda a interação e uma conjunção cognitiva com a demanda do entrevistador (pergunta-resposta). Em termos sintáticos, portanto, seus argumentos são codificados por construções epistêmicas simples.

5.1.2. As construções em 2ª pessoa

Nas construções de 2ª pessoa, o sujeito sintático é distinto do sujeito da enunciação. Assim, através da CES [2ªp. VEpist. [Ø S]], o falante expressa de forma *explícita* um ponto de vista que presumivelmente pertence ao interlocutor[2ª p.]. No entanto, assumimos que de forma *implícita* sua perspectiva é convergente com a que se encontra ativada no discurso em um processo de intersubjetividade. Vejamos como isso ocorre.

O exemplo abaixo discute a questão do excesso de peso na população americana. O falante introduz a perspectiva de que “americanos estão ganhando peso ao longo da idade” e que “controlar o peso em meio à rotina do dia-a-dia é muito difícil”:

Original (115)-[Weight control](#) Atlanta Journal And Constitution - 2005-01-11

If you're like so many Americans, you're putting on a pound or two a year as you sail (or scarf) your way through the decades from youth to middle-age.

And, like most, **you probably think** the effort to control that widening girth is too overwhelming to think about -- particularly in the middle of working, raising a family and keeping in touch with friends.

Once the scale hits 10, 15 or even 20 pounds above what you used to consider your ideal weight, you might even be tempted to throw in the towel.

Tradução (115)-Controle de peso Atlanta Journal And Constitution -11.01.2005

Se você é como tantos americanos, você está ganhando um kilo ao ano de acordo com que você veleja ou (se amarra) ao longo das décadas, da juventude à meia-idade. E como a maioria, **você provavelmente acha (que)** o esforço de controlar aquele volume crescente é muito grande para se considerar - principalmente em meio ao trabalho, cuidando da família e mantendo contato com os amigos. Uma vez que a balança mostre 5, 7 ou 10 kilos acima do que você costumava considerar seu peso ideal, você poderia até ser tentado a jogar a toalha.

A construção de 2ª pessoa assume valor intersubjetivo pelo caráter genérico que o pronome “you” assume nesse contexto, pois ele se reporta ao ouvinte/leitor que é atualizado a cada nova leitura, o que faz com que a construção remeta, então, às pessoas de forma geral. A construção sem a presença do complementizador (CES) é priorizada, e a presença do marcador discursivo “*probably*” sinaliza que o falante presume haver alinhamento entre a perspectiva de seu interlocutor e a da maioria das pessoas. A ausência do complementizador vem marcar *implicitamente* essa convergência.

5.1.3. As construções em 3ª pessoa

As construções de 3ª pessoa perspectivam o conteúdo da oração subordinada a partir de um ponto de vista que é presumido ou socialmente compartilhado e que remete, dessa forma, a terceiros. O falante, que é o sujeito da enunciação, pode ter um ponto de vista convergente ou divergente daquele que reporta. No caso da CES [3ªp. VEpist. [Ø S]], postulamos que a perspectiva do falante converge com aquela que ele apresenta. O exemplo abaixo trata de uma entrevista com o biólogo responsável pelos ursos do Yellowstone Park, nos EUA:

Original (116)-Speak Up:The bears seem to exert a particular fascination over visitors. For some they are a symbol of the wilderness, while others remember the popular cartoon character Yogi Bear (who lived in the fictional “Jellystone Park”), as Kerry Gunther, Bear Management Biologist at Yellowstone Park, explains:

Kerry Gunther: Some people **think** bears are just lurking up in the woods waiting to attack and kill people, and other people **think** bears are these cute, cuddly creatures that would never hurt anybody. The truth is probably somewhere in the middle. (Speak Up nº267, p. 41)

Tradução (116)-Speak Up: Os ursos parecem exercer uma fascinação especial sobre os visitantes. Para alguns eles são símbolo do isolamento, enquanto outros lembram o personagem popular dos desenhos animados, o Zé Colméia (que vivia no fictício parque *Jellystone*), como explica Kerry Gunther, biólogo responsável pelos ursos do Yellowstone Park:

Algumas pessoas **acham (que)** os ursos estão apenas se escondendo na mata, esperando para atacar e matar as pessoas, e outras pessoas **acham (que)** os ursos são essas criaturas lindas, aconchegantes que jamais machucariam quem quer que fosse. A verdade provavelmente está entre as duas coisas. Speak Up nº, 267, p.41)

Segundo o entrevistado, as pessoas têm dois pontos de vista distintos para descreverem o comportamento dos ursos. Para alguns, eles “estão se escondendo na mata e aguardando a oportunidade de atacar e matar as pessoas”, enquanto que, para outros, eles são ‘essas criaturas lindas e aconchegantes que jamais machucariam quem quer que fosse’. A verdade, diz o entrevistado, “provavelmente está entre as duas coisas”. O falante apresenta duas perspectivas distintas e se alinha *parcial e implicitamente* com as duas ao mesmo tempo, já que reconhece que há um pouco de verdade nos dois pontos de vista totalmente distintos entre si.

5.2. Intersubjetividade e disjunção cognitiva

A seguir, detalharemos as formas como as construções adquirem *status* intersubjetivo através do mecanismo denominado **disjunção cognitiva**. Assim, analisaremos as construções completivas epistêmicas complexas com sujeitos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas, mais uma vez em termos de aspectos discursivo-pragmáticos.

5.2.1 As construções em 1ª pessoa

No caso da CEC, a construção de 1ª pessoa [1ª p. VEpist [that S]], assim como a CES, expressa *subjetividade* de forma *explícita* ao conceptualizar o conteúdo da oração encaixada sob a perspectiva do falante, mas expressa *intersubjetividade* de forma *implícita* ao sinalizar seu ponto de vista em atenção a uma outra perspectiva já disponível discursivamente, em um processo de **disjunção cognitiva**, que indica uma divergência com relação à perspectiva já ativada.

A CEC pode sinalizar uma divergência na perspectiva assumida pelo falante/escritor sobre um determinado assunto. No exemplo abaixo, através da construção com o complementizador, o falante sinaliza que sua visão é distinta da que está ativada no discurso:

Original: (117) Josef Xercavins: If we talk about the UN reform, we are producing some feeling of weakness of UN, and I think that our goal should be to strengthen the UN. And the best reform of the UN that we can do is to put the...all of the international institutions under the umbrella of the UN. This is, of course, not in opposition of the ideas of the secretary general; of course it's not. But I think that our best way to help him is to say that the best reform of UN is to put the World Bank, the World Trade Organization in the hands of UN with our participation. (Speak Up nº 194, p.24-25)

Tradução: (117) Josef Xercavins: Se falarmos sobre a reforma da Nações Unidas, estamos produzindo um sentimento de fragilidade das Nações Unidas, e eu acho que nossa meta deveria ser fortalecer as Nações Unidas. E a melhor reforma das Nações Unidas que podemos fazer é colocar as...todas as instituições internacionais sob o domínio das Nações Unidas. Isto não se opõe, naturalmente, às idéias do secretário-geral, naturalmente que não. Mas eu acho que nossa melhor forma de ajudá-lo é dizer que a melhor reforma das Nações Unidas é colocar o Banco Mundial e a Organização Internacional do Comércio nas mãos das Nações Unidas com a nossa participação. (Speak Up nº 194, p. 24-25)

No exemplo acima, a construção condicional, à qual a reforma das Nações Unidas está atrelada, enfoca as consequências indesejáveis de se propor essa reforma: o enfraquecimento da ONU. O falante, que participa do Fórum Mundial Social na condição de representante da UBUNTO (Fórum Mundial de Redes), escolhe a perspectiva do fortalecimento, indicando que sua visão é contrária à visão geral das pessoas. A construção com o complementizador sinaliza essa diferença e adquire *status* de intersubjetividade na medida em que expressa uma dada perspectiva em atenção a um ponto de vista presumido e socialmente compartilhado.

Um outro exemplo foi retirado da mesma reportagem em que, novamente, a expectativa do falante é contrária àquela que está ativada no discurso:

Original: (118) Noam Chomsky: (*Analysing the event itself*) I think the World Social Forum should be considered not as a place for the excluded members of society but for society. (*He was then asked about Latin America, whether the continent should make institutions of its own*) **I don't think that** Latin American alternatives...**think that** there should be a Latin American alternative to OPEC or the IMF, but rather a worldwide alternative. (Speak Up nº 194, p.24-25)

Tradução: (118) Noam Chomsky: (Analisando o evento em si) _Eu acho (que) o Fórum Social Mundial não deveria ser considerado um lugar para os membros excluídos da sociedade, mas para a sociedade.

(Ele foi então perguntado sobre a América Latina, se o continente deveria criar mais instituições próprias):

Eu não acho que as alternativas latino-americanas...acho que deveria haver uma alternativa latino-americana para a OPEC ou o FMI, mas, em vez disso, uma alternativa mundial. (Speak Up nº 194, p. 24-25)

Nesse caso, o elemento ativado no discurso é a América Latina e suas organizações. A perspectiva presumida pelo entrevistador é de que as organizações deveriam ser restritas à sua regionalidade, perspectiva da qual o entrevistado não compartilha, e com a qual não se alinha. A construção com o complementizador sinaliza a divergência.

5.2.2. As construções em 2ª pessoa

A CEC [2ªp. VEpist [that S] expressa de forma *explícita* que o evento é descrito sob a perspectiva do ouvinte [2ª p.], ao mesmo tempo em que sinaliza de forma *implícita* que o falante discorda dessa perspectiva.

O próximo exemplo aborda as sessões do Fórum Mundial Social e seus pontos mais altos:

Original (119) (Speak Up) Peggy Nash works for the Canadian Auto Workers Union. We asked her what the highlights of the (World Social) Forum (II) were:

Peggy Nash: Well, the session that I felt was the highlight was the session yesterday on civil society, where panelists talked about building a social movement in order to build a more popular democratic society and to fight the corporate globalization, but I think in general the highlight is just this gathering of so many progressive, intelligent, great thinkers from around the world. It makes **you really believe** and feel confident **that** we can build a better world and that another world is possible. (Speak Up nº 194, p. 25)

Tradução (119): Speak Up: Peggy Nash trabalha para o sindicato canadense dos trabalhadores da indústria automobilística. Nós perguntamos a ela quais foram os pontos mais importantes do Fórum Social Mundial:

Peggy Nash: Bem, a sessão que eu senti que foi importante foi a sessão de ontem sobre a sociedade civil onde os palestrantes falaram sobre criar um movimento social a fim de construir uma sociedade democrática mais popular e combater a globalização corporativa, mas eu acho que de forma geral o ponto mais importante é reunir tantos grandes pensadores, progressistas, inteligentes, de todo o mundo. Faz **você realmente acreditar** e confiar **que** podemos construir um mundo melhor e que um outro mundo é possível. (Speak Up nº 194, p. 25)

Ao ser inquirida sobre os pontos altos do evento, a entrevistada apresenta uma visão positiva do mesmo, ao destacar a disjunção entre a proposta da sessão sobre sociedade civil e

os fatos que se observam na sociedade atual. O ponto de vista do falante remete a ele próprio e a toda e qualquer pessoa da sociedade, isto é, o pronome de 2ª pessoa “you” tem valor genérico e, portanto, intersubjetivo.

5.2.3. As construções em 3ª pessoa

As construções de 3ª pessoa, conforme já observado na seção 5.1.3, tendem a retratar perspectivas presumidas por parte do falante com relação a um grupo ou à sociedade de forma geral. O exemplo a seguir ilustra esse caso.

O uso da construção complexa [3ªp. VEpist [that S] coincide com uma divergência de perspectiva, de modo que o falante parte de uma perspectiva ancorada em si (“I”) ou também no ouvinte/leitor (“We”), contrastando-a com a perspectiva de outrem (“they”), ou vice-versa. A perspectiva divergente é expressa pela CEC. No trecho final do exemplo abaixo, o falante expressa uma perspectiva que não é a sua própria, mas a dos homens italianos (“they”):

Original (120) **Speak Up:** But these stories very much go against the idea we have of the romantic Latins and the rather boring, unemotional “Anglo-Saxons” for want of a better word.

Moira Shear: I don’t think the image of the Latin lover...well, in some ways, it is correct because men are very passionate, women are adored, in some sense, more so than maybe by American men, but I think Italian men, they’re a bit more arrogant than the American man, **they think that** this romance element is not necessary, **that they** can successfully “conquer” a woman, so to speak, with their charm, whereas an American man has to rely on romance. (Speak Up nº 181, p.24)

Tradução(120) **Speak Up:** _Mas essas histórias vão muito contra a ideia que temos dos latinos românticos e dos bem chatos, não-emotivos “ anglo-saxões”, por falta de uma expressão melhor.

Moira Shear: Eu não acho (que) a imagem do amante latino... bem, em alguns aspectos, seja correta, porque os homens são muito apaixonados, as mulheres são adoradas, de uma alguma forma, talvez mais que pelos homens americanos, mas eu acho (que) os italianos, eles são um pouco mais arrogantes que os americanos, **eles acham que** esse elemento de romance não é necessário, que eles podem “conquistar” uma mulher, por assim dizer, com seu charme, enquanto que o homem americano tem de contar com romance. (Speak Up, nº 181, p. 24)

Enquanto nas construções epistêmicas iniciais do exemplo acima há uma convergência entre a proposta do entrevistador (“Latins are not, in fact, romantic; and anglo-saxons are not unemotional”) e a perspectiva do falante (“Italian men are a bit more arrogant than American man”), que propicia a escolha de construções simples, no trecho final a escolha da construção

epistêmica complexa indica que o falante não se alinha à perspectiva dos homens italianos (“they”) que passa a reportar.

5.3. Operadores de intersubjetividade

No plano sintático, verifica-se que a ocorrência de estruturas sintáticas específicas, tais como as construções pseudo-clivadas, as construções condicionais, as construções interrogativas e as construções negativas bem como de marcadores discursivos de intersubjetividade na concepção de Traugott & Dasher (2005), tendem a co-ocorrer com a construção epistêmica com o complementizador (CEC). Essa tendência parece estar associada ao fato de que esses recursos sintáticos já carregam alguma carga de intersubjetividade, visto que são estruturas de ênfase e/ou foco na perspectiva que o falante deseja reivindicar sobre o assunto, mas em atenção a uma outra perspectiva explícita ou presumida na interação, da qual o falante diverge ou faz oposição, em um procedimento de disjunção cognitiva. Daí a opção pelo termo “operadores de intersubjetividade”. Vejamos alguns casos:

5.3.1. As construções (pseudo)-clivadas

QUIRK & GREENBAUM (1976) classificam como “pseudo-clivadas” as construções enfáticas iniciadas com o pronome “*what*”, como em “*What I’d really like is a nice hot bath*” (“*O que eu realmente gostaria é de um bom banho quente*”). Segundo esses autores, a construção pseudo-clivada “*torna explícita a divisão entre o dado e o novo na interação*” (1976:416).

O exemplo a seguir é de uma entrevista com Cindy Sheenan, mãe de um soldado americano morto na guerra do Iraque, e que fazia na época dura oposição ao governo Bush:

Original: (121)The rest of the world often sees the United States as a violent and dangerous country. Does Cindy Sheenan agree?

Cindy Sheenan [49, a controversial figure in the US, thanks to her very personal campaign against President George W. Bush over the Iraq War]: **I think that what is the most dangerous is our government...our government’s trying to take our rights away from us, you know, we do have high crime rates, but the true enemy of our country right now is the Bush administration.** (Speak Up nº 238, p.15)

Tradução: (121)Speak Up:

_O resto do mundo frequentemente vê os Estados Unidos como um país violento e perigoso. Cindy Sheenan concorda?

Cindy Sheenan (49 anos, figura controversa nos EUA, graças à sua campanha pessoal contra o presidente George W. Bush com relação à guerra do Iraque):

Eu acho que o que é mais perigoso é nosso governo...nosso governo está tentando tirar nossos direitos, sabe? Nós realmente temos altas taxas de criminalidade, mas o verdadeiro inimigo de nosso país agora é a administração Bush. (Speak Up nº 238, p.15)

O tema da conversa é introduzido pelo entrevistador ao assumir a perspectiva de que os EUA são um país violento e perigoso. O que está ativado é o modelo sócio-político de país. No entanto, o entrevistado refuta essa perspectiva ao dizer que “o que é perigoso é o governo”, assumindo, assim, uma perspectiva que não se alinha com a do entrevistador, mas que perfila ou coloca em proeminência um outro elemento desse MCI de país enquanto organização sócio-política. A construção funciona como um recurso de intersubjetividade, pois ela cria sentido a partir da fala do interlocutor. Aqui a CEC, reforçada pelo encaixe da construção pseudo-clivada, cumpre o papel de contrastar perspectivas.

5.3.2. O marcador “do”

No exemplo a seguir, a construção com o complementizador vem acompanhada de um recurso sintático que é o uso do marcador discursivo “do”, utilizado em estruturas de ênfase, cujo uso se aproxima de marcadores discursivos classificados por Traugott & Dasher (2005) como intersubjetivos, que são os advérbios “*actually*”, “*indeed*”, “*in fact*” e “*well*”. O uso do marcador *do* foi atestado em várias construções epistêmicas complexas em nossos dados. Aqui o exemplo analisado é com o verbo “*to know*”:

Original (122) (Jordan Riefe)Was it disturbing to find Donnie [his violent character in the film *The Gift*] in you?

(Keanu Reeves) Yeah, physical violence is not something that I practice all the time! The way that we did that was with Sam Raimi, myself and Hilary Swank in a room in a trailer starting with an improvisation of a scene with the Barksdales at home. He encouraged me to hit her. It’s very complicated and I don’t know if I can encapsulate it. **I do know that** the power is intoxicating. The physical power that a man can have sometimes over a woman, it’s scary. But it’s a movie and we’re acting. (Speak Up nº 172, p. 36)

Original (122) Jordan Riefe: __ Foi perturbador encontrar Donnie[seu personagem violento no filme *The Gift*] em você?

__Keanu Reeves: É, a violência física não é algo que eu pratico o tempo todo. A maneira como fizemos isso foi com Sam Raimi, eu e Hilary Swank em um cômodo de um trailer, começando com uma improvisação de uma cena com os Barksdales em casa. Ele me estimulou a bater nela. É muito complicado e eu não sei se eu poderia administrar isso. **Eu realmente sei que** o poder é contagiante. A força física que um homem pode às vezes ter sobre uma mulher é assustador. Mas é um filme e nós estamos representando. (Speak Up nº 172, p. 36)

Nesse caso, o entrevistador destaca um aspecto do comportamento masculino que é a agressividade associada à força física. O ator, Keanu Reeves, estabelece um contraste de pontos de vista ao dizer que não sabe se pode administrar esse tipo de situação, mas sabe que o poder é contagiante. Com relação a essa última afirmação, “I know that the power is intoxicating”, o ator sinaliza disjunção cognitiva com relação ao conteúdo da oração subordinada através do uso da construção complexa. O uso do marcador enfático ajuda a sinalizar implicitamente um ponto de vista contrário ao que se encontra ativado na oração encaixada.

5.3.3. *Os advérbios e os verbos modais*

A seleção pela construção com “that” (CEC) ocorre também associada a outros elementos modalizadores do discurso, ou seja, advérbios tais como “actually”, “just”, “maybe”, “probably” ou verbos modais tais como “may”, “should” or “would”. Conforme observaram TRAUGOTT & DASHER (2005), esses elementos têm valor discursivo e intersubjetivo, na medida em que são utilizados com o intuito de “suavizar” ou diminuir o efeito do conteúdo contrastivo expresso pelo falante em um procedimento de atenção ou consideração ao ouvinte/leitor:

Original: (123) Q: In a previous interview you mentioned that the events of 11th September followed on closely from the “stolen election”, as you call it. **You think that** that election was stolen?

A: Yes, I do. I’m sure the election was stolen: crazy thing is, if it hadn’t been that close, it couldn’t have been stolen.

Q: You live in New York. I mean, what’s the mood in the city like today?

A: Well, I think it’s pretty wary. **I just think that maybe**, after having put on a very brave face and gone back to trying to feel normal, people are beginning to admit that things are different, they do feel differently. (Speak Up nº 190, p.22)

Tradução: (123) Speak Up: Em uma entrevista anterior você mencionou que os eventos de 11 de setembro resultaram imediatamente da “eleição fraudada” como você a chama. **Você acha que a eleição foi fraudada?**

_Sim, eu acho. Tenho certeza que a eleição foi fraudada: o estranho é que, se não tivesse sido por tão pouco, ela não poderia ter sido fraudada.

Speak Up: Você mora em Nova York, quero dizer, qual é o clima na cidade hoje?

_Bem, acho (que) é bastante cauteloso. **Eu só acho que, talvez,** depois de colocar uma máscara de forte e voltar a tentar se sentir normal, as pessoas estão começando a admitir que as coisas são diferentes, elas realmente se sentem diferentes. (Speak Up nº190, p. 22)

No exemplo acima, o entrevistador já tem conhecimento da opinião do entrevistado a partir de uma reportagem anterior. Ele, então, corrobora a idéia já introduzida no discurso através de uma pergunta que não obedece à estrutura canônica da língua, “You think that the election was stolen?”, sem o uso do auxiliar¹⁰⁰, sinalizando que a informação é presumivelmente de conhecimento de todos e que a pergunta não se constitui em uma pergunta de fato, mas em uma afirmação que solicita confirmação. Nesse caso, o uso da CEC na pergunta parece satisfazer o valor intersubjetivo de disjunção cognitiva, pois o entrevistador não se alinha à perspectiva do entrevistado. Quando se trata do turno de fala deste último, o uso de modalizadores da fala, tais como “*just*” e “*maybe*”, também evidencia caráter de intersubjetividade, conforme observado por Traugott & Dasher. Dessa vez, o entrevistado recorre à CEC para sinalizar divergência de perspectiva com relação à pressuposição de que anteriormente as pessoas não admitiam que as coisas estavam diferentes, pois “assumiam um ar de bravura” e “tentavam aparentar normalidade”.

5.3.4. As construções condicionais

Quando a construção epistêmica é introduzida pelo conector de condicionalidade *if*, que é um operador discursivo (FAUCONNIER 1994,1997), duas perspectivas se apresentam:

Original: (124) Isle of Wight. **If you think that** a festival to celebrate a strong-smelling, pungent-tasting bulb is a crazy idea, you may be right – but that hasn’t stopped the town of Newchurch from hosting their annual Isle of Wight Garlic Festival for the last 19 years. (Speak Up nº 209, p. 6)

¹⁰⁰ As gramáticas inglesas tratam esse tipo de pergunta como “declarative questions” (QUIRK & GREENBAUM, 1976), que sinalizam positividade (LEECH & SVARTVIK (1975), isto é, o falante assume que a resposta é positiva.

Tradução: (124) Ilha de Wight. **Se você acha que** um festival para comemorar um vegetal de cheiro forte e de sabor acre é uma idéia maluca, você **pode** estar certo – mas isso não impediu a cidade de Newchurch na Ilha de Wight de sediar o seu Festival Anual do Alho durante os últimos 19 anos. (Speak Up nº 209)

O redator sinaliza implicitamente que sua perspectiva de que o festival é uma coisa maluca pode divergir daquela assumida pelos leitores. A escolha da CEC evidencia que a expectativa do redator não coincide com a crença presumida do leitor e das pessoas de forma geral.

5.3.5. As construções interrogativas

Quando a construção epistêmica ocorre no escopo de perguntas endereçadas ao ouvinte/interlocutor/leitor, a construção com “*that*” é normalmente utilizada, o que também pode evidenciar que o falante pressupõe a perspectiva das pessoas de forma geral, como visão socialmente compartilhada, ativando-a na sua pergunta, mas colocando-se *implicitamente* como não-associado a essa perspectiva.

O exemplo abaixo trata de um trecho extraído de uma espécie de fórum de discussão via Internet sobre assuntos triviais, tais como o do exemplo a seguir, que discute o fato de o inglês ser considerado nacionalidade ou raça:

Original: (125) Why do some people **think that** English is a race rather than a Nationality..?

Even the 'White English' originate from many different ethnicities such as ...Celt, Anglo - Saxon, Norman, Jute, Roman etc
Isn't England a country..and ANYBODY born there is English??
What do you think??

a. I think white and black are races. English is a nationality that is people born in England.

English is not a race. In other words, what you said

b. I think genuinely some people don't really think about the difference when they are answering questions. It all means pretty much the same thing either that the British are different from them or the same as them so they use the first word they think of. I've probably done it myself in the past)

Tradução: (125) Por que algumas pessoas acham que o inglês é uma raça ao invés de uma nacionalidade? Mesmo os “ingleses brancos se originam de muitas etnias diferentes, tais como...os celtas, os anglo-saxões, os normandos, os jutos, os romanos, etc. A Inglaterra não é um país e QUALQUER UM nascido lá não é inglês? O que você acha?

a. _ Eu acho (que) brancos e negros são raças. Inglês é uma nacionalidade que significa pessoas nascidas na Inglaterra. Inglês não é uma raça. Em outras palavras, o que você disse.

b. _ Eu acho verdadeiramente (que) algumas pessoas não pensam realmente sobre a diferença quando elas estão respondendo perguntas. Significa tudo a mesma coisa, tanto que

os britânicos são diferentes deles ou o mesmo que eles. Então eles usam a primeira palavra que vem à mente. Eu provavelmente fiz isso antes.

No caso acima, embora a pergunta seja introduzida por uma construção complexa, indicando disjunção cognitiva, os participantes do fórum de discussão optam por expressar suas opiniões através de construções simples, revelando, dessa forma, que sua perspectiva está coordenada com as opções disponibilizadas na pergunta.

No caso abaixo, também retirado de um fórum de discussão, o tema é o questionamento sobre os garotos que gostam de jogar vídeo games, que seriam considerados *nerds* pelas garotas.

Original: (126) Do girls **think that** guys who play video games are nerdy?

Do Girls think Gamers are Nerds?

Inevitably, some do and some do not.

Here in input and advice from FAQ Farmers:

a. I asked my lovely 17-year-old daughter this question. She says girls **DO think that** guys who play video games are nerdy, and added, “What’s wrong with being a nerd, they are much better than jocks?” She does not have a lot of time for the “cool” guys.

Tradução: (126) As meninas **acham que** os meninos que jogam vídeo games são *nerds*? As meninas **acham (que)** os jogadores são *nerds*? Inevitavelmente algumas sim e algumas não. Para referência, aqui está a definição de NERD: uma pessoa quadrada (termo da década de 50). Pessoa não interessante, inadequada, não atraente, fracassada. Pessoa que é determinada ou aplicada na área técnico-científica, mas é percebida como sendo socialmente inadequada.

Aqui a contribuição e conselho dos participantes das *FAQs*:

a. _ Eu fiz essa pergunta à minha adorável filha de 17 anos. Ela diz que as meninas **REALMENTE acham que** os meninos que jogam vídeo games são *nerds*. E acrescentou: _ O que há de errado em ser *nerd*? Eles são muito melhores que os atléticos? Ela não tem muito tempo para os meninos “legais”.

Neste exemplo, tem-se uma CEC interrogativa que traz na sua oração encaixada uma informação que é atribuída a um grupo de pessoas, mas marcada implicitamente como divergente da perspectiva do entrevistador. A construção assume, dessa forma, caráter intersubjetivo. Como a pergunta já foi ativada, ela é retomada por uma construção sem o complementizador, agora em conjunção cognitiva com o discurso precedente.

No que diz respeito à participação das pessoas no fórum de discussão, a pergunta licencia dois tipos de resposta: “sim, os garotos são *nerds*” ou “não, os garotos não são *nerds*”. A opinião de um dos participantes traz uma construção introduzida por um marcador de ênfase (*do*), que se alinha com uma das perspectivas ativadas na pergunta, ou seja, “os meninos são *nerds*”. O falante reporta a opinião de sua filha e não a sua própria, que

provavelmente é divergente. Esse conjunto de fatores propicia a utilização da construção complexa.

5.3.6. As construções negativas

Finalmente, um outro aspecto intersubjetivo das construções completivas epistêmicas diz respeito às orações principais com verbos epistêmicos na forma negativa. Tais construções podem ocorrer na presença ou ausência do complementizador, porém, a nosso ver, com funções distintas. A construção negativa simples parece sinalizar que o falante assume alinhamento quanto ao conteúdo expresso pela proposição, que tem carga negativa:

Original: (127) [Writer urging Inauguration Day boycott](#) AP via Seattle Post Intelligencer - 2005-01-11

David Livingstone says the idea behind the economic boycott he's organizing is simple: If people don't show up at work or buy things, companies lose money. As he sees it, that's money the Bush administration can't tax, and can't use to run the war in Iraq, protect polluters or chip away at the Constitution.

So the Detroit Democrat and a handful of other anti-Bush groups across the country are urging others of like mind to withhold their cash and labor on Inauguration Day - from all businesses. **They don't think they'll inflict a huge economic pain**, but they do want to make a point.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257484857>

Tradução: (127) [Escritor exige boicote ao Dia da Inauguração](#) AP via Seattle Post Intelligencer - 2005-01-11

David Livingstone diz que a idéia por detrás do boicote econômico que ele está organizando é simples: se as pessoas não aparecem no trabalho ou não compram coisas, as companhias perdem dinheiro. Da forma como ele vê a questão, é dinheiro que a administração Bush não pode taxar, e não pode usar para conduzir a guerra no Iraque, proteger empresas poluidoras ou ferir a constituição.

Então os Democratas de Detroit e outros grupos anti-Bush ao redor do país estão exigindo que outras pessoas de opinião semelhante a segurar o dinheiro e o trabalho no Dia da Inauguração – em todas as áreas. **Eles não acham (que) vão infligir um enorme impacto na economia**, mas eles realmente querem levantar uma questão.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257484857>

No exemplo acima, o falante se alinha *implicitamente* com a perspectiva de terceiros de que o boicote ao consumo não vai ter grande impacto, isto é, há uma convergência entre o ponto de vista do falante e o que ele reporta.

Por outro lado, quando o falante tem reação negativa ao conteúdo expresso pela proposição, a construção complexa é utilizada, sinalizando uma crítica ao conteúdo da proposição e revelando, assim, que não há alinhamento com a perspectiva disponível na interação:

Original: (128)- Daschle: 'Certainly, I Don't Think That Many People Are Overtaxed.'

From *Let Freedom Ring*, by Sean Hannity, page 209:

In October of 1997, for example, then-Senate Minority Leader Tom Daschle was speaking with some journalists when he was asked if Democrats thought the American people were overtaxed, and whether he had any interest in working with Americans to cut taxes . . .

"We have the lowest tax rate of any industrialized country in the world," Daschle replied. "That tax rate has, in large measure, been the subject of a great deal of debate about fairness for a long period of time. We have a great disparity between the richest and poorest in this country. Our view is that we've got to make the tax system more fair. But certainly I don't think that many people are overtaxed."

<http://campaignspot.nationalreview.com/post/>

Tradução (128): Daschle: "Com certeza, eu não acho que muitas pessoas são sobrecarregadas de impostos

Do "Let Freedom Ring", por Sean Hannity, p. 209:

Em outubro de 1997, por exemplo, o então senador Tom Daschle estava conversando com alguns jornalistas quando foi perguntado se os democratas achavam que os americanos eram sobrecarregados com impostos, e se ele tinha qualquer interesse em trabalhar com os americanos para reduzir as taxas...

__Nós temos a taxa mais baixa do que qualquer país industrializado do mundo __respondeu Daschle. __Essa taxa de impostos tem, em grande proporção, sido o tema de forte debate há muito tempo. Temos uma grande disparidade entre os mais ricos e os mais pobres deste país. Nosso ponto de vista é que temos de tornar o sistema de impostos mais justo. Mas com certeza eu não acho que muitas pessoas estão sobrecarregadas com impostos.

<http://campaignspot.nationalreview.com/post/>

No caso acima, o entrevistado sinaliza a necessidade de revisão do sistema de tributação no país, mas se opõe à idéia de super-cobrança de impostos quando diz que "certamente não acha que muitas pessoas são sobrecarregadas com impostos". Sua perspectiva de representante dos Democratas, portanto, não se encontra em alinhamento com a que foi oferecida pelo entrevistador na pergunta. As construções negativas, com a presença do complementizador, vêm sinalizar, então, um processo de não-alinhamento de perspectivas, mais uma vez em um procedimento discursivo intersubjetivo.

De forma geral, essas construções sinalizam perspectiva contrária ou divergente da que se encontra ativada na interação ou que é presumida e compartilhada por um determinado grupo de pessoas. Vejamos alguns exemplos em que se evidenciam instanciações dos verbos “*to believe*” e “*to know*” nas CEC negativas:

Original (129)- Taylor said she declined an invitation to speak about [Jackson](#) at his public memorial because she "cannot be part of the public hoopla."

"I just don't believe that Michael would want me to share my grief with millions of others," Taylor tweeted. "How I feel is between us. Not a public event."

"I certainly don't want to become a part of it," she said. "I love him too much. ... And I cannot guarantee that I would be coherent to say a word."

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/07/18/liz.taylor.hospital/index.html>

Tradução (129) Taylor disse que declinou o convite para falar sobre Michael em seu memorial porque “ela não pode fazer parte da encenação”. __ Eu simplesmente não acredito que Michael iria querer me ver compartilhar meu pesar com milhões de outras pessoas __Taylor disse. __A maneira como me sinto é entre nós dois. Não um evento público. Eu certamente não quero ser parte disso__ela disse. __Eu o amo tanto...e não posso garantir que diria algo coerente.

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/07/18/liz.taylor.hospital/index.html>

No exemplo acima, a construção negativa sinaliza a reação também extremamente negativa que Elizabeth Taylor teve por ocasião da morte de Michael Jackson. A perspectiva de sua participação no memorial já se encontra ativada na notícia no parágrafo anterior, mas ela a refuta a partir de uma perspectiva que perfila sua crença presumida sobre a atitude de Michael nessa situação. O marcador “*just*” reforça o caráter intersubjetivo da operação.

No exemplo a seguir, a entrevistada expressa uma perspectiva negativa quanto ao seu relacionamento com o marido que, segundo rumores, está envolvido com uma outra pessoa:

Original (130)- Kate Gosselin: '**I don't know that** we're in the same place anymore'

After being in a harsh spotlight for the last few weeks as tabloids have written of marital troubles, Kate Gosselin is now admitting to *People* that she and her hubby Jon have been privately struggling for months.

"**I don't know that** we're in the same place anymore, that we want the same thing," she says quietly, a reference to stories that say Jon has fallen for a 23-year-old teacher. For Kate, who has referred to her husband as "my balance, my strength and my stability," to now consider a future apart has been heartbreaking, but not impossible.

<http://blogs.usatoday.com/entertainment/2009/05/kate-gosselin-i-dont-know-that-were-in-the-same-place-anymore.html>

Tradução (130) Kate Gosselin: “ **Eu não sei que** nós estamos mais no mesmo lugar”

Depois de estar sob os holofotes...nas últimas semanas enquanto os tablóides escreviam sobre seus problemas matrimoniais, Kate Gosselin agora está admitindo à revista *People* que ela e seu marido...Jon têm se desentendido há meses.

__**Eu não sei que** nós estamos mais no mesmo lugar, que queremos a mesma coisa __disse ela em voz baixa, fazendo referência às histórias que dizem que Jon se apaixonou por uma professora de 23 anos. Para Kate, que tem se referido ao marido como “meu equilíbrio, minha força e minha estabilidade”, considerar agora uma futura separação é doloroso, mas não impossível.

<http://blogs.usatoday.com/entertainment/2009/05/kate-gosselin-i-dont-know-that-were-in-the-same-place-anymore.html>

A construção negativa com o verbo “*to know*” perfila conhecimento presumido por parte do falante e do ouvinte, mas que agora é passível de questionamento. A construção negativa com o complementizador reforça o aspecto intersubjetivo, mas disjuntivo, do enunciado.

O próximo capítulo analisará as características discursivo-pragmáticas apontadas aqui face à semântica dos diferentes verbos epistêmicos que ocorrem nas orações principais das duas construções instanciadas: CES e CEC.

6 – A COMPATIBILIZAÇÃO ENTRE OS VERBOS EPISTÊMICOS E AS CONSTRUÇÕES COMPLETIVAS

Como vimos no capítulo 4, as construções intersubjetivas com coordenação cognitiva são preferencialmente instanciadas com os verbos “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*”, enquanto as construções intersubjetivas com disjunção cognitiva apresentam mais frequentemente os verbos “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”. A pergunta que se coloca é: de que maneira as características semânticas desses verbos se compatibilizam com as características discursivo-pragmáticas das construções?

Conforme aponta GOLDBERG (1995) ao discutir a integração entre verbos e construções, a construção sintática deve especificar a forma como o evento descrito pelo verbo se integra ao evento descrito pela construção, como, por exemplo, na integração de papéis participantes dos verbos e papéis argumentais da construção.

No caso específico das construções complexas que têm seu *slot* verbal preenchido pelos verbos epistêmicos “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*”, “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”, postulamos que existe uma integração entre o valor semântico dos verbos epistêmicos que ocorrem na oração principal e o valor construcional das duas instanciações da construção completiva [SN VEpist [Ø S]] ou [SN VEpist [that S]], argumentando que a seleção por um ou outro verbo na oração principal tem relação com o tipo de construção evocada no evento de fala. Conforme observa LANGACKER (2008), as orações finitas invocam um conceptualizador e indicam sua perspectiva face ao conteúdo expresso e estão, dessa forma, mais frequentemente relacionadas a julgamentos epistêmicos e concepções de realidade. Em seus termos,

A oração finita está perfilada. Além do processo que ela designa, que está explícito e é objetivamente construído, ela invoca o “*ground*” e a relação perfilada, que é implícita e construída de forma subjetiva. O “*ground*” se centra nos interlocutores, cuja apreensão da relação perfilada envolve uma avaliação epistêmica. Em especial, o elemento que perfila indica o status do processo designado em relação à concepção de realidade por parte do falante. (2008: 437).

É possível argumentar, então, com base na semântica proposta por Langacker para as orações completivas, que o verbo da oração principal indica o status do processo designado na oração subordinada em termos de conceptualização por parte do falante em conjunção com o seu interlocutor. Langacker argumenta, ainda, que “*os predicados que aceitam complementos*

finitos se referem a conhecimento[compartilhado] e concepções de realidade” (2008: 441), e podem indicar aquisição de conhecimento, como em “*to learn*” e “*to predict*”, negociação de conhecimento, como em “*to persuade*” e “*to suggest*”, posse e manutenção de conhecimento, como em “*to know*” e “*to believe*”, comunicação de conhecimento, como em “*to say*” e “*to inform*” e reação a conhecimento, como em “*to regret*” e “*surprised*”. Para VERHAGEN (2005), por sua vez, o verbo da oração principal “*funciona como um operador sobre a relação entre os conceptualizadores, permitindo ao falante/escritor sugerir vários graus de identificação com a perspectiva que é “colocada em cena”*” (2005:80). Os diferentes verbos epistêmicos teriam, então, a função de especificar o grau de identificação com a perspectiva oferecida no fluxo discursivo.

Assim, postularemos que o verbo expresso na oração principal funciona como um operador discursivo que sinaliza a perspectiva a partir da qual o falante, em atenção ao ouvinte, conceptualiza a proposição expressa na oração subordinada, reportando-se ao “*ground*” através de diferentes níveis de comprometimento com o conteúdo com base na concepção de realidade por parte do falante, isto é, através de sua suposição, opinião, crença, experiência, que podem ser compartilhadas ou não pelo ouvinte e demais pessoas, ou de informação ou conhecimento presumivelmente compartilhado, evidenciando objetivos discursivo-pragmáticos distintos.

Conforme a proposta de classificação de verbos epistêmicos definida por HOOPER (1975) e apresentada no capítulo 2, os verbos “*to suppose*”, “*to think*”, “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*” são classificados como tendo valor factivo-assertivo distintos entre si. Segundo a autora, os verbos “*to suppose*”, “*to think*” e “*to believe*” são classificados como não-factivos e pouco assertivos, enquanto que os verbos “*to find*” e “*to know*” são considerados semi-factivos e mais assertivos. Essa classificação, entretanto, apresenta alguns problemas, entre os quais destacamos o agrupamento de verbos semanticamente relacionados em uma mesma categoria, autorizando a inferência equivocada de que tais verbos seriam pragmaticamente equivalentes.

Entretanto, os dados atestados em situações reais de uso mostraram que os verbos “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*” são mais frequentes em contextos interacionais, como no caso de entrevistas ou de *blogs* e fóruns de discussão, além de serem instanciados por construções epistêmicas simples, em que se verifica uma convergência entre o ponto de vista disponível na interação e o ponto de vista do falante. Por outro lado, os verbos “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*” podem ocorrer em contextos interacionais, ou meramente descritivos, como no caso das notícias, ocorrendo preferencialmente em construções epistêmicas complexas, que podem sinalizar divergência de perspectiva na interação ou disjunção

cognitiva com relação ao conhecimento pressuposto e compartilhado em contextos descritivos.

Com base nos dados analisados, postulamos que os verbos epistêmicos têm relação com o tipo de construção instanciada, se CES ou CEC, na medida em que verbos menos assertivos como “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*” tendem a se integrar a construções simples (CES) e a ocorrer em contextos interacionais em que a moldura comunicativa licencia construções que sinalizam uma convergência de pontos de vista, o do falante e o disponibilizado discursivamente, em um procedimento de coordenação cognitiva.

Por outro lado, verbos mais assertivos e factivos como “*to find*” e “*to know*” tendem a se integrar a construções complexas (CEC) e a ocorrer em contextos interacionais que sinalizam a argumentação por parte do falante em um procedimento de disjunção cognitiva.

É interessante notar que as ocorrências com o verbo “*to believe*”, classificado como não-factivo e pouco assertivo (HOOPER,1975), foram em integração a construções complexas, assim como “*to find*” e “*to know*”. Pode-se concluir, portanto, que embora o verbo “*to believe*” semanticamente indique o perfilamento de uma crença por parte do falante ou de terceiros, tal como “*to think*”, “*to guess*” e “*to suppose*”, o que se verifica é que sua maior assertividade em relação a esses verbos permite que, pragmaticamente, seja utilizado em contextos de divergência cognitiva. Assim, parece possível propor uma classificação que trate dos verbos epistêmicos como organizados semanticamente em um *continuum* de assertividade e não em uma díade +/- assertivo, já que o verbo “*to believe*” parece expressar um grau de assertividade maior que “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*”, por exemplo, mas reconhecidamente inferior a “*to find*” e “*to know*”.

Com base nas duas molduras sintáticas encontradas para as ocorrências desses verbos nas construções completivas epistêmicas, quais sejam,

CES [I {think} [Ø ...Vpres...]]

{suppose}

{guess}

CEC [I {believe} [that ...Vpres...]]

{find}

{know}

postulamos que os verbos epistêmicos se organizam ao longo de um *continuum* factivo-assertivo que compreende uma ordem crescente para esses verbos: “*to suppose*” > “*to guess*”

> “to think” > “to believe” > “to find” > “to know” e que verbos não-factivos e menos assertivos tendem a se integrar a construções simples enquanto que verbos semi-factivos ou mais assertivos tendem a se integrar as construções complexas.

Passaremos agora a analisar as ocorrências desses verbos em contextos de conjunção e disjunção cognitiva, tentando verificar a compatibilidade entre os verbos utilizados e as construções preferencialmente instanciadas.

6.1. O verbo “to suppose”

Segundo HORNBY (2000), o verbo *to suppose* carrega as acepções de “pensar ou acreditar que algo é verdade ou possível, baseado em conhecimento que se tem” como em “I don’t suppose for a minute that he’ll agree” ou “imaginar” como em “The theory supposes the existence of life on other planets”.

Conforme observa VERHAGEN (2005), o verbo “to suppose” pertence ao grupo de “*complement-taking (CT) predicates*” que pressupõe algum tipo de relação causal. Segundo esse autor, “*se alguém assume ou supõe algo, a noção de conhecimento compartilhado sobre uma série de causas e conseqüências também é ativado.*” (2005: 142). Verhagen continua: “*Eles [os predicados] não só convidam o interlocutor a se envolver em um processo de coordenação cognitiva, mas eles o fazem com base em conhecimento compartilhado, comum, sobre a estrutura causal do mundo [em si].*” (2005:142).

WIERZBICKA (2006), que analisa um determinado grupo de verbos epistêmicos em seu uso parentético, observa que o verbo “to suppose” inclui a idéia de “*I don’t know*” (“*Eu não sei*”), mas também reflete o processo de raciocínio. Em suas palavras, “*o conteúdo do que se supõe pode ser visto como um resultado temporário deste processo de raciocínio*” (2006: 209). Existe, então, uma relação causal implícita ao uso deste verbo, em que o falante busca estabelecer relação entre os fatos através de uma determinada perspectiva de causalidade.

O exemplo a seguir é parte de uma entrevista com um músico britânico que se converteu ao Islã. A ocasião da entrevista é o período pós-ataque de 11 de setembro:

Original (131)-Speak Up: Richard Thompson who was a founder and a member of the legendary English group, Fairport Convention, has been an important part of the music scene since the 1960s. Yet he is also a convert to Sufi Islam and, in the light of recent events, we decided to ask about this:

Richard Thompson: Well, you know, it’s just a method. It’s a process of understanding the world and communicating with the creator and that’s basically it. And **I suppose** I was

attracted to the inner quality of the Muslims. You know, as I traveled through the Muslim world, people only offered me generosity and sweetness, that was all I ever saw. People were so kind and had such impeccable, **I suppose** the word would be “manners”. You know, people’s courtesy and hospitality was just extraordinary and that was very attractive and seductive. (Speak Up nº 181, p. 32)

Tradução (131) – Speak Up: Richard Thompson, que foi fundador e membro do lendário grupo inglês *Fairport Convention*, tem sido parte importante do cenário musical desde a década de 60. No entanto, ele também se converteu ao *Sufi Islã*, e à luz dos eventos recentes, decidimos perguntar-lhe sobre isto:

Richard Thompson: Bem, sabe, é só um método. É um processo de compreender o mundo e de se comunicar com o criador e é basicamente isso. E **eu suponho (que)** eu fui atraído pela qualidade intrínseca dos muçulmanos. Sabe, de acordo com que eu fui viajando pelo mundo muçulmano, as pessoas somente me ofereceram generosidade e delicadeza, isso foi tudo o que eu vi. As pessoas eram tão gentis e tinham - **eu suponho (que)** a palavra seria “modos” impecáveis. Sabe, a cortesia e hospitalidade das pessoas foram simplesmente extraordinárias e isso foi muito atraente e sedutor. (Speak Up nº 181, p. 32)

No exemplo acima, o MCI ativado na entrevista é o da religião islâmica. O entrevistado, embora de nacionalidade britânica, se converteu ao islamismo e, sob sua perspectiva, o mundo muçulmano apresenta aspectos positivos que remetem a um elemento em destaque nesse *frame* – as pessoas, o povo muçulmano- apontados na sua fala através de expressões como “the inner quality of the Muslims”, “generosity and sweetness”, “courtesy and hospitality”; em contraposição ao contexto mundial à época da entrevista que é o ataque de 11 de setembro ao World Trade Center, quando o povo muçulmano foi visto de forma extremamente negativa. A construção epistêmica simples (CES) evidencia que o entrevistado tem uma perspectiva positiva para com os representantes dessa cultura através dos argumentos que utiliza para justificar sua identificação com o povo. O verbo “*to suppose*”, conforme apontado por Verhagen, recorta a relação causal entre a forma como o artista foi tratado pela comunidade muçulmana que refletiu ou resultou em uma avaliação positiva por parte deste para com o povo de forma geral, suas crenças e costumes e que, novamente, justifica sua conversão.

O exemplo, a seguir, ilustra o uso do verbo “*to suppose*” em uma CEC. Embora essa tendência tenha se mostrado menos frequente, sua possibilidade de ocorrência requer explicação. O tema em discussão é um determinado artista que não teve seu trabalho devidamente reconhecido em vida e que, por ocasião de sua morte, foi pouco lembrado:

Original (132)- Timothy Sprigge Sussex

About where he was buried - I don't know, though it was surely in Wales. At the time my

mother sent me a rather sad cutting from a newspaper saying that very few people went to his funeral, and just one real enthusiast for his music. **I suppose that** there was not much interest in him at that time. It is good that there is now a CD of his music (Parry Opus) and I have managed to order an earlier CD called *Crazy Rhythm*.
Fri Feb 24 14:44:55 2006

<http://www.bbc.co.uk/wales/northwest/sites/history/pages/harryparry.shtml>

Tradução (132) – Timothy Sprigge – Sussex

Sobre onde ele foi enterrado – eu não sei, embora com certeza foi no país de Gales. Na época minha mãe me mandou um recorte bem triste de jornal dizendo que pouquíssimas pessoas foram ao seu funeral, e somente um real entusiasta de sua música. **Eu suponho que** não havia muito interesse nele naquela época. É bom que agora há um CD dele (Parry Opus) e eu consegui pedir um CD anterior chamado *Crazy Rhythm*.

<http://www.bbc.co.uk/wales/northwest/sites/history/pages/harryparry.shtml>

O falante justifica a ausência de público no funeral do artista pelo desinteresse por sua música na época. Sua justificativa, no entanto, é contrária à sua expectativa, visto que ele considera “bom” que agora haja CDs disponíveis e que ele tenha conseguido comprá-los. A construção epistêmica complexa (CEC) vem sinalizar uma perspectiva intersubjetiva de disjunção cognitiva com relação às demais pessoas, já que o falante tem uma postura favorável ao repertório do cantor, procurando obter seus CDs. O verbo “*to suppose*”, por sua vez, vem marcar o caráter causal da construção, no sentido de que o falante apresenta, na oração encaixada, um motivo provável para o não-comparecimento das pessoas ao funeral. Entretanto, ao escolher um verbo menos assertivo e não-factivo, o falante sinaliza pouca certeza com relação ao motivo apresentado.

Assim, em linhas gerais, a construção poderia ser parafraseada da seguinte forma: “o motivo da ausência do público no funeral do artista pode ter sido sua falta de popularidade na época, embora eu tenha pouca certeza disso. De qualquer forma, caso o motivo tenha sido realmente esse, não compartilho dessa opinião.”

6.2. O verbo “*to guess*”

Segundo HORNBY (2000), o verbo “*to guess*” possui as acepções de “tentar dar uma resposta ou fazer um julgamento sobre algo sem ter certeza de todos os fatos, como em “*We can only guess at her reasons for leaving*” ; de “encontrar a resposta certa para uma pergunta ou a verdade sem conhecer todos os fatos, como em “*She guessed the answer straight away*”; ou ainda de “supor que algo é verdade ou provável”, como em “*I guess (that) you’ll*

be looking for a new job soon". Wierzbicka argumenta que este verbo é utilizado para expressar um pensamento *ex promptu*, isto é, prontamente, em situações em que o falante está preparado para arriscar uma opinião, sem ter uma base sólida para fazê-lo. Ela continua "Claramente, "I guess" não indica uma opinião ou intenção ponderada com a qual o falante está comprometido. Ele não tem certeza, mas não vai refletir muito sobre a questão antes de responder." (2006: 210). Vejamos o que os dados nos mostram:

O exemplo a seguir trata da reportagem sobre a hospitalização de Elizabeth Taylor logo após a morte prematura de Michael Jackson, seu amigo íntimo:

(133) Original: Taylor, 77, used her Twitter handle, @DameElizabeth, to tell fans that she was home, just as she did last week to announce she would go into a hospital to "to complete a test I was in the middle of."

Her publicist this week denied tabloid rumors that her hospitalization was brought on by her grief over the sudden death of her close friend Michael Jackson in June.

Taylor, in her latest tweets, addressed her sadness over Jackson's death:

"I'm home from the hospital sore, but intact. Of course I'm still grieving for Michael ... I always will."

"But as I said before I went into the hospital, 'I am a survivor,'" [Taylor](#) tweeted.

"I've had many tragedies in my life, but **I guess** they have all taught me something. I have to look at it that way."

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/07/18/liz.taylor.hospital/index.html>

(133)Tradução: Taylor, 77, usou sua página no Twitter, @ Dame Elizabeth, para dizer aos fãs que estava em casa, assim como ela fez na semana anterior para anunciar que iria para o hospital "completar um teste em que estava na metade".

Esta semana seu agente negou os rumores dos tablóides de que sua hospitalização foi provocada pelo seu pesar pela morte repentina de seu amigo íntimo, Michael Jackson, em junho.

Taylor, em suas últimas mensagens, abordou sua tristeza pela morte de Jackson:

__Estou de volta do sofrimento do hospital, mas intacta. Claro que ainda estou pesarosa por Michael... eu sempre estarei. Mas como eu disse antes de ir para o hospital, eu sou uma sobrevivente __disse Taylor pelo Twitter. __Já tive muitas tragédias na minha vida, mas **eu acho (que)** todas elas me ensinaram alguma coisa. Eu tenho de enxergar dessa forma.

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/07/18/liz.taylor.hospital/index.html>

Conforme já observado com relação ao verbo "*to suppose*", do qual, segundo levantamento enciclopédico, o verbo "*to guess*" é considerado variante informal, a construção preenchida por este verbo busca estabelecer uma relação causal entre os eventos descritos na sentença. No caso acima, Elizabeth Taylor busca explicar a postura que hoje assume sobre os

eventos de sua vida com base nas suas experiências passadas, argumentando que as tragédias pelas quais passou tiveram conseqüências ou resultados na sua vida, dentre eles o aprendizado. Além disso, o uso do verbo “*to guess*” parece estar em conformidade com a atitude do falante em estabelecer uma relação causal prontamente, sem refletir muito sobre a questão. A ocorrência da CES é favorecida pela perspectiva que o falante assume sobre o conteúdo, uma perspectiva subjetiva, própria, um olhar reflexivo sobre sua vida, que já se encontra ativado no discurso, visto que toda a notícia discorre sobre a atriz, que é tópico da notícia.

No exemplo abaixo, o falante aborda alguns dos aspectos positivos da vida tribal, como, por exemplo, “family values” “community spirits”, “riches of community”. Pouco a pouco, no entanto, ele vai desmontando esse modelo ao se declarar “less romantic”, e revelar “the sad truth”: o falante não deseja trocar sua vida confortável, seu “Ipod, clean sheets and varied foods” pela vida tribal:

(134)Original: Tina Bentham :

Do you envy any tribe people's way of life? They seem so content.
I do envy much of what I see in these communities. Their family values and community spirits are especially appealing to any visitor, yet I try not to do so in too romantic or patronising a way. I used to have a very rose tinted view of life in such places, but that was in the days when I just used to visit such peoples. Nowadays, having actually lived their lives I have seen how hard that can often be, I am less romantic. Of course I am generalising here and each community I visit is very different, but the sad truth is that I would never be able, nor want, to swap my life for theirs.

They seem to have so much of what it is that we look for, yet in return we have much of what they want too. In the end contentment only comes from within and for better or worse I have tasted a very rich and rewarding life in the west and I like my exciting, vibrant lifestyle. I could not get that living in a tribal community even though I know that in the long run the riches of community far outweigh the riches of materialism. A tribal elder who had lived before first contact said to me once, "We were happier back then, but now that we have seen the other side, we want more. There is no going back for us". **I guess that** I like my Ipod, clean sheets and varied foods too much to trade them in.

<http://www.bbc.co.uk/tribe/bruce/qa2.shtml>

(134) Tradução: Tina Bentham:

Você inveja o estilo de vida de alguma tribo? Eles parecem tão satisfeitos.

Eu realmente invejo muito do que vejo nestas comunidades. Seus valores familiares e o espírito comunitário são um apelo especial a qualquer visitante, mesmo assim eu tento não fazê-lo de uma forma muito romântica ou favorável. Eu costumava ter uma visão muito floreada da vida nesses lugares, mas isso era na época que eu apenas costumava visitar essas pessoas. Hoje em dia, tendo vivido suas vidas, eu vejo o quanto e quão frequentemente isso pode ser difícil. Sou menos romântica. Naturalmente que estou generalizando e que cada comunidade que visito é muito diferente, mas a triste verdade é que eu jamais seria capaz, ou desejaria, trocar a minha vida pela deles. Eles parecem ter tanto daquilo que procuramos,

mesmo assim, por outro lado, nós temos muito do que eles querem também. No final das contas, a satisfação somente vem de dentro e, bem ou mal, eu experimentei uma vida muito rica e compensadora no ocidente e gosto do meu estilo de vida emocionante e vibrante. Eu não poderia viver em uma comunidade tribal muito embora eu saiba que a longo prazo as vantagens [da vida] comunitária superam em muito as vantagens [do mundo] materialista. Um idoso da tribo que vivia sem qualquer contato me disse uma vez: __Éramos mais felizes naquela época, mas agora que vimos o outro lado, queremos mais. **Eu acho que** eu gosto muito do meu Ipod, dos meus lençóis limpos e dos alimentos variados para barganhá-los.

<http://www.bbc.co.uk/tribe/bruce/qa2.shtml>

O falante coloca um determinado modelo de vida em proeminência para, ao final, se dissociar desse modelo, colocando em foco um outro modelo, que é a vida materialista do ocidente, com a qual ele se compromete. A ocorrência da CEC marca essa divergência de perspectivas de vida, em um procedimento de disjunção cognitiva. A escolha pelo verbo “*to guess*”, por sua vez, permite que o falante justifique sua preferência e sua opção em não mudar de estilo de vida.

6.3. O verbo “*to think*”

Conforme observado anteriormente no item 4.2, as construções com o verbo *to think* ocorrem mais frequentemente em construções epistêmicas simples. Tomando como base o levantamento enciclopédico sobre a natureza semântica deste verbo (HORNBY, 2000), temos as acepções de “ter opinião ou crença”, como em “*Do you think (that) they’ll come?*”; “imaginar” como em “*I can’t think (that) he would be so stupid.*”; “esperar”, como em “*I never thought (that) I’d see her again*”; “ter por objetivo” como em “*I think I’ll go for a swim*” e “ser menos definido ou mais polido” como em “*Do you think you could open the window*”, dentre outros usos. Há que se observar que o verbo “*to think*” é polissêmico, apresentando uma extensa variedade de sentidos, o que pode contribuir para a sua alta frequência nos dados levantados, em relação aos demais verbos epistêmicos.

Wierzbicka argumenta que o sintagma epistêmico “*I think*” é altamente recorrente na língua inglesa e tem duas interpretações possíveis, dependendo se ocorre em sentenças modalizadas ou exclamativas que expressam emotividade, como em “*I think we should go*” (“*Eu acho que deveríamos ir*”), em que a interpretação seria “*I think like this, I don’t say more*” (“*Penso desta forma, é só o que eu digo*”); ou se ocorrem em sentenças declarativas, mas que não têm valor modalizador, como em “*I think Bill wrote it*” (“*Eu acho que Bill escreveu isso*”), em que a interpretação seria “*I don’t say: I know it*” (“*Eu não digo: Eu sei.*”), ou seja, o falante não afirma o conhecimento do fato.

Conforme atestam os exemplos do dicionário, que são privados de contextualização, as duas construções objetos de nossa análise, a construção [SN VEpist [Ø S]] e a construção [SN Epist [*that* S]] são passíveis de ocorrer com esse verbo. Como a semântica do verbo “*to think*” nos remete ao julgamento epistêmico, somos reportados inevitavelmente ao universo conceptual do participante que se apresenta como sujeito sintático do verbo, que quando expresso na 1ª pessoa, deixa entrever a perspectiva do falante enquanto sujeito da conceptualização.

No modelo cognitivo oferecido por VERHAGEN (2005), o verbo “*to think*” remete ao “*ground*” através do perfilamento de uma atitude mental que não sinaliza a verdade ou falsidade de um determinado conteúdo, mas tão somente a perspectiva epistêmica e o grau de comprometimento positivo para com esse conteúdo, que pode ser confirmado ou refutado. Os exemplos a seguir ilustram essas duas operações:

Original (135)- “Which of the following will weigh more heavily in the election: the economy or Iraq?”

“**I think** for most Americans the economy will weigh more heavily, because the majority of people are most concerned with that which most directly affects their lives – having good jobs, enough food on the table, enough money to care for their families.” (Speak Up nº 209, p. 14-15)

Tradução (135) Qual dos dois vai pesar mais nas eleições: a economia ou o Iraque?

_ **Eu acho (que)** para a maioria dos americanos a economia vai pesar mais, porque a maioria das pessoas está preocupada com isso, que afeta suas vidas de forma mais direta – ter um bom emprego, comida suficiente na mesa, dinheiro suficiente para cuidar da família. (Speak Up nº 209, p. 14-15)

No exemplo acima, o MCI ativado é o das eleições americanas. O entrevistador ativa na pergunta dois elementos de um *frame* que está ligado ao *frame* de eleição que é o modelo de governo. Dentro desse modelo, dois elementos se tornam proeminentes: a economia e a guerra no Iraque. O entrevistado escolhe perfilar o primeiro elemento citado, indicando que sua perspectiva é de que “a economia vai pesar mais”, que é um dos pontos de vista já ativados na pergunta que, por sua vez, estabelece duas possibilidades de perspectivização. Nesse caso, há um alinhamento por parte do falante com uma das perspectivas oferecidas, confirmando-se o uso da CES para os casos de conjunção cognitiva.

Embora a maior parte dos usos do verbo “*to think*” ocorra em CES, sua instanciação em CEC também pode ocorrer. Quando o entrevistador oferece um ponto de vista que o entrevistado não compartilha, este último pode lançar mão de um recurso para marcar a

divergência que é o uso, no plano sintático, da construção complexa. Ela codifica, então, a perspectiva intersubjetiva do falante face ao seu interlocutor, indicando também que os dois universos cognitivos não se encontram alinhados, já que perfilam opiniões diversas diante de um mesmo MCI. No caso abaixo, o *frame* ativado é o filme estrelado por Gwyneth Paltrow:

Original (136)- Speak Up: Don't **you think that** overweight people might feel uncomfortable watching this film?

Gwyneth Paltrow: No, I totally disagree. I mean, **I think that** the film is incredibly embracing and warm. The message of the film is that it doesn't matter if you're extremely overweight or not and that this is ridiculous thing that is sociologically imposed on all of us that we feel that it's unacceptable when it has nothing to do with who the person actually is. (Speak Up nº 181, p. 21)

Tradução (136)- Speak Up: **Você não acha que** pessoas acima do peso poderiam se sentir desconfortáveis assistindo este filme?

Gwyneth Paltrow: Não, eu discordo totalmente. Quero dizer, **eu acho que** o filme é incrivelmente afetuoso e acolhedor. A mensagem do filme é que não importa se você é extremamente obeso ou não, e é ridículo essa coisa que é sociologicamente imposta a todos nós, que sentimos que é inaceitável quando não tem nada a ver com o que a pessoa realmente é. (Speak Up nº 181, p. 21)

O entrevistador oferece a opinião negativa sobre o filme (“people might feel uncomfortable watching this film”), mas o entrevistado refuta essa opinião e defende um ponto de vista positivo (“the film is incredibly embracing and warm”). O verbo “*to think*”, mais uma vez, ocorre em um ambiente cognitivo que permite duas perspectivas distintas com base na opinião que é recortada face a esse *frame*.

6.4. O verbo “*to believe*”

O verbo “*to believe*” carrega as idéias de “ter segurança” sobre algo como em “People used to believe (that) the earth was flat” ou “considerar possível” como em “*Police believe (that) the man may be armed*”.

Wierzbicka concebe o sintagma epistêmico “*I believe*” como a expressão de uma opinião ponderada, mas cautelosamente expressa, que soa mais confiante do que “*I suppose*” e mesmo que “*I think*”. Além disso, a autora observa que ambos, “*I think*” e “*I believe*” implicam “*I don't say I know*” (“*Eu não digo que sei*”), embora ela reconheça que “*I believe*” implique também em alguma evidência para que o falante pense como pensa, o que equivaleria a dizer “*I can say why I think like this*” (“*Eu posso dizer porque eu penso desta forma*”), embora ele reconheça que suas razões para fazê-lo podem não convencer os seus

interlocutores. Existe, então, uma atenção à forma de pensar de outrem, que está implícita à semântica do verbo “to believe” na análise de Wierzbicka. Ela argumenta, ainda, que “*I believe that*” difere de “*I believe*”, pois no primeiro caso o falante expressa comprometimento ou convicção com relação ao conteúdo expresso, que equivaleria a dizer “*I think that it is good if someone thinks like this*” (“*Eu acho que é bom se alguém pensa desta forma*”, e a expressão tende, assim, a introduzir julgamentos pessoais avaliativos, como em “*I believe quite strongly that officers should produce supposed solutions...*”(“*Eu acredito firmemente que os funcionários deveriam produzir soluções esperadas...*”), enquanto que no caso de “*I believe*”, o falante se reporta a conteúdos puramente factuais, como em “*I believe you can get custard in a tin*”(“*Eu acredito[que] você consegue [comprar] [doce de] creme em lata*”).

Do ponto de vista da conceptualização de eventos, postularemos que o verbo “to believe” vai acionar o “ground” por meio de um *frame* que pode estar explícito ou não no fluxo discursivo com base no qual o falante vai expressar uma crença a respeito de um evento ou estado de coisas que está sob responsabilidade do participante codificado como sujeito do verbo.

O exemplo a seguir ilustra a ocorrência do verbo “to believe’ em uma CEC. Trata-se de uma entrevista sobre a restauração do monumento *Stonehenge*:

Original (137)- Speak Up: The Restoration [of Stonehenge] took place between 1901 and 1964. It was particularly vigorous in the 1920s, when Colonel William Hawley was in charge. He re-erected six stones. If you compare Stonehenge today with the circle painted by constable in the nineteenth century, the change is clear. But David Bachelor, an architect for English Heritage, which manages the site, does not agree that the site has been significantly altered:

David Bachelor: In the main they didn’t replace stones. What they did was straightened stones that were leaning at angles that were deemed to be unsafe. The only stones that were actually rebuilt or replaced were ones that were known and recorded as falling down in history. There was no attempt at replacing stones that we had no records of them falling down. **Personally, I believe that** *actually* the monument we have now is far more easy to understand. It is significantly different than it would have been, had those works not (been) undertaken. And therefore I think, actually in terms of the visitor, it actually is much, much better for them to be able to, a, get close to the monument and b, understand it. (Speak Up nº 172, p. 26)

Tradução (137) – Speak Up: A restauração [de *Stonehenge*] ocorreu entre 1901 e 1964. Ela foi particularmente ativa na década de 20, quando o Coronel William Hawley estava no cargo. Ele re-ergueu seis pedras. Se você compara Stonehenge hoje com o círculo pintado pelo militar no século XIX, a mudança é nítida. Mas David Bachelor, arquiteto do *English Heritage*, que administra o lugar, não concorda que o local foi alterado de forma significativa:

David Bachelor: De forma geral eles não substituíram pedras. O que eles fizeram foi apumar as pedras que estavam pendendo em ângulos fadados ao risco. As únicas pedras que foram

realmente reconstruídas ou substituídas foram as que foram observadas e registradas como em queda. *Na minha opinião, eu acredito que na verdade* o monumento que temos agora é muito mais fácil de se entender. Ele é significativamente diferente do que teria sido, se esses trabalhos não tivessem sido realizados. E, portanto, eu acho, na verdade em termos de visitante, na verdade é muito, muito melhor para eles conseguirem (a) chegar perto do monumento e (b) entendê-lo. (Speak Up nº 172, p. 26)

O entrevistador parte da perspectiva de que o monumento sofreu alterações. O entrevistado, representante da instituição responsável pelo patrimônio histórico do país refuta essa perspectiva através da CEC, dizendo que as alterações foram de peças que comprometiam a segurança do local e que o monumento hoje é “muito mais fácil de entender”. A CEC é ainda reforçada pelos operadores discursivos “*personally*” e “*actually*” que marcam também a intersubjetividade do enunciado face à perspectiva inicialmente apresentada. A opção pelo verbo de crença se apóia nos argumentos pessoais apresentados pelo arquiteto para sustentar o seu ponto de vista, que não é compartilhado pelo entrevistador e possivelmente nem pelos visitantes. A CEC evidencia um conflito de frames, o *frame* oferecido pelo entrevistador não coincide com o do representante do Patrimônio Nacional. O verbo “*to believe*”, por sua vez, sinaliza que o sujeito “eu” emite uma opinião sobre algo que está sob sua responsabilidade, atribuindo maior grau de assertividade à opinião emitida, de forma compatível com a disjunção cognitiva estabelecida.

O exemplo abaixo é uma entrevista sobre o Fórum Social Mundial . A entrevistada é representante do Sindicato de Trabalhadores da Indústria Automobilística e, segundo ela, o aspecto mais positivo é a oportunidade de reunir pensadores de todo o mundo:

Original (138) (Speak Up) Peggy Nash works for the Canadian Auto Workers Union. We asked her what the highlights of the (World Social) Forum (II) were:

Peggy Nash: Well, the session that I felt was the highlight was the session yesterday on civil society, where panelists talked about building a social movement in order to build a more popular democratic society and to fight the corporate globalization, but I think in general the highlight is just this gathering of so many progressive, intelligent, great thinkers from around the world. It makes **you** really **believe** and feel confident **that** we can build a better world and that another world is possible. (Speak Up nº 194, p. 25)

Tradução (138): Speak Up: Peggy Nash trabalha para o sindicato canadense dos trabalhadores da indústria automobilística. Nós perguntamos a ela quais foram os pontos mais importantes do Fórum Social Mundial:

Peggy Nash: Bem, a sessão que eu senti que foi importante foi a sessão de ontem sobre a sociedade civil onde os palestrantes falaram sobre criar um movimento social a fim de construir uma sociedade democrática mais popular e combater a globalização corporativa, mas eu acho que de forma geral o ponto mais importante é reunir tantos grandes pensadores, progressistas, inteligentes, de todo o mundo. Faz **você realmente acreditar** e confiar **que**

podemos construir um mundo melhor e que um outro mundo é possível. (Speak Up nº 194, p. 25)

A construção de 2ª pessoa “*you*” assume valor genérico aqui, pois se refere não apenas ao interlocutor, mas ao próprio falante e às pessoas de forma geral. Assim, o falante assume uma perspectiva a partir de uma crença presumivelmente compartilhada por um grupo no qual ele se inclui e que busca assumir responsabilidade sobre movimentos sociais. Além disso, o uso da CEC se apóia nos argumentos usados pelo falante para as pessoas acreditarem na sua perspectiva de um mundo melhor: “this gathering of so many progressive, intelligent, great thinkers”, “building a social movement”, “to build a more popular democratic society”, “to fight corporate globalization”. No entanto, esse modelo de “um mundo melhor” se contrapõe de forma implícita ao mundo como temos hoje, isto é, existe um *frame* de mundo ideal que entra em conflito com o *frame* implícito ao discurso que é de um mundo globalizado e não-democrático.

O exemplo abaixo trata de uma notícia que reporta o comportamento de pais *superstars* que tentam compensar em tatuagens, camisetas e coisas do gênero a sua “ausência” perante os filhos:

Original (139)-Being a parent has never been so glamorous, and celebrities can't stop reminding the world of their children. Madonna wears clothes with her children's names and Pamela Anderson and David Beckham have gone further by having tattoos, respectively “Mommy” and “Brooklyn”. But psychologists **believe that** such showing off may be compensation for the lack of time celebrities spend with their offspring. Whether it's true or not, the parent-child relationship lasts forever indeed, precluding the need for tattoo reworking later. (Speak Up nº 171, p. 36)

Tradução (139) - Ser pai nunca foi tão glamouroso, e as celebridades não conseguem deixar de lembrar ao mundo os seus filhos. Madonna usa roupas com os nomes dos filhos e Pamela Anderson e David Beckham foram mais longe, fazendo tatuagens, “Mommy” e “Brooklyn”, respectivamente. Mas **os psicólogos acreditam** que tamanho exibicionismo pode ser compensação pela falta de tempo que as celebridades têm para com sua prole. Se é verdade ou não, o fato é que a relação pai-filho dura para sempre, poupando a necessidade de refazer a tatuagem mais tarde. (Speak Up nº 171, p. 36)

A CEC introduzida pelo operador de contraste “*but*” vai sinalizar uma perspectiva oposta à anterior. Se, primeiramente, a atitude das celebridades é expressa sob a perspectiva do *glamour*, a opinião dos psicólogos se contrapõe a essa perspectiva, classificando-a como “exibicionismo em compensação pela falta de tempo para os filhos”. Existem, mais uma vez, perspectivas que apontam para *frames* conflitantes de um tipo de comportamento: para uns é *glamour*, para outros é sentimento de culpa e compensação. No entanto, a conceptualização através de uma construção complexa revela também que o falante não compartilha

necessariamente da perspectiva dos psicólogos, pois o texto continua: “se verdade ou não, a relação pai-filho permanece para sempre”.

O exemplo a seguir ilustra a instanciação, menos frequente, do verbo “*to believe*” em uma CES. O trecho é parte de uma entrevista coletiva concedida por George W. Bush durante a guerra no Iraque. Um dos jornalistas expressa preocupação quanto às missões externas e tenta associar a guerra no Iraque à do Vietnã:

Original (140) Q I wanted to ask about the second phase of the war. As a member of the Vietnam generation, do you worry as you send these military advisors all over the world, typically to chaotic places, that they may get involved in direct conflict and the situation could escalate? And are you prepared to do that?

THE PRESIDENT: Interesting question. Hutch, let me tell you something, **I believe** this war is more akin to World War II than it is to Vietnam. This is a war in which we fight for the liberties and freedom of our country.

Secondly, I understand there’s going to be loss of life and that people are going to -- and the reason I bring that up is because for a while, at least for a period it seemed to be that the definition of success in war was nobody lost their life. Nobody grieves harder than I do when we lose a life. I feel responsible for sending the troops into harm’s way. It breaks my heart when I see a mom sitting on the front row of a speech and she’s weeping, openly weeping for the loss of her son. It’s -- it just -- I’m not very good about concealing my emotions. **But I strongly believe** we’re doing the right thing.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/03/20020313-8.html>

Tradução (140) P: Eu queira perguntar sobre a segunda fase da guerra. Como membro da geração Vietnã, o senhor se preocupa quando manda esses conselheiros militares pelo mundo, tipicamente para lugares caóticos, que eles poderiam se envolver em conflito direto e a situação poderia piorar? E o senhor está preparado para fazer isso?

George Bush: Pergunta interessante. Hutch, deixe-me lhe dizer uma coisa, **eu acredito (que)** esta guerra é mais parecida com a 2ª guerra do que com a guerra do Vietnã. Esta é uma guerra na qual lutamos pela liberdade de nosso país. Em segundo lugar, eu entendo que vai haver baixas e que as pessoas vão – e a razão pela qual eu levanto isso é porque durante um tempo, pelo menos durante uma época, parecia que a definição de sucesso na guerra era que ninguém perdesse sua vida. Eu me sinto responsável por enviar as tropas para o perigo. Parte meu coração quando vejo uma mãe na primeira fileira e ela está chorando, chorando compulsivamente pela perda de seu filho. É – é simplesmente- eu não sou muito bom em esconder meus sentimentos. **Mas eu acredito firmemente (que)** nós estamos fazendo a coisa certa.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/03/20020313-8.html>

O MCI de guerra já se encontra ativado. Bush assume uma determinada perspectiva quanto a esse modelo associando-o ao *frame* da 2ª guerra e refutando o *frame* da guerra do Vietnã, ativado na pergunta do jornalista, já que, historicamente, as duas guerras tiveram

desfechos totalmente distintos para os EUA. A crença, estabelecida pelo verbo “*to believe*” pertence ao universo conceptual do entrevistado, mas não do entrevistador. O presidente continua sua argumentação em favor da manutenção das manobras no Iraque: mesmo reconhecendo as baixas e o sofrimento das mães, ele diz “*But I strongly believe we’re doing the right thing.*” O presidente se alinha com a perspectiva já ativada na pergunta de que a guerra atual se parece com uma guerra anterior, embora com base no perfilamento de *frames* diferentes. Existe, então, uma mudança de *frames*: o da guerra do Vietnã por parte do jornalista para o da 2ª guerra por parte do presidente americano. A CES é usada para reforçar o ponto de vista que o presidente defende sobre a guerra, e a assertividade mais forte do verbo “*to believe*” evidencia a sua responsabilidade sobre a questão perante as pessoas de forma geral.

6.5. O verbo “*to find*”

O verbo “*to find*” assume as acepções de “ter opinião ou sensação” como em “*I find it amazing that they’re still together*” ou “descobrir por experiência ou teste” como em “*I find (that) it pays to be honest*”, dentre outros usos.

Embora Wierzbicka trate de três tipos diferentes de moldura sintática com o verbo “*to find*”, que são “*I find Ø*”, “*I find it/that adj*” e “*I find that*”, em todos os casos a autora reconhece o mesmo elemento de experiência pessoal, argumentando que, no caso da moldura “*I find it/that adj*”, a opinião é baseada em experiência estritamente pessoal, que não pode ser estendida para as demais pessoas, ou seja, o conhecimento(e a experiência) são limitados, como em “*I find Stilton too strong*” (“*Eu acho [o queijo] Stilton forte demais*”); enquanto que a moldura “*I find that*” expressa a opinião do falante sobre um tópico genérico, como em “*I find that there is a kind of merging between memories of the past and a dream.*” (“*Eu acho que há uma espécie de fusão entre as memórias do passado e o sonho*”). Já o uso parentético deste verbo, na sua visão, tem relação com conteúdo factual, como em “*A lot of young people are choosing German as the main language to learn rather than French, nowadays, I find.*” (“*Muitos jovens estão escolhendo aprender alemão em vez de francês hoje em dia, eu acho*”). Vamos analisar algumas dessas ocorrências:

O exemplo abaixo trata de uma reportagem sobre a volta para casa de uma vítima de antrax em Nova York. A CEC sinaliza uma expectativa que não é satisfeita, evidenciando um procedimento de disjunção cognitiva:

Original (141)- Anthrax Victim Returns to New York; Supporters Question Cleanup

I want to say thank you to everybody," said Vado Diomande, surrounded at a Manhattan church by friends, relatives and members of his dance troupe.

But Diomande and his wife can't go home to their apartment because he says he can't be exposed to the bleach used to clean it. And many of their belongings were incinerated.

"As we come back to New York, **I find that** we are facing a life that has many questions," his wife, Lisa Diomande, said at a news conference at the church. "We don't know where we're going to live."

<http://abcnews.go.com/GMA/wireStory>

Tradução (141) – Vítima de Antrax Retorna a Nova York; Pessoas Solidárias Questionam a Varredura

__Eu quero dizer obrigado a vocês todos__ disse Vado Diomande cercado por amigos, familiares e membros de seu grupo de dança em uma igreja em Manhattan.

Mas Diomande e sua esposa não podem voltar para casa porque ele diz que não pode ser exposto à substância usada para imunizar o apartamento. E todos os seus pertences foram incinerados.

__Ao voltar para Nova York, **eu acho que** estamos enfrentando uma vida que tem muitas perguntas. __disse a esposa, Lisa Diomande, em uma coletiva de imprensa na igreja. __Nós não sabemos onde vamos morar.

<http://abcnews.go.com/GMA/wireStory>

Nesse caso, o uso do verbo de base experiencial “*to find*” sinaliza uma opinião ou conclusão via experiencição. O falante conceptualiza a volta para casa e para a rotina através de uma construção epistêmica complexa que sinaliza uma contra-expectativa, deixando entrever que sua perspectiva sobre a volta para casa era contrária à que se apresenta agora e que sua expectativa não foi satisfeita.

O exemplo a seguir é o pronunciamento de uma sentença contra um professor americano indiciado por exploração sexual. O uso de uma CES, em contexto de conjunção cognitiva, parece estar relacionado ao caráter institucional de julgamento:

Original (142)- American Teacher Ordered Deported From Canada for Sex Charge

An American teacher who set off a political firestorm when he was allowed to come to Canada to serve his sentence for a sex offense committed in the United States was ordered deported Monday.

Canada's Immigration and Refugee Board ordered the deportation, indicating that Malcolm Watson had abused his position of trust and authority.

"**I find** there is evidence that the act Mr. Watson committed ... would constitute an offense under the Canadian Criminal Code, namely sexual exploitation," member Liz Lasowski said in delivering the decision.

<http://abcnews.go.com/International/wireStory>

Tradução (142) Professor americano deportado do Canadá por crime sexual

Um professor americano que iniciou uma crise política quando foi admitido no Canadá para cumprir sua pena por crime sexual cometido nos EUA foi deportado na segunda-feira. O Departamento de Imigração e Refugiados do Canadá ordenou a deportação, indicando que Malcolm Watson tinha abusado de sua posição de confiança e autoridade.

__**Eu acho(que)** há evidência de que o ato que o sr. Watson cometeu...constituiria ofensa ao código criminal canadense, isto é, exploração sexual – disse o membro do júri, Liz Lasowski, ao proferir a sentença.

<http://abcnews.go.com/International/wireStory>

O falante, ao pronunciar a sentença, o faz através de uma construção epistêmica simples, evidenciando que sua perspectiva converge com a do júri que encontrou evidências de que o crime fere o código canadense. Como a construção remete ao “ground” via experiencição ou teste, conforme a semântica do verbo “*to find*”, a construção epistêmica simples de 1ª pessoa marca uma perspectiva atrelada a uma expectativa positiva sobre o veredicto, que se confirmou.

6.6. O verbo “*to know*”

O verbo “*to know*” carrega as acepções de ‘ter informação em mente em consequência de experiência ou aprendizagem ou de ser informado’ como em “*I know (that) people’s handwriting changes as they get older*” e de “estar certo” sobre algo, como em “*I don’t know that I can finish it by next week*”, dentre outros usos.

VERHAGEN (2005) postula que as construções completivas com o verbo *to know* indicam que “o conteúdo da oração subordinada é conceptualizado pelo falante, mas pertence ao senso comum, ao “ground”, (2005: 117), o que caracteriza os verbos ditos “factivos”, isto é, que pressupõem a verdade de seu complemento.

No caso abaixo, a moldura comunicativa do *blog* propicia a perspectiva intersubjetiva do comentário. O uso de um verbo que remete ao “ground” via conhecimento presumivelmente compartilhado é compatível com o propósito interacional do texto e com a argumentação por parte do falante:

Original (143) Comments:

I'm really disappointed with this album. I was open to the idea of this collaboration but I think it could have had better results. I hope this was just a trial/phase and that he doesn't do this again. He might as well done a duet with Britney Spears.

I know that musical progression can be important to an artist, and Chris Cornell probably believes that too. But personally I believe in this instance this change in style and genre was a mistake for Chris Cornell and that, while it is an interesting concept, an artist like Chris going into this genre of music will not produce good results.

<http://www.spin.com/reviews/chris-cornell-scream-interscopemosley>

Tradução (143) Comentários:

Estou realmente desapontado com este álbum. Eu estava aberto à idéia desta colaboração, mas eu acho (que) ela poderia ter tido melhores resultados. Espero (que) esta seja apenas uma fase/teste e que ele não faça isso novamente. Ele poderia muito bem ter feito um dueto com a Britney Spears. **Eu sei que** a progressão musical pode ser importante para o artista, e eu acredito a esta altura (que) esta mudança no estilo e gênero foi um erro para Chris Cornell e que, embora seja um conceito interessante, um artista como ele nesse gênero musical não vai produzir bons resultados.

No exemplo acima, o falante apresenta uma crítica ao repertório musical do artista em um álbum recente. Ao apresentar seus argumentos, ele faz uso de informação que é presumivelmente compartilhada pelas pessoas que acompanham a carreira desse artista: “a progressão musical pode ser importante”, mas neste caso “não vai produzir bons resultados”. A CEC com o verbo “*to know*” marca uma perspectiva intersubjetiva, em que o falante leva em conta o ponto de vista presumido das demais pessoas, ao mesmo tempo em que não se associa a ele neste caso específico, já que em sua visão o resultado da mudança de estilo e gênero não foi satisfatório.

No exemplo a seguir, o entrevistado, que é um *expert* em *marketing*, é convidado a expressar sua visão sobre como as marcas adquirem valor no mercado. Sua argumentação é construída para criar o efeito desejado, que é convencer o interlocutor a adquirir um determinado produto com base na confiabilidade desse produto para os consumidores de forma geral:

Original (144)-Speak UP: Bridget Rosewell, an expert of marketing at Volterra Consulting, explains how brands become so valuable:

Bridget Rosewell: I think brands become important because they provide a shortcut for people. If you're in a world where there is more available, a world where there is choice, in other words, you have to have some means of choosing between different things. To do that you need a way of actually making those choices, and one of the ways of making that choice

is by having a brand that you trust so you can go back each time and buy this brand because **you know that** it's going to provide you with a set of qualities that you want to buy or that you trust. (Speak Up nº 171, p. 8)

Tradução: (144) Speak Up: Bridget Rosewell, uma *expert* em *marketing* na “Volterra Consulting”, explica como as marcas se tornam tão valiosas:

Bridget Rosewell: Eu acho (que) as marcas se tornam importantes porque elas fornecem um atalho para as pessoas. Se você vive em um mundo onde há mais a oferecer, um mundo onde há opção, em outras palavras, você tem alguns meios de escolher entre coisas diferentes. Para fazer isso você precisa de uma forma de fazer escolhas, e uma das formas de fazer essa escolha é adquirir uma marca que você confia, então você pode voltar toda vez e comprar esta marca porque **você sabe que** ela vai lhe fornecer uma série de atributos que você quer adquirir ou que você confia. (Speak Up nº 171, p. 8)

O uso da construção complexa de 2ª pessoa coincide mais uma vez com o uso genérico do pronome que remete ao “*ground*” via uma informação ou conhecimento presumivelmente compartilhado por um grupo de pessoas, consumidores de uma determinada marca, combinado à semântica do verbo *to know* que pressupõe a verdade do conteúdo em um processo de compartilhamento de informação disponível para o falante e para um grupo. Assim, seus argumentos são organizados em uma relação causal: “there’s more available”, “there’s more choice”, “choosing between different things”, “having the brand you trust”, “you know that it’s going to provide you with a set of qualities”.

No exemplo acima o entrevistador lança mão de um modelo de estilo de vida, que já se encontra ativado na entrevista, que são os anos 50, o glamour de Hollywood e de suas atrizes:

Original (145) CNN: Do you think you would have liked to work in that era?

Zellweger: Oh, yes and no. Yes because the glamour of it all or the -- it feels like play to me. It's like playing dress-up all the time. And no because of the responsibility of having to maintain that immaculate presentation all the time would be exhausting.

I think back on Marilyn Monroe putting those lashes on everyday, and I can't imagine, as I tie up my sneakers to go for a run. I cannot imagine that you're supposed to simultaneously look beautiful while you're going out to buy groceries. **I just don't know that** it would fit well with my personality. **I don't know that** I would succeed (laughs).

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/08/26/renee.zellweger.only/index.html?iref=newssearch>

Tradução (145) CNN: Você acha que teria gostado de trabalhar naquela época [anos 50]?

René Zellweger: Hum, sim e não. Sim, pelo glamour de tudo – parece brincadeira para mim. É como brincar de se fantasiar o tempo todo. E, não, pela responsabilidade de ter que manter aquela apresentação imaculada o tempo todo, o que seria exaustivo. Penso na Marilyn Monroe colocando aqueles cílios todo dia e não consigo imaginar, enquanto eu amarro meu tênis para dar uma corrida. Eu não consigo imaginar que se espere que você esteja ao mesmo tempo bonita enquanto vai ao mercado. **Eu simplesmente não sei que** se encaixaria bem na minha personalidade. **Eu não sei que** teria êxito. (Risadas)

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/08/26/renee.zellweger.only/index.html?iref=newssearch>

Dentro deste modelo, a entrevistada, a atriz René Zellweger, coloca em proeminência um elemento que é a atriz Marilyn Monroe, tida como um ícone do cinema americano e do estilo de Hollywood. René nega esse modelo, dizendo que não consegue se imaginar como Marilyn. Ao utilizar a CEC, a entrevistada mostra que se dissocia desse modelo, em um procedimento de disjunção cognitiva. O uso do verbo semi-factivo “*to know*”, via negação, provavelmente sinaliza ausência de um conhecimento por parte do falante que tivesse respaldo na opinião pública.

No exemplo abaixo, o entrevistador expressa uma preocupação com novos ataques terroristas por parte de Osama bin Laden e é interrompido pelo presidente americano George Bush, que diz “saber que ele está escondido por aí”:

Original (146)Q Mr. President, in your speeches now you rarely talk or mention Osama bin Laden. Why is that? Also, can you tell the American people if you have any more information, if you know if he is dead or alive? Final part -- deep in your heart, don't you truly believe that until you find out if he is dead or alive, you won't really eliminate the threat of --

THE PRESIDENT: Deep in my heart **I know** the man is on the run, if he's alive at all. Who knows if he's hiding in some cave or not; we haven't heard from him in a long time. And the idea of focusing on one person is -- really indicates to me people don't understand the scope of the mission.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/03/20020313-8.html>

Tradução (146) Repórter: Senhor presidente, em seus discursos o senhor agora raramente fala ou menciona Osama bin Laden. Por quê? E também, o senhor pode dizer aos americanos se tem alguma informação, se sabe se ele está vivo ou morto? E, finalmente, no fundo do seu peito, o senhor não acredita verdadeiramente até que o senhor descubra se ele está vivo o morto, o senhor não eliminará realmente a ameaça de...

George Bush: No fundo do meu peito **eu sei (que)** o homem está se escondendo por aí, se é que ele está vivo. Quem sabe se ele está se escondendo em uma caverna ou não; não temos

ouvido falar dele há muito tempo. E a idéia de focar em uma pessoa é – realmente indica que as pessoas não entendem o escopo da missão.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/03/20020313-8.html>

Ao utilizar a CES, o presidente sinaliza a convergência de seu ponto de vista com uma das duas perspectivas ativadas na pergunta: bin Laden está vivo. O presidente afirma saber que ele “está escondido por aí”. O verbo “*to know*” perfila uma informação por parte do falante que é apresentada como compartilhada no “*ground*”, ou seja, é presumivelmente de conhecimento geral que bin Laden está vivo.

Com base nos dados analisados, conclui-se que os verbos epistêmicos têm relação com o tipo de construção instanciada, na medida em que verbos menos assertivos como “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*” tendem a se integrar a construções simples (CES) e a se apoiar em perspectivas disponibilizadas anteriormente no discurso com as quais se encontram coordenadas, enquanto que verbos mais assertivos e semi-factivos como “*to find*” e “*to know*” tendem a se integrar a construções complexas (CEC) e a se apoiar em informação ou conhecimento presumido ou compartilhado por parte do falante com relação ao interlocutor ou mesmo a terceiros.

O verbo “*to believe*” funciona como um elemento intermediário, visto que possui as características de verbo pouco assertivo e não-factivo, segundo a classificação de HOOPER (1975), enquadrando-se no grupo de “*to suppose*” e “*to think*”, mas se comporta como os verbos mais assertivos e semi-factivos, enquadrando-se no grupo dos verbos “*to find*” e “*to know*”, de acordo com a análise empreendida no presente trabalho, visto que a ocorrência de “*to believe*” é mais freqüente nas construções epistêmicas complexas, apoiando-se em *frames* implícitos, que, por sua vez, remetem ao *ground*, ou seja, ao senso comum, ao conhecimento presumivelmente compartilhado.

Com base nessas observações, gostaríamos de propor uma nova organização em termos de assertividade para esses verbos. Assim, em uma recategorização dos verbos epistêmicos, teríamos a seguinte configuração:

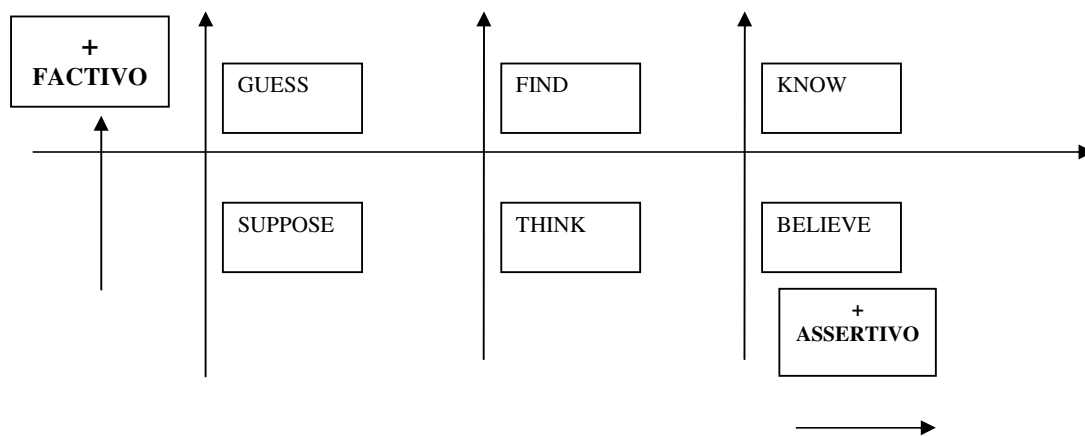


Diagrama 14: Proposta de recategorização dos verbos epistêmicos

De acordo com os dados analisados, os verbos “*to suppose*” e “*to guess*” expressam a opinião do falante sobre um determinado evento em que ele procura estabelecer a relação causal entre os fatos apresentados. Em ambos os casos, o falante não tem controle sobre esses fatos. A baixa assertividade desses verbos segundo a classificação de HOOPER (1995) pode ter relação, então, com o pouco controle que o falante tem sobre o evento descrito. Os verbos “*to think*” e “*to find*”, por sua vez, expressam opinião via operação meramente mental ou também experiencial. Novamente, o falante não tem controle sobre o evento descrito na construção completiva. A experiência por si só não implica em controle. Já os verbos “*to believe*” e “*to know*” remetem à opinião sobre um evento que é da responsabilidade do falante e sobre o qual ele pode ter mais evidências do que seu interlocutor e outrem; ou que é compartilhado pelo falante e por terceiros e cuja evidência pode ser atestada ou comprovada. Neste caso, o falante tem um pouco mais de controle sobre o evento descrito.

7 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos pressupostos teóricos da **Linguística Cognitiva** e mais especificamente da **Gramática de Construções**, a presente análise investigou as construções completivas epistêmicas do inglês, contrastando as construções [SN VEpist [that S]] e [SN VEpist [Ø S]]. Argumentou-se que estas duas construções sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas são pragmaticamente diferentes entre si na medida em que atendem a objetivos discursivo-pragmáticos distintos. Com base nos conceitos de **Subjetividade** e **Intersubjetividade**, entendemos as construções completivas epistêmicas como sinalizadoras de subjetividade, na medida em que indicam, direta ou indiretamente, o ponto de vista do falante, e também mais (inter)subjetivas do que suas contrapartes independentes, no caso as construções simples do tipo [SN V SN/SA/SP], tidas como mais objetivas.

As orações matrizes das construções completivas foram compreendidas aqui como formas de conceptualização e perspectivização de eventos e não meramente como um recurso sintático de introdução de orações dependentes ou subordinadas. Pelo contrário, na interpretação dada às construções completivas em nossa análise, o conteúdo das orações encaixadas foi entendido como a informação efetivamente relevante e, do ponto de vista da conceptualização de eventos, as orações matrizes, por força dos verbos que as instanciam, foram compreendidas como formas que o falante escolhe para retratar sua perspectiva sobre a situação descrita na oração subordinada: se através de uma suposição, de uma opinião, de uma crença, de uma experiência ou de conhecimento socialmente compartilhado ou presumido.

Em termos sintáticos, com base na análise da correlação sintática entre oração matriz e encaixada, percebeu-se que as construções introduzidas por verbos epistêmicos no presente tendem a se integrar mais comumente a orações subordinadas que expressam eventos ou situações que também se situam no presente, embora as orações principais de presente que reportam eventos ou situações passadas ou futuras também tenham sido verificadas. Tal constatação se mostrou válida para ambas as molduras sintáticas [SN VEpist [that S]], que convencionalizamos chamar de CEC, e [SN VEpist [Ø S]], que denominamos de CES.

No que diz respeito à ocorrência de verbos epistêmicos, percebeu-se que a construção completiva preenchida pelo verbo “*to think*” foi bem mais frequente do que as construções preenchidas com os verbos “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to find*”, “*to believe*” e “*to know*”, e que tal fato se verificou de forma mais acentuada entre as CES. Os verbos “*to suppose*” e “*to guess*” também se mostraram mais compatíveis com as CES, e os verbos “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”, por outro lado, tiveram maior frequência no preenchimento de CEC.

Com relação à ocorrência de sujeitos na oração matriz, as construções de 1ª pessoa, que remetem ao sujeito da conceptualização, foram bem mais frequentes que as de 2ª e 3ª pessoas, que remetem ao interlocutor e a terceiros; tal fato se verificou para ambas as molduras sintáticas apresentadas acima, embora a diferença tenha sido ainda mais expressiva entre as CES.

Em termos discursivo-pragmáticos, buscou-se atrelar a diferença entre as duas construções epistêmicas - [SN VEpist [that S]] e [SN VEpist [Ø S]] - à noção de perspectiva intersubjetiva. Assim, quando a perspectiva do falante sobre um determinado evento era convergente com a que se encontrava disponível no discurso, interpretada como a do falante ou a de seu interlocutor, consideramos tal mecanismo como um procedimento de conjugação cognitiva, em que havia um alinhamento de perspectivas. A CES foi interpretada como sinalizadora implícita desse procedimento.

Quando o falante apresentava perspectivas distintas das disponíveis no discurso, tal mecanismo foi entendido como um procedimento de disjunção cognitiva. A CEC foi interpretada como sinalizadora implícita do procedimento de não-alinhamento de perspectivas. Ambas as estruturas, porém, foram analisadas como sendo intersubjetivas na medida em que apresentavam uma determinada perspectiva em atenção à perspectiva já ativada discursivamente.

A análise demonstrou, ainda, que estruturas genericamente rotuladas “operadores de intersubjetividade”, tais como as construções pseudo-clivadas, as construções condicionais, as construções interrogativas, as construções negativas, os advérbios modalizadores e verbos modais, e o operador “do”, tendem a integrar as construções epistêmicas complexas, pois têm como função contrastar a perspectiva do falante com uma determinada perspectiva já disponível discursivamente.

Com relação à integração entre os verbos epistêmicos e as construções completivas, observou-se que a moldura [SN VEpist [that S]] foi mais comumente instanciada pelos verbos “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”, enquanto a moldura [SN VEpist [Ø S]] foi mais frequentemente instanciada pelos verbos “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*”. Assim, de forma geral, definimos as seguintes molduras sintáticas como sendo as mais prototípicas para as duas construções epistêmicas:

CES [I {think} [Ø ...Vpres...]]
{suppose}
{guess}

CEC [I {believe} [that ...Vpres...]]

{find}

{know}

Tais esquemas sintáticos mostraram compatibilidade com o valor factivo-assertivo desses verbos, já que “*to suppose*”, “*to guess*” e “*to think*”, que apresentavam menor grau de factividade e assertividade do que “*to believe*”, “*to find*” e “*to know*”, são preferencialmente instanciados na construção de conjunção cognitiva. O verbo “*to believe*”, que em análises tradicionais foi classificado como não-factivo e pouco assertivo, ganhou uma nova leitura face ao seu comportamento análogo aos de verbos semi-factivos e mais assertivos, como “*to find*” e “*to know*” nas orações complexas.

Assim, uma nova categorização dos verbos epistêmicos foi proposta, pautando-se em uma díade de maior ou menor assertividade-factividade nas construções completivas. A classificação buscou contribuir para uma melhor compreensão da semântica desses verbos e para uma explicação da maior ou menor compatibilidade de cada um deles com as construções epistêmicas. Segundo essa categorização, verbos como “*to suppose*” e “*to guess*” expressam opiniões que refletem uma explicação causal para fatos mencionados anteriormente no discurso, mas sobre os quais o falante não teria controle, o que os tornaria, então, menos assertivos. Os verbos “*to think*” e “*to find*” indicariam opiniões que refletem um processo mental ou experiencial, mas sobre os quais o falante também não teria controle. Mais uma vez, a falta de controle justificaria a pouca assertividade. Já os verbos “*to believe*” e “*to know*” expressariam respectivamente uma opinião sobre algo da responsabilidade do falante ou uma opinião baseada em conhecimento compartilhado pelo falante e por outros. Em ambos os casos, haveria um maior controle sobre o evento por parte do falante. Esses verbos seriam considerados, então, mais assertivos. Perpendicular a essa proposta, insere-se a categoria de factividade. Verbos como “*to suppose*”, “*to guess*”, “*to think*” e “*to believe*” foram considerados menos factivos, ao passo que verbos como “*to find*” e “*to know*” foram classificados como mais factivos, seguindo a proposta já apresentada por HOOPER (1975).

Vale ressaltar que as principais contribuições do trabalho residem no refinamento da aplicação dos conceitos de subjetividade e intersubjetividade às construções completivas epistêmicas em inglês e na proposta de recategorização semântica dos verbos epistêmicos investigados, a partir da associação de critérios discursivo-pragmáticos aos critérios semânticos tradicionalmente adotados.

Acredita-se que a análise desenvolvida na presente tese coloca as construções completivas do inglês em novo patamar descritivo-explicativo, abrindo espaço não só para a investigação de construções completivas instanciadas por outros verbos epistêmicos, mas

principalmente por outros tipos de verbos, como os que sinalizam discurso indireto. Além disso, a análise de línguas que não apresentam a possibilidade de presença ou ausência do complementizador em construções desse tipo, como o português, pode lançar luz sobre as relações entre intersubjetividade e polissemia construcional.

Por fim, é necessário mencionar que, embora a questão do ensino de língua inglesa não tenha sido o foco do trabalho, o detalhamento das funções discursivo-pragmáticas das construções completivas pode servir de base para futuras aplicações didáticas e para o desenvolvimento de metodologias específicas que facilitem a aprendizagem do fenômeno por falantes não-nativos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSCOMBRE, J. C.; DUCROT, O. Argumentativity and informativity. In: MEYER, M. (ed.). **From Metaphysics to Rhetoric**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989.

AUSTIN, J. **How to do Things with Words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BARTLETT, Frederick. **Remembering**. Cambridge: Cambridge University Press, 1932.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes Editores, 2005.

BRUGMAN, C. The story of over. MA Thesis, University of California, Berkeley.

_____ ; LAKOFF, G. Cognitive topology and lexical networks. In: RUDZKA-OSTYN, Brygida (ed.) **Topics in Cognitive Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1988, p.165-205.

BYBEE, J. L. Semantic Substance vs. Contrast in the development of grammatical meaning. In: Berkeley Linguistics Society Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting - General Session and Parasession on Grammaticalization (pp. 247-264). Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1988.

_____ ; PAGLIUCA, W. Cross-Linguistic Comparison and the Development of Grammatical Meaning. In Fisiak, Jacek. (ed.) **Historical Semantics Historical Word-Formation**. Berlin/New York/Amsterdam: Mouton Publishers, 1985.

CHAFE, Wallace. Evidentiality in English Conversation and Academic Writing. In: CHAFE, Wallace & NICHOLS, Johanna. **Evidentiality: the Linguistic Coding of Epistemology**. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1986.

CROFT, William. The role of domains in the interpretation of metaphors and metonymies. In: *Cognitive Linguistics*, v.4, n.4, p.335-370, 1993.

DIESEL, H.; TOMASELLO, M. The acquisition of complement finite clauses in English: A usage-based approach to the development of grammatical constructions. In: *Cognitive Linguistics*, 11, 131-152.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental Spaces: Aspects of Meaning Construction in Natural Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____ ; SWEETSER, Eve. **Spaces, Worlds and Grammar**. Chicago: the University of Chicago Press, 1996.

_____ ; TURNER, M. Blending as a central process of grammar. In: Adele Goldberg, (ed.), **Conceptual structure, discourse, and language**. Stanford: Center for the study of language and information (distributed by Cambridge University Press), 1996.

_____. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, Lílian Vieira. Integração Conceptual em Construções Epistêmicas no Português do Brasil. In: MIRANDA, N.& NAME, C. (orgs.). **Linguística e Cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.

_____ ; SWEETSER, Eve. **Subjectivity and upwards projection in mental space structure**. In: ICLC Viewpoint Session Paper. San Diego:UC-Berkerley, 2007.

_____. Reportar condicionais: uma questão de ponto de vista. In: Rev. Est. Ling., Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 117-140, jan./jun. 2008.

FILLMORE, C. Frame Semantics and the Nature of Language. In: S. HARNARD et al. (eds.) **Origins and Evolutions of Language and Speech**. New York: New York, Academy of Sciences, 1976.

_____. An alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, Cathy et al. (ed). Proceedings of the First Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1975.

_____. Scenes-and-frames semantics. In: ZAMPOLLI, Antonio (ed.) **Linguistics Structures Processing**, Amsterdam and New York: North Holland Publishing Company, 1977a.

_____.Topics in lexical semantics. In Current Issues in Linguistic Theory, ed. by Roger Cole, 76-138. Bloomington: Indiana University Press, 1977b

_____. **Epistemic Stance and Grammatical form in English Conditional Sentences**. *Papers from the Twenty-sixth Regional Meeting of Chicago Linguistic Society*, 1990^a.

_____ ; KAY, P. **Construction Grammar**. Ms: University of California, 1993.

GEERAERTS, Dirk. (ed.) **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlim: Mouton de Gruyter (The Hague), 2006.

GOFFMAN, E. A Elaboração da Face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto. **Psicanálise e Ciências Sociais**. Rio de Janeiro; Francisco Alves, 1980.

GOFFMAN, E. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience**. Boston: Northeastern University Press, 1974.

GOLDBERG, A. **Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at Work: The nature of Generalization in Language**. New York: OUP, 2006.

HOOPEL, Joan B. On Assertive Predicates. In: KIMBALL, John P. **Syntax and Semantics**. Indiana: Indiana Academic Press, 1975.

HORNBY, A. S. **Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English**. Oxford: OUP, 2000.

KARTTUNEN, L. On the semantics of complement sentences. In: Papers from the Sixth Regional Meeting. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1970, p. 328-339.

KEPLER, K (ed.). *Speak Up English Magazine*. São Paulo: Peixes, 1996- 2009.

KIPARSKY, P.; KIPARSKY, C. Fact. In: STEINBERG, D.; JAKOBOVITS, L. (eds.) **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

LAKOFF, George. **Women, Fire and Dangerous Things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University Press, 1980.

LAMBRECHT, K. **Information Structure and Sentence Form. Topic, Focus and the Mental Representation of Discourse Referents**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**. v. 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. Subjectification. In: *Cognitive Linguistics* 1-1 ,5-38, 1990.

_____. **Foundations of Cognitive Grammar** v.2. Descriptive Applications. Stanford: Stanford University Press, 1991.

_____. **Cognitive Grammar: A Basic Introduction**. New York: Oxford University Press, 2008.

LEVINSON, Stephen G. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARMARIDOU, S. **Pragmatic Meaning and Cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honoré Champion, 192.

NIKIFORIDOU, K. & KATIS, D. Subjectivity and Conditionality: the marking of speaker involvement in Modern Greek. In: FOOLEN; F. van der Leek (eds.). **Constructions in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

NUYTS, Jan. Subjectivity as an evidential dimension in epistemic modal expressions. In: *Journal of Pragmatics* 33, 383-400, 2001.

PALMER, F. R. **Mood and Modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

QUIRK, Randolph & GREENBAUM, Sidney. **A University Grammar of English**. Harlow: Longman, 1973.

SILVA, J.M.; SILVEIRA, E. S. **Apresentação de trabalhos acadêmicos: normas e técnicas**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SWANSON, D. W. (ed.) *Newsweek*. New York: St. Ives Inc., 2003-2008.

SWEETSER, Eve. **From Etymology to Pragmatics: Metaphorical and Cultural Aspects of Semantic Structure**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, S. & MULAC, A. A Quantitative Perspective on the Grammaticalization of Epistemic Parentheticals in English. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (Orgs.). **Approaches to Grammaticalization**. Vol. 1. Amsterdam: Benjamins, 1991.

TOMASELLO, Michael. **Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Constructing a Language: a Usage-based Theory of Language Acquisition**. Harvard: Harvard University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth C. & DASHER, Richard B. On the historical relation between mental and speech act verbs in English and Japanese. In: Giacalone Ramat, Carruba, ad Bernini, 561-573, 1987.

_____. **Regularity in Semantic Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

UNDERHILL, Robert. The Discourse Conditions for That-Deletion. San Diego University, 1988.

VERHAGEN, Arie. **Constructions of Intersubjectivity: Discourse, Syntax and Cognition**. New York: Oxford University Press, 2005.

WIERZBICKA, Anna. **English: Meaning and Culture**. New York: OUP, 2006.

<<http://www.abcnews.go.com>> Acesso em: 14 de janeiro de 2007.

<<http://www.articlesbase.com>> Acesso em 25 de julho de 2008.

<<http://www.barackobama.com/issues>> Acesso em 25 de julho de 2008.

<<http://www.bbc.co.uk>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://www.bbc.co.uk>> Acesso em: 07 de outubro de 2009.

<<http://www.bbc.co.uk>> Acesso em: 30 de janeiro de 2010.

<<http://www.bbc.co.uk>> Acesso em: 30 de janeiro de 2010.

<<http://bench.nationalreview.com/post>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://blogs.usatoday.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.bmb.psu.edu/>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://business.in.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://campaignspot.nationalreview.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.cbsnews.com>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://cfc.wjla.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://chronicle.augusta.com>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://www.codinginstinct.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.cnn.com>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://www.cnn.com>> Acesso em: 14 de janeiro de 2008.

<<http://www.cnn.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.commondreams.org>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.cynical-c.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.dailymail.co.uk>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.dataprotection.ie>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://emporium.turnpike.net>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://en.wikisource.org>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://exchristian.net>> Acesso em: 29 de agosto de 2009.

<<http://www.doollee.com>> Acesso em: 14 de outubro de 2009.

<<http://www.filmstew.com>> Acesso em: 07 de outubro de 2009.

<<http://help.123greetings.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.hhs.gov>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.hrw.org>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.immersyve.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.independent.co.u>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.irishtimes.com>> Acesso em: 09 de novembro de 2009.

<<http://www.iwf.org>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://jezebel.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.jihadwatch.org>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.macleans.ca>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://c.moreover.com>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://www.nbc.com>> Acesso em: 07 de outubro de 2009.

<<http://www.newsweek.com>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://www.nowpublic.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.oobleck.com> > Acesso em: 29 de agosto de 2009.

<<http://www.onlisareinsradar.com>> Acesso em: 11 de janeiro de 2005.

<<http://www.parentsconnect.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.philstar.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.physlink.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.rasmussenreports.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.realclearpolitics.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.scgsgenealogy.com/storage>> Acesso em: 29 de agosto de 2009.

<<http://www.selfhelpmagazine.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.spin.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://www.spirituality.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://stanford.wellsphere.com>> Acesso em: 07 de outubro de 2009.

<<http://www.steadyhealth.com>> Acesso em: 29 de agosto de 2009.

<<http://www.suite101.com>> Acesso em: 29 de agosto de 2009.

<<http://thinkprogress.org>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://timesofindia.indiatimes.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.thisibelieve.org>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://troutunderground.com>> Acesso em: 28 de julho de 2009.

<<http://uk.answers.yahoo.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.urbanbaby.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://waste.custhelp.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://www.whitehouse.gov>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://wiki.answers.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://windowssecrets.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

<<http://yedda.com>> Acesso em: 25 de julho de 2008.

ANEXOS

1. Ocorrências com “to suppose that”

1-Speak Up: Richard Thompson who was a founder and a member of the legendary English group, Fairport Convention, has been an important part of the music scene since the 1960s. Yet he is also a convert to Sufi Islam and, in the light of recent events, we decided to ask about this:

Richard Thompson: Well, you know, it's just a method. It's a process of understanding the world and communicating with the creator and that's basically it. And **I suppose** I was attracted to the inner quality of the Muslims. You know, as I traveled through the Muslim world, people only offered me generosity and sweetness, that was all I ever saw. People were so kind and had such impeccable, **I suppose** the world would be “manners”. You know, people's courtesy and hospitality was just extraordinary and that was very attractive and seductive. (Speak Up nº 181, p. 32)

2- Speak Up: Kinsale's fishing heritage, saus Ciaran Fitzgerald, is very much reflected in the Blue Haven's restaurant menu:

Ciaran Fitzgerald: We have very much focused on seafood. Seafood is emphasized. You've got fresh lobster from the tank, you've got John Dory, you've got red snapper, a lot of just nice seafood dishes. **I suppose**, Kinsale, fishing...traditionally a fishing town, great access to some fantastic local suppliers of seafood. So we... **I suppose** that's what we represent here, and that's what I would see as modern Irish cuisine. I've a team of chefs in there who, who have pretty much, I'd say 70 per cent of them are irish, but they've trained abroad. So they take those dishes and they put some little twist on them, with different accompaniments and different things like that. So **I suppose** the basic dish itself, the roots of it are traditional Irish type of food, and then you just garnish and accompany it with more kind of international flavours. (Speak UP nº 246, p. 32)

3- I was driving to work one day this week, in the wee hours, when I stopped on a radio station whose DJ said something about "American Idol." Turns out it was a country station plugging former Idol contestant Bucky Covington and his visit to Madison. Because I've been a die-hard Idol fan for so many years, I kept listening. Bucky was to perform in Madison during the lunch hour and "you can win tickets!" but more importantly I thought it would be fun to hear his song. In the first 30 seconds he sang "I could care less." I had to flip immediately. I would rather have to hear "Boom Boom Pow" one more time. Anyway, please join my campaign to get people to use that saying correctly. If you could care less, you are not expressing the utmost lack of care. If you couldn't care less then it's an insult to the topic, as intended. Yikes people!

I suppose I should have been an English teacher.

<http://www.nbc15.com/blogs/sarahcarlson/50214112.html>

4- **ALK TIME: EOIN BUTLER** talks to Dylan Collins, online entrepreneur

Tell us about your company, Jolt Online Gaming.

Jolt is an online games publisher founded last year. We make games that are free to play over the internet. Our games are popular with people who work in offices – so **I suppose** we're at least partially responsible for reducing productivity worldwide and ushering in the most catastrophic economic collapse since the Great Depression. That's partially us.

The music and newspaper industries are questioning the long-term viability of the free online model. You're confident gaming is recession-proof?

Oh God, I wouldn't want to tempt fate. But online gaming is a young industry and it's growing at a phenomenal pace. And anything that's based on a free-to-play model, I think, is positioned rather well at the moment. I also believe that people are going to be looking for much more free entertainment than they did previously. But you've still got to have a quality product. That's the bottom line.

<http://www.irishtimes.com/newspaper/magazine/2009/0822/1224252745892.html>

5- You don't suppose

Just wondering... if President Clinton would have ordered a missile strike the day before a mid-term election, **do you suppose that** he would have been accused of wagging the dog?

I'm not saying that President Bush did what he did solely to influence today's election. Just that, if President Clinton would have done the exact same thing, Bill McCollum, Ed Bryant, James E. Rogan, Steve Buyer, Steve Chabot, Bob Barr, Charles T. Canady, Lindsey O. Graham, Chris Cannon, George W. Gekas, F. James Sensenbrenner, Jr., Henry J. Hyde, and Asa Hutchinson would have been all over the airwaves accusing him of everything, including stealing the kitchen sink.

At least there is one positive thing we can take from the list is that the 10 impeachment managers quickly disappearing from the American political scene. Hopefully some more will disappear today.

http://www.oobleck.com/tollbooth/archives/2002/11/you_dont_suppose.html

6- **I suppose that** I should not give up on God, but...

I used to be a devout practicing Christian. It didn't take long before I realized that Christians are basically no different than anyone who isn't a Christian. People are still just people no matter what. The problem that I personally found in Christianity was that the people I had in my life who claimed Christianity took it to a whole different level. I found my life being controlled and manipulated all "in the name of God," and the pastor made decisions that directed how my life went while saying that he had been ordained by God to do so and that I would be going against the Lord if I refused to comply. It wasn't too long before I escaped that torturous environment.

Now I'm out here on my own, and I've never felt so lonely. I stand here, wishing I could have the good things about Christianity in my life but not believing I am strong enough to chance the bad stuff. Walking into a new church is like walking on a field of land mines. You never know when somethings going to, figuratively speaking, blow up in the name of God and His Word.

The worst thing about this is that I have turned very bitter toward God for this. I read the book of Job and found that he mentioned some variation of the word "bitter" in each turn that he

talked except for one. Job knew what it felt like to be bitter toward a God that seemed to have let him down. Christian Bible fundamentalists will scream "but it was the devil!" I say that the devil could not do anything without God's permission first, as the story goes; who then is really responsible for letting a deranged demon maniac torture his own child? While you're thinking about that one, think on this one: God does it to each of us every single day too. I confess that I am pissed at Him for this. As much as I wish I could love Him, there is this barrier that I can't get beyond, this lack of trust between us for that reason.

I suppose that I should not give up on God, but then, I don't have anywhere else to go, do I? Who is going to stand up for me to Him? Job asked the same thing, and even though my life circumstances now don't compare evenly with Job's, it doesn't make my pain any less tormenting for me.

I can't be the only one who's pissed off about that, but I'm probably one of the few who has the guts to admit it. If not, speak out. In a demented way, I would find comfort in knowing that I am not alone.

<http://exchristian.net/testimonies/2008/02/i-suppose-that-i-should-not-give-up-on.html>

7- **I suppose that** progressive resistance is only for people with good health

Hello, guys. I have been searching for a technique that will increase my strength. I have heard some good things about progressive resistance. However, **I suppose** this technique is only for people with good health. What do you think about this? Thanks for replying to my post. Your help is more than welcomed.

Hi, there. Progressive resistance is a strength training method. It is excellent for building muscles. You will exercise and need to increase the efforts. You should increase the weight you are lifting. You can shorten the pauses between exercises. Of course, this is for people with good health. I hope you will experience the benefits of progressive resistance. Please, let me know the results. Good luck!

http://www.steadyhealth.com/I_suppose_that_progressive_resistance_is_only_for_people_with_good_health_t182176.html

8- **I suppose that** if you live in Israel long enough, war will find you. We arrived as "working tourists" in August of '83. The *Intefadeh*, the years-long Palestinian uprising which began in '87, wasn't actually a war. It was more of a demonstration. Traveling in the West Bank became dangerous. We didn't go from Jerusalem into Bethlehem as often as in the past, but we felt comfortable enough hiking the hill behind Mevasseret to visit the village of Beit Suriq, where Nasser the Gardener lived.

But Nasser hadn't come over the hill to work in our yard for weeks now. We all knew a real war was coming, and Nasser had promised me that when it did, all the Palestinians in his village would come over the hill and ravage the neighborhood. Now, even my own husband and son, expatriates and not Israelis, had been conscripted to patrol the hill.

We were in the States when Iraq invaded Kuwait, and the entire world stood upright, observing and posturing. Our kids were with the nanny in Jerusalem, and we were chafing to get back to them. Once we arrived in Israel, we couldn't decide whether to stay or go. Iraq had given its ultimatum—if the U.S. attacked, they would fire missiles at Israel. (They would "flood the desert with our blood.") All of our expat friends were receiving phone calls from home—parents and relatives offering them all sorts of perks, if they would just leave the country for awhile. We waited for "the call" from home, but when it came, it wasn't so enticing. With Bud needing to stay on, we'd have to separate the family if I took the kids away.

Finally, I relented and took the kids to Cyprus to stay with friends. People were in motion all over the Middle East. As we arrived in Cyprus for safety, others were leaving

because they felt unsafe. We met expats from Saudi, on their way to Greece. Others leaving Lebanon, going back to America. After only a week in Cyprus, something in my gut said we needed to be together in Jerusalem. As people were fleeing out of Israel, we took the last plane into Israel before Ben Gurion Airport shut down completely.
<http://www.scgsgenealogy.com/storage/GENEii08-A%20Brush%20with%20War.pdf>

9- **I suppose that** by being a breastfeeding mom, I don't necessarily pay enough attention to formula companies. Wow! I can't believe a company would put money ahead of babies! That just seems criminal! I'm glad I found your article.

Mary Stublely
Infants-Editor

<http://www.suite101.com/discussion.cfm/mothering/5967/42275>

10- Speak Up: In actual fact Atinkson says that the new Bean movie is very different from its predecessor:

Roman Atkinson: I think we always felt that there was a different movie to be made with Mr. Bean. We did the first movie 10 years ago, which was you know, commercially successful, and **I suppose**, if we were going to make a sequel, it would have been logical to make it, you know, nine years ago, or eight years ago, rather than now. But **I suppose** it just took time, you know, with other distractions, to get round to thinking about it and **I suppose** I certainly always believed that there was a more European-style movie, it had the story and format and sort of tone of an American family, I think, whereas we always felt that there was a different thing to be done, and I was always interested in the idea of Bean being the more proactive element, being the element driving the story, rather than him being a reactive element, a sort of satellite figure who was sort in the background while there was a story being driven by other characters, which was, I think, more the shape of the first film. (Speak Up n° 241, p.17)

11-Sharman Macdonald is an accomplished screenwriter and playwright whose work includes After Juliet, The Winter Guest, Borders of Paradise, Broken Hallelujah, and The Girl With Red Hair.

Her new film The Edge of Love starring Keira Knightley and Sienna Miller is out now.

What interested you in writing about Dylan Thomas?

I was nineteen, and I was at university in Edinburgh, and I was in "Under Milk Wood" at the Traverse. I absolutely fell in love with his words then. And then seven years ago Rebekah Gilbertson came to see me and said, "My grandfather, William Killick, was accused of attempting to murder Dylan Thomas" – well that's pretty gripping for a start. And she said, "I wonder if you'd be interested in looking at the story of this." And I grabbed at it, because I thought it would be a fascinating story, and that I would have the rhythms of Dylan Thomas and the words that I loved to always be my safety net if I came apart in the writing of it.

It's a difficult and complex film. Where did you start?

By taking liberties. **I suppose** I decided, since my son hadn't heard of him, that I could regard him not as an icon, and take liberties with him. There are a generation of people who've actually come up to me and said we know nothing about this man, we're so glad to have been introduced to his poetry. It's the under-twenty-five-year-olds, which is really lovely.

<http://www.doollee.com/PlaywrightsM/macdonald-sharman.html>

12-Are there any special skills you need to be a volunteer?

You must be interested in people and have good listening skills. You must also have a lot of patience and not be judgemental of people.

How many hours do you give?

I work one day a week. The office is open from 9:30 to 2:00 but then you have to stay on to finish the paperwork.

What are the best, and worst things about being a volunteer?

I suppose the worst thing is having so much to do. I used to work as a care assistant in a hospital and I never had to write anything up. I haven't studied for years - perhaps if I'd known how much work was involved in training to become an advisor I might not have taken it on. But now I have I'm really proud of myself for being able to do all the work and it's really satisfying to be able to do something that challenges you and helps others.

How can others get involved?

Go along to the CAB itself - they're always recruiting people to help and anyone can do it. They'll give you really thorough training before you start as an advisor.

<http://www.bbc.co.uk/wales/northwest/sites/volunteer/pages/marynolan.shtml>

13-The recent revival of the Kop Hill Climb at Princes Risborough in Buckinghamshire was a huge success!

Paddy Hopkirk opened the commemorative Kop Hill Climb, revived after 84 years at Princes Risborough in Buckinghamshire over the weekend of the 26/27 September 2009. The rally legend sped up the hill in a 2009 Mini after the marshal dropped the Union flag.

In 1999, the Risborough Revival had 150 cars present. Tony Davies, member of the MG Car Club was responsible for this event. Having watched the likes of Moss and Fangio at Aintree as a boy, Mr Davies said: "Part of the reason I got involved in this was I was so annoyed I missed it! I saw the kind of archive of the old racing in the 1920s and that really inspired me. I thought we've got to do it again."

Cars old and new were at the event

Organising it took a long time since there were health and safety measures to deal with. "**I suppose** we're a pack of amateurs and we put it together," Davies said. "It does take a long time when you're trying to learn the trade as you go along. We're not event organisers, we're just enthusiasts."

Amateurs or not, Mr Davies and the organising committee gathered 200 cars dating from 1900 to 1973 and 50 pre-war motorcycles. The paddock was on a nearby rugby and football field which allowed visitors to get a close look at the cars.

http://www.bbc.co.uk/threecounties/content/articles/2009/10/12/kop_hill_climb_event_feature.shtml

14-**Leslie Roberts**, now of Silver Springs, Florida, reminds us of the Big Band era with his comments on the BBC's Harry Parry and the Radio Rhythm sextet.

"Harry Parry was born in 1912 at Caellepa, Bangor. He practiced his sax fiercely whilst holding down a job at the Science department of the university. (...) **Michael Johnson from Newburgh, Indiana, USA** remembers Harry: "I used to live at 19 Caellepa next to the Parry family, and his sister Eunice was my mother's best friend. I remember as a child during the war going to his home and listening to Harry play.

I am now 63 and have lived in the US since 1962. Are there any recordings available of his music, as I would love to hear him again.

The last I heard of Eunice was that she lived in Ruislip nr London with her husband Stan. Her daughter lives in the US just north of Memphis Tennessee."

Your comments:

Timothy Sprigge Sussex

About where he was buried - I don't know, though it was surely in Wales. At the time my mother sent me a rather sad cutting from a newspaper saying that very few people went to his funeral, and just one real enthusiast for his music. **I suppose that** there was not much interest in him at that time. It is good that there is now a CD of his music (Parry Opus) and I have managed to order an earlier CD called Crazy Rhythm.

Fri Feb 24 14:44:55 2006

<http://www.bbc.co.uk/wales/northwest/sites/history/pages/harryparry.shtml>

15- The Rise and Fall of the Rockets are a band of self-styled musicians who saw what the world had to offer and decided to see if the sounds they heard in their heads could be realised. Making songs that they feel sure they will like. So they do.

With alarming regularity Philip carefully places his guitar around his neck as he has since being a small child and creates something true, words firing like pistons from mouth spitting the desires and ennui within, the others strike up and we are there.

The band **supposes that** it's customary at this point to cram themselves into a referential creative box and list influences, whatever that means.

Let us just say bands that you like involving guitars and drums and bass and pianos and shouts and harmonies and emotions and knowledge and humour: it's easier that way.

It would be even simpler however for you to listen to the music on this site and form your own opinion on.

http://www.bbc.co.uk/manchester/content/articles/2006/02/10/100206_rafotr_unheard_music_group.shtml

16- **An advert for an "exceptional fisherman's cottage" in Kent has been criticised for failing to mention the nuclear power station on its doorstep.**

The three-bedroom "not to be missed" bungalow at Romney Marsh, Dungeness, is being sold for £247,000.

Estate agent Geering & Colyer points out its proximity to a nature reserve and photos show it in rural isolation.

But New Romney Town Council said it was "disingenuous" not to mention its neighbours, Dungeness A and B.

There are also plans to build a new nuclear reactor, Dungeness C, nearby.

Valerie Tully, clerk of New Romney Town Council, said: "There's really not a lot of point in not being honest because, once you arrive at the place, you can't help but notice the power plants there.

"**I suppose** they felt people would be put off, but they should also know that the late film producer Derek Jarman lived in the area for many years and we get a lot of visitors.

"Even if the power plants were not included in the pictures, mention should have been made about them being nearby."

http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/england/kent/8282368.stm

17-**I suppose that** most well-adjusted TV watchers are interested in who will be the next person fired on "The Apprentice" or who will be the next American Idol. Me, I'm more interested in who's gonna get whacked next week on "The Sopranos." The preview makes it appear as if one and perhaps two people meet their maker at the hands of members of Tony's small-f family. However, the previews for the show sometimes have misdirected viewers into expecting things that never materialize.

The shot in the preview of Christopher firing a pistol with tears in his eyes suggests that Adriana is found out and eliminated. That would be a shame. I've actually grown fond of Adriana ever since the FBI started squeezing her. I wouldn't be surprised to see Chrissy dreaming that he was shooting Ade on Tony's orders. It seems to be dawning on him that her demeanor has changed and that she is strangely curious about his activities. Having him realize that his girlfriend is a rat and dealing with the angst and conflicted loyalties of the situation would make for a great Christopher storyline. OTOH, Drea de Matteo will star in the "Friends" spinoff, so Adriana may not be long for this world.

<http://stanford.wellsphere.com/autism-autism-spectrum-article/i-suppose-that-most-well-adjuste/501054>

18-What's this? A confession of a man crush from one of TV's best known curmudgeons? That's right – straight from the *House*'s mouth, **Hugh Laurie** tells *FilmStew* he's "more than a little in love" with his *Street Kings* co-star **Keanu Reeves**.

"Does **Keanu** know this?" I ask. "No, he doesn't," **Laurie** responds with perfect deadpan dejection. "I used to leave little notes, but I wouldn't sign them. One day..."

Along with this made-to-order cute clip, the British-born **Laurie** had much more to say about this **Friday's Fox Searchlight** release, which also stars **Forest Whitaker, Cedric the Entertainer, Chris Evans, Jay Mohr** and rapper **Common**. At the beginning of the film, **Reeves** delivers one of the most multi-racially offensive diatribes in recent memory. It's truly startling, but it gets the character exactly where he needs to be and ties into *Street Kings* unflinching depiction of human complexity.

“I suppose that if there’s one theme to the movie, it’s that people are not as they seem,” suggests Laurie. “Whatever shade you think [Reeves’] **Detective Tom Ludlow** is at the beginning of the movie, he turns out to be not quite that, which is the same with all the principals. My character [L.A. Police Captain James Biggs] is like a Dulux Color Chart. He has many shades.”

http://www.filmstew.com/showBlog.aspx?blog_id=1349

19-Speak Up: A lot of people listening to this interview might think that campaigning for the rights of rats is yet another case of British eccentricity. What do you make of that?

Dorothy Bosworth[Rats Rights Chairperson]: Well, **I suppose** we do seem a little odd to foreigners – as indeed we often seem to many British people! What I say is this: “As long as you’re saving lives, it doesn’t matter how odd you seem.” As my Uncle Ernie used to say, “Do what you think is right, luv, and bugger what other people say.” And he was right...(Speak Up n° 97, p. 27)

20-Speak Up: What is that drives men and women like Scott of the Antractic or Burkie and Wills in Australia, Livingstone in Africa and, more recently of course, Alison Hargreaves who climbed Everest – what is it that drives them to accomplish these feats of discovery?

John Hemming: Well, **I suppose** there are three reasons. One is curiosity, through wanting to see what was beyond the next bend. Another I think rather more with the old explorers, was fame: they got a lot of kudos by these discoveries. The modern scientific teams don’t get much kudos, but they do equally tough and challenging things. And the third is the old sort of chestnut of “Why did I want to climb Everest? Because it’s there”, you know, it’s a challenge. (Speak Up n° 108, p. 7)

21-When we look at how badly the Bush Administration's Middle East policy is blowing up in everybody's face, it's easy to forget that in many ways it is the Republicans, not the Democrats, who have traditionally shown more even-handedness in the Arab-Israeli conflict. September 11th sent George Bush into a panic-induced frenzied flail across the Arab world, but his open alliance with the Israeli looney right and the homegrown Christian Zionist looney right really is an historical anomaly.

I don't suppose that Republican Presidents have any special love for Palestine, but there are other political realities that generally make them less susceptible to a foreign policy of Israel-right-or-wrong. Firstly, they know what is good for business; and the fact is that the business of the Middle East is oil and that is not found on the Israeli side of the Arab-Israeli equation. Secondly, they have enjoyed a certain freedom of action over the years vis-a-vis Israel simply because they haven't had to worry about alienating the Jewish-American voter or political contributor: *Fuck the Jews, they don't vote for us anyway*, as [James Baker III](#) summed it up so delicately. I think that's why the major instances when this country actually said "no" to Israel have come from Republican Presidents: from Eisenhower's forcing Israel to relinquish all of the Sinai after the Suez Crisis of 1956, to Reagan's insistence on pushing through the sale of AWACs to Saudi Arabia, to George H W Bush dragging a reluctant Yitzhak Shamir to the Madrid Conference in 1991 by threatening to cut off U.S. loan guarantees to Israel.

http://lawrenceofcyberia.blogs.com/news/2006/07/two_cheeks_of_t.html

22- Penney open-minded on experiment

Oldham boss Dave Penney is open-minded as the Laticsmake broadcasting history in the FA Cup this weekend.

Saturday's first round clash with Leeds will be the first FA cup tie broadcast live and free of charge via the Football Association's website.

Penney told BBC Radio Manchester: "It'll need a few more people to get more 'IT'd' up I think before it'll really become a thing of the future.

"Although it depends on the viewing figures they get, I presume."

He added: "**I suppose** it depends how well this goes. I think the England game was on the internet though I never saw it."

http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/teams/o/oldham_athletic/8346044.stm

23- Butterfly Fan The Inferno are Paul Collins, Jase Holgate, John Kelly and Tony Wilkinson.

But they weren't always.

Founding member John put together the original incarnation four years ago - on the American east coast.

"Yeah, that's where the first line-up came together," he said. "In Boston in 2006. We played gigs there for about a year and recorded a few times. But like everyone's life, there's all sorts of over-lapping threads. It just turned out that by that time - 2007, 2008 - I was coming to the end of my time over there. So I was looking to get back to the UK to set up again."

John moved to Birmingham and went looking for new members to relaunch BFTI.

But why Brum?

"**I suppose** there were a few factors," he said. "A good friend of mine, a long time creative sparring partner was living here. I've always been an avid metal fan since I was a young lad. I loved Black Sabbath and knew a few of the lads from Zeppelin, Judas Priest and the like. I just wanted to come where there'd be musicians and Birmingham has a metallic history in many ways."

http://www.bbc.co.uk/birmingham/content/articles/2009/10/16/butterfly_fan_the_inferno_feat_ure.shtml

24- Viewpoint: Living with Iraq's violence

An Iraqi member of staff at the BBC Baghdad bureau reflects on the daily toll the violence is taking on the people of his country. For security reasons, the author's name is not being published. EVERYDAY FAMILY TRAGEDY

Violent death in Iraq is an everyday event. In Baghdad people put up signs on the street to announce deaths. I am always surprised to read one which says that someone died of natural causes.

Because it is so common, you get used to the number of violent deaths. The problem is you just bury it deep inside you. It becomes like a time bomb, you never know when it is going to explode.

All these feelings of fear, sadness and frustration burst out of me one morning last week when I lost Marwan, a relative of mine.

Marwan's day began as usual. He got into his car and started the engine. But rather than driving off, his car blew up when the engine warmed up. He died instantly.

Marwan was a police officer. **I suppose that** it is why he was targeted.

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/7561611.stm>

25- A sign in the window apologised on behalf of the museum.

It said: "Dear visitor, we are very sorry you came to the Ulster Museum today and we were closed. All National Museums Northern Ireland sites are closed on Mondays except bank holidays.

"The Ulster Museum has extended opening hours for the Halloween period opening Tuesday to Sunday from 10am to 6pm until Sunday 1 November, returning to standard hours Tuesday to Sunday 10am-5pm, on Tuesday 3 November. We look forward to welcoming you back soon."

James Shepherd said he presumed the museum would be open over the half-term break.

"The kids had been excited all day and were talking about it all weekend," he said.

"To be honest we hadn't checked to see if it was open.

"I suppose it may be partly our fault, but it seems a lot of people have made the same mistake."

The website for the Ulster Museum does have the opening times published, and the helpline also explains that the newly re-opened museum would be closed on Mondays.

But the number of people who simply weren't aware of this ran to hundreds.

http://news.bbc.co.uk/2/hi/uk_news/northern_ireland/8327142.stm

26-Introduce your character

My Character's name is Fr Aidan and he's the priest in Ballykissangel. I suppose I like to think that "Yes I'm like that nice guy sometimes." He's very caring and seems to put everyone else first. Sometimes I'm like that, I'm always too conscious of what other people are thinking or

feeling, and Aidan is a bit like that. He'll put everyone else ahead of himself and that's a good thing sometimes. At the same time he is able to put his opinions across when needs be and I don't know where I come in that comparison. If I was to say what percentage of Aidan is in me I would say thirty five percent.

<http://www.bbc.co.uk/northernireland/ballykissangel/interview-wycherley.shtml>

27- Bells: Do you think that programmes like Springwatch and Autumnwatch have encouraged young and old across the nation to enjoy nature on our own doorstep?

Sir David: Well, of course they have. And I think the important thing of course, is to remember that Springwatch and Autumnwatch doesn't just happen on television - it also happens out there. And I think that's what television at its best does, which is to encourage people to go out and see what's happening in the real world.

Bells: And this is probably a tough question, but what do you think has been the highlight of your whole career?

Sir David: Well, I don't know. But **I suppose** if I had to pick something, I'd pick something that I'm constantly reminded of, which was my time with the mountain gorillas in Rwanda twenty five years ago.

http://www.bbc.co.uk/cbeebies/grownups/about/programmes/david_attenborough_interview_print.shtml

28- Fergus Muirhead on utility bills and credit cards

I'm Fergus Muirhead and I'm trying to answer any money or consumer problems you may be facing at the moment.

You can contact me by e-mail at fergus@bbc.co.uk

I will deal with a selection of your e-mails every second Monday on lunchtime Reporting Scotland, Scotland Live and on the BBC Scotland news website.

Fergus also has a consumer page on Twitter: <http://twitter.com/consumerstuff>

Question 1. Q. Can you tell me why, on my electricity bill from Scottish Power, my standing charges are higher than my electricity consumption? For one month I paid in excess of £36 standing charges!

Also, despite countless letters and emails to Scottish Power they cannot seem to stop **sending** me direct debit demands. I pay them after I receive Bills. Their computer systems are completely hopeless. I am moving to a new house this week and am dumping Scottish Power in favour of British Gas (Scottish Gas) - is this a good move?

Norrie Hunter

A. There are a number of questions here and I'll try to address them all. **I suppose** the last question you ask is the most important - should you switch from Scottish Power to Scottish Gas? This depends on whether they are going to charge you more and/or provide a more professional service. And it brings in your query regarding the standing charge.

As I understand it Scottish Power has a number of options that you can choose from. You can pay a standing charge and a lower rate for energy you use or you can choose not to pay a standing charge but pay a higher rate for consumption. You will need to do a calculation based on your own consumption over the last 12 months or so to see what suits you better.

http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/2/hi/uk_news/scotland/8290232.stm

29- "I don't want to run before I can walk," she says. "If I ever get a chance of a high position in the next Cameron government that would be great."

The other parties will try to prevent that, but getting and keeping candidates is not easy.

The Liberal Democrats, who usually come second, lost one PPC.

"Candidates coming to look at seats can read the numbers like anybody else," says agent Jenny Shorten.

"We are on a journey here," she adds, "but it is quite a long road to follow."

Labour too are on to their second candidate.

"**I suppose** it isn't natural territory for Labour," concedes party veteran Margaret Taylor.

Both will get to know Claire Perry: they could spend decades trying to unseat her.

http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/politics_show/regions/west/8346502.stm

30- Phil Lynott remembered

By Scott Faulkner

The Birmingham-born former lead singer of legendary rock band Thin Lizzy died aged 36 after battling against drug and alcohol addiction. He would have been 60-years-old on 20 August, 2009.

Philip Parris Lynott was the distinctive-voiced lead singer and bassist of Thin Lizzy, who found fame in the 1970s with hits like The Boys Are Back In Town and Dancing in the Moonlight. (...)

Fellow Thin Lizzy member, Scott Gorham said that his problem got worse when his wife left him and took their two children.

He said: "**I suppose** he thought drugs would help him out of the low spots".

http://www.bbc.co.uk/birmingham/content/articles/2009/08/19/thinlizzy_feature.shtml

2. Ocorrências com “to guess (that)”

1-Taylor, 77, used her Twitter handle, @DameElizabeth, to tell fans that she was home, just as she did last week to announce she would go into a hospital to "to complete a test I was in the middle of."

Her publicist this week denied tabloid rumors that her hospitalization was brought on by her grief over the sudden death of her close friend Michael Jackson in June.

Taylor, in her latest tweets, addressed her sadness over Jackson's death:

"I'm home from the hospital sore, but intact. Of course I'm still grieving for Michael ... I always will."

"But as I said before I went into the hospital, 'I am a survivor,'" [Taylor](#) tweeted.

"I've had many tragedies in my life, but **I guess** they have all taught me something. I have to look at it that way."

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/07/18/liz.taylor.hospital/index.html>

2- Speak Up: When Melissa Plaut met with Speak Up, we asked her to describe her most pleasant experience as a taxi driver so far:

Melissa Plaut: **I guess** the easiest one to pick out is, you know, when it involves money! And I had a guy give me a very, very generous tip, which was...the fare on the meter was four dollars and ten cents, he was my first passenger of the day, it was a Sunday in June, my first summer, driving, and we had a very nice conversation, he was a very nice man, we really just hit it off as two human beings, perfect strangers, who just sort of met and it was very nice and, at the end of it, I was dropping him off at the Museum of Modern Art and he said: "Here's 140 dollars, don't give up." And I was blown away! (Speak Up n° 253, p. 14-15)

3-“ ...Now, you remember Jeannie Bjorkman? The one with the round face and the curls. About your height.”

“I should say I do”, said Mrs. Chase. “She was on the Red Cross Committee. Dreadful.”

“No,” said Alice Severn, pondering. Jeannie isn't dreadful. We were very good friends. The strange thing is, Arthur used to say he hated her, but then **I guess** he was always crazy about her, certainly he is now, and the kids, too. Somehow I wish the kids didn't like her, though I should be happy that they do, since they have to live with her.” (Speak Up n° 229, p. 41)

4- Speak Up: ...Thanks to the area's changing demographics, Williamsburg now boasts a top-notch and relatively inexpensive cuisine, a thriving nightlife, and an extensive commercial center.

Claudia de Sousa: Well, I guess, the trends in general are, there's a lot of 70's and 80's kind of stuff going on. So we have like accessories and clothes that kind of fit into that, but we try to do it with a twist and keep things modern at the same time. Not to try to remake things that have already been done. But, yeah, there's definitely like, **I guess** they're called “hipsters” in the area, and it's cool. (Speak Up n° 177, p. 24)

5- Speak Up: Although he was born in the United States, Ken Qualmann has lived in Winchester for many years. An archaeologist, he is currently running a project to find the tomb of Alfred the Great. I asked him for his reaction to the Wessex title:

Ken Qualmann: Well, I wasn't consulted, that's certain but! So I was surprised as anyone, but I think it is quite an appropriate title in many ways. **I guess** I would say that, being from Winchester, and seeing the importance in the history of the kingdom...but, on a wider level, I think it's perhaps interesting that, at a time when Scottish and Welsh identity is being taken up, it's important to look back and see what was important in the founding of England and it's particularly appropriate, I think, that the title of Wessex be seen as part of that movement to understand a little bit more about our history and what is at the core of being English. (Speak Up n° 187, p. 41)

6- ([The Frisky](#)) -- **I guess** I've been lucky in my romantic dealings with coworkers; one turned into a long-term relationship that outlasted the job and the other two were just pleasant dalliances that fizzled out naturally.

Which is probably why I've always rolled my eyes when I hear so-called experts yammer on about how you should avoid dating people you work with at all costs.

I mean, sure, stay away from the boss or anyone who reports to you, but if you're both on equal footing, who cares?

<http://www.cnn.com/2009/LIVING/worklife/11/18/tf.office.romance.gone.bad/index.html>

7- How is the new priest fitting in?

Well **I guess** he fits in beautifully in some ways and not so beautifully in other ways but **I guess** that's why it's a drama. He's like a fish out of water and has his own way of doing things and seeing things. He's learning a lot about the people and about himself but there's a few humps in the road but I'm sure he'll get there in the end.

<http://www.bbc.co.uk/northernireland/ballykissangel/interview-roberttaylor.shtml>

8- A lot of your songs seem to be about struggling to cope with the world and then getting salvation.

I guess it comes across as quite doomy to a lot of people, but we only tend to write stories about hope. Pop music is part escapism, but it's also part rejoicing in reality. People aren't generally as happy as pop music makes them out to be. They always hope to be that happy - that's why they listen to it.

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/entertainment/8439832.stm>

9- Tina Bentham :

Do you envy any tribe people's way of life? They seem so content.

I do envy much of what I see in these communities. Their family values and community spirits are especially appealing to any visitor, yet I try not to do so in too romantic or patronising a way. I used to have a very rose tinted view of life in such places, but that was in the days when I just used to visit such peoples. Nowadays, having actually lived their lives I

have seen how hard that can often be, I am less romantic. Of course I am generalising here and each community I visit is very different, but the sad truth is that I would never be able, nor want, to swap my life for theirs.

They seem to have so much of what it is that we look for, yet in return we have much of what they want too. In the end contentment only comes from within and for better or worse I have tasted a very rich and rewarding life in the west and I like my exciting, vibrant lifestyle. I could not get that living in a tribal community even though I know that in the long run the riches of community far outweigh the riches of materialism. A tribal elder who had lived before first contact said to me once, "We were happier back then, but now that we have seen the other side, we want more. There is no going back for us". **I guess that** I like my Ipod, clean sheets and varied foods too much to trade them in.

<http://www.bbc.co.uk/tribe/bruce/qa2.shtml>

10- The other day I visited a 'Wellbeing Expo' at a primary school, where some young students had done a display on 'Disease and Disability'. I went over to take a look, and was quietly chuckling at one section on 'Mental Depression', with its descriptions of how children can feel depressed if they lose a favourite toy (for girls this could be a My Little Pony, for boys a soccer ball, it explained), and how the only cure for 'Mental Depression' is happiness, because the pills don't really work. It went on to explain that sometimes it's hard to find friends who like you for who you really are, and that it's difficult to get a job even when you can work. There it was, complete with a picture of 'my aunt' and a note saying that "Mental Depression can happen to anyone".

A little tear was already forming in my eye, before I saw that the author was none other than my niece. I was pretty close to a full-scale blub, but was saved by a sentence I hadn't read. People with mental depression who can't get a job shouldn't be too upset, said my niece, because it's easy to get into modelling. Apparently lots of newspapers and magazines want to know about 'Mental Depression', and you can tell your story to them and they will take photos.

I guess that answers the question about what my family think of me when they see me speaking out in the media. To the younger generation at least, I'm a model.

http://www.bbc.co.uk/ouch/features/pyjama_girl_goes_camping.shtml

11- **BBC Four:** You mention this aversion for being the centre of attention. How did he respond to the making of this film?

GD: He wasn't very keen on the idea at first, my pitch was that as a viewer I would find it surprising if he wasn't there to give his interpretation of the events we discussed within the programme, and in the end he agreed. But he was very cautious about the programme to start with, **I guess** that's his style, he takes the time to form his opinion. I think he wanted to see what the programme would be like, because a documentary about a person's life can be sensationalist. What I've tried to do is just get him, and people who have worked with him, on the screen and get them to tell their story. Nobody pretends that he's an easy guy to get along with, and he accepts that himself, but I think that the character of being "his own man", to use Jeremy Paxman's words, that's what gives him that Wheeler quality.

<http://www.bbc.co.uk/bbcfour/documentaries/timeshift/charles-wheeler.shtml>

12- **Question from Hitendra Trivedi:** Before filing a patent, is it essential to have a prototype/working model?

Trevor Baylis: Not necessarily. However, a picture is worth a thousand words. A prototype is worth a million. Very often, a model makes it so much easier and a far more convincing argument when trying to extract cash from someone. The perpetual motion machine, which you've been thinking about, is usually proven not to work once you've made a model!

Question from Daniel Bahk: Did you want to be an inventor when you were a child?

Trevor Baylis: I always played with my Meccano set, and **I guess that** I was solving problems. If you can solve a problem, then you're on your way to becoming an inventor. There's an invention in all of us!
http://www.bbc.co.uk/communicate/archive/trev_bay/page3.shtml

13- Over the next seven months I hope you will join my expedition online to follow the highs and lows of the ultimate solo endurance cycle race. Sounds pretty epic in those scary terms... I prefer to think of it as simply cycling about 100ish miles a day for 200ish days! Does that sound easier? Ahem... well maybe if I said it was as easy as cycling from Edinburgh to Glasgow and back again every day for 7 months... better? **I guess that** there is no way of making this sound like a reasonable proposition! Regardless, this is my reality and with stage 1 (planning and training) nearly over, I can't wait to start stage 2 (the cycle).

More intro and background to follow soon but for now I msujd jd sn zzz zz z...

http://www.bbc.co.uk/scotland/outdoors/peddaling_around/diary/0000010176.shtml

14- My wife's a vegetable

Many years ago whilst on holiday in Brittany I wanted to tell the waiter that my wife was a vegetarian. I didn't know the French for vegetarian, so improvised by extending the word for vegetable, and said she was une légumière. **I guess that** I told him that she was a vegetable seller! Still after a smile he seemed to understand. I later discovered that the French for vegetarian is un végétarien, une végétarienne - it couldn't have been easier!

Sent by: Andrew

http://www.bbc.co.uk/languages/yoursay/lost_for_words/french/my_wifes_a_vegetable.shtml

15- Report information

We were delighted to hear Black-tailed Godwits as we were having our early breakfast this morning. Three of them had dropped into our tiny pond overnight; **I guess that** it looked like a suitable spot at which to land, in the dark. They had moved on again by 10 o'clock. We are starting to get a real feeling of "Phew, got here!" from the Godwits, this year. The first two birds we saw wearing individual colour rings in the south of Iceland on Wednesday, looking tired and hungry, have both now reached the estuaries we expect them to be on – about 40 and 80 miles further on from their arrival point.
<http://www.bbc.co.uk/radio4/worldonthemove/reports/postcard-from-iceland-day-six/>

16- And so Foy Vance plays the Meter Room in the old Gas Works complex in Belfast. Many people at this Tuesday night reception are a little refreshed, and aren't paying full attention. But if you care to check it out, you will hear excellent singing, guitar skill, humour, intensity and grace. In a few years, people who weren't even here will pretend that they listened all the way through.

Foy comes from Bangor, with a broad detour through America with his preacher dad. His music is high on hope, notably on the future classic, 'Indiscriminate Act Of Kindness' which pictures beautiful deeds in surprising places. He plays in a kind of soul-jazz vernacular and **you guess that** he's into John Martyn. A bonus.

http://www.bbc.co.uk/blogs/stuartbailie/2007/02/lets_hear_it_for_the_foy.shtml

17- ANDREW MARR: Your time in the army, Kosovo was the big issue, British soldiers out there. And you were actually, I think, the first British soldier or certainly British officer into Pristina when NATO forces went in and you were sitting on a small tank. And you went back and you made a film, talking to some to some of the families that you helped liberate...

JAMES BLUNT: Yes exactly, I mean you know 18 months ago I went back there. It was some six years after the war itself and yet I really wanted to find out if anything had improved and changed. And so I took a camera crew and it was amazing going back really to see what had improved.

That definitely security and stability had improved in some ways, but **I guess** also the fact that we got up and left so quickly to go to a place like Afghanistan, to Iraq, definitely has, you know, at a cost of the place we had sort of made a responsibility to stick around in in the first place.

http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/andrew_marr_show/7286103.stm

18- *Tibor's memoirs: The Man Without A Hobby, Adventures of a Gregarious Egoist (Lanham, MD: Hamilton Books, 2004), will be published by Hamilton Books later this year.*

Your comments:

Well, this story got me really surprised. I've always watched a lot of films about situations like that, people running away from the government, but I never thought that something like it could happen. In my opinion you are a wonderful person, who had to fight for your rights and ideas, you try to get the best of your experience. You teach us that when you have an objective, you must fight for them! **I guess that** you are a great example of willpower!
Gaby Vicari, Belem, Brazil

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/3519086.stm>

19- When I found out that my mother had HIV, I was not afraid, because I knew about the disease.

I knew that she was terminally ill, but I still hoped and hoped that she would get better.

My father left home in 2001 and he refuses to get tested.

I am now responsible for my 19-year-old brother and my sister who is 25. She has two children and she is not married, so I help her look after them.

I do not mind this responsibility, I just cope. I do not know how to explain how I cope, but I do. **I guess that** you just have to get on with life and keep living. There is nothing else you can do, except to go on.

I got tested for HIV both before my mother had her test and again after she tested positive. My results were negative both times.

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/africa/7707084.stm>

20- However much technology develops there is still plenty of room for improvement and Nielsen sees the personalisation of the web as a case in point. The ability of websites to serve up the content that **they guess** each of us will find the most interesting is still in its infancy, he argues.

"There's always been a lot of discussion about personalisation and the web but it has never really taken off, probably because it's not that useful.

21-Isia

Umm in Poland we have now about -10 C. And a lot of snow. Snow melts and freezes. **I guess that** this is very dangerous for drivers.

Steve

Why does the media hys up the snow so much? We complain when it's too hot and then we complain when it's too cold!! It's just snow and it will be gone soon so stop moaning and make the most of it before it melts....

<http://www.bbc.co.uk/1extra/tx>

22- Tuesday's FA Cup action as it happened

GOALFLASHES AND MAJOR INCIDENTS (all times GMT)

To get involved use **606** or text us your views & comments on **81111** (UK) or **+44 7786200666** (worldwide). (Not all contributions can be used)

By Caroline Cheese

2235: If the Nottingham Forest heartbreak hasn't finished him off, Stevo returns to the hotseat tomorrow for Liverpool v Reading and Newcastle v Plymouth. Thanks for your efforts this evening. Bye bye.

2233: And **I guess that** while Portsmouth were lucky tonight, they've had several hard-luck stories in the league this season, so maybe it all evens out in the end.

<http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/sport2/hi/football/8454806.stm>

23- **Salt Lake City, Utah (CNN)** -- For Art and Jaynie Brown, the anti-alcohol crusade began with a late-night phone call a decade ago.

"From my daughter," Art Brown explained at his Salt Lake City home. "And she simply said, 'Dad, we've been in a very serious accident.' "

The Browns rushed to the hospital where their grandchildren were taken after the crash. One of the boys was seriously injured; the other was in more dire condition.

"**I guess** the most poignant time in my life was when I had to watch my daughter and my son-in-law pull life support off that baby," Brown said. "Twenty-four hours before, it was a loving family."

Matthew was 2 months old, killed by a drunken driver.

Brown learned the details from the police report.

"He had been served, over six hours, 21 drinks," Brown said. "When he got a little rowdy, they threw him out, and he got in his car and drove around, and he hit our daughter. Three times the legal limit."

Art Brown now heads the Utah chapter of Mothers Against Drunk Driving, and the Browns are frequent visitors to the state offices to push for more aggressive efforts against drunken driving and for public campaigns to raise awareness about the dangers of underage drinking.

<http://www.cnn.com/2010/POLITICS/01/01/king.sotu.utah.alcohol/index.html>

24- Q: The common thread through all your films is violence. Is it fair to say that you have a special fascination with this, or have you been pigeonholed?

A: Well, I have a very dark side. I think with Bronson I have been exorcising that out of me. I certainly don't like watching violent films very much anymore, especially now that I have children. I prefer to sit down and watch a romantic comedy, but **I guess** the brutality comes naturally to me...

dark side. I think with **Bronson** I have been exorcising that out of me. I certainly don't like watching violent films very much anymore.

http://www.bbc.co.uk/filmnetwork/features/refn_bronson

25- **The rise and fall of the waist**

By Elizabeth Diffin

BBC News Magazine

The way a man wears his trousers may reveal his age, research says. But when it comes to waistband placement, history shows there is no golden rule.

You no longer have to eye his hairline to determine a man's age. There's a new way to figure out just how old he is: take a look at his beltline. (...)

Below is a selection of your comments.

I don't think it has anything to do with age at all - it all depends on the belly issue. There comes a time in a man's life when he has to make the decision that he will stick to until the day he dies - am I an up-and-over or an up-and-under? Whereas my Dad & my brother both

chose the up-and-over camp, my hubby has gone to the up-and-under. **I guess** it all depends on where you want the belly bulge to be seen - in your shirt or in your trousers. Lily

http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/2/hi/uk_news/magazine/8487106.stm

26- Armstrong had forecast that Thursday's race would be a tough physical test and less suited to sprinters such as Greipel, who dominated the first two days.

"As you saw, it was not a stereotypical sprint. I remember from last year it was hard," he said.

"I guess I felt better this year and I was better positioned. You might get 30 or 40 back and someone opens a gap and it's hard to come around them.

"On a day like this you've got to stay up front if you want to maintain your general classification. That wasn't my priority. I just wanted to stay up there and see if we could pick off one maybe with Gert Steegmans."

http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/other_sports/cycling/8471791.stm

27- Into the wild

- Like my fellow presenters on Nature's Top 40, I'm passionate about wildlife and love nothing better than the sight of nature's amazing spectacles. Throughout the series I'll share with you some of my passion for British animals, birds and plants.
- My interest in wildlife started at an early age and has continued throughout my working life.
- I was born and bred in mid Wales where there is some remarkable wildlife and a rich diversity of habitats. **I guess** that's what fuelled my interest in nature and birds, in particular.
- As a young man I studied for a degree in ecology in London before returning to Wales to work for the RSPB. For 14 years, I worked as a Species Officer, monitoring rare species and investigating offences against wild birds.

In 1998, I decided on a career change, leaving the RSPB to work in the media – and ever since I've been broadcasting in both English and Welsh for TV and radio.

http://www.bbc.co.uk/naturestop40/lolo_biog.shtml

28- Over the next seven months I hope you will join my expedition online to follow the highs and lows of the ultimate solo endurance cycle race. Sounds pretty epic in those scary terms... I prefer to think of it as simply cycling about 100ish miles a day for 200ish days! Does that sound easier? Ahem... well maybe if I said it was as easy as cycling from Edinburgh to Glasgow and back again every day for 7 months... better? **I guess that** there is no way of making this sound like a reasonable proposition! Regardless, this is my reality and with stage 1 (planning and training) nearly over, I can't wait to start stage 2 (the cycle).

More intro and background to follow soon but for now I msujd jd sn zzz zz z...

http://www.bbc.co.uk/scotland/outdoors/pedalling_around/diary/0000010176.shtml

29- **Mourn single life before finding love?**

There must be another way. Do I really have to say goodbye to my single life in order to find love? Anyone out there have any suggestions that include me still having fun while trying to meet someone special and not baring my soul on the first date? Please advise or else **I guess** I'll see you at the funeral for my single life.

<http://www.cnn.com/2010/LIVING/personal/01/01/tf.say.goodbye.singlelife/index.html?iref=allsearch>

30- Coworker romance-gone-bad drama

[The Frisky](#)) -- **I guess** I've been lucky in my romantic dealings with coworkers; one turned into a long-term relationship that outlasted the job and the other two were just pleasant dalliances that fizzled out naturally.

Which is probably why I've always rolled my eyes when I hear so-called experts yammer on about how you should avoid dating people you work with at all costs.

I mean, sure, stay away from the boss or anyone who reports to you, but if you're both on equal footing, who cares?

<http://www.cnn.com/2009/LIVING/worklife/11/18/tf.office.romance.gone.bad/index.html?iref=allsearch>

3.Ocorrências com “to think (that)”

1- Standing outside the firehouse this morning, Bush smiled broadly and told reporters (well, at least Richard "Stretch" Keil of Bloomberg News) that **he thinks** he'll win. "I feel calm," he said, wearing an "I voted" sticker on his lapel.

<http://edition.cnn.com/2004/ALLPOLITICS/11/02/tuesday/index.html>

2- "**I think** we made it easy, and **I think** the big goal for us was to make it accessible and put it in as many places as possible that young people would be spending their time on the Net," Rock the Vote President Jehmu Greene told CNN.com.

<http://edition.cnn.com/2004/ALLPOLITICS/11/01/voter.registration/index.html>

3- On November 2, we will make history as far as how many people turn out, but **I think** we also have a real opportunity to focus whoever wins, their attention, on actually addressing and responding to the concerns that drove these voters to turn out, and that will be what's truly historic," she said.

<http://edition.cnn.com/2004/ALLPOLITICS/11/01/voter.registration/index.html>

4- **I think that** one of the things that's fascinating about this election and all the get-out-the-vote stuff is that people are realizing that there are portions of the electorate that perhaps both parties have given up on a long time ago because they're not quick-and-easy voters.

<http://edition.cnn.com/2004/ALLPOLITICS/11/01/voter.registration/index.html>

5- **I think that** not only are more than 20 million young people going to surge to the polls, but candidates are really courting this vote in the small number of states that it's come down to that can really decide the election -- it's going to be these youth voters," Greene said.

<http://edition.cnn.com/2004/ALLPOLITICS/11/01/voter.registration/index.html>

6- Pipkin said it was exciting to see such a large turnout. "We've been pushing the message that voting matters, who's in office matters, and **I think** we're seeing a direct result of that today with this kind of turnout," Pipkin said. "It bodes well for our democracy."

<http://www.onlisareinsradar.com/archives/002242.php>

7- "**I think** in some sense you could define the fight for increased turnout this way," said CNN's Jeff Greenfield. "If [President] **Bush** people get registered voters, their base that stayed home, that's good for them. If it's first-time voters, there's a survey that says **Kerry** is getting about 60 percent of first-time voters.

<http://us.cnn.com/2004/ALLPOLITICS/11/02/voter.turnout/index.html>

8. Asked about newly surfaced photographs that appear to show mistreatment of Iraqi detainees, McCain said he believed the United States is now treating prisoners properly.

"**I think** there was a period of time where we were not," he said.

Torture, said McCain -- who was a prisoner of war during the Vietnam War -- has been "proven time after time" to be ineffective. (Speak Up n° 172 , p.30)

9. Asked about relations with India, Musharraf appeared confident of a turn for the better. India and Pakistan have been engaged in a long and bloody struggle over control of the state of Kashmir.

"**I think** we are moving well on the issue of confidence-building measures and also of the dialogue process toward the resolution of disputes. We hope we will move forward in all resolution of all disputes and the core dispute happens to be Kashmir." (Newsweek, 17/10/05, p. 46)

10. Speak Up: There are a few things that make London less fun than it might be, of course. One is the weather. The other, for Simon Larcey at least, are the locals:

Simon Larcey[from Australia]: **I think that** the English in general are very short-tempered, but because London is so full of so many different other people, **I don't think** it's particularly too much of a problem. (Speak Up n° 173, p. 23)

11. Conte said he started supplying Jones with doping substances in the weeks leading up to the 2000 Olympics and watched as she injected herself with human growth hormone.

"**I think** she made her decision and she's going to have to be accountable to the consequences of her decision," Conte told ABC. "If she said she didn't use drugs, then she lied."

<http://www.cbsnews.com/stories/2004/12/04/national/main659098.shtml>

12. Hanns Lihartzik, 74, has meandered the Vienna Woods since he was a child and still walks the city hiking paths regularly.

"**I think** they're a very positive encouragement to get out in nature," he said.

The hikes highlight natural areas that visitors often are surprised to see in a capital, Liharzik said.

http://chronicle.augusta.com/stories/2004/12/05/liv_436359.shtml

13- Weymouth: Three years ago the World Bank promised Iraq \$400 million, but only \$30 million has been delivered to Iraq. Why? Hasn't the Bank refused to send volunteers to your country?

Sinan Shabibi (governor of Central Bank in Iraq): There is a problem of disbursement of aid. There is a policy that because of the security situation they don't want to come to the country. They [say they] will come when the situation becomes better.

Weymouth: But these same institutions go to other dangerous countries. Isn't that unfair?

Sinan Shabibi: Of course it is unfair. Their argument is that in the attack on the U.N. building [which took place in Baghdad in 2003], the representative of the secretary-general was killed as well as a lot of people from IMF. **They think that** they are always targeted, so that's why we have a lot of meetings in neighboring countries -in Jordan, in Abu Dhabi. (Newsweek, 17/10/05, p. 60)

17-[Powell: U.S. values in action](#)

Indonesia, where Powell will attend a meeting of officials from countries affected by the tsunamis on Thursday, is the largest Muslim nation in the world and was the hardest hit by the December 26 earthquake and tsunamis.

"We are doing it regardless of religion," Powell said, "but **I think** it does give the Muslim world -- and the rest of the world -- an opportunity to see American generosity, American values in action, where we care about the dignity of every individual and the worth of every individual."

<http://cnn.com/2005/WORLD/asiapcf/01/04/asia.quake/index.html>

18- Newsweek: How much daylight is there between Bush and Sharon on the settlement issue?

Natan Sharansky: Well, **I think** there is! The American traditional position is that all settlements are illegal. And all the Israeli governments -- even the most left-wing governments -- are accepting it. So **I don't think that** President Bush can abandon the traditional position of America. But [he] puts much more emphasis on the changing of the Palestinian society than on removing settlements. Newsweek , 16/05/05, p.56)

19-[Managers call for video technology](#)

Even United manager Sir Alex Ferguson admitted Spurs had been dealt a harsh blow. "It just adds weight to the point about technology being brought in," he said.

"I don't think you can blame the referee or the linesman because I wasn't sure myself that the ball had crossed the line."

Ferguson said he would back a system where video evidence could be consulted, provided it allowed for a decision within 30 seconds of an incident taking place.

Arsenal manager Arsene Wenger weighed into the debate.

<http://www.cnn.com/2005/SPORT/football/01/05/england.dispute/index.html>

20- [Experts: Tsunami disaster might ease terrorism](#)

This is a golden opportunity for the United States," says Gunaratna. The refrain that the United States and the West are losing the war of ideas, especially in the Muslim world, was the main topic at a recent conference about al Qaeda

But counter that with images of U.S. helicopters bringing aid to places like Aceh, delivering something that insurgents can't, and Gunaratna **thinks that** devastation can unwittingly bring some good. That it might overwhelm the message from bin Laden, at least in Indonesia, which is after all the most populous Islamic country in the world.

He also **thinks that** the magnitude of the destruction has brought on war fatigue.

"We haven't even started to think about this issue. But natural disasters shape leaders," says Gunaratna.

<http://www.cnn.com/2005/WORLD/asiapcf/01/04/terrorism/index.html>

21- Speak Up: Lauris Antoine, a volunteer in the UKIP office, is from Venezuela, and her opposition to the domination of Europe by France and Germany is not simply nationalism:

Lauris Antoine: With Brussels, or the European Union, we do not have freedom. Our laws are taken away, we are dictated to, and we in Britain do not want this. I do not want this, firstly as a British national and b, as an immigrant, I also am afraid...not only the political reasons. Maybe this is something I should not introduce, but **I think that** racism is rife in Europe and this is....my experiences with Europe. In Germany, in France, I have suffered greatly from racism. (Speak Up n° 175, p. 20)

22- [Social Security: The battle is joined](#)

The battle will be waged not just with rhetoric but with dollars too. Because Democrats have given the term privatization a negative tinge, advocates prefer to call it personalization, emphasizing control and ownership rights.

Says Club for Growth president Stephen Moore: "Words matter."

But money matters too, and even within the G.O.P. there are sharp disagreements--over, for instance, how the government will cover the shortfall in Social Security revenue promised to today's seniors during the transition to private accounts.

Some favor borrowing the money, while others **think** taxes need to be raised or benefits cut to avoid adding to the deficit. The President, while opposing tax hikes, has yet to deliver a concrete proposal. "If you can fix this thing without pain, sign me up," says Republican Senator Lindsey Graham.

And if you can escape the propaganda war over Social Security in '05, you're not paying attention.

<http://cnn.com/2005/ALLPOLITICS/01/03/social.security.tm/index.html>

23-[Commentary: Firm resolve](#)

That's OK. Don't feel bad. Your resolution was probably too hard or dull to keep. Besides, if anything's really worth doing -- then it's probably worth starting to do in April or September, not just January. So start later on, when there's not as much pressure.

If you still want in on the fun of making New Year's promises to yourself, let me offer you some resolutions that don't involve what you eat or if you exercise or some other such boring nonsense. **I think** these resolutions are worth sticking to, and may even make you a better person. But that's just my opinion. So here we go:

<http://cnn.com/2005/SHOWBIZ/Movies/01/03/entertainment.resolutions/index.html>

24-[Commentary: Firm resolve](#)

Start watching television shows that feature professional actors

I think it should be apparent by now that "reality shows" have nothing to do with reality. If you want to watch people in contrived circumstances portray overwrought emotions, let professionals handle it. **I think** it's more honest, and couldn't we all use a little more honesty in our lives?

<http://www.cnn.com/2005/WORLD/asiapcf/01/04/terrorism/index.html>

25-[Commentary: Firm resolve](#)

DVDs are wonderful, but don't bother with alternate endings

If those endings were better, why weren't they used in the first place? And if they aren't better, why would you want to waste your time watching them? Try to force filmmakers to use the best ending possible from the get-go.

I realize these resolutions could be tough to stick to, but challenge yourself in 2005. **I think** you'll surprise yourself with your resolve. And by 2006, **I think** you'll be a much happier person.

<http://www.cnn.com/2005/SHOWBIZ/Movies/01/03/entertainment.resolutions/index.html>

26-[After 100 years, Forest Service still focus of debate](#)

In December the Bush administration released rules for the national forests that some environmentalists complain relax ecology-friendly restrictions and make it easier to log vast swaths of public lands.

Former Forest Service Chief Jack Ward Thomas said Roosevelt and Pinchot would hardly recognize the agency they created.

"I think they would be distressed with the current state of affairs -- the confusion and the lack of a clear mission," Thomas said. **"I think** they'd despise that."

<http://cnn.com/2005/ALLPOLITICS/01/03/forest.service.ap/index.html>

27-[After 100 years, Forest Service still focus of debate](#)

Andy Stahl, executive director of Forest Service Employees for Environmental Ethics, a watchdog group, called next week's Centennial Congress an exercise in self-congratulation.

"I think it makes a lot of sense to celebrate the national forests. **I think** it makes no sense to celebrate the Forest Service management of the national forests," Stahl said.

<http://cnn.com/2005/ALLPOLITICS/01/03/forest.service.ap/index.htm>

28- Isle of Wight. If **you think that** a festival to celebrate a strong-smelling, pungent-tasting bulb is a crazy idea, you may be right – but that hasn't stopped the town of Newchurch from hosting their annual Isle of Wight Garlic Festival for the last 19 years. (Speak Up n° 209, p.6)

29- "Which of the following will weigh more heavily in the election: the economy or Iraq?"

"I think for most Americans the economy will weigh more heavily, because the majority of people are most concerned with that which most directly affects their lives – having good

jobs, enough food on the table, enough money to care for their families.” (Speak Up n° 209, p.15)

30- “How can the Democratic Party escape the stigma, just or unjust, of being the party of weak defense, failed liberal policies, and, as one Pennsylvania Republican put it, “weird sex”?”

“**I think that** this is one of John Kerry’s potential strengths. His record and leadership in Vietnam demonstrate this.” (Speak Up n° 209, p.14-15)

31-[AMD, Earnings to Weigh at Opening](#) Reuters - 2005-01-11

AMD cited tough competition in the memory-chip market. Its shares fell \$2.93, or 14.5 percent, to \$17.20 on the Inet electronic brokerage system. Shares of Intel slid 28 cents, or 1.2 percent, to \$22.60 on Inet.

"AMD is going to hurt the tech sector, and **I think** trading will go on the defensive again," said Michael Metz, chief investment strategist at Oppenheimer & Co. "AMD's warning may also foreshadow poor numbers from Intel. I think the market will try to rally today, but **I don't think** it's ready for a significant turn."

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257477387>

32-[Don't Frighten Seniors, Bush Warns](#) ABCNEWS.com - 2005-01-11

"**I think** two of the things that are going to be important for the members to understand, once they've come to the realization there is a problem, is that no longer can they frighten seniors by saying, if we do this, seniors aren't going to get their checks," he said. "I think it's become pretty clear in people's minds that the issue ... does not revolve around those who have retired or those who are near retirement.

"The issue, really, is about younger workers and most younger workers believe that they're not going to see a dime unless something is done. And most younger workers, as far as I can tell, like the idea of being able to take some of their own money and managing for their own retirement, in order to more likely have the promise of Social Security fulfilled.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257484905>

33-[Writer urging Inauguration Day boycott](#) AP via Seattle Post Intelligencer - 2005-01-11

David Livingstone says the idea behind the economic boycott he's organizing is simple: If people don't show up at work or buy things, companies lose money. As he sees it, that's money the Bush administration can't tax, and can't use to run the war in Iraq, protect polluters or chip away at the Constitution.

So the Detroit Democrat and a handful of other anti-Bush groups across the country are urging others of like mind to withhold their cash and labor on Inauguration Day - from all businesses. **They don't think** they'll inflict a huge economic pain, but they do want to make a point.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257484857>

34-[Writer urging Inauguration Day boycott](#) AP via Seattle Post Intelligencer - 2005-01-11

Other groups nationwide, many loosely connected through the Internet, have put out calls similar to Livingstone's. Jesse Gordon, 44, of Cambridge, Mass., spreads the word through his Web site, Not One Damn Dime!

Gordon doesn't expect to shake the economy, but does want to see the president recognize dissent.

"**I think** Bush should acknowledge the boycott. If we're effective, he'll know about it, and he should acknowledge it," Gordon says.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257484857>

35-[Irish exchange plans market for smaller firms](#) Reuters - 2005-01-11

The Irish Stock Exchange (ISE) plans to scrap its three markets for small and developing firms and replace them with a single market modelled on London's Alternative Investment Market (AIM), it said on Tuesday.

The move comes in response to regulatory changes that will make listing on the official market more difficult and expensive. These changes include EU directives on market abuse and prospectuses, as well as regulation on accounting standards.

"**I think** there is no doubt that the pace of regulatory change is such that it's raising the bar for companies on the main market and cost effectiveness is becoming a real issue," Deirdre Somers, Director of Listing, told a briefing.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257487302>

36-[Some Iraq areas may be too unsafe to vote](#) AP via Seattle Post Intelligencer - 2005-01-11

He acknowledged that some areas of Iraq likely would be too unsafe to participate in the landmark balloting for a constitutional assembly. The country's volatile Anbar province west of Baghdad and areas in the north around Mosul have seen little preparation for the vote.

"Hostile forces are trying to hamper this event and to inflict damage and harm on the march and the guarantee for the participation of all in the elections," Allawi said. "Certainly, there will be some pockets that will not be able to participate in the elections for these reasons, but we think that it will not be widespread."

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257485026>

37-[Group: Don't give kids cell phones](#) AP via Seattle Post Intelligencer - 2005-01-11

Sir William Stewart, chairman of the National Radiological Protection Board, or NRPB, said there was a growing amount of research that showed using cell phones has health implications and it was therefore wise to adopt a "precautionary approach," particularly with children.

"**I don't think** we can put our hands on our hearts and say mobile phones are safe," he told a news conference to launch his report.

"When you come to giving mobile phones to a three to eight-year-old, that can't possibly be right."

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257485028>

38-[Busy winter continues for Mets](#) SignOn San Diego - 2005-01-11

"Sometimes they use the word rebuilding, but **I think** it's tough to rebuild in this type of market," Randolph said. "I assumed we would add some veterans and free agents, but so far it's been a lot more than I expected. **I think that** ownership has made a serious effort to get back to winning ways, and it's exciting to be part of that."

New York's contract calls for Beltran to receive an \$11 million signing bonus. Today is the last day before a change in federal law makes signing bonuses subject to increased taxes.

"I'm very satisfied because we reached a deal," Beltran told the Puerto Rican newspaper *Primera Hora*. "The Mets showed genuine interest all the way and were willing to commit the way I wanted them to.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257445270>

39-[Weight control](#) Atlanta Journal And Constitution - 2005-01-11

If you're like so many Americans, you're putting on a pound or two a year as you sail (or scarf) your way through the decades from youth to middle-age.

And, like most, **you probably think** the effort to control that widening girth is too overwhelming to think about -- particularly in the middle of working, raising a family and keeping in touch with friends.

Once the scale hits 10, 15 or even 20 pounds above what you used to consider your ideal weight, you might even be tempted to throw in the towel.

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257438965>

40-[Bush trumpets call for Social Security reform](#) MSNBC - 2005-01-11

The president said he understands that Congress is prone to inaction until there is a crisis, but that "in the end what matters is reforming the system so that it ... doesn't 20 years from now pop back up on a president's screen saying, oh, goodness, we got to do this again."

As to whether the current situation constitutes a crisis, he said, "You can call it whatever you want to call it, whatever adjective you want to describe the problem. **I think** it's real, **I think** it's fundamental, **I think** we have an obligation. ... I would also say that **I think** people are taking a risk politically if they stand up and say it's not a problem, because **I think** most people realize it is, particularly younger people."

<http://c.moreover.com/click/here.pl?b257356319>

41-[Setback for Network, and The Mainstream Media](#) Washington Post - 2005-01-11

The impact of the CBS scandal was magnified both by Bush, who often disparages the media, and by Rather, who pugnaciously defended himself as the victim of conservative attacks. Rather drew the battle lines clearly in defending the story, saying the critics included "partisan political operatives," and told the outside panel **he still thinks** the accusations of Bush receiving favorable treatment are true, whether or not the documents are real.

42- Sipping wine, and almost instantly dizzy, light in her head, Persis tries to explain herself. "Men are such dopes", she heedlessly starts. "**They** always **think that** women carry everything they own in their bags. Thieves **think** that, I mean. So I just shove money and credit cards into some pocket. There's only makeup in my bags." (Speak Up n° 194, p.46)

43- But **I think**, in terms of contemporary Scotland, **I think that** the Scottish nationalist movement has to be very careful that it doesn't bring a (sic) idea of nationalism, which involves a belief that independence and political autonomy will be the solution to all of society's problems and ills. (Speak Up n° 182, p. 13)

44- Speak Up: Whereas American and British men tend to see a marriage proposal as a precise and romantic event, it would appear that Latin men don't. (...) But these stories very much go against the idea we have of the romantic Latins and the rather boring, unemotional "Anglo-Saxons" for want of a better word.

Moira Shear: **I don't think** the image of the Latin lover...well, in some ways, it is correct, because men are very passionate, women are adored, in some sense, more so than maybe by American men, but **I think** Italian men, they're a bit more arrogant than the American man, **they think that** this romance element is not necessary, **that** they can successfully "conquer" a woman, so to speak, with their charm, whereas an American man has to rely on romance.

Speak Up: So, is the romantic lover dead?

Moira Shea: **I think so. I don't think** he was ever alive.(Speak Up n° 181, p. 24)

45- Speak Up: While the world was worrying about the imminent war in Iraq, a group of NGOs gathered in Porto Alegre at the World Social Forum to discuss a longer-lived issue: the need for and the direction of a reform for the United Nations. Speak Up was there, too. (...) A Latin point of view was put forward by Josef Xercavins, from UBUNTO (World Forum of Civil Society Networks):

Josef Xercavins: If we talk about the UN reform, we are producing some feeling of weakness of UN, and **I think that** our goal should be to strengthen the UN. And the best reform of the UN that we can do is to put the...all of the international institutions under the umbrella of the UN. This is, of course, not in opposition of the ideas of the secretary general; of course it's not. But **I think that** our best way to help him is to say that the best reform of UN is to put the World Bank, the World trade Organization in the hands of UN with our participation. (Speak Up n° 194, p. 24)

46- Speak Up: The next expert you'll hear is June Zeitling, from the women's activist group WEDO (Women's Environment and Development Organization):

June Zeitling I'm the only American on the panel. Let me say a couple of things.(...) **I think** Americans are generous as a people. **I think** they believe in fundamental values and **I think** those of us who live there and have a different vision have an obligation and many of us are making new commitments to try to educate and inform people more broadly. Americans **think** they spend a lot more on foreign aid than we spend. We're the stingiest of the industrialized nations. Americans think the government spends 20% of its budget; it spends less than 1%. So they don't know the facts, but I'd add a word of caution. **I think** we hope that when they have the facts that the policies will be different, but there's a lot of insularity, and Americans aren't used to using international norms – whether it's the human rights norms, the United Nations – for advancing our own rights and goals. So there is, even among people who are better informed, a bit of an attitude of "Well, what difference is this going to make for me?" It's very different than in other countries of the world. So we want your help and your advice and your partnership, but at the same time **I think that** we all feel that we're really going to have to build for the long term, and that our ability to influence events in the short term are (sic) limited, and those will be mostly the kind of street actions that you're seeing. (Speak Up n° 194, p.24-25)

47- Speak Up: This year marks the 30th anniversary of the release of the cult Pink Floyd album, *Dark Side of the Moon*. In order to find out more, we spoke to Storm Thorgerson, the

man who designed its cover, in addition to that of most Pink Floyd albums, and indeed of those of several other famous rock groups. Thorgerson, who is also a film and video director, and who was one of the legendary Hipgnosis design company, talked about *Dark Side's* relevance, 30 years on:

Storm Thorgerson: *Dark Side of the Moon* is a really phenomenal record, arguably one of the best three records ever made – arguably.(...)Actually, **I think that** *Dark Side* is very interesting because nobody knows why it was successful, or that it has a very high reputation and has been consistently voted one of the best albums on any poll, in any radio station, over the last 30 years, or, you know, readers' polls. It doesn't necessarily come top, but it nearly always features somewhere, somehow. Apart from which, personally, **I think** it's a good record. I enjoy listening to it. (Speak Up n° 192, p. 25)

48- Speak Up: World-renowned linguist, writer, and thinker, Professor Noam Chomsky is probably the most articulate critic of the US administration. Star of the World Social Forum since its first edition, he started his interview by analysing the event itself:

Noam Chomsky: **I think** the World Social Forum should be considered not as a place for the excluded members of society but for society.(...)

Speak Up: He was then asked about Latin America, whether the continent should make institutions of its own:

Noam Chomsky: **I don't think that** Latin American alternatives...**think that** there should be a Latin American alternative to OPEC or the IMF, but rather a worldwide alternative. (Speak Up n° 191, p. 17-18)

49- Speak Up: In a previous interview you mentioned that the events of 11th September followed on closely from the "stolen election", as you call it. **You think that** that election was stolen?

Arto Lindsay: Yes, I do. I'm sure the election was stolen: crazy thing is, if it hadn't been that close, it couldn't have been stolen.

Speak Up: You live in New York. I mean, what's the mood in the city like today?

Arto Lindsay: Well, **I think** it's pretty wary. **I just think that** maybe, after having put on a very brave face and gone back to trying to feel normal, people are beginning to admit that things are different, they do feel differently. (Speak Up n° 190, p. 22)

50- Speak Up: So prevalent, in fact, has the vampire image become in modern American society that thousands of internet sites deal with dark-related topics, and many New York clubs hold vampire nights at least once a week.(...) So what exactly is going on? Katherine Ramsland is a clinical psychologist as well as the author of *Piercing the Darkness, Undercover with Vampires in America Today*:

Katherine Ramsland: **I think** as a cultural phenomenon, it's actually the shadow side of our culture. A generation of people who are sick of the way most people live. (...) And so, **I think** the fascination in part is, in part it's conscious on their part, to set themselves apart in some mysterious, powerful way. But also, **I think**, there's this subconscious thing going on, a collective subconscious going on of showing our culture, our society just how vampiric we really are though we pretend we are not. And we do honor vampires in our midst in terms of the corporations and politicians and people in power who are quite vampiric but we pretend

that that's not what we support. And **I think that** this generation of people who identify with the vampire are really mirrors to us. (Speak Up n° 187, p. 33)

51- Why do some people **think that** English is a race rather than a Nationality..?

Even the 'White English' originate from many different ethnicities such as ...Celt, Anglo - Saxon , Norman, Jute, Roman etc
Isn't England a country..and ANYBODY born there is English??
What do you think??

a. **I think** white and black are races. English is a nationality that is people born in England.
English is not a race.
In other words, what you said

b. **I think** genuinely some people don't really think about the difference when they are answering questions. It all means pretty much the same thing either that the British are different from them or the same as them so they use the first word they think of. I've probably done it myself in the past lmao :) x

<http://uk.answers.yahoo.com/question/index?qid=1006060411884>

52- Do girls **think that** guys who play video games are nerdy?

Do Girls **think** Gamers are Nerds?

Inevitably, some do and some do not.

For reference, here is the definition of a NERD: A square (50's saying). An uninteresting person; inept, unattractive, dud. A person who is single-minded or accomplished in scientific/technical but is felt to be socially inept.

Here in input and advice from FAQ Farmers:

- I asked my lovely 17-year-old daughter this question. She says girls DO think that guys who play video games are nerdy, and added, "What's wrong with being a nerd, they are much better than jocks?" She does not have a lot of time for the "cool" guys.
- I wouldn't think so. There are many guys hooked on video games out there, and it's the entertainment of the future. I would like to warn you, that if you start dating a girl and can't tear yourself away from your video games, then you have a problem. Keep it for the evening or on your own time, and don't let it interfere with relationships.

http://wiki.answers.com/Q/Do_girls_think_that_guys_who_play_video_games_are_nerdy

53- (Speak Up) Back in 1992 Tim Phillips (pictured) was a 10-year-old schoolboy in Britain. Today he runs a design company in Buenos Aires, where he lives with his Anglo-Argentinian wife and their children. We asked him for his views on the Falklands War:

(Tim Phillips) My view, I suppose, is that the Falklands...the inhabitants of the Falklands should decide what they do with the Falklands Islands but, as for whether **I think that** the war was a sensible thing to do, of course not, **I think** it was absolutely stupid. I can't believe that nearly a thousand people died trying to protect some tiny little islands that very few people live on. **I think** it was Borges who said that the Falklands War was "two bald men fighting over a comb". **I think** that's a great quote about the Falklands War, it was a stupid, stupid adventure, it was a political war and **I think** everyone in Argentina agrees with that as well, that most Argentines I talk to about the war say it was a stupid political war, it was a battle between a military government here and Margaret Thatcher, both of whom were needing to be re-elected and wanted political power. (Speak Up n° 243, p.17)

54- In conclusion we asked B. B. King what he made of today's rap and hip-hop artists:

B. B. King: **I think that** each decade has its own music, and most young people, even I did...when came along, thought we knew more than the others did before us! And **I think they still think** that way today. **I think** the guys that play rap or do hip-hop **think that** they're much better than we ever was, and they must be because they're getting records played today! (Speak Up n° 236, p.18)

55- The rest of the world often sees the United States as a violent and dangerous country. Does Cindy Sheenan agree?

Cindy Sheenan [49, a controversial figure in the US, thanks to her very personal campaign against President George W. Bush over the Iraq War]: **I think that** what is the most dangerous is our government...our government's trying to take our rights away from us, you know, we do have high crime rates, but the true enemy of our country right now is the Bush administration.(Speak Up n° 238, p.15)

56- (Speak Up): It is assumed that the character of Miranda Priestley (*The Devil wears Prada*) is based on her (Anne Wintour), even if (Lauren) Weisberger (the author) has denied this. The unfortunate assistant, Andy, is played by Anne Hathaway, whose previous credits include *Brokeback Mountain*. She describes her role:

(Anne Hathaway) Andy is a girl, she's from the Midwest, and **I think** someone describes her as "earnest". And if...if I can say anything, she's earnest and simple with a sense of humor. She's a great girl: she's smart and very unassuming, very unself-conscious, until she goes to...she is kind of in desperate need for a job.

(Speak Up) Frankel's(the director) previous credits include the cult TV series *Sex and the City*. A native New Yorker, he clearly loves his home town:

(David Frankel) New York itself is such a sexy city to shoot a movie in and it's also, you know, for ever been the place where young people come to live out their greatest ambitions and reach for the stars and that's what Andy doing and **I think** that sense of what New York represents to people is captured in the film. It's ...she lives on the Lower East Side, which is tough and not always pretty and yet...and then she goes every day to this glamorous world, this sort of white...mirrored box of an office, and ...where everyone's beautiful and everyone wears great clothes.

(Speak Up) Indeed the fashion industry is another star of the movie. Emily Blunt, who plays Andy's colleague Emily, has the final word:

(Emily Blunt) Fashion in this film lays a huge role(...), and people are looked down upon if they don't follow the right trend and so it's hard for people to find individuality and **I think that** that's ...that, you know, Annie, who plays Andy, who is the heroine of the piece, you know, she...**I think** she's a great figure because she is much more comfortable in her skin being geeky, being completely inappropriate for the job and she's much more comfortable in her skin than any of the people who work in this industry. So **I think** it's a good message. (Speak Up n° 235, p.34)

57- (Speak Up) Foreigners might laugh at the idea that the British drink warm beer, but the varieties of types and flavours of beer to be found in the UK surpass those of any other country:

(Peter Wheeler) Beer drinkers do know a lot about their beer, they can taste in a pint all sorts of things about it which perhaps the average drinker doesn't actually understand, but **I think** an appreciation of real ale is on the return, and I'm very glad that it is, and I feel the same thing as far as pubs are concerned: many are now owned by chains and many have the sort of thought police who go in and make all the decorations match the one next door and the one beyond that. If I find a privately owned pub, or a tenanted pub, then the chances are it's going to be different and, as in so many other walks of life, **I think** those who run a business for themselves end up producing a quite different product from those who are another link in a long chain.

(Speak Up) Many people might see no difference between having a pint in a modern bar and absorbing the atmosphere in one of the many traditional pubs that, fortunately, Britain still has. For Peter Wheeler, though, the building is almost as important as the pint itself:

(Peter Wheeler) **I do think that** the past has an impact on a building and **I do think that** you absorb a lot of the atmosphere and a lot of the either welcome or unwelcome when you first go in what I would call a "genuine pub". It's unique, it's a place to go and use as you would wish to use. It's a place that accepts you on your own terms, looks after you and sends you away happier. (Speak Up n°237, p.31)

58- Speak Up: The British are the biggest borrowers in Europe. Total UK personal debt stands at £1.3 trillion and is rising by £1 million every four minutes. Average household debt is now over £50,000. Francesca Hopwood Road, who works for the London-based charity Citizens Advice, says that it represents a growing problem:

Francesca Hopwood Road: Yes, I mean over the last eight years the number of consumer credit debt enquiries have doubled. So it's certainly a growing issue and of growing concern, not just for our bureaux, but **I think** that's probably reflected more broadly amongst the general population. Debt is increasing. The number of personal bankruptcies are increasing in the general population. So **I think** the figures that we see are replicated as a trend across the country as whole. (...) Now, obviously, student debt is a fact of life for most young people who graduate from university. It's not unheard of to come out with £30,000-worth of debt. So **I think** the notion of having debt and that being a part of one's life is becoming a notion that most people are more at ease with. **I think** maybe that's then transferring into having...taking out credit and taking out loans to buy cars or whatever. But **I think** the notion of having debt is... people are more at ease with, potentially, than they were, say, maybe a couple of generations before.

Speak Up: So is Britain's "buy now, pay later" culture ever likely to change?

Francesca: (...) **I think** that's a very hard question to answer. I can't see how necessarily we were to switch overnight from that culture to a culture, for example, in some countries in mainland Europe, where there is very much a ...not necessarily an anti-credit culture, but credit culture's not so pervasive as it is here. Personally, I can't see it changing, but **I think** there does have to be a shift in mentality around the way we use credit and why we use credit. (Speak Up n° 240, p.32)

59- (Speak Up) After three centuries of union with England, is Scotland ready for independence?

(William Donald) You're asking the right man here, because I vote Scottish Nationalist. And independence wouldn't do any harm to this country, as a whole. I don't take anything away from Britain, but **I think** Scotland has been left at the side.

(Speak Up) Annie Whittaker, a pensioner, is also a supporter of the Scottish National Party (SNP), but she thinks differently:

(Annie Whittaker) **I think** we should be as one big country, not independent. **I don't think** we can stand alone: "United we stand, divided we fall." I do support Scottish National, but I really feel that we need England as well. Ireland, Wales, everything, we all need to be together.

(Speak Up) Margaret Kerr is a lecturer in fine arts. Does she believe that the Scots are ready for independence?

(Margaret Kerr) **I think** people need to make an effort and take responsibility. And **I think** it might help them to realize that they've got a place that they can actually shape what happens here now and in the future. **I think**, at the moment, Scottish people tend to sit back and be a bit lazy and lethargic.

(Speak Up) So what do the English think? Sean Carr is a bank clerk:

(Sean Carr) As an English person, **I think** Scottish people should have the right to consider themselves to be Scottish and be independent.

(Speak Up) Steve Perry is a distribution assessor. Does he have any doubts about Scotland's economy?

(Steve Perry) Yeah, absolutely, yeah. Reasons behind that, **I think**, if we grow as a kind of nation, **I think that** England and Wales and Northern Ireland and Scotland together, as a whole, would generally benefit the ...Scots more than...than becoming independent. (Speak Up n° 242, p. 15-16)

60- Newsweek: Is there anyone in the younger generation who could lead this country?

Shimon Peres: There are many talented people, but they have to be more patient and work hard. **I don't think that** leadership falls from heaven. Leadership is a matter of walking, not just of flying. You have to cross deserts and not just fly in the sky. (Newsweek, 12/12/05, p.60)

61- Speak Up: Today, the majority of people in Ennis are embracing the Information Age. Triona McInerney is assistant CEO for eicom Ennis Information Age Town. I asked her whether Ennis residents would have adopted this new technology anyway, as has happened in other areas around the world:

Triona McInerney: Well, **I think** if you look at the statistics of, say, the number of people that have computers in Ireland at the moment, and the number is quite low still, it's at 22%, so **I think that** the acceleration in terms of the adoption of technology would never have happened, had it not been for the project. And **I think that** there's a much more greater emphasis on creating an awareness and educating people, aside from the technology itself. (Speak Up n° 177, p. 17)

62- Speak UP: Kalle Lasn thinks corporate advertising damages society. He also believes it endangers our sanity and is destroying the planet:

Kalle Lasn: People today in North America...we are subjected to 3,000 marketing messages a day. And a huge portion of these messages are branding messages. Now that is a huge number of pro-consumption messages that seep into the average North American brain.(...) Now, the ecological and psychological consequences of living in a culture where 3,000 marketing messages a day seep into your brain s quite profound. **I think that** ecologically we become over-consumers and start destroying the environment. And psychologically **I think** it is also

very damaging. **I think that** that number of branding messages a day seeping into your brain actually erodes your psyche in some way. (Speak Up n° 171, p. 9)

63- Speak Up: There is no doubt that historians have always known about the work of men like Hawley [responsible for the restoration of Stonehenge]. But it is also clear from its reaction that the general public did not. Edwards himself found that people could become quite emotional when they found out about the restoration work:

Brain Edwards: The public at large have been very, very surprised. **I think that** we quite enjoy fooling ourselves as to what exists about the past and we are quite happy living with myths, in particular, which makes the present a more acceptable place. And to a certain extent Stonehenge plays a very important part in the public myth of a long past. (Speak Up n° 172, p. 27)

64- Speak Up: Do you have any wrinkles? Are you getting old? Well, scientists **think that** the cause of ageing is the very element crucial to our survival: oxygen. We breathe oxygen into our lungs, where it passes into our blood and then converts fats and proteins into energy. Yet not all the oxygen is absorbed in this process: the remaining oxygen is converted into “free radicals” which attack molecules in our bodies and destroy them. (Speak Up n° 172, p.27)

65- Speak Up: Jeffrey Archer was released from prison in 1963, after having served half a four-year sentence. We asked him whether the experience of prison had influenced his latest book:

Jeffrey Archer: No, **I don't think** the time in prison made any difference at all. I was writing prison diaries then. I was far more interested in observing prison from the inside and writing what I saw in front of me, so no, I could say to you it didn't affect me in any way. (Speak Up n° 245, p. 33)

66- Speak Up: Yet in 1989 [Bruce] Springsteen effectively dissolved the group, preferring to concentrate on his solo career, but the live album re-unites him with this fine outfit. Here “The Boss” explains a decision which has delighted his army of fans:

Bruce Springsteen: **I think that** after the TOM JOAD tour and album, I thought I might continue to work acoustically for a while. And I did write a lot of songs on that tour and I recorded about half a record, a little bit more of acoustic music. (Speak Up n° 174, p. 16)

67- Speak Up: Don't **you think that** overweight people might feel uncomfortable watching this film?

Gwyneth Paltrow: No, I totally disagree. I mean, **I think that** the film is incredibly embracing and warm. The message of the film is that it doesn't matter if you're extremely overweight or not and that this is ridiculous thing that is sociologically imposed on all of us that we feel that it's unacceptable when it has nothing to do with who the person actually is. (Speak Up n° 181, p. 21)

68- Speak Up: An estimated 80 per cent of Texans are, however, in favour of the death penalty. I put the “why” question to Larry Fitzgerald, manager, of public information at the Texas Department of Criminal Justice, just across the road from the Walls:

Larry Fitzgerald: It's a violent state. You've got ...you have a city the size of Houston, you know, millions of people down there, it's a violent place. And **I think that** Texans generally say, you know, “If this is gonna to happen in my community, get these people off the street. (Speak Up n° 170, p. 12)

69- Adam B. Kusher: Should the government have bailed out Bear Stearns? Is there a moral-hazard problem?

Lawrence Summers: **I think** the Fed had one fundamental decision to make: either going to do extraordinary, unprecedented things, or it was going to do the experiment of seeing what would happen to financial system if a major[institution] fell apart. They made the right decision. (Newsweek, 07/04/08, p. 60)

70- Adam B. Kusher: Should we worry about foreigners snapping up ownership stakes in the banks?

Lawrence Summers: Life is about choices. It would be better if our banks needed less capital. But given their needs, **I don't think** we have attractive alternatives to foreign investments. They issues when you talk about foreign governments to me don't involve the word "foreign"; they involve the word "government". It's important to make sure that they are investing to maximize the value of their investments rather than pursue any kind of national strategic objective. (Newsweek, 07/04/08, p. 60)

71- Speak Up: Yet when Lisa See met with Speak Up, she talked about China of today. We asked her how many prejudices westerners still had about the country:

Lisa See: A lot, I think, a lot. You know, **I think** people hear, " Oh, this will one day be a superpower", but **I don't think** people have a concept of what that really means and how much China has changed and how different it is today. Today a city like Shanghai is the most modern city in the world, in the whole world, and yet in the countryside, in some ways it's still like it was 100 or 300 years ago. So in one country you have this very old way, but also a very modern way and **I think** it's very hard for people outside of China to see how these differences integrate and how they actually have an effect on the outside world. (Speak Up n° 240, p. 13)

72- Speak Up: Somebody at Microsoft has estimated that, by the year 2020, nine out of ten books will be published electronically. Do you think that's possible?

Jan Collie[British author and journalist]: It's possible, but **I think** they're likely to be published electronically as well as in the formal format. **I don't think** we're going to say goodbye to the book or to the novel in your bookcase and in your hand very, very quickly. For one thing, it's a comfortable thing. People like to curl up in a chair with a book. They want to take it in the bedroom, they want to take it in the bathroom, they want to take it on the train. If you're going to read a book, or any part of a book, on the Internet, or from the Internet, you have to have some electric device that's going to allow you to do that. And then a lot will depend on how heavy that device is, how clear the resolution on the screen is, whether you can easily read the text without becoming tired. So, there's a lot of factors to bear in mind, plus the sheer human factor of "Will we really feel comfortable with something that you can't curl up in a chair with? I don't know. (Speak Up n° 159, p. 8)

73- Speak Up: Mark Major is Benetton USA's director of corporate communications. In recent weeks he has spent a lot of time defending the company's controversial "We, on Death Row" campaign. We asked him why Americans were so in favour of the death penalty:

Mark Major: **I don't think** Americans are so in favor of the death penalty. **I think**, when you say 70%, or whatever the polls say, support capital punishment, **I think** they support it in the sense that I used to – I'm a US citizen – and that is, you know what, **I don't think** about it much: it's legal and we do it. But I also think I had a lot of misperceptions about facts that (sic) around capital punishment and now I've started just my own kind of interest in understanding the issue...is that I've determined that most of what I used to believe in isn't

really factual, or certainly isn't proven. Its not proven that it saves tax-payer's money. I've come down to the conclusion in my own mind that maybe, this is based pure on vengeance and I don't necessarily think governments should enforce certain punishment(s) on moral grounds. (Speak Up n°159, p. 34)

74- Speak Up: In order to find out more about the British Press and public's negative reaction to the Millenium Dome, Tristan Ashman asked a series of visitors for their impressions:

Kevin Willaby: I have mixed reaction(s). **I think that** it was a noble endeavour to try to encapsulate some of the more important issues of the millennium and the century, but **I think** it fell short because of how the exhibitions were arranged and **I think that** it has a superficial treatment of very complex issues, sometimes.

Speak Up: The Dome has had quite a lot of bad press. I mean, did you come here with high hopes, or did you come here just...just to see it?

Kevin Willaby: I really just came here to see the architecture of the Dome itself and just to see it and to make my own judgement, I guess, but, yes, I am aware of the negative press that it's received and **I think** it's probably 70 per cent justified! (Speak Up n°158, p. 48)

75- Speak Up: Dr. Tony McEnery is a linguist at Lancaster University in England. He is an expert on bad language and is currently conducting the first major study of the way in which British people swear in spoken English. I spoke to him about swearing in Britain and how it is changing. (...) From your studies, would you say that the British are a particularly foul-mouthed group of people?

Tony McEnery: **I don't think that** the British swear any more or less than other nations or races through time. **I think that**, by comparison to some cultures, the taboo words and phrases in British English may be rather different. So for example, religious-based swearing in British English is very, very mild. To say something like "Oh, God" or "Oh Jesus" "Jesus Christ" or "Bloody Hell" even, something like that, is incredibly mild, and I know, for other cultures, that religious swearing isn't mild at all. (Speak Up n°169, p. 15)

76- Speak Up: With all that hear about global warming today, it seems that snow and ice will become precious resources, maybe even a diminishing final frontier. Desbois comments about the fascination that ice holds for us:

Jacques Desbois: Ice, snow also, but especially ice, **I think that** every one of us, considering as coming from [a] far place. Also, there's a kind of infinity feeling around ice, we look at this, it's clear, transparent but also deep, there's a lot of evocation. I cannot tell you more precisely but **I think that** there's a mystic relation between people and ice. For all of us it's north, it's far, this is coming from somewhere else and we can think of icebergs, such things up there, and I think also that maybe the climate is changing around the globe, it can create a feeling in people that it's a temporary resource. But for us, **we think** we have a few good years to come. (Speak Up n° 169, p. 21)

77- Speak Up: Although he is of a different political persuasion, Dick Meyer also **thinks that** the scandals of Clinton administration will play a major role:

Dick Meyer: **I think** people are extremely tired f ot. I don't think they're morally horrified, I think they're sort of aesthetically fatigued from it, they're ethically challenged by it, they're not morally outraged by it. The moral outrage is mitigated by the fact that there's no good guy in this plot. The antagonists against the president have sort of been the press and Kenneth Starr, institutions and individuals more deeply unpopular than the president himself, even in his most unpopular moments. So there hasn't been anybody to root for and then, on the other side, there's this sense that whatever the president did, it was essentially, on some levels, private It wasn't premeditated, public crime on the level of Nixon and Watergate. So **I think** the public's attitude is a bit short of moral outrage, but deep fatigue with the tawdriness, the

low class, the low rent way in which these particular renters have treated the White House. I mean, **I think** people are very glad to see it go. Some people feel that he has been persecuted, some people feel that he is Satan incarnate, but **I do think that** there's a deep tiredness with the whole thing that will hurt Albert Al Gore deeply in the coming election. (Speak Up n° 153, p. 12)

78- Speak Up: By the same token, Seattle's music scene would appear to be less vibrant, now that the city is awash with cash:

Dave Dederer: There's some...one or two really popular bands at the college level, you know, college radio level, right now, Modest Mouse is a band from Seattle who are very popular, Death Cab for Cutie, these bands that, they're kind of shoegazer...you know, they could be from anywhere, there's nothing distinctive about what they do that typifies or represents any kind of Seattle or Northwest ethos to me. There's been an influx of money and people to the Northwest recently and we've really lost a lot of our provincial flavor in the last 10 years. **I don't think that** that kind of movement (grunged) could happen here again. We're really sort of Anytown, USA, or anytown, the World now, just we have a lot of money...at least for the moment, you know, barring any catastrophic activity in the Nasdaq! (Speak Up: n° 167, p. 40)

79- Speak Up: To what extent is the LP revival something which concerns just the older generation teenagers, of course, have grown up with CDs;

Nick the Nightfly: Yeah, **I think** the next generation and the generation even from the 90's and from the year 2000 onwards, I mean, LPs will be a museum piece, certainly. It'll be something maybe that their fathers or their grandfathers have, like, with old record players and old albums. So **I don't think** kids are interested in it, only kids that maybe go to discotheques, a lot and maybe buy, you know, vinyl mixes, like re-mix. You know...most big artists, like, when they do an album they always choose a single and usually that single is then re-mixed by other musicians and they do a special version for discotheques. (Speak Up n° 110, p. 18)

80-Speak Up: The bears seem to exert a particular fascination over visitors. For some they are a symbol of the wilderness, while others remember the popular cartoon character Yogi Bear (who lived in the fictional "Jellystone Park"), as Kerry Gunther, Bear Management Biologist at Yellowstone Park, explains:

Kerry Gunther: Some people **think** bears are just lurking up in the woods waiting to attack and kill people, and other people **think** bears are these cute, cuddly creatures that would never hurt anybody. The truth is probably somewhere in the middle. (Speak Up n° 267, p.41)

81- Speak Up: In conclusion we asked Jorma Kaukonen whether the psychedelic music they played with Jefferson Airplane also formed part of the American folk tradition:

Jorma Kaukonen: **I think** it's really part of the tradition and one of the things that I was talking to somebody about yesterday is John Hartford, who was, you know, a great traditional American musician, before he died he played a show at our place, the Fur Peach Ranch in Ohio, and...and I've known him sort of casually over the years and one of the things I've always admired about him, even though he wrote hit songs, was that he remained really true to a really simplistic American style of music and I had told him that I admired that, his commitment to old-timey music. And what he said was: "Jorma, that stuff you played in the 60's, that's going to be old-timey music." And in a way it's become that. You know, it's...I mean, when we were playing, you know, psychedelic rock'n'roll in the 60's, **I don't think** any of us, well, not me anyway, had any idea that it would actually become a genre of music that people would study and learn later on! (Speak Up n° 236, p. 33)

82- Daschle: 'Certainly, **I Don't Think That** Many People Are Overtaxed.'

From *Let Freedom Ring*, by Sean Hannity, page 209:

In October of 1997, for example, then-Senate Minority Leader Tom Daschle was speaking with some journalists when he was asked if Democrats thought the American people were overtaxed, and whether he had any interest in working with Americans to cut taxes . . .

"We have the lowest tax rate of any industrialized country in the world," Daschle replied. "That tax rate has, in large measure, been the subject of a great deal of debate about fairness for a long period of time. We have a great disparity between the richest and poorest in this country. Our view is that we've got to make the tax system more fair. *But certainly I don't think that* many people are overtaxed."

I guess it's easy to conclude that people aren't overtaxed when you fail to pay about \$140,000 or so.

<http://campaignspot.nationalreview.com/post/>

83- Newsweek: How much daylight is there between Bush and Sharon on the settlement issue?

Natan Sharansky: Well, I think there is! The American traditional position is that all the settlements are illegal. And all the Israeli governments –even the most left-wing governments – are accepting it. So **I don't think that** President Bush can abandon the traditional position of America. But [he] puts much more emphasis on the changing of the Palestinian society than on removing settlements. (Newsweek, 16/05/05, p. 56)

84- Speak Up: Devils Tower now receives more than 400,000 annual visitors. Some come for the challenge of climbing the rock, others for a more spiritual experience, and others just to have a picnic in its shadow. Yet Devils Towers exerts a fascination in all who see it:

Justin Gaskin: **I think that**, when you look up there and just get an idea of how enormous it is and how different it is from the landscape. **I think that** there's a definite sense of a "wow factor" or an "awesome feeling", about it. And **I think that** anybody coming in, from any nationality, any part of the world, any age level, can look up there and feel that wonder and...and awe about it, and **I think** that's probably the biggest draw. (Speak Up n° 253, p. 38)

85- Speak Up: Wolves are the bad guys of myth and folklore: from the Big Bad Wolf in Little Red Riding Hood and the menacing predator in Three Little Pigs to the wolves guarding Dracula's castle and modern-day wolf cartoons. Wolves are universally depicted as cunning, wicked and evil. But this image simply isn't accurate, says Kate Joki, who worked with Wolf Haven International, a sanctuary and wolf conservation organization based in Thurston County, in the state of Washington. She says wolves are misunderstood:

Kate Joki: **I think** it started hundreds of years ago with mythology, you know: the Big Bad Wolf and the werewolves. And there's a lot of misinformation, that they attack humans and they humans. And none of that is remotely true. So **I think** people think of them as sort of the demon. **I think** they've been used as the bad guy animal in all kinds of things. And so people **think** that's true, and it's not. (Speak Up n° 242, p. 36)

86- Speak Up: And yet Joe Bonamassa is no traditionalist, as is evident from his latest album, *You & Me*, which was released on the Proogue label and distributed by Edel. In addition to Bonamassa's own compositions, this 12-track set contains covers of songs by blues legends

like Charley Patton and Sonny Boy Williamson, but there's also one of a song by led Zeppelin. For Bonamassa, there's a connection:

Joe Bonamassa: I can trace the origins of hip-hop and heavy metal, rock 'n' roll: all the music that's on the radio today can be linked with the blues. You start with Robert Johnson, who influenced Muddy Waters, who influenced Eric Clapton, who influenced Jimmy Page, who made the first, quote unquote, heavy metal record", which kind of influenced Metallica, who kind of influenced System of a Down. Boom! Then you go, you know, Muddy Waters to B. B. King to James Brown to Sly Stone to like The Commodores, The Funkadelic, to Dr. Dre, to 50 Cent, to Boom! Blues. All of this stuff you could trace back. **I think** it's the most relevant music that the have, as far as being the grandfather, or the great-grandfather, of what we listen to today, but **I think** , as far as it being an art form today, **I think** the art in it is slowly kind of dissipating, which is...what I'm trying to do, is remind people that you can still do something relevant with it, you know, and **I think** guys like John Mayer are good 'cause he's trying to revitalise it, and there's Derek Trucks and Government Mule and all this stuff that's doing blues-based rock stuff that's still blues, but it's, you know, outside the box, and trying to keep it in the media, which is the fans going, " Hey, there's something new and exciting here." (Speak Up n° 238, p. 33)

87- Speak Up : Even in the 20th century, Kansas has found it hard to attract people. Alan Hitz is the archivist at the Santa Fe Trail Center, which is also in Larned. We asked him why so few tourists came to Kansas:

Alan Hitz: Kansas was always a very conservative state. People would make fun of it at times, especially during the 30's and 40's. They just have this image and, you know, The Wizard of Oz, the Dorothy thing, that's always haunting us and, especially with Senator Dole running for President right now, that gets thrown back a lot. I see that a lot kind of takes the tourism – every time that's thrown up there – a step back, I think. **I think** that's it. People just **think that** we are just this big flat thing with nothing to see out here but wheatfields and sunflowers.(Speak Up n° 121, p. 44)

88- Speak Up: In addition to its casual, run-down appearance, the other striking thing about Summerhill[School] is how many of the pupils are foreign. I put this to Lenke Margaret Manning-Warder, the school's art teacher. An American by birth, she herself had been a pupil in the school in the 1960's:

Lenke Margaret Manning-Warder: It goes in different cycles but when I was here there was lots (sic) of Americans because Neill had gone on tour there, and spoke a lot and he'd published SUMMERHILL, and so that brought a lot of people from the States. **I think that** now there are a lot of people from the Orient because the school system there is very rigid and **I think that** progressive thinkers, you know, are trying to find other alternatives and there are schools that are starting, I think, in Taiwan and... I have been going even for a while in Taiwan and Japan and...I don't know about Korea. **I think that** a lot of English people who have the money probably would send someone to a sort of a more toffee-nosed school! And the people who would believe in Summerhill probably wouldn't have the money. So **I think** that's why we don't get as many English people. (Speak Up n° 165, p. 35)

89- Speak Up: Georgia Case is convinced that with a little know-how biking or public transit are the best ways for visitors to get around:

Georgia Case: **I think** once tourists understand how many options they really have and that information is made accessible, in an easy way, **I think** they'll be quite surprised how nice it is to get around, certainly the city of Long Beach. The city of Los Angeles is a little bit daunting at first but it's very do-able, and **I think** it's a matter of understanding how our system works. (Speak Up n° 239, p.35)

90- Bill Kristol And Dennis Miller **Think That** Conservatives Should 'Plant A Flag On The Phrase Progressive'

MILLER: Yes, if I was them, I'd start planting a flag — if I was Republicans right now or conservatives, whatever way you want to look at it — I would plant a flag on the phrase progressive. **I think that** the liberals are trying to co-opt that phrase because they want to get away from their past. And **I think** it's still in play. **I don't think** they've completely commandeered it. I would start claiming progressivism on the right too. **I think** Obama, he's getting a big thumbs up, his issues not so much. What the gap right now in disparage between the, his approval rating and some of the ones for his issues.

<http://thinkprogress.org/2009/07/15/kristol-miller-conservative-progressive/>

4. Ocorrências com “believe that”

1- Q The public service initiative of yours as it relates to the war, which you've just said again, that could go on for quite a while. As we all know, 18-year-old men in this country, when they turn 18, they're required to register with the draft, which is now dormant, but could be activated again. At this time, and we're looking at sort of an unlimited situation with this war, should the country expect the same of women in this country?

THE PRESIDENT: You mean in terms of the draft? Well, the country shouldn't expect there to be a draft. I know they're registering. But the volunteer army is working. Particularly when Congress passes my budget, it's going to make it more likely to work. There's been a pay raise and then we'll have another pay raise. And the mission is clear, the training is good, the equipment is going to be robust. Congress needs to pass this budget.

Q You don't think --

THE PRESIDENT: Pardon me?

Q -- that the military will be stretched too thinly, as some people have feared?

THE PRESIDENT: Ed, I don't think so. I think we're in pretty good shape right now. It's -- there's no question we have obligations around the world, which we will keep. If you went to -- did you go to Korea with us?

Q Mr. President, **do you believe** there is an American pilot from the Gulf War still alive in Iraq? And if so, how might that complicate any actions you consider --

THE PRESIDENT: Well, let me just say this to you. I know that the man has got an MIA status. And it reminds me once again about the nature of Saddam Hussein, if, in fact, he's alive. And, therefore, it's just another part of my thinking about him, my, I guess, lack of respect is a good way to define it.

Q I wanted to ask about the second phase of the war. As a member of the Vietnam generation, do you worry as you send these military advisors all over the world, typically to chaotic places, that they may get involved in direct conflict and the situation could escalate? And are you prepared to do that?

THE PRESIDENT: Interesting question. Hutch, let me tell you something, **I believe** this war is more akin to World War II than it is to Vietnam. This is a war in which we fight for the liberties and freedom of our country.

Secondly, I understand there's going to be loss of life and that people are going to -- and the reason I bring that up is because for a while, at least for a period it seemed to be that the definition of success in war was nobody lost their life. Nobody grieves harder than I do when we lose a life. I feel responsible for sending the troops into harm's way. It breaks my heart when I see a mom sitting on the front row of a speech and she's weeping, openly weeping for the loss of her son. It's -- it just -- I'm not very good about concealing my emotions. But **I strongly believe** we're doing the right thing.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/03/20020313-8.html>

2-Gibson then gave it over to Clinton for a response. She hit Obama, but not terribly hard. She said:

I don't believe that my grandfather or my father, or the many people whom I have had the privilege of knowing and meeting across Pennsylvania over many years, cling to religion when Washington is not listening to them. I think that is a fundamental, sort of, misunderstanding of the role of religion and faith in times that are good and times that are bad. And I similarly don't think that people cling to their traditions, like hunting and guns, either when they are frustrated with the government. **I just don't believe** that's how people live their lives.

http://www.realclearpolitics.com/horseraceblog/2008/04/obama_takes_the_bait_1.html

3-Speak Up: Cristina Estrada, for example, is a stage manager for a TV station in New York. She plans to vote for Hilary Clinton. We asked her whether America was ready for a woman president:

Cristina Estrada: I would like to think so, but I'm really not sure. **I do believe that**, under the Bush administration, the country has gotten more conservative, in terms of culture. (...) I think a lot of women really don't like Hillary, and I think it has a lot to do with the way women sometimes are very hard on other women. I think women judge her, whether she stayed with her husband, or whether... if she would have left her husband. **I believe that** women – and actually **I believe** the statistics back this up – **that** women are very, very hard on Hillary and very critical of many, many decisions that she's made. So, statistically, I don't think there's very many women that like Hillary. (Speak Up n° 241, p.14)

4- (Speak Up) Peggy Nash works for the Canadian Auto Workers Union. We asked her what the highlights of the (World Social) Forum (II) were:

Peggy Nash: Well, the session that I felt was the highlight was the session yesterday on civil society, where panelists talked about building a social movement in order to build a more popular democratic society and to fight the corporate globalization, but I think in general the highlight is just this gathering of so many progressive, intelligent, great thinkers from around the world. It makes **you really believe** and feel confident **that** we can build a better world and that another world is possible. (Speak Up n° 194, p.25)

(Speak Up): I was going to ask exactly that. **Do you really believe** it can be possible...another world?

Peggy Nash: *Absolutely*, I wouldn't be a member of a union; I wouldn't get up and fight for change every day if I didn't feel that a better world was possible. Timing...who knows? *But I absolutely believe that* corporations cannot rule the world in an undemocratic fashion forever, that at some point this has to change and people are organizing to make that change, and **I believe** it will happen. (Speak Up n° 194, p.25)

5- (About spiritual retreats) (Claire Davies) Personally, **I believe** it's somewhere people can go for sort of quiet reflection, away from family, friends, just somewhere they can go on their own and sort of think for themselves and have no disruptions. (Speak Up n° 237, p.15)

6-Being a parent has never been so glamorous, and celebrities can't stop reminding the world of their children. Madonna wears clothes with her children's names and Pamela Anderson and David Beckham have gone further by having tattoos, respectively "Mommy" and "Brooklyn". But psychologists **believe that** such showing off may be compensation for the lack of time celebrities spend with their offspring. Whether it's true or not, the parent-child relationship lasts forever indeed, precluding the need for tattoo reworking later. (Speak Up n° 171, p. 36)

7- How relevant is the theatre of the oppressed in India? This theatre has a language of its own which is very beautiful and attractive and something people can relate to instantly. We work with non-professionals and **we believe that** every person can do theatre. In India, we have practised it with various communities. The art forms of theatre and cinema]]]]a have the same contents — dance, music, drama — in India. They are not independent of each other unlike the traditions in the West. So this combination of music, dance, and drama only enriches the experience of conflict resolution.

<http://timesofindia.indiatimes.com/articleshow/msid-3905976,prtpage-1.cms>

8- (Cris Pratt) I suppose it's something like, sort of, I don't know, 10 to 1 it probably will fall apart of its own...it'll implode. **I do believe that** the whole question of the Euro is, if you like, the catalyst. When the voter is given a chance to have...express his view, then people are saying no. They're saying, "No, there's...something's wrong here". Now, if you've got the voters in Ireland – the press, the media, the Government were all saying yes to the referendum, but the people actually turning round and saying no. I'm sure that you would find this going through the whole scheme of all the countries involved.(...) (Speak Up n° 175, p. 20)

9- Speak Up: Rebecca Ingham is Field Science Officer for Falklands conservation in Stanley:

Rebecca Ingham: I certainly **don't believe that** any incidences of oil pollution have actually occurred as yet due to the exploration that's happened. There were some minor incidences last year of penguins being oiled, but this oil was actually proved to be from South African sources. So evidently it wasn't coming from the activities in Falkland waters. (Speak Up n° 156, p. 47)

10- Speak Up: Why Kerry and not Bush? You may discuss personal as well as professional characteristics:

Michelle Lerner: Bush's disastrous domestic policies and misguided foreign policies have taken the US down the wrong path. As a result, our civil liberties have never been as in danger as they are today, and we have alienated ourselves from the rest of the world, turning our friends and allies against us. Never before in my lifetime have I believed more strongly that a dramatic change is needed in US policies at home and abroad. Already Bush's actions have done irreparable harm – four more years would be unthinkable. Kerry and Edwards hold the promise of a fresh new start down the right path, of honesty and openness, of rebuilding bridges with our allies, of rejoining the world community.

Speak Up: Which of the following will weigh more heavily in the election: the economy or Iraq? Why?

Michelle Lerner: I think for most Americans the economy will weigh more heavily, because the majority of the people are most concerned with that which most directly affects their lives – having good jobs, enough food on the table, enough money to care for their families. But I think Iraq will also be an important issue, as the President framed it as an important component in the war against terrorism, which is an issue that hits close to the heart for most Americans. Americans post 9/11 are scared. And **I believe that** Bush's failures in Iraq, and the fact that he lied to the American public at great cost to American lives, while allowing the real perpetrators of 9/11 to slip away, will also be an important factor in November. (Speak Up n° 209, p. 14-15)

11- If **I believe that** I have been denied health or human services or treated in an unfair manner because of my race, color, national origin, disability, age, sex, or religion, where do I go and what do I do?

Answer:

Contact the [Office of Civil Rights \(OCR\) Regional Office](http://www.hhs.gov/faq/policies/civilrights/95.html) that serves your state. Describe your situation in writing to the OCR regional staff and they will advise you and if necessary assist you in filing a civil rights complaint with the office or by referring you to the appropriate agency. If OCR has the authority, they will investigate the complaint and issue a Letter of Findings to you and the alleged discriminating party. If the alleged discriminating health or human service agency has violated your civil rights, the Office for Civil Rights will seek an appropriate remedy in an attempt to rectify the discrimination.

<http://www.hhs.gov/faq/policies/civilrights/95.html>

12- **I believe that** everyone has a story to tell. **I believe that** telling and listening to each other's stories saves us. Hearing someone's story enlarge my heart, sharpens my vision. Telling my story helps me better understand myself and what it means to be human. Stories weave us together with invisible silver threads that overlay our differences and lessen the spaces between us.

When I heard the stories of the juvenile offenders I taught in detention, I came to see them not only as those who had hurt others, but also as those who had been hurt. I listened, fascinated and often horrified, as they shared slivers of their lives: how the police knocked down the door of Grandma's apartment and arrested her for arms distribution...how they watched a baby drown in the wading pool of their fifth foster home...how they found a gun under bricks in their backyard..how no one had ever read to them...how it felt to get "beat down" to enter or exit a gang.

http://www.thisibelieve.org/dsp_ShowEssay.php?uid=36019&city=Falmouth&state=MA&yval=0&start=10

13- GUANTANAMO BAY U.S. NAVAL BASE, Cuba (Reuters) - A suspected al Qaeda conspirator from Sudan praised Osama bin Laden and the September 11 attacks during a hearing in the Guantanamo war court on Thursday and said he did not recognize the court's authority to try him.

"**I believe that** Osama bin Laden has succeeded in a great way in attacking you militarily and economically," the prisoner, Ibrahim Ahmed Mahmoud al Qosi, told the U.S. military court at the Guantanamo Bay naval base in Cuba.

In a courtroom speech often difficult to understand because of problems with Arabic-English interpretation, al Qosi said the attacks on New York and the Pentagon exposed a lack of justice and equality in the United States, which preached human rights to other countries.

<http://www.jihadwatch.org/2008/04/i-believe-that-osama-bin-laden-has-succeeded-in-a-great-way-in-attacking-you-militarily-and-economic.html>

14- As little Zuzu Bailey once said, "Every time a bell rings, an angel gets its wings." Apparently, there are a ton of bells ringing: nearly 70 percent of Americans **believe that** angels actually exist.

According to a recent Pew survey, 68% of Americans "either 'completely agree' or 'mostly agree' that angels (and demons) are active in this world." Colleen Hughes, editor of *Angels on Earth* told CBS News that **she believes** most people believe in angels "because too much stuff happens to us that we can't explain. There are coincidences that we're willing to chalk up to coincidence, and there's too much that we aren't, because we have this feeling that it was something else."

<http://jezebel.com/5115239/70-of-americans-believe-that-angels-exist>

15- [In a survey earlier this month](#), nearly three-out-of-five voters (59%) said a terrorist attack in the United States like the one Thanksgiving week in India is at least somewhat likely in the next year. Just five percent (5%) said such an attack is not at all likely to occur here in the next 12 months,

Bush, in his speech, said that despite criticism he has received, "This is for certain, since 9/11, there has not been another terrorist attack on American soil."

While 47% of men say America is safer today, only 44% of women agree. Thirty-seven percent (37%) of men and 38% of women **do not believe** the country is safer today than before 9/11.

African-American voters are less sure than white voters. Nearly half (46%) of whites **believe** the nation is safer today, compared to 39% of blacks. While only 25% of blacks say the nation is not safer today, another 35% are undecided. Thirty-nine percent (39%) of white voters say the country is not safer today, with 15% not sure.

Most Republicans (65%) say America is safer today, but just 33% of Democrats and 42% of unaffiliated voters agree.

(Want a free [daily e-mail update](#)? Sign up now. If it's in the news, it's in our polls).

At the same time, confidence in the War on Terror is at its lowest level since July. Now only 46% **believe** the United States and its allies are winning that war, while 24% **believe** the terrorists are winning. Confidence in the handling of the war hit an all-time high on November 11, when 60% **believed** the America was winning, but the number has steadily declined since then.

http://www.rasmussenreports.com/public_content/politics/mood_of_america/war_on_terror/war_on_terror_update

16- At a press conference today where President-elect Barack Obama announced his national security team, a reporter asked Obama if he still intended to “withdraw all U.S. forces from Iraq in 16 months after Inauguration.” “**I believe that** 16 months is the right time frame,” said Obama, noting that he has ‘consistently’ said he will listen to the recommendations of his commanders on the ground.

Obama noted that during the presidential campaign he promised to “remove our combat troops from Iraq in 16 months with the understanding that it might be necessary, likely to be necessary, to maintain a residual force.” Obama then said that the status-of-forces agreement [passed](#) by the Iraqi Parliament last week means that “we are on a glide path to reducing our forces in Iraq.” Watch it:

<http://thinkprogress.org/2008/12/01/obama-sofa-withdrawal/>

17- like Dick Kostboth, a tax director with John M. Arledge & Associates, PC in Edmond, Okla, said the key in turbulent times is to remain calm.

"I may be in a minority; however, **I believe that** as long as the general population doesn't hit the proverbial panic button that our economy will stay on a fairly even keel," Kostboth said. "**I believe that** there are segments of the economy that are declining but that there are segments which are still improving. **I believe** these two forces tend to cancel each other out."

http://www.okcbusiness.com/SoTheySaid/article/12-23-2008/I_believe_that_our_economy_will_keel.aspx

18- Speak Up: And so, judging from, from the market, is Brazil a good target now for attracting students to Canada compared to other countries?

Rodney Briggs: **We believe that** Brazil has the potential to be one of our most important markets for international students. Certainly the kind of growth rates we have seen since we opened the centre here early 1998, January of 1998, during the visit of our Prime Minister Jean Chrétien and Team Canada, we've seen those numbers rising by 30% per annum so in 1998 we had somewhere in the neighbourhood of two thousand students from Brazil, come to study in Canada. (Speak Up n° 158, p.11)

19- Speak Up: Riccarton High in Christchurch is considered an excellent school. We asked Kamini Edie, International Students Director, what in her opinion made Riccarton High so good:

Kamini Edie: Well, **I believe that** our school environment is very beautiful; it's very park-like. Students have a nice green environment to operate in outside of the classroom. We have

a very high level of technology at the school; teachers are highly skilled. (Speak Up n° 167, p. 24)

20- **I...believe that** every American has the right to affordable health care. **I believe that** the millions of Americans who can't take their children to a doctor when they get sick have that right...We now face an opportunity - and an obligation - to turn the page on the failed politics of yesterday's health care debates. It's time to bring together businesses, the medical community, and members of both parties around a comprehensive solution to this crisis, and it's time to let the drug and insurance industries know that while they'll get a seat at the table, they don't get to buy every chair." -Barack Obama, Speech in Iowa City, IA, 5/27/07

<http://www.barackobama.com/issues/>

21-"Although my grief over Michael could not be any deeper, I am not on suicide watch as some of the cheaper 'rags' would have you believe," Taylor tweeted July 5.

A New York Post column published Tuesday quoted an unidentified source saying she was hospitalized because the "heart's gone out of her" after Jackson's death.

Taylor, who uses a wheelchair because of scoliosis, or abnormal curving of the spine, gave fans several days advance notice of her hospitalization.

"I wanted you my friends to know that I'm going into the hospital Wednesday or Thursday to complete a test I was in the middle of," she wrote.

Taylor said she declined an invitation to speak about [Jackson](#) at his public memorial because she "cannot be part of the public hoopla."

"I just don't believe that Michael would want me to share my grief with millions of others," Taylor tweeted. "How I feel is between us. Not a public event."

"I certainly don't want to become a part of it," she said. "I love him too much. ... And I cannot guarantee that I would be coherent to say a word."

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/07/18/liz.taylor.hospital/index.html>

22- **JAKARTA, Indonesia (CNN)** -- Indonesian authorities believe two suicide bombers checked into the JW Marriott Hotel in Jakarta and carried out coordinated bombings Friday morning, killing themselves and at least six victims and wounding more than 50 others.

A body is removed following the blasts at the Ritz-Carlton and the nearby J.W. Marriott hotels in Jakarta on Friday.

It is unclear what group is behind the attacks on the Marriott and the adjacent Ritz-Carlton hotel, Indonesia's National Police Chief Gen. Bambang Hendarso said at a news conference. He warned that the death toll could rise.

Four of the six victims in Jakarta's hotel bombings were foreigners, the Indonesian Health Ministry said Saturday.

The ministry identified two of the dead as Australian, one from New Zealand and one from Singapore. Another victim was Indonesian and the sixth remained unidentified.

<http://edition.cnn.com/2009/WORLD/asiapcf/07/17/indonesia.hotels.explosions/index.html>

23- Speak Up: The Restoration [of Stonehenge] took place between 1901 and 1964. It was particularly vigorous in the 1920s, when Colonel William Hawley was in charge. He re-erected six stones. If you compare Stonehenge today with the circle painted by constable in the nineteenth century, the change is clear. But David Bachelor, an architect for English Heritage, which manages the site, does not agree that the site has been significantly altered:

David Bachelor: In the main they didn't replace stones. What they did was straightened stones that were leaning at angles that were deemed to be unsafe. The only stones that were actually rebuilt or replaced were ones that were known and recorded as falling down in history. There was no attempt at replacing stones that we had no records of them falling down. Personally, **I believe that** actually the monument we have now is far more easy to understand. It is significantly different than it would have been, had those works not (been) undertaken. And therefore I think, actually in terms of the visitor, it actually is much, much better for them to be able to, a, get close to the monument and b, understand it. (Speak Up n° 172, p. 26)

24- American scientists **believe that** the bumblebee risks extinction and this could be disastrous for both the US and world economies. Entomologist John Losey explains: "Insects provide valuable services: bumblebees, for example, play an important role in pollinating plants." Losey reckons that this free service generates \$57 billion for American farmers. (Speak Up n° 241, p. 10)

25- **Do you believe that 2009 will be a better year for Filipinos?**
Updated January 02, 2009 12:00 AM

L.C. Fiel, Quezon City: Economists have a dim view of 2009, while the Chinese are wary of the number 9. Nevertheless, I'd like to believe that there's still much to hope for in the coming year. Let's be positive.

Lydia Reyes, Bataan: The way things are going today, it's doubtful. Life is getting harder. Trust me. Mothers know best as we do the budgeting.

<http://www.philstar.com/Article.aspx?articleId=428512>

26- Speak Up: Dr. Parnia **believes that** NDEs [Near-Death Experiences] reveal that human the human mind can exist independently of the brain. He speculates that the brain acts like a TV or radio, receiving rather than creating consciousness. And some have taken his findings as proof of the existence of the soul. (Speak Up n° 182, p. 32)

27- Speak Up: Mike Fisher hopes to prevent the country descending into a mass of red-faced lunatics with steam coming out of their ears. Last November he staged an Anger Awareness Week and distributed information packs for the coming holiday season. These told how to recognize and deal with your anger. However, as he readily concedes, Christmas is a kind of anger minefield:

Mike Fisher: Christmas is stressful because of the amount of pressure we've put on ourselves to have a great time. It's perpetuated by the media: "Have a great time!" It's perpetuated by our family and friends to have a great time. So **I believe that** I need to have a great time at Christmas. (Speak Up n° 193, p. 40)

28- Speak Up: If Kerry wins, what can we expect? If Bush wins, what can we expect? And, finally, to heat up the debate, what's in store for Brazil if Kerry wins?

Felicia Allard Smith: Many Republicans living in Brazil **believe that** another four years of Bush will give him the opportunity to finish what he started and win the war on terror. Under Kerry, Republicans are not convinced that he has the strength and leadership to do this. In addition, Kerry plans to increase taxes on American companies who invest abroad, which would make it more difficult for Americans who are already investing in Brazil and provide less incentive for future investment here. (Speak Up nº 209, p. 15)

29- John F. Kennedy: In the long history of the world, only a few generations have been granted the role of defending freedom in its hour of maximum danger. I do not shrink from this responsibility: I welcome it. **I do not believe that** any of us would exchange places with any other people or any other generation. The energy, the faith, the devotion, which we bring to this endeavour, will light our country and all who serve it and the glow from that fire can truly light the world. And so, my fellow Americans, ask not what your country can do for you, ask what you can do for your country. (Speak Up nº155, p. 26-IV)

30- Speak Up: One person who would argue that Oxford Street is still very much a shopper's paradise is Caroline Walden, store manager of the Oxford Street branch of Allders department store:

Caroline Walden: We have always wanted a store on Oxford Street because **we believe** it is the premier shopping street in the country and, as part of our brand improvement, the growth of our brand, we have actually been looking at various sites on the street over many years. (Speak Up nº 190, p. 32)

5. Ocorrências com “find (that)”:

1- In other parts of Africa homosexuality remains a strict taboo.

But while South Africa is often seen as leading the world in the campaign for gay rights, calls by activists to legalize same-sex marriages have caused new controversy -- with critics describing gay nuptials as a step too far.

"I **find** it rather peculiar **that** defenders of homosexuality inevitably end up attacking and demeaning the heterosexual lifestyle," wrote one reader in The Star newspaper in Johannesburg.

2- The majority have moved away because – and that's still, really, the case because there are very few opportunities for people here. There's very few careers and not a great many opportunities at all. Some people, however, **find** they just have this overwhelming desire to either remain here or to come back and live and they will find something to do. (Speak Up nº 181, p. 42)

3- If **you find that** your school work is suffering, or you're missing out on a social life because you have to take care of someone, then you can ask Social Services for an assessment. This is done with a social worker and someone who knows you well. It recommends local services, support or equipment that could help you and the person you care for. There is a new law called the Carers and Disabled Children Bill which says that young carers aged 16 and over can receive direct payments so that they can buy carer services to meet their own needs. Young carers under 16 are still entitled to an assessment of what they need.

www.bbc.co.uk/radio1/onelife/.../parents_absent.shtml

4- Gareth: Essentially we're looking to start dialogues with new writers all the time. It's a really important part of what we do. And from your side of it as writers do keep persisting at it. If **you find that** one producer doesn't like your style, don't assume that that means that the BBC doesn't like your style. It just might mean that you haven't made contact with the right person yet.

http://www.bbc.co.uk/writersroom/insight/jocelyn_jeesien_4.shtml

5- "I **find that** the faculty are more like colleagues than supervisors. They understand the ups and downs of a graduate life and are always there to motivate you and ensure your success. They are always there to help you but at the same time make sure that you grow independent as a researcher. "

<http://www.bmb.psu.edu/index.html>

6- Anthrax Victim Returns to New York; Supporters Question Cleanup

I want to say thank you to everybody," said Vado Diomande, surrounded at a Manhattan church by friends, relatives and members of his dance troupe.

But Diomande and his wife can't go home to their apartment because he says he can't be exposed to the bleach used to clean it. And many of their belongings were incinerated.

"As we come back to New York, I **find that** we are facing a life that has many questions," his wife, Lisa Diomande, said at a news conference at the church. "We don't know where we're going to live."

<http://abcnews.go.com/GMA/wireStory>

7- Uganda Court Clears Opposition Leader of Rape Charge; Effort to Prove Case Had Failed 'Dismally'

Besigye was charged in November with raping a family friend in 1997. He had returned from four years of exile in South Africa about two weeks before he was charged.

"I find that the prosecution dismally failed to prove its case against the accused and he is accordingly set free," Katutsi[the judge] told the packed courtroom.

He said that there were numerous shortcomings in the case, such as major conflicts in the woman's testimony and the fact that she did not know the date and month of the alleged crime.

<http://abcnews.go.com/International/wireStory>

8- American Teacher Ordered Deported From Canada for Sex Charge

An American teacher who set off a political firestorm when he was allowed to come to Canada to serve his sentence for a sex offense committed in the United States was ordered deported Monday.

Canada's Immigration and Refugee Board ordered the deportation, indicating that Malcolm Watson had abused his position of trust and authority.

"**I find** there is evidence that the act Mr. Watson committed ... would constitute an offense under the Canadian Criminal Code, namely sexual exploitation," member Liz Lasowski said in delivering the decision.

<http://abcnews.go.com/International/wireStory>

9- Amen to Janine Wood's Nov. 17 Opinion piece on parents having to do much of their kids' schoolwork. How timely to have come across it while skimming the paper looking for current events that my fourth-grader failed to mention earlier in the week that he needed to know about for the following day. It also happened to be the day his California relief map was turned in, complete with my husband's final touches (my contribution had been earlier in the project).

I find it's not merely the pressure from the teacher or child that prompts the parent's required participation; it's also the knowledge that at least a couple of those school projects will be turned in by children whose overzealous parents have created professional-quality works of art.

Lorna Scherff
North Tustin, Calif.

<http://abcnews.go.com/International/CSM/story>

10- Wendie Malick Plays High-Strung Mother of the Bride in 'Big Day,' Matrimonial Answer to '24.'

I tend to play extreme women who blow real hot and cold, and I don't in my own life. I'm actually much nicer than that," chuckles Malick as she contemplates her latest role.

She plays Jane, high-strung mother of the bride in the new ABC comedy series "Big Day" sort of a matrimonial answer to Fox's "24," chronicling 24 hours of an extravagant backyard wedding.

"**I find** it's a great cathartic character to play because she is just wired so nutty ... she just gets out of her mind crazy over these tiny, little nutty things," says Malick, best known for playing the outrageously neurotic fashion maven, Nina Van Horn, on "Just Shoot Me."

<http://abcnews.go.com/Entertainment/wireStory>

11 -Speak Up: This time we had a look (without enrolling in a course) at the Toronto branch of PLI, and we talked to the School Principal, Joan Bartel, about the Toronto setting of the school:

Joan Bartel: Toronto is one of the biggest cities in Canada – two and a half million people. Some people like it for its size. It may be smaller than your city and it may be larger than

your city and it may be exciting for one of those reasons. But Toronto is really the cultural capital of Canada, so those students who are interested in going to good museums and art museums and plays and musicals and nightlife – Toronto has a lot to offer. **We find that** our students from Brazil often do enjoy the nightlife and the cultural attractions, and in the summer we have a lot of outdoor things happening in the city over, as well. (Speak Up n° 181, p. 26)

12- **Question: I find that** sometimes I'll reward myself with a food I like. Should I stop doing this?

Kelly Brownell, Ph.D., Yale School of Medicine

Answer:

Many people reward themselves with food, it's quite common in our culture, in fact, it's built into the way food is marketed. For some people, they really do need to stay away from foods that can send them into out of control frenzies, much like a drink might be for an alcoholic. And so in that case, rewarding oneself with a favorite food tends not to be a good idea.

<http://abcnews.go.com/Health/WellnessResource/story?id=6762326>

13- What can I do if **I find that** personal data held about me is incorrect?

If you discover that information kept about you by a data controller is inaccurate, you have a right to have that information rectified or, in some cases you may also have the information erased. This right may also be met by the appending of a statement from you relating to the matters which are deemed inaccurate.

Additionally, if the entity keeping the personal data has no good reason to hold it, i.e. it is irrelevant or excessive for the purpose, or if the information has not been obtained fairly, you can have the information rectified or erased.

You can exercise your rights in this area by simply writing to the entity keeping your data specifying your views which must comply or indicate why it will not do so within 40 days.

<http://www.dataprotection.ie/viewdoc.asp?DocID=622>

14- **Question: I find that** I am extremely irritable toward my spouse and children. Am I depressed?

Irritability can indeed be a symptom of depression. But it can also be symptomatic of other conditions, both medical and psychological. The place to start is to get a good physical evaluation of your health as well as some self-assessment. How is your sleep? How are your nutritional habits? What kind of exercise program do you follow?

<http://www.selfhelpmagazine.com/article/node/692>

15- **I find that** my parents' generation were very independent from their parents i.e. more successful. **I find that** most of my friends, in their late 30's early 40's are still very dependent on their parents for \$, childcare etc. I think its hard to do as well as our parents did.

- **I don't** really **find** this - in fact I think our generation will have to worry about parents' retirement more than the previous ones. My parents had their wedding paid for and their parents helped them buy furniture. My friends mostly had to pay for grad school, some of their weddings, etc.
- plus, I traveled more and ate out a lot more than my parents did when they were in their 20s.
- Total opposite in my family. My grandparents were retired by the time I was born, still married, lived nearby and were very involved with me and my sister. My parents are both still working, divorced, live far away in separate states, and aren't able to help with \$ (which luckily we don't need) or childcare.

<http://www.urbanbaby.com/talk/posts/50857315>

16- **I find** this whole thing about being 18 and everyone expecting me to be this object... **I find** the whole concept of being 'sexy' embarrassing and confusing. If I do a photo-shoot people desperately want to change me – dye my hair blonder, pluck my eyebrows, give me a fringe. Then there's the choice of clothes. I know everyone wants a picture of me in a mini-skirt. But that's not me. I feel uncomfortable. I'd never go out in a mini-skirt. It's nothing to do with protecting the Hermione image. I wouldn't do that.

'Personally, I don't actually think it's even that sexy. What's sexy about saying, "I'm here with my boobs out and a short skirt... have a look at everything I've got"? My idea of sexy is that less is more. The less you reveal the more people can wonder.'

<http://www.dailymail.co.uk/home/moslive/article-1127838/I-sexy-embarrassing-reveals-Emma-Watson.html?ITO=1490n°>

17-Search all Windows-specific sites using our specialized search

If even our combined library of some 10,000 articles isn't enough, you can go wide using our Google API hack. This free service allows you to query every Web site that Google considers to be an "authority" on Microsoft Windows. Start at our [Windows-related search page](#).

Our Google API tool is laser-focused, but it still includes hundreds of truly useful sites. For this reason, **I find that** our implementation produces better results on Windows questions than the generic version of Google.com.

What's your experience? Try a few queries and let me know what you think via the Windows Secrets [contact page](#).

<http://windowssecrets.com/2008/08/07/02-Find-any-Support-Alert-article-from-your-browser>

18- Q: You write elsewhere that we have replaced our traditional ideas of heaven with a secular, modern heaven of self-fulfillment, where it all comes down to development of the personality and having a high-status job and pursuing material goods, which sounds, relative to what you've described, rather grim.

A: I think as modern society has become more secular we sell ourselves a sort of junior version of paradise. We too often need someone else to define what it is that we want, and in the old days religion did that for us, and nowadays it's multinational corporations trying to sell us stuff, or tone our bodies, or make us forget about death, so I don't think it's a substantial improvement.

Q: You quote somebody — I think it might have been Robespierre — on atheism being . . .

A: Aristocratic. Yes, that's Robespierre. **I find that** the hardline atheist's dismissal of people's religious beliefs as merely stupid and primitive is arrogant. And, you know, I agree with them that this life is all we have in all probability, but I don't believe that people who have a religious faith are necessarily either bigots or idiots. What I'm saying is that **I find** the spiritual or religious impulse in people to be natural and to be respected, even if the doings in the name of established churches are often nefarious and oppressive.

http://www.macleans.ca/canada/national/article.jsp?content=20081029_48767_48767

19- While most parents think reducing diaper waste is the main way they can be green and save money, there are many other ways eco-conscious moms are saving money and the planet.

Melissa Rapp, who is raising two kids under the age of 5, says that buying gently used items and reusing the old stuff she has is her main motto these days.

"I find myself looking on Craig's list more often for children's items that I might have gone to the store to purchase. **I find that** these items are less expensive and **that** it's more environmentally friendly to reuse items than to buy new," she says.

Rapp also says that while she only serves organic meats, vegetables and fruits in her home, which are notoriously more expensive, she rarely pays full price. "I won't buy organic items until they go on sale at the grocery store and then I stock-up. I also, on occasion, buy frozen organic fruits and vegetables because those tend to be less costly."

Rapp also says that being green has always been important to her and she loves the fact that some "green" things are free.

<http://cfc.wjla.com/affinity/affarticle.cfm?id=323>

20- Both in the media and in casual conversations, video games are frequently associated with ideas of violence, addiction, and unproductive "zoning out." New research from Immersyve, Inc, in collaboration with the University of Rochester, suggests that there may be more to the strong attraction of games than that. "**We find that** people who are really drawn to video games stay there because it satisfies some very basic psychological needs. Certain games provide opportunities to feel a sense of achievement, freedom and even connection with other players" says Dr. Richard Ryan, one of the investigators. Four studies, published this month in

the academic journal *Motivation and Emotion*, show that players are most attracted to games that give them positive experiences that are akin to “real world” challenges, rather than merely a shallow sense of fun. In fact, the research showed that a video game, insofar as it allows one to experience need fulfillment, can even promote short-term well being in some players. Ryan adds, however, that “not all video games are created equal” in this ability to satisfy more basic psychological needs.

<http://www.immersyve.com/2006/12/12/why-do-they-play-researchers-find-that-video-games-can-meaningfully-satisfy-some-basic-needs-in-players/>

21- Speak Up: Zadie is also remarkable for a successful novelist: she is only 25. In fact, she wrote her first book when she was only 22. At the time she was studying English Literature at Cambridge University, where she was awarded a prestigious “first”. Now, after the great success of her novel, she is rich and famous, as well as being young, bright and good-looking. I asked her if she found that a lot of people really hated her:

Zadie Smith: Well, yeah, but **I find** the most common thing is that people envy what they consider to be fame. It’s such a funny world now that people don’t envy the ability to do anything. If you gave...if you said, “ OK, go write a book and I’ll pay yo for it”, they don’t actually want to write a book, they don’t want to do anything, but they do desperately want to be famous at whatever cost, even though fame is the least interesting part of what I do and the most unpleasant, in my opinion. (Speak Up n°170, p. 33-34)

22- **I find that** an awful lot of problems are caused by people’s inability to understand things like error rates and big numbers. If a pharmaceutical company came out with a new anti-depression drug and gave it to a million people suffering from depression, of whom 970,000 were helped you wouldn’t turn around and conclude that the company was perpetrating a deliberate fraud based on the fact that “tens of thousands” of patients got no relief. You’d say that the medicine was helpful in 97 percent of the indicated cases. ACORN is trying — and succeeding — in an effort to register a *lot* of new voters.

There’s simply no way to gather over one million new voter registration forms without some of the forms having been filled out with bogus information. You could ask the group to automatically toss out the obviously wrong ones — some guy saying he’s Tony Romo, someone else saying he’s Mickey Mouse — but the law requires them to hand all the forms in to prevent them from tossing out forms filled out by people who say they want to register Republican. Consequently, if you go out and register over a million voters you’ll wind up with a lot of bad forms being submitted. But just as 30,000 is a lot of people and also only a very small fraction of one million people, when you’re talking about registering over a million new voters you’d need *orders of magnitude* more bad forms to constitute real evidence of a systematic fraud campaign.

http://yglesias.thinkprogress.org/archives/2008/10/error_rates.php

23- What do I do if **I find that** I need to revise my RCRA permit limits further or make additional equipment upgrades in order to comply with the MACT standards? Question I have already modified my RCRA permit to change my operating parameter limits to reflect my MACT equipment upgrades. What do I do if I find that I need to revise those limits further or make additional equipment upgrades in order to comply with the MACT standards?

Answer You will need to request another RCRA permit modification. If you are eligible to use the RCRA streamlined permit modification procedure, this should not cause you any undue delay in completing your upgrades and complying with the MACT standards. This is because under the streamlined approach, you may use a Class 1 modification with prior Agency approval. See 40 CFR 270.42(j).

If, however, you are not eligible to use the streamlined procedure (because you did not comply with the notification of intent to comply requirements), you will need to follow the existing RCRA permit modification procedures, which generally require that you obtain either a Class 2 or 3 modification. Since both Class 2 and 3 modifications can take several years to complete, you may experience some difficulty in meeting your MACT compliance date. You may be able to alleviate this difficulty by requesting an extension to your compliance date of up to one year provided that you meet the criteria of 40 CFR §63.1213. You also could request a temporary authorization for RCRA purposes under 40 CFR §270.42(e) or the equivalent state regulations. Your permitting authority will decide whether to grant the temporary authorization, based on the factors provided in the regulations. The permitting authority may grant a temporary authorization for a period of up to 180 days. You may request an additional 180 days, provided that you also submit a request for the Class 2 or 3 modification.

For more information, see the [RCRA Streamlined Permit Modification Fact Sheet](#) (PDF, 368 KB). You also may refer to the June 19, 1998 Fast Track final rule preamble (63 FR 33782) http://waste.custhelp.com/cgi-bin/waste.cfg/php/enduser/std_adp.php?p_faqid=540&p_created=10929

24- In India, **I find that** people tend to please people too much"

Alexius Collette tries to change the way Indians work at the Bangalore office
by Forbes India | Aug 12, 2009

Here in India, **I find that** people tend to please people too much. If you ask someone when this will be done, they will say next weekend without really knowing how much time it will really take them. They will just say weekend because they want to please their superior. I will advise them to think it over. It's OK to say that they will take more time and commit to this — what is not OK is that they say a week and then take three weeks.

The other thing that I feel is that young people here do not like taking risks and come forward with crazy, new ideas. It may be related to the education system, which is in my view too much about memorising and to the values even at home, where it is not about the individual identity which is less important than the family. We are an innovation centre so you have to think from the customer's point — what does he want and you have to be able to go beyond and innovate. When mistakes are made, people tend to cover up for them, but we encourage them to own it upfront and use them for learning. When I do our Philips value workshop I try to bring about the change — we tell them it's OK to own up to mistakes and learn from failure. Again, it is all about trust.

(As told to Mitu Jayashankar and Nilofer D'Souza)

<http://business.in.com/article/expat-diary/quot;in-india-i-find-that-people-tend-to-please-people-too-muchquot;/3022/>

25- **“I find that** when I tell lawyer jokes to a mixed audience, the lawyers don't think they're funny and the nonlawyers don't think they're jokes.” [[Kathryn Jean Lopez](#)]

<http://bench.nationalreview.com/post/>

26- To me, being a Church member and practicing Christian Science is the closest thing to walking in Jesus' footsteps—following his teachings, loving God and loving your neighbor.

I want to be a part of helping the world be a better place. And I do that by sharing the ideas in *Science and Health* at work, in my family, at school and in my community. I feel it is important to be willing to talk to people and to heal them. When I do this, **I find that** people often open up and tell me what they are struggling with.

I've shared Christian Science with people I know, such as a classmate in college who was struggling with exams, and also with complete strangers, such as a man who was having some kind of seizure on the subway. He was able to get up and walk out of the train.

I've gained so much from what I've learned that it just bubbles up and I can't keep quiet.

Being a part of The Mother Church feels very inclusive. It gives me strength in uniting with the efforts of all members—all of us supporting the same healing ideas around the world.

<http://www.spirituality.com/article.jhtml?ElementId=/repositories/shcomarticle/Jun2005/1117738432>

27- Men vs. women: Who's smarter?

I find that men love really boring things and they can do it repetitively, for hours on end. Ok there are women engineers, but it is still a boring subject. I suppose any woman if they tried to study it could be an engineer but it would be a killer at parties, and they may even come home smelly. Even the clothes that engineers wear aren't exactly very attractive.

Sometimes I wonder men have better concentration for boring things like reading maps?

I am glad I am a woman. I don't think I could handle having the brain of a man!

<http://www.nowpublic.com/health/men-vs-women-whos-smarter>

28- **I find that** working mothers tend to put themselves first and that stay at home mothers always put their children first, no matter what...

- I just feel that things like sports days, open days and school, events etc. there are an awful lot of children whose parents do not attend. I am sure they would rather their parents took a half day unpaid from work than have the latest pair of sneakers.
- **I find that** I have no life and I post inflammatory things on UB to get the attention that my DH, who works all the time because he can't stand me, doesn't give me.

<http://www.urbanbaby.com/talk/posts/51139032>

29- **I find that** .NET applications are often split into way to many assemblies. I am guilty of doing this myself, but lately I have been using namespace separation to a larger extent. There are pros and cons to both methods, for example assemblies allows easy dependency cycle detection, on-demand loading, stricter encapsulation (internal keyword). But multiple project solutions also slows down compilation considerably, makes visual studio + plugins (resharper)

less responsive.

For a more detailed list of pros and cons Patrick Smacchia has a great article on controlling dependencies. My main objection to some multi-project solutions is that many of the assemblies are unnecessary, the added flexibility and dependency control is not needed and just adds complexity.

<http://www.codinginstinct.com/2008/08/less-assemblies-more-namespaces.html>

30- **I Find That** Working Can Pretty Seriously Cut Into My Spare Time. And You?

by Tom Chandler on August 28, 2009

I find that working seriously cuts into my spare time.

I was a diligent boy all week. This morning, the plan was I'd meet up with one or more of the local slackers fly fishing guides for the Underground's Annual Top Secret Nymphing trip to a Top Secret Part of the River.

It's perhaps the only trip of the year where I willingly leave the house with a nymphing rig tied to my leader, and though I know my loyal readers are already tearing up in a stunning show of empathy, the reality is actually far more gut-wrenching.

<http://troutunderground.com/2009/08/28/i-find-that-working-can-pretty-seriously-cut-into-my-spare-time-and-you/>

6. Ocorrências com “know (that)”

1- PAT ROBERTSON: Jerry, **I know that** you shared several 40 day fasts for revival in America. We here at CBN had a couple of 40 day fasts during the Lenten season, and Bill Bright, I don't know, eight or nine. Do you think that this is going to be the trigger of revival, a real revival in the Church where we truly turn back to God with all our heart?

JERRY FALWELL: It could be. I've never sensed a togetherness, a burden, a broken heart as I do in the Church today, and just 48 hours, I gave away a booklet I wrote 10 years ago. I gave it away last night on the Biblical position on fasting and prayer because I do believe that that is what we've got to do now-- fast and pray. And I agree totally with you that the Lord has protected us so wonderfully these 225 years. And since 1812, this is the first time that we've been attacked on our soil, first time, and by far the worst results. And I fear, as Donald Rumsfeld, the Secretary of Defense said yesterday, that this is only the beginning. And with biological warfare available to these monsters; the Hussein's, the Bin Ladens, the Arafats, what we saw on Tuesday, as terrible as it is, could be miniscule if, in fact, if in fact God continues to lift the curtain and allow the enemies of America to give us probably what we deserve.

PAT ROBERTSON: Jerry, that's my feeling. I think we've just seen the antechamber to terror. We haven't even begun to see what they can do to the major population.

JERRY FALWELL: The ACLU's got to take a lot of blame for this.

PAT ROBERTSON: Well, yes.

JERRY FALWELL: And, **I know that** I'll hear from them for this. But, throwing God out successfully with the help of the federal court system, throwing God out of the public square, out of the schools. The abortionists have got to bear some burden for this because God will not be mocked. And when we destroy 40 million little innocent babies, we make God mad. I really believe that the pagans, and the abortionists, and the feminists, and the gays and the lesbians who are actively trying to make that an alternative lifestyle, the ACLU, People For the American Way, all of them who have tried to secularize America. I point the finger in their face and say 'you helped this happen'.

PAT ROBERTSON: Amen. I wanted to ask you the reaction. **I know that** you had a major prayer meeting last night, and I know your people assembled, just a large gathering at your church. What was the mood of the people? What did they say and what did you sense with your congregation?

JERRY FALWELL: A brokenness that I have not seen. I've been there pastor 45 years, 30 years Chancellor at Liberty. We had 7,000 gather yesterday in the Vines Center and filled the Church last night. I sensed a brokenness, tears. People were sobbing at the alter. And, they have no shame about it. It was the kind of brokenness that no one could conjure, only God could bring upon us. And, that is to me the most optimistic thing that I see today as I look across America. And every city, I called a friend in Springfield yesterday. He said at least a hundred churches, Springfield, MO, at least a hundred churches have special prayer meetings for America today and tonight. And, that's happening by the thousands all over America. This could be, if we will fast and pray, this could be God's call to revival.

<http://www.commondreams.org/news2001/0917-03.htm>

2- **I know that** certain vitamins and minerals are good for your hair.? Do you think it will benefit my hair if I crush some multivitamins and put it in water, then spray it on my hair? Before someone says something smart, yes **I know that** I must ingest the vitamin as well, I was just thinking of trying something different.

And **I do** already **know that** I must incorporate a well balanced diet, work out and plenty of water to obtain healthy hair.

I just wanted to know if anyone knows or think that spraying a multivitamin directly to my hair will work.

<http://answers.yahoo.com/question/index?qid=20090824132237AAol8L2>

3- Q That's quite all right. Mr. President, I'd like to go back to Iraq. You've continually cited the elections, the new government, its progress in Iraq, and yet the violence has gotten worse in certain areas. You've had to go to Baghdad again. Is it not time for a new strategy? And if not, why not?

THE PRESIDENT: You know, Martha, you've covered the Pentagon, **you know that** the Pentagon is constantly adjusting tactics because they have the flexibility from the White House to do so.

THE PRESIDENT: I certainly hope so. In order for the U.N. to be effective, there must be consequences if people thumb their nose at the United Nations Security Council. And we will work with people in the Security Council to achieve that objective, and the objective is that

there's got to be a consequence for them basically ignoring what the Security Council has suggested through resolution.

Q Understanding that diplomacy takes time, do you think that this could drag out for a while?

THE PRESIDENT: You know, I don't know. I certainly want to solve this problem diplomatically, and I believe the best chance to do so is for there to be more than one voice speaking clearly to the Iranians. And I was pleased that we got a resolution, that there was a group of nations willing to come together to send a message to the Iranians -- nations as diverse as China and Russia, plus the EU3 and the United States.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2006/08/20060821.html>

4- "So Condi Rice said, 'You better call Colin in and tell him.' So, I think probably one of the most interesting meetings in this whole story. He calls Colin Powell in alone, sitting in those two famous chairs in the Oval Office and the president said, 'Looks like war. I'm gonna have to do this,'" adds Woodward.

"And then Powell says to him, somewhat in a chilly way, 'Are you aware of the consequences?' Because he'd been pounding for months on the president, on everyone - and Powell directly says, 'You know, you're gonna be owning this place.' And the president says, 'I understand that.' The president **knows that** Powell is the one who doesn't want to go to war. He says, 'Will you be with me?' And Powell, the soldier, 35 years in the army, the president has decided and he says, 'I'll do my best. Yes, Mr. President. I'll be with you.'" And then, the president says, 'Time to put your war uniform on.'"

<http://www.cbsnews.com/stories/2004/04/15/60minutes/main612067.shtml>

5- How do we know that recent CO₂ increases are due to human activities?

Over the last 150 years, carbon dioxide (CO₂) concentrations have risen from 280 to nearly 380 parts per million (ppm). The fact that this is due virtually entirely to human activities is so well established that one rarely sees it questioned. Yet it is quite reasonable to ask how we know this.

One way that **we know that** human activities are responsible for the increased CO₂ is simply by looking at historical records of human activities. Since the industrial revolution, we have been burning fossil fuels and clearing and burning forested land at an unprecedented rate, and these processes convert organic carbon into CO₂. Careful accounting of the amount of fossil fuel that has been extracted and combusted, and how much land clearing has occurred, shows that we have produced far more CO₂ than now remains in the atmosphere. The roughly 500 billion metric tons of carbon we have produced is enough to have raised the atmospheric concentration of CO₂ to nearly 500 ppm. The concentrations have not reached that level because the ocean and the terrestrial biosphere have the capacity to absorb some of the CO₂ we produce.* However, it is the fact that we produce CO₂ *faster* than the ocean and biosphere can absorb it that explains the observed increase.

6-I don't know whether to attribute the show of hands to the candidates' ignorance of the mountain of evidence for evolution, or to a cynical desire to pander to a public that largely rejects evolution (more than half of Americans do). But **I do know that** it means that our country is in trouble. As science becomes more and more important in dealing with the world's problems, Americans are falling farther and farther behind in scientific illiteracy.

Among citizens of industrialized nations, Americans rank near the bottom in their understanding of math and science. Over half of all Americans **don't know that** the Earth orbits the Sun once a year, and nearly half think that humans once lived, Flintstone-like, alongside dinosaurs.

<http://www.cynical-c.com/?m=20070608>

7-I know that I have a kidney stone as per tests conducted by my physician. My question is the location of the pain. It starts in my mid back area and will eventually get worse and radiate to the front of the chest. I've had tests done to determine that it isn't my heart. No problems there at all. Is it possible for the kidney stone to cause the pain the middle part of my back then radiate to mid chest?

http://yedda.com/questions/symptom_kidney_stones_mid_pain_1498130161756

8- I know that kids need vitamin D, but if they can get it by being exposed to the sun, what's wrong with just letting them play outside every day?

Vitamin D works with calcium to make healthy bones. The body can produce vitamin D when sunlight contacts the skin. However, too much sun exposure, although helpful from a vitamin D standpoint, can be harmful from a skin standpoint, causing problems from sunburns to skin cancer. Using sunscreen to reduce the damaging effects of the sun can also limit the amount of vitamin D produced from exposure to sunlight.

Here are some safer ways to make sure your child gets enough vitamin D:

- Offer dairy products such as milk (or infant formula for children under age one) or yogurt that lists vitamin D on the label.
- Choose foods that contain vitamin D such as salmon, tuna fish and fortified breakfast cereals.
- Ask your pediatrician about using a multivitamin supplement.

http://www.parentsconnect.com/questions/kids_vitamin_d_exposed_to_sun.jhtml

9- Good afternoon. Let me begin by saying that although this has been billed as an anti-war rally, I stand before you as someone who is not opposed to war in all circumstances.

The Civil War was one of the bloodiest in history, and yet it was only through the crucible of the sword, the sacrifice of multitudes, that we could begin to perfect this union, and drive the scourge of slavery from our soil. I don't oppose all wars.

My grandfather signed up for a war the day after Pearl Harbor was bombed, fought in Patton's army. He saw the dead and dying across the fields of Europe; he heard the stories of fellow troops who first entered Auschwitz and Treblinka. He fought in the name of a larger freedom, part of that arsenal of democracy that triumphed over evil, and he did not fight in vain.

I don't oppose all wars.

After September 11th, after witnessing the carnage and destruction, the dust and the tears, I supported this Administration's pledge to hunt down and root out those who would slaughter innocents in the name of intolerance, and I would willingly take up arms myself to prevent such a tragedy from happening again.

I don't oppose all wars. And **I know that** in this crowd today, there is no shortage of patriots, or of [patriotism](#). What I am opposed to is a dumb war. What I am opposed to is a rash war. What I am opposed to is the cynical attempt by [Richard Perle](#) and [Paul Wolfowitz](#) and other arm-chair, weekend warriors in this Administration to shove their own ideological agendas down our throats, irrespective of the costs in lives lost and in hardships borne.

http://en.wikisource.org/wiki/Barack_Obama%27s_Iraq_Speech

10- (Jordan Riefe) Was it disturbing to find Donnie [his violent character in the film *The Gift*] in you?

(Keanu Reeves) Yeah, physical violence is not something that I practice all the time! The way that we did that was with Sam Raimi, myself and Hilary Swank in a room in a trailer starting with an improvisation of a scene with the Barksdales at home. He encouraged me to hit her. It's very complicated and I don't know if I can encapsulate it. **I do know that** the power is intoxicating. The physical power that a man can have sometimes over a woman, it's scary. But it's a movie and we're acting. (Speak Up n° 172, p. 36)

11- Q The Pentagon is calling for the development of low-yield nuclear weapons that could be used against China, Iran, Iraq, Libya, North Korea, Russia, and Syria. Can you explain why the United States is considering this new policy, and how it might figure into the war on terrorism?

THE PRESIDENT: I presume you're referring to the nuclear review that was recently in the press. Well, first of all, the nuclear review is not new. It's gone on for previous administrations. Secondly, the reason we have a nuclear arsenal that I hope is modern, upgraded, and can work, is to deter any attack on America. The reason one has a nuclear arsenal is to serve as a deterrence.

Secondly, ours is an administration that's committed to reducing the amount of warheads, and we're in consultations now with the Russians on such a -- on this matter. We've both agreed to reduce our warheads down to 1,700 to 2,200. I talked with Sergey Ivanov yesterday, the Minister of Defense from Russia, on this very subject.

I think one of the interesting points that we need to develop and fully explore is how best to verify what's taking place, to make sure that there's confidence in both countries. But I'm committed to reducing the amount of nuclear weaponry and reducing the number of nuclear warheads. I think it's the right policy for America, and **I know** we can continue to do so and still keep a deterrence.

Q Mr. President, in your speeches now you rarely talk or mention Osama bin Laden. Why is that? Also, can you tell the American people if you have any more information, if you know if he is dead or alive? Final part -- deep in your heart, don't you truly believe that until you find out if he is dead or alive, you won't really eliminate the threat of --

THE PRESIDENT: Deep in my heart **I know** the man is on the run, if he's alive at all. Who knows if he's hiding in some cave or not; we haven't heard from him in a long time. And the idea of focusing on one person is -- really indicates to me people don't understand the scope of the mission.

<http://www.whitehouse.gov/news/releases/2002/03/20020313-8.html>

12- Many people know that exercise provides numerous health benefits to the people that exercise on a regular basis, but many do not know that exercise can help them sleep better. Regular exercise has been proven to help people fall asleep quicker and stay asleep longer in many studies by researchers across the nation. Daily exercise can also correct periods of sleeplessness linked to increased stress or anxiety in the person's life.

<http://www.articlesbase.com/health-articles/did-you-know-that-exercise-helps-sleep-523771.html>

13- Do You Believe that Evolution is True?

If so, then provide an answer to the following questions. "Evolution" in this context is the idea that natural, undirected processes are sufficient to account for the existence of all natural things.

1. Something from nothing?

The "Big Bang", the most widely accepted theory of the beginning of the universe, states that everything developed from a small dense cloud of subatomic particles and radiation which exploded, forming hydrogen (and some helium) gas. Where did this energy/matter come from? How reasonable is it to assume it came into being from nothing? And even if it did come into being, what would cause it to explode?

We know from common experience that explosions are *destructive* and lead to *disorder*. How reasonable is it to assume that a "big bang" explosion produced the opposite effect - increasing "information", order and the formation of useful structures, such as stars and planets, and eventually people?

2. Physical laws an accident?

We know the universe is governed by several fundamental physical laws, such as electromagnetic forces, gravity, conservation of mass and energy, etc. The activities of our universe depend upon these principles like a computer program depends upon the existence of computer hardware with an instruction set. How reasonable is it to say that these great controlling principles developed by accident?

3. Order from disorder?

The Second Law of Thermodynamics may be the most verified law of science. It states that systems become more disordered over time, unless energy is supplied and directed to create order. Evolutionists says that the opposite has taken place - that order increased over time, without any directed energy. How can this be?

<http://emporium.turnpike.net/C/cs/quest.htm>

14- John Laughland suggests that human rights organisations, including Human Rights Watch, are more concerned about the conviction of former heads of state than about them getting fair trials. Nothing could be further from the truth.

Human Rights Watch spent 15 years documenting the crimes of Saddam Hussein's regime and repeatedly called for him to be brought to justice. Yet we expressed serious concerns about the

court established to try him and, after closely observing his trial, found it unfair because of fundamental procedural flaws in the trial itself, including the tribunal's lack of independence.

While Laughland says that we "had already proclaimed [Fujimori] to be guilty", we in fact pledged to "closely [watch] the proceedings in Peru to ensure a thorough and independent investigation and trial, in accordance with international standards of justice and due process". Similarly, while we have implored African leaders to bring Ethiopia's Mengistu Haile Mariam to justice (he is now in Zimbabwe), we have opposed Ethiopia's extradition request for fear that he would not get a fair trial and would be exposed to the death penalty.

Yes, we believe that abusive rulers should face justice. I have worked with the victims of Chile's Augusto Pinochet, Chad's Hissène Habré and Haiti's Raül Cedrés, and I know that bringing their tormentors to book is an important way for victims to recover their dignity. In Haiti, for example, the total impunity with which a small elite literally got away with murder and plunder for generations had left the poor majority assuming that they had no rights.

<http://www.hrw.org/en/news/2007/10/24/we-do-believe-former-heads-state-deserve-fair-trial>

15- Iran has become accustomed to Israeli threats of military action aimed at halting its nuclear programme. The Iranians have adopted a two-track response: to warn of the regional conflagration that would ensue, and to try to persuade the world that its intentions are purely peaceful, while insisting on its right to enrich uranium which is enshrined by treaty.

To that end, they point out that Ayatollah Ruhollah Khomeini issued a fatwa banning Iran from holding weapons of mass destruction. A senior Iranian official admitted to visiting journalists that his country is well aware that, "if we attack Israel with one bomb, America would attack us with thousands of bombs. It's suicide".

They also know that a renewed Iranian threat to close the Strait of Hormuz would raise record oil prices still higher. The supreme leader Ayatollah Ali Khamenei has warned that Iran would target US interests around the world in case of military attack. "If there is any attack, the whole region will be in flames," said an Iranian diplomat yesterday. "There would be a very, very strong response."

<http://www.independent.co.uk/opinion/commentators/anne-penketh-iranians-dont-believe-that-military-strikes-are-coming-851613.html>

16- Barack Obama was one of many African-American leaders who called for Imus's firing. But Obama recently invited rapper Ludacris to his Chicago office to discuss the singer's new AIDS awareness campaign. What good is Ludacris's campaign when he boasts: "I've got hos in different area codes"? Why have some people attacked Imus so adamantly and then softened their tone towards those who have infiltrated our airwaves with filth? Are we too afraid of being typecast as traitors to our own race?

African-Americans can attack every bigot in the country, but until we cease from producing and promoting disgusting images and sounds, our culture will continue to deteriorate. Freed from the chains of slavery, we have now created our own set of invisible chains. Do **we know that** we are free?

<http://www.iwf.org/campus/show/19262.html>

17- Speak Up: First we hear Columbia's University Professor Peter Marcuse, beginning his speech:

Peter Marcuse: ...on the question of whether we were better off before globalization, that's a hard question. I don't know, but **I do know that** we could be much better off than we were before with a different sort of globalization. I think that now we can improve the lives of people. I think the ability to travel and communicate, to see the diversity of the countries, of other cities, of other nationalities – I think that could be a major advantage. I would not want to go back to before globalization; I would want to go forward towards a better globalization. (Speak Up n° 166, p.24)

18- Chris Cornell, 'Scream' (Interscope/Mosley)

Flailing grunge icon submits to pop mastermind's odd whims.

By [David Marchese](#) 03.08.09 10:12 AM

Produced with a heavy hand by Timbaland, the third solo album from ex-Soundgarden and Audioslave singer Chris Cornell is strangely appealing in its elaborately empty efficiency. Gleaming ballads like "Long Gone" and the title track wring mild drama from a combination of Cornell's husky crooning and stacks of portentous Phil Collins-derived synths. As Akon knockoffs go, some of this stuff isn't bad, but the fast numbers ("Time," "Get Up"), with Cornell's angsty rock-god vocals ricocheting off Timbo's skittering beats, are fresher and more enjoyable, at least in a monkey-riding-a-tricycle sort of way.

Comments:

I'm really disappointed with this album. I was open to the idea of this collaboration but I think it could have had better results. I hope this was just a trial/phase and that he doesn't do this again. He might as well done a duet with Britney Spears.

I know that musical progression can be important to an artist, and Chris Cornell probably believes that too. But personally I believe in this instance this change in style and genre was a mistake for Chris Cornell and that, while it is an interesting concept, an artist like Chris going into this genre of music will not produce good results.

<http://www.spin.com/reviews/chris-cornell-scream-interscopemosley>

19- How do I know that the ecard has been sent?

Article ID: 15

Last updated: 12

Feb, 2009

Views: 64189

When you send an ecard through 123Greetings.com, all your ecard details are stored securely on our servers.

We have a set of programs which verify that all the details are correct and then process the ecard for delivery.

At first, an email notification is sent to the receiver with the ecard number and details on how to view the ecard.

Next, an email is sent to the sender with the details of the ecard, including the ways to edit & delete the ecard.

When you get this email, you will know that the ecard has been sent from our end and is awaiting pickup by the receiver.

Our new "Ecard Dashboard" gives you instant access to all the ecards you've sent from 123Greetings.com, in the last 30 days. Click the following link to track your ecard.

http://help.123greetings.com/How-do-I-know-that-the-ecard-has-been-sent_15.html

20- Question

As an engineer, **I know that** friction does not depend upon surface area. As a car nut, I know that wider tires have better traction. How do you explain this contradiction?

Asked by: Mark Secunda

Answer

This is a good question and one which is commonly asked by students when friction is discussed. It is true that wider tires commonly have better traction. The main reason why this is so does not relate to contact patch, however, but to composition. Soft compound tires are required to be wider in order for the side-wall to support the weight of the car. softer tires have a larger coefficient of friction, therefore better traction. A narrow, soft tire would not be strong enough, nor would it last very long. Wear in a tire is related to contact patch. Harder compound tires wear much longer, and can be narrower. They do, however have a lower coefficient of friction, therefore less traction. Among tires of the same type and composition, here is no appreciable difference in 'traction' with different widths. Wider tires, assuming all other factors are equal, commonly have stiffer side-walls and experience less roll. This gives better cornering performance.

Answered by: Daryl Garner, M.S., Physics teacher MacArthur High School, Lawton, OK

Friction is proportional to the normal force of the asphalt acting upon the car tires. This force is simply equal to the weight which is distributed to each tire when the car is on level ground. Force can be stated as Pressure X Area. For a wide tire, the area is large but the force per unit area is small and vice versa. The force of friction is therefore the same whether the tire is wide or not. However, asphalt is not a uniform surface. Even with steamrollers to flatten the asphalt, the surface is still somewhat irregular, especially over the with of a tire. Drag racers can therefore increase the probability or likelihood of making contact with the road by using a wider tire. In addition a secondary benefit is that the wider tire increased the support base and makes it hard to turn the car over in a turn or in a mishap.

Answered by: Stephen Scholla, B.A., Physics Teacher, Vienna, Virginia

<http://www.physlink.com/Education/askexperts/ae200.cfm>

21-Speak UP: Bridget Rosewell, an expert of marketing at Volterra Consulting, explains how brands become so valuable:

Bridget Rosewell: I think brands become important because they provide a shortcut for people. If you're in a world where there is more available, a world where there is choice, in other words, you have to have some means of choosing between different things. To do that you need a way of actually making those choices, and one of the ways of making that choice is by having a brand that you trust so you can go back each time and buy this brand because **you know that** it's going to provide you with a set of qualities that you want to buy or that you trust. (Speak Up n° 171, p.8)

22- Speak Up: Julia Roberts herself is sanguine about the ebb and flow of her career. "I didn't check the schedule, but I guess it was my turn," she says. **She now knows that** every rise to stardom is always followed by a backlash. But she won't let that faze her again. "I don't think I realized that the cost of fame is that it's open season on every moment of your life." She explains. (Speak Up n° 172, p. 22)

23- Speak Up: As for the Republicans, the leading candidates are currently Rudy Giuliani, the twice-divorced former mayor of New York City, and Senator John McCain of Arizona, who ran unsuccessfully against Bush in 2000. Cristina Estrada believes that, as was the case with Mario Cuomo before him, Giuliani could be handicapped by his surname. In American politics, race isn't only a question of black and white:

Cristina Estrada: (...) Americans can't spell Giuliani, even people in New York cannot spell it right, they **don't know that** there is no letter J in Italian, so often times you find people spelling it wrong. (Speak Up n° 241, p.15)

24- **Question:** How **do I know that** I won't be allergic to another drug prescribed by my doctor?

Katharine Woessner, M.D., Scripps Clinic

Answer: In order to have an allergic reaction to a medication, your body has to have seen that drug on a prior exposure. Therefore, if you've had trouble with medications in the past, a very candid discussion with your physician can help determine an alternative medication that would not put you at risk of having a future allergic reaction.

<http://abcnews.go.com/Health/AllergiesDrug/story?id=4523663>

25- Elizabeth Murray: The situation that we found ourselves in in Iraq was a result of the cold war and Saddam Hussein was put in power in a sense by the western governments as an antidote to the growth of communism in the region, so that's the situation we find ourselves in now and ...I'm not sure, you know, where that's going to lead. It's complicated and I don't have the answers. But **I know that** the people in Iraq could not stand another war. When you see the way they're living, when you see the fear with which they have to live every day, war cannot be the solution to this problem. (Speak Up n° 190, p. 19)

26- Speak Up: Nancy Peters is the co-owner, along with Lawrence Ferlinghetti, of the famous City Lights Bookstore in San Francisco. She is also editor-in-chief of the City Lights publishing company. Mark Worden asked her about the current Kerouac revival:

Nancy Peters: In fact our neighbor, Francis Ford Coppola, just down the street here, has bought the film rights to *On the Road* [by Kerouac] and just last week he brought copies of his film script for Ferlinghetti and me to take a look and to offer him suggestions.

Speak Up: Such as?

Nancy Peters: The script is very interesting, as it stands, but of course Coppola didn't know Kerouac and so he's been asking people who did know him. **I know** he's spoken to Allen Ginsberg and to Ann Charters, Kerouac's first biographer, and to Ferlinghetti and other people who knew him, to find out what their impressions were of him and what they think about *On the Road* and how they would conceive of a film. **I know** he's interested in making a really good film.

Speak Up: What do you think is the appeal of Kerouac [author of *On the Road*] in the 90's?

Nancy Peters: **I don't know that** there's something particular about the 90's that makes him appealing, but I see Kerouac in the American tradition of Mark Twain and then, after him, Jack London, who also wrote "road books". Mark Twain's road, of course, was the Mississippi flowing from north to south and it was the story of the young man who was coming of age as he went on the river boats.(...) And Kerouac, too, I think, was moving, in his case, between the East Coast and the West Coast, in search of something special about America and I think right now, well, the United States is undergoing a kind of spiritual and moral crisis, people are looking for that kind of answer and that maybe why Kerouac is appealing. (Speak Up n° 110, p. 15)

27- Speak Up: Carole Wheeler is the Director of International Students at Edgewater College in Auckland: What are the specialties you have here, at Edgewater School?

Carole Wheeler: Edgewater School is an interesting school ; it's not an up-market school; it's not a down-market. It's right in the middle. So it attracts people from all walks of life.(...) Another thing is, I think...they have appointed myself, as a Director of International Students and I'm on call twenty-four hours a day, seven days a week, so if anyone has any problems – any good news too, please – **they know** they can always contact someone and I think that, for the parents of the students, they like to have that reassurance, too. (Speak Up n°167, p. 24)

28- Speak Up: First we hear Columbia University's Professor Peter Marcuse, beginning with his speech:

Peter Marcuse: ...on the question of whether we were better off before globalization, that's a hard question. I don't know, but **I do know that** we could be much better off than we were before with a different sort of globalization. I think that now we can improve the lives of people. I think the ability to travel and communicate, to see the diversity of other countries, of other cities, of other nationalities – I think that could be a major advantage. I would not want to go back to before globalization; I would want to go forward towards a better globalization. (Speak Up n° 166, p. 24-25)

29- Kate Gosselin: '**I don't know that** we're in the same place anymore'

After being in a harsh spotlight for the last few weeks as tabloids have written of marital troubles, Kate Gosselin is now admitting to *People* that she and her hubby Jon have have been privately struggling for months.

"I don't know that we're in the same place anymore, that we want the same thing," she says quietly, a reference to stories that say Jon has fallen for a 23-year-old teacher. For Kate, who has referred to her husband as "my balance, my strength and my stability," to now consider a future apart has been heartbreaking, but not impossible.

<http://blogs.usatoday.com/entertainment/2009/05/kate-gosselin-i-dont-know-that-were-in-the-same-place-anymore.html>

30- **CNN:** How was it stepping into the era of old Hollywood? Did you enjoy wearing the clothes from the early '50s?

Zellweger: I loved it. I loved it. I had such a great time with it, and I brought a lot of my own things, actually. Things that have been given to me, things that I just would find while I'm traveling on the road but have no opportunity to wear. You know, junk store finds that I think are spectacular. We brought them in, spruced them up and made them costumes. It was really exciting; it was fun.

CNN: Do you think you would have liked to work in that era?

Zellweger: Oh, yes and no. Yes because the glamour of it all or the -- it feels like play to me. It's like playing dress-up all the time. And no because of the responsibility of having to maintain that immaculate presentation all the time would be exhausting.

I think back on Marilyn Monroe putting those lashes on everyday, and I can't imagine, as I tie up my sneakers to go for a run. I cannot imagine that you're supposed to simultaneously look beautiful while you're going out to buy groceries. **I just don't know that** it would fit well with my personality. **I don't know that** I would succeed (laughs).

<http://edition.cnn.com/2009/SHOWBIZ/Movies/08/26/renee.zellweger.only/index.html?iref=newssearch>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)